

A woman with dark hair, wearing a white headband and a grey cardigan over a white lace-trimmed top, is lying down. She is holding a red and yellow apple in her right hand. To her left, an open book is visible. The background is a soft, textured surface.

RUTA
SEPETYS

Sonhos de papel

Amazon
Best Book
of the
Month

Quem diz
que só se vive uma vez
nunca leu um livro.

ASA



Ficha Técnica

Título original: OUT OF THE EASY
Autor: Ruta Sepetys
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: CKDJ/Corbis/VMI
Fotografia da autora: Magda Starowieyska/Fotorzepa
ISBN: 9789892325194

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2013, Ruta Sepetys
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
Edição publicada por acordo com a Philomel Books,
uma divisão do Penguin Young Readers Group,
um membro do Penguin Group (USA) Inc.
edicoes@asa.pt
www.asa.leva.com
www.leva.pt

*Para a Mãe,
Que sempre pôs os filhos em primeiro lugar.*

Não existe beleza sublime que não contenha a sua porção
de estranheza.

Sir Francis Bacon

A minha mãe é prostituta. Não do tipo obsceno, das que andam na rua. É muito bonita, bem-falante e tem roupas lindas. No entanto, vai para a cama com homens por dinheiro ou presentes e, de acordo com o dicionário, isso faz dela uma prostituta.

Começou a trabalhar em 1940, quando eu tinha sete anos, o ano em que mudámos de Detroit para Nova Orleães. Apanhámos um táxi da estação de comboios diretamente para um hotel de luxo na St. Charles Avenue. A mãe conheceu um homem de Tuscaloosa no átrio do hotel enquanto tomava uma bebida. Apresentou-me como sendo sua sobrinha e disse ao homem que ia entregar-me à irmã. Não parava de me lançar piscadelas de olho, sussurrando-me que me compraria uma boneca se eu entrasse no jogo e esperasse por ela. Dormi sozinha no átrio do hotel naquela noite, a sonhar com a minha nova boneca. Na manhã seguinte, a mãe foi ao balcão do hotel fazer o registo do nosso próprio quarto, um grande, de janelas altas e sabonetinhos redondos que cheiravam a limão. Ela recebeu uma caixa de veludo verde com um colar de pérolas, enviada pelo homem de Tuscaloosa.

– Josie, esta cidade vai tratar-nos muito bem – disse a mãe, nua da cintura para cima, de pé, em frente ao espelho, admirando as novas pérolas.

No dia seguinte, um motorista de pele escura chamado Cokie chegou ao hotel. A mãe havia recebido um convite para visitar alguém importante no Bairro Francês. Mandou-me tomar um banho e insistiu para que eu usasse um vestido bonito. Até me pôs uma fita no cabelo. Dava-me um ar pateta, mas não disse nada à mãe. Limitei-me a sorrir e a acenar com a cabeça.

– Josie, não te esqueças de ficar de boca fechada. Tinha esperança de que o Willie me mandasse chamar e só me faltava que estragasses tudo com a tua teimosia. Não fales, a menos que te dirijam a palavra. E por todos os santinhos, não comeces a cantarolar. É arrepiante. Se te portares bem, compro-te uma coisa muito especial.

– Uma boneca? – disse, esperando espreitar-lhe a memória.

– Claro, meu doce, queres uma boneca? – respondeu ela, terminando de espalhar o batom e estalando um beijo no ar em frente ao espelho.

Cokie e eu demo-nos logo às mil maravilhas. Ele conduzia um velho táxi pintado de um cinzento nebuloso. De perto, ainda era possível ver as sombras da palavra «táxi» na porta. Estendeu-me um par de caramelos *Mary Jane* e piscando-me o olho, disse:

– Força aí, miúda! – Cokie ia assobiando pelas falhas nos dentes enquanto nos levava até Willie no seu táxi. Eu cantarolava em acompanhamento, esperando que o melaço do caramelo me arrancasse um dente. Aquela era a nossa segunda noite em Nova Orleães.

Parámos na Conti Street.

– Que sítio é este? – perguntei, esticando o pescoço para olhar para o edifício amarelo-pálido, com varandas de treliça pretas.

– É a casa dela – respondeu Cokie. – Da Willie Woodley.

– A casa *dela*? Mas Willie é nome de homem – disse eu.

– Para com isso, Josie. Willie é nome de mulher. Agora, fica sossegada! – disse a mãe, dando-me

uma palmada na coxa. Alisou o vestido e ajeitou o cabelo. – Não pensei que fosse ficar tão nervosa – murmurou.

– Porque estás nervosa? – perguntei.

Ela pegou-me pela mão e puxou-me para o passeio. Cokie fez-me um sinal de despedida com o chapéu. Eu sorri e retribuí com um aceno de mão. As cortinas da janela da frente mexeram-se, encobrindo uma figura indistinta, iluminada por um brilho âmbar atrás do vidro. A porta abriu-se antes mesmo de lá chegarmos.

– Deves ser a Louise – disse a mulher à mãe.

Uma mulher morena, trajando um vestido de noite de veludo, estava encostada à ombreira da porta. Tinha o cabelo muito bem arranjado, mas as unhas estavam roídas e desgastadas. Mulheres ordinárias roíam as unhas. Aprendi isso em Detroit.

– Ela está à tua espera na sala de estar, Louise – disse a morena.

Uma longa passadeira vermelha estendia-se desde a porta principal, subindo por uma grande escadaria e envolvendo cada degrau. A casa era opulenta, berrante, com brocados verde-escuro e candeeiros de cristal preto balançando na fraca luz. Havia pinturas de mulheres nuas com mamilos cor-de-rosa penduradas nas paredes do *foyer*. Cheiro a fumo de cigarro misturado com água de rosas cediça. Passámos por um grupo de mulheres que me fizeram festas na cabeça e me chamaram docinho e boneca. Lembro-me de pensar que parecia que alguém lhes tinha besuntado os lábios de sangue. Entrámos na sala de estar da frente.

Vi primeiro a mão, pálida e coberta de veias, estendida sobre o braço de uma poltrona de orelhas estofada. As unhas, de um vermelho brilhante, como sementes de romã, poderiam rebentar um balão num movimento súbito. Cachuchos de ouro e diamantes adornavam quase todos os dedos. Senti a respiração nervosa da mãe.

Aproximei-me da mão, olhando-a fixamente, e contornei a parte de trás da poltrona em direção à janela. Sapatos de salto alto pretos espreitaram por baixo de uma saia tubo. Senti o laço do cabelo deslizar para o lado da minha cabeça.

– Olá, Louise.

A voz era grossa, vivida. O cabelo loiro platinado estava bem preso com um gancho com as iniciais W.W. gravadas. Os olhos da mulher, delineados a lápis preto, eram já ornamentados por pés de galinha. Os lábios estavam pintados de escarlata, mas não tinham um aspeto sangrento. Ela tinha sido uma mulher muito bonita.

A mulher ficou a olhar fixamente para mim e finalmente falou:

– Eu disse «Olá, Louise».

– Olá, Willie – respondeu a minha mãe, arrastando-me para a frente da poltrona. – Willie, esta é a Josie.

Eu sorri e dobrei as pernas desajeitadas na minha melhor vénia. O braço com as unhas vermelhas dispensou-me rapidamente para o canapé em frente a ela. A pulseira chocalhou numa melodia dissonante.

– Então... voltaste. – Willie tirou um cigarro de uma cigarreira em madrepérola e bateu-o com suavidade na tampa.

– Bem, já passou muito tempo, Willie. Certamente poderá compreender.

Willie não disse nada. Um relógio de parede balançou no seu ritmo de tiquetaque.

– Pareces bem – comentou Willie por fim, ainda batendo o cigarro contra a cigarreira.

– Vou-me aguentando – disse a mãe, recostando-se no canapé.

– Vais-te aguentando... sim. Ouvi dizer que apanhaste um papalvo de Tuscaloosa ontem à noite.

A mãe endireitou as costas de imediato.

– Ouviu falar sobre Tuscaloosa?

Willie manteve o olhar fixo nela, em silêncio.

– Oh, aquilo não foi nenhum cliente, Willie – disse a mãe, baixando os olhos para o colo. – Era apenas um homem simpático.

– Um homem simpático que te comprou essas pérolas, imagino – afirmou Willie, batendo o cigarro cada vez com mais força na cigarreira.

A minha mãe levou a mão ao pescoço, tocando nas pérolas.

– Eu tenho um bom negócio – disse Willie. – Os homens acham que caminhamos para a guerra. Se isso for verdade, todos vão querer divertir-se até à última. Nós trabalhámos bem juntas, Louise, mas... – Fez um gesto de cabeça na minha direção.

– Oh, ela é uma boa menina, Willie, e é muito inteligente. Até aprendeu a ler sozinha!

– Eu não gosto de crianças – disparou, com um olhar que parecia querer abrir um buraco em mim.

Encolhi os ombros.

– Eu também não gosto especialmente.

A minha mãe beliscou-me o braço com força. Senti a pressão na pele. Mordi o lábio e tentei não estremecer. A minha mãe zangou-se comigo quando me queixei.

– A sério? – Willie virou-se para mim. – Então o que é que fazes... se não gostas de crianças?

– Bem, vou para a escola. Leio. Cozinho, limpo e preparo *martinis* para a minha mãe. – Sorri para a mãe e esfreguei o braço.

– Limpas e preparas *martinis*? – Willie ergueu uma sobrancelha pontiaguda e o ar de desprezo desapareceu subitamente. – O laço está torto, menina. Foste sempre assim tão escanzelada?

– Não estive bem de saúde durante uns anos – explicou a minha mãe rapidamente. – A Josie é muito engenhosa e...

– Vejo que sim – disse Willie em tom categórico, ainda batendo o cigarro.

Aproximei-me da minha mãe. – Saltei a primeira classe e entrei logo para a segunda. A mãe esqueceu-se da altura em que eu deveria entrar para a escola... – o dedo do pé da mãe cravou-se no meu tornozelo – ...mas não teve grande importância. Ela disse lá na escola que nos tínhamos mudado de outra cidade e eu comecei logo na segunda classe.

– Saltaste a primeira? – perguntou Willie.

– Sim, senhora, e não acho que tenha perdido alguma coisa.

– Não me trates por senhora. Vais tratar-me por Willie. Entendeste? – Ajeitou-se na cadeira e eu avistei o que parecia ser a coroa de uma arma escondida de um dos lados do assento.

– Sim, Mrs. Willie – respondi.

– Mrs. Willie, não. Apenas Willie.

Olhei para ela.

– Na verdade, Willie, eu prefiro que me tratem por Jo e, para ser franca, não gosto especialmente de laços. – Puxei a fita do meu cabelo castanho espesso e peguei no isqueiro de cima da mesa.

– Não pedi lume – disse Willie.

– Não, mas já bateu o cigarro cinquenta e três vezes... cinquenta e quatro, agora, por isso achei que talvez gostasse de o fumar.

Willie suspirou.

– Está bem, Jo, acende-me o cigarro e serve-me um *whisky*.

– Puro ou com gelo? – perguntei.

A boca abriu-se-lhe de surpresa, fechando-se logo de seguida.

– Puro. – Observou-me enquanto eu lhe acendia o cigarro.

– Bem, Louise – disse Willie, com um longo suspiro de fumaça voluteando-lhe acima da cabeça –, conseguiste fazer uma bela salganhada, não foi?

A mãe suspirou.

– Não podes ficar aqui, não com uma criança. Vais ter de arranjar outro sítio para viveres – afirmou Willie.

– Eu não tenho dinheiro – explicou a mãe.

– Vende essas pérolas na minha casa de penhores amanhã de manhã e já ficas com algum dinheiro para gastar. Há um pequeno apartamento na Dauphine que um dos meus corretores de apostas estava a arrendar, mas o idiota decidiu levar um tiro na semana passada. Agora dorme sete palmos abaixo da terra, por isso não vai precisar dele. A renda está paga até ao dia trinta. Vou tratar disso e logo se vê como estás no final do mês.

– Está bem, Willie – concordou a mãe.

Entreguei a bebida a Willie e voltei a sentar-me, empurrando o laço para baixo do sofá com o pé.

Ela deu um gole na bebida e fez um aceno aprovador.

– Sinceramente, Louise, uma *barmaid* de sete anos de idade?

A minha mãe encolheu os ombros.

Isto foi há dez anos. Ela nunca chegou a comprar-me a tal boneca.

Pensavam que eu não ouvia os sussurros, os risinhos. Ouvia tudo isso há dez anos. Atravessei a Conti a caminho da Chartres Street, segurando o meu livro com força debaixo do braço. A vibração do meu cantarolar bloqueava o som. Cortesã, meretriz, prostituta, puta. Já os ouvira a todos. Na verdade, era capaz de olhar para alguém e adivinhar qual dos nomes essa pessoa usaria.

– Olá, Josie – diziam eles com um meio sorriso, seguido de um suspiro e, por vezes, de um abanar de cabeça. Agiam como se sentissem pena de mim, mas assim que ficavam a dez passos de distância, eu ouvia uma dessas palavras, acompanhada do nome da minha mãe. As mulheres ricas fingiam que lhes queimava a língua dizer *prostituta*. Sussurravam-na e erguiam as sobrancelhas. Depois fingiam uma expressão de choque, como se a própria palavra tivesse entrado sub-repticiamente por elas acima, como gonorreia. Não precisavam de sentir pena de mim. Eu não era nada como a minha mãe. Afinal, a mãe era apenas metade da equação.

– Josie! Espera aí, miúda.

Frankie, um dos informadores de Willie, estava ao meu lado, a sua figura alta e furtiva curvada sobre mim.

– Qual é a pressa? – perguntou, lambendo os dedos e alisando o cabelo cheio de brilhantina.

– Tenho de ir para a livraria – disse eu. – Estou atrasada para o trabalho.

– Chiça, o que faria o velho Marlowe sem ti? Já lhe dás puré de maçã à colher? Ouvi dizer que ele está praticamente com os pés para a cova.

– Ele está bem vivo, Frankie. Apenas... aposentado – retorqui, atirando-lhe um olhar crítico.

– Ui, que defensiva está a menina. Andas enrolada com o Marlowe?

– Frankie! – Que pensamento horrível. Charlie Marlowe era um senhor de idade.

– Ou talvez tenhas uma paixoneta pelo filho, é isso? Andas de olho no Júnior para poderes herdar o escaninho de livros empoeirado de que tanto gostas? – Deu-me uma cotovelada, rindo.

Parei de andar.

– Posso ajudar-te com alguma coisa, Frankie?

Ele puxou-me para diante, falando em voz baixa:

– Na verdade, sim. Podes dizer à Willie que corre a palavra de que o Cincinnati está a chegar?

Senti um calafrio percorrer-me a pele e tentei manter o passo firme.

– O Cincinnati?

– Podes passar-lhe esta informação, Josie?

– Só vou ver a Willie amanhã de manhã, sabes disso – respondi eu.

– Ainda evitas aquele lugar depois de escurecer? É assim mesmo! Moça inteligente. Bem, avisa-a de que o Cincinnati anda a rondar. Ela vai querer saber.

– Espero não me esquecer – disse eu, abrindo a palma da mão.

– Ó pedinchona!

– Mulher de negócios – corrigi. – Lembra-te, a Willie não gosta de surpresas.

– Pois não – disse ele, metendo a mão ao bolso. – O que fazes com todo esse mealheiro, Josie?

Seria muito mais fácil se simplesmente levantasses a saia.

– A única razão para eu levantar a saia seria para tirar a minha pistola e encostá-la à tua cabeça.

O meu dinheiro não era da conta de Frankie. A minha ideia era sair de Nova Orleães. O meu plano incluía o bilhete de autocarro e fundo de maneio para cobrir um ano de despesas correntes, tempo suficiente para endireitar a vida. Um livro de gestão que li na livraria dizia que o ideal era ter uma poupança de pelo menos doze meses. Assim que juntasse o dinheiro, decidiria para onde ir.

– Tudo bem, tudo bem – disse ele. – Sabes que só estou a brincar.

– Porque não me compras um livro na loja, Frankie?

– Sabes bem que não gosto de ler, miúda. Acho que ninguém gosta tanto de ler como tu. O que trazes aí debaixo do braço desta vez?

– E. M. Forster.

– Nunca ouvi falar. – Agarrou na minha mão e deixou cair algumas moedas na palma. – Aí tens. Agora não te esqueças de lhe dizer. Não me pagam se te esqueceres.

– Sabes quando é que ele vai chegar ou onde é que se enfurnou? – perguntei.

– Nã! Ainda não. Até pode já cá estar. – Com um tique nervoso, Frankie olhou por cima do ombro. – Até à vista, miúda.

Peguei na saia e acelerei o passo em direção à livraria. Haviam decorrido dois anos desde o incidente. Cincinnati não tinha voltado ao Bairro, e ninguém sentia falta dele. Ele dizia que trabalhava na periferia para Carlos Marcello, o padrinho da Máfia de Nova Orleães. Ninguém acreditava nele, mas também ninguém o contrariou abertamente. Cincinnati passeava-se com orgulho, vestindo fatos caros, fatos que não lhe assentavam bem. Dizia-se que as roupas eram roubadas de cadáveres, das pessoas que ele tinha matado a mando de Carlos Marcello. Cokie dizia que era mau agoiro usar o fato de um homem morto.

Carlos Marcello liderava o sindicato e era proprietário de umas terras à saída da Paróquia de Orleães. Entre os moradores da zona corria o rumor de que Marcello enchia os seus pântanos com aligátors e atirava os corpos para lá. Um carteiro disse certa vez a Cokie ter visto sapatos a flutuar na superfície espelhada do pântano. Willie conhecia Carlos Marcello. Ela mandava as raparigas para o Town and Country Motel, pertencente a ele, quando a casa de Conti estava sob escrutínio. Foi aí que a mãe conheceu Cincinnati.

Cincinnati tinha um interesse especial pela minha mãe. Trazia-lhe presentes caros e dizia que ela era parecida com a Jane Russell, das revistas de Hollywood. Acho que isso significava que também eu me parecia com a Jane Russell, mas talvez uma Jane Russell sem maquilhagem, roupas bonitas ou cabelo arranjado. Os nossos olhos castanhos eram um pouco afastados e tínhamos a testa alta, uma grande massa de cabelo escuro e lábios carnudos, parecendo sempre ostentar uma expressão de amuo.

A minha mãe era louca por Cincinnati, chegando certa vez a declarar que estavam apaixonados. Às vezes, a minha mãe era embaraçosamente estúpida. Já era mau o suficiente andar enrolada com um criminoso como Cincinnati, mas apaixonada por ele? Patético! Willie detestava Cincinnati. Eu desprezava-o.

Cortei pela rua estreita perto do joalheiro, desviando-me de um homem que urinava para a parede. Usei o livro de E. M. Forster para afastar do nariz o cheiro de carvalho bolorento ao passar apressadamente pelas lajes molhadas. Se o Bairro cheirava assim tão mal com o tempo frio, na primavera seria um fedor, e simplesmente rançoso no verão. Segui pela Toulouse Street, na direção

da Royal e ouvi Blind Otis a cantar *blues*, batendo o pé e deslizando uma faca de manteiga romba pelas cordas de aço.

Havia proprietários de bares e de restaurantes empoleirados em escadotes, ocupados com a decoração das portas e janelas para as festividades dessa noite. À meia-noite, 1950 ia finalmente chegar. Um frenesi de excitação animava as ruas. As pessoas estavam ansiosas por deixar a década, e a guerra, no passado. Um casal de amantes atravessou-se à minha frente para correr atrás de um táxi; um homem baixinho e maltrapilho estava de pé, encostado a um prédio, repetindo «aleluia» sem parar.

Da última vez que Cincinnati estivera na cidade, embebedara-se e espancara a minha mãe. Willie abriu a porta ao pontapé e disparou contra ele, atingindo-o de raspão na perna. Eu levei a minha mãe ao hospital no táxi de Cokie. Assim que ficou sóbrio, Cincinnati teve a distinta lata de aparecer no hospital. Eu atirei-lhe com café a ferver à cara e disse-lhe que tinha chamado a Polícia. Ele deixou a cidade a coxear, mas não sem antes prometer que voltaria.

– Não perdes por esperar – murmurou ele, lambendo os dentes. – Hei de apanhar-te, Josie Moraine.

Sacudi o arrepio da espinha.

– Ei, Detroit.

Virei-me na direção da voz. Jesse Thierry, sentado na sua mota, olhava-me do outro lado da rua. Jesse era uma pessoa calma que muitas vezes falava apenas por meio de um aceno de cabeça ou de um sorriso. Às vezes achava que ele me observava, o que era ridículo, porque Jesse Thierry não teria qualquer interesse em alguém como eu. Ele podia ser discreto, mas a sua aparência não: era chamativa e dramática, de uma maneira que me fazia sentir desconfortável. Outros não se deixavam inquietar pela aparência de Jesse. As turistas viravam a cabeça para o mirarem de cima a baixo. Tinha um séquito de raparigas a segui-lo constantemente.

– Precisas de boleia? – perguntou-me.

Abanei a cabeça em sinal de negação.

– Eu quero boleia, Jesse! – disse a loira ao lado dele.

Ele ignorou-a.

– Tens a certeza, Jo?

– Tenho. Obrigada, Jesse.

Ele assentiu, ligou a mota e arrancou a toda a velocidade, deixando as raparigas no passeio.

O ruído desapareceu quando virei para a Royal. A placa azul-escura com letras douradas surgiu, pendurada num suporte de ferro forjado por cima da porta: LIVRARIA MARLOWE. Pela janela, vi Patrick sentado ao balcão. A sineta pendurada no cimo da porta tilintou quando entrei na loja, e fui envolvida pelo cheiro calmante de papel e de pó.

– Como está ele hoje? – perguntei.

– Hoje é um dia bom. Sabe o meu nome. Acho até que por um segundo se lembrou de que sou filho dele – respondeu Patrick, inclinando-se para trás na sua cadeira habitual atrás do balcão.

– Maravilhoso! – exclamei com sinceridade. Havia dias em que Mr. Marlowe não reconhecia Patrick. Às vezes, até o insultava, chegando mesmo a atirar-lhe com coisas. Esses eram os dias maus.

– O teu amigo Cokie veio cá e pediu para te dar isto – disse Patrick, fazendo deslizar um papel dobrado sobre o balcão.

Abri-o.

CINCYNATTY.

Estava escrito na letra trémula de Cokie.

– Não li, mas acho que ele quer dizer Cincinnati – disse Patrick.

– Não o leste, hã?

Patrick tinha acabado de fazer vinte e um anos, mas ainda brincava como um menino que puxa as tranças das meninas na hora do recreio.

Ele sorriu.

– Ele não sabe como se escreve. Ele vai a Cincinnati?

– Hum... deve ser isso. Guardaste-me o jornal?

Apontou para uma cópia do *Times-Picayune*, impecavelmente dobrada e pousada na minha cadeira.

– Obrigada. Dá-me um minuto e já te substituo – disse-lhe.

– Sinceramente, Jo, o *Picayune* é tão chato. Deixam de fora as notícias do Bairro de propósito e...

A voz de Patrick foi esmorecendo à medida que eu fazia o caminho entre as altas estantes de livros em direção à escada íngreme na parte de trás da loja. Tinha o meu próprio apartamento desde os onze anos. Não era realmente um apartamento, pelo menos no início. Era mais um pequeno escritório com casa de banho anexa. Eu dormia na livraria desde os dez anos, altura em que a mãe começou com os ataques e me batia com um guarda-chuva sem motivo algum. Depressa aprendi que ela era mais feliz quando eu não estava por perto. Então, comecei a esconder-me na livraria antes do fecho e a dormir debaixo da grande secretária no escritório.

No meu décimo primeiro aniversário, subi as escadas depois de a loja fechar. O escritório tinha sido transformado. As janelas e as paredes tinham sido lavadas. A secretária ainda lá estava, mas todas as caixas haviam sido retiradas e substituídas por uma cama, uma cómoda pequena e até estantes no canto. Havia cortinas floridas penduradas num varão sobre a janela aberta, permitindo a entrada flutuante da música vinda de Bourbon Street. Uma única chave estava pendurada num prego. Um ferrolho tinha sido instalado na porta e, encostado à cama, estava um taco de *baseball*. Nunca falámos sobre este arranjo. Simplesmente comecei a trabalhar na livraria de Mr. Marlowe em troca de hospedagem.

Abri a porta e entrei, trancando-a rapidamente. Pus-me de gatas e levantei uma tábua debaixo da cama, apalpando até os meus dedos encontrarem a caixa de charutos. Coloquei lá as moedas que Frankie me dera e voltei a pôr a tábua no lugar. Levantei-me e fechei as cortinas. Então abri o bilhete de Cokie.

CINCYNATTY.

— Eu já volto — disse a Patrick quando desci para a loja.

— Oh, então? É a passagem de ano — queixou-se ele.

— Ainda só é uma hora.

— Mas eu tenho coisas para fazer — afirmou ele.

— Só me demoro um minuto — disse-lhe, saindo apressada.

Atravessei a rua a correr até ao Sal's. Willie era uma boa cliente do restaurante Sal's, e ele deixava-me usar o telefone sempre que eu precisava. Na verdade, Willie era boa cliente em muitos lugares e, felizmente, esses benefícios estendiam-se a mim.

— Olá, Maria! — disse à dona da casa, apontando para o telefone ao fundo. Ela deu-me permissão com um gesto de cabeça.

Peguei o telefone e marquei Hemlock 4673.

Dora atendeu ao primeiro toque, na sua voz de falso sussurro.

— É a Jo. Preciso de falar com a Willie.

— Olá, docinho, ela está a descansar.

A descansar? Willie nunca fazia sestas.

— Acorda-a.

Dora pousou o auscultador. Ouvi o *toc-toc* dos sapatos dela até esmorecer no chão de madeira enquanto ela ia chamar Willie. Pela forma como as pontas batiam contra os calcanhares, percebi que ela usava as *mules* vermelhas com penas que comprara pelo correio no Frederick's da Quinta Avenida. Enrolei o fio do telefone, que me escorregou entre os dedos. Tinha a mão a transpirar. Limpei a humidade na saia.

— *Buttons and Bows* — disse Willie, sem se preocupar em dizer olá.

— O quê?

— A música que estavas a cantarolar. É a *Buttons and Bows*. Olha, preciso de um pouco de paz antes de as paredes começarem a tremer. Que raio é assim tão importante?

— Cincinnati.

Willie ficou em silêncio. Ouvi o movimento de abrir e fechar do seu isqueiro de prata e, em seguida, um longo suspiro quando ela inalou e exalou a fumaça.

— Quem te disse?

— O Frankie — respondi. — Veio ter comigo depois de eu sair daí de casa. A caminho da livraria.

— Quando é que ele chega? — perguntou Willie.

— Ele disse que não sabia, só que estava a caminho e que até já podia cá estar. Onde está a mãe? — perguntei.

— Lá em cima. Tem estado toda a manhã cheia de risinhos idiotas — respondeu Willie.

— Acha que ela sabe?

— É claro que sabe. Eu sabia que alguma coisa se estava a passar. A Dora disse que ela recebeu um telefonema há dois dias. Tem-se comportado como uma perfeita imbecil desde então.

Ouvi o longo inspirar, a espera, e, em seguida, a leve vibração ondulante do fumo a ser expelido pelas narinas de Willie.

– O Cokie sabe. Ele deixou-me um bilhete – disse eu.

– Ainda bem. O Cokie vem cá esta noite trazer umas pessoas. Ele mantém-me informada. Estás no Sal’s?

– Sim. O Cokie disse-me que os Dukes of Dixieland vão tocar hoje à noite no Paddock, por isso pensei em...

– Nem pensar. Não quero que sejas vista no Bairro – disse Willie.

– Mas, Willie, é a passagem de ano! – argumentei.

– Estou-me nas tintas. Vais ficar em casa... trancada! Percebeste? – ordenou ela.

Hesitei, pensando até que ponto poderia pressioná-la. – Ouvi dizer que o Cincinnati agora está com o Carlos Marcello.

– Trata da tua vida – ralhou Willie. – Vem cá amanhã de manhã.

– É só que... fico preocupada com a mãe – disse eu.

– Preocupa-te contigo. A tua mãe é uma prostituta estúpida. – Ouviu-se um clique na linha ao desligar.

— Desculpa lá — disse a Patrick quando regressei à livraria.

— Estás bem? — perguntou ele.

— Estou, porquê?

— Tens manchas vermelhas no pescoço. Toma, a tua querida página de notícias da sociedade está recheadinha hoje. — Atirou-me o jornal quando me sentei ao lado dele atrás do balcão. A voz dele elevou-se num tom afetado e nasal. — Miss Blanche Fournet de Birmingham, Alabama, que se encontra a passar parte da temporada de inverno em Nova Orleães, foi a convidada de honra num almoço oferecido pelos tios doutor e Mrs. George C. Fournet. A mesa foi decorada com hidrângeas azul-claras, e todos os adoráveis convidados passaram uma tarde perfeitamente enfadonha.

Soltei uma risada e bati-lhe no ombro com o jornal.

— Sinceramente, Jo. Essa tua obsessão com a alta sociedade e a página do social é ridícula. Quando é que vais perceber que essas mulheres são apenas um bando de velhas galinhas pretensiosas?

A sineta tilintou, e um homem alto e atraente, vestido com um fato à medida, entrou na loja.

— Boa tarde — disse ele, sorrindo e dirigindo-nos um aceno de cabeça. — Como têm passado?

O sotaque do homem era do Sul, mas não de Nova Orleães. Tinha a pele muito bronzada, tornando o sorriso amplo de um branco resplandecente, como o de Cary Grant.

— Bem, obrigada. De visita a Nova Orleães para passar o feriado? — perguntei.

— É assim tão óbvio? — disse o homem, com um sorriso.

— Desculpe, eu só queria dizer...

— Não peça desculpa. Tem razão. Acabei de chegar de Memphis para o Sugar Bowl¹.

— Joga? — perguntou Patrick, reparando na altura do homem e na largura dos ombros.

— Já joguei. Na universidade fui *wide receiver* da Vanderbilt. Costumava vir cá com a equipa jogar contra a Tulane. Sempre adorei. Nova Orleães era um excelente sítio para nos metermos em sarilhos, e eu tive a minha quota-parte, entenda-se. — Lançou uma piscadela intencional a Patrick. — Estudam na Tulane? — perguntou ele.

— Acabei de terminar o curso na Loyola — respondeu Patrick.

— E a bela jovem? — O homem lindo olhou para mim.

Faculdade? «Sim!», queria gritar. Adoraria ir para a faculdade. Em vez disso, sorri e olhei para baixo.

— Ela ainda está a decidir — interveio Patrick. — Conhece certamente o tipo: tão inteligente que todos lutam para a ter.

— Veio à procura de alguma coisa em especial? — perguntei, mudando de assunto. Pousei discretamente dois dedos no balcão, fazendo sinal a Patrick. Era um dos jogos com que nos entretínhamos: tentar adivinhar que tipo de livro o cliente pretendia. Os meus dois dedos diziam a Patrick que estava a apostar dez cêntimos em como Mr. Memphis estava interessado em História. Patrick fechou o punho esquerdo, o que significava que ele apostava em algo relacionado com

desporto.

– Por acaso, sim – respondeu ele, tirando o chapéu. O cabelo negro brilhava ao sol da tarde que entrava pela janela da frente. – Keats.

– Poesia? – disse Patrick.

– Surpreendido, hein? Bem, não vamos julgar um livro pela capa. Até mesmo jogadores de futebol gostam de poesia – disse ele.

– É claro que sim – respondi. – A secção de poesia é por aqui.

– Tenho de ir, mas a Josie atende-o – disse Patrick. – Keats é um dos preferidos dela. Prazer em conhecê-lo, senhor.

– Forrest Hearne – disse o cavalheiro, estendendo a mão a Patrick. – Prazer em conhecê-lo, também.

Levei Mr. Hearne para o fundo da loja, até à estante alta de livros de poesia.

– Dizem que Keats se apaixonou pelo vizinho – comentei, olhando-o por cima do ombro.

– Sim, mas eu li que foi um caso tumultuoso – respondeu ele, em desafio. – Keats exigiu que todas as cartas entre os dois fossem queimadas após a sua morte. Por isso acho que nunca saberemos a verdade.

Parei em frente à sucessão ordenada, de costas para Mr. Hearne, e rapidamente percorri com os olhos os livros por ordem alfabética até à letra «K».

– Aqui está: Keats. – Virei-me. Mr. Hearne estava muito próximo, a olhar para mim.

– Será que... a conheço, de alguma forma? – perguntou ele, muito sério. – Alguma coisa em si me parece extremamente familiar.

Senti uma gota de suor descer entre as omoplatas. – Não me parece. Nunca estive no Tennessee.

– Mas eu já estive em Nova Orleães muitas vezes – disse ele, ajustando o nó da gravata de seda.

– Talvez eu tenha um tipo de rosto comum – respondi, afastando-me dele e da estante. – Se precisar de mais alguma coisa, é só gritar.

Voltei para o balcão, a trautear baixinho, consciente do olhar dele posto em mim enquanto me esgueirava por entre as estantes. Como poderia eu ser conhecida de um ex-jogador de futebol americano da Vanderbilt, do Tennessee, que se parecia com uma estrela de cinema e que gostava de poesia? Todavia, a expressão dele fora genuína, não era aquele tipo de homem de falinhas-mansas com os olhos raiados de sangue que eu via em casa de Willie quando fazia a limpeza de manhã. Às vezes, se chegava antes das seis, passava por um *habitué* de saída. A maioria dos homens não ficava a noite toda. Willie dizia sempre que não estava para patrocinar festas do pijama, a menos que quisessem pagar forte e feio. Não, a maioria dos homens saía com um sorriso depois de terminado o serviço. Os homens que ficavam a noite inteira tinham muito dinheiro, mas também falta de outra coisa, como se tivessem um buraco na alma grande de mais para ser remendado. Era frequente eles tentarem meter conversa comigo antes de saírem pela manhã. A conversa era embaraçosa, encharcada em culpa, e geralmente incluía a frase-padrão de que eu lhes parecia familiar. Mas a forma como Mr. Hearne fizera a pergunta parecia sincera, como se estivesse intrigado.

Ele voltou para o balcão trazendo dois livros.

– Ah, sim, este é uma boa escolha – disse eu, examinando o volume de Keats que ele tinha selecionado.

– É para a Marion, a minha esposa – disse ele.

– Oh, e *David Copperfield* também.

– Esse é para mim. Já devo ter umas dez cópias.

Eu sorri.

– É o meu preferido de todos os de Dickens. É tão inspirador, se pensarmos que *David Copperfield* é baseado na própria vida de Dickens, que alguém seja capaz de superar tanto sofrimento e pobreza para finalmente alcançar a felicidade.

Já tinha falado de mais. Ele lançava-me «o olhar». Eu detestava aquele olhar. Significava «Tiveste uma vida dura, não, miúda?». Fazia-me sentir patética.

Hearne falou em voz baixa.

– Eu sei o que quer dizer. Eu próprio tive uma espécie de infância à *Copperfield*.

Olhei para ele, chocada por aquele homem sofisticado diante de mim alguma vez poder ter conhecido a pobreza ou o sofrimento. Ter-se-ia ele realmente reinventado? Ele percebeu a minha surpresa.

Fez um aceno de cabeça.

– As decisões moldam o nosso destino. – Sem abrir o livro, começou a recitar um trecho de *David Copperfield*. – «Se eu virei a ser o herói da minha própria vida, ou se esse papel será desempenhado por outra pessoa...

Assenti e terminei a frase:

– «...estas páginas o dirão.»

Ficámos ali os dois, desconhecidos um do outro, mas numa total empatia. Um carro buzinou na rua, desviando o nosso olhar.

Terminei rapidamente de fazer a conta e virei o bloco para ele.

– Quer que embrulhe?

– Não, não é necessário. – Tirou um maço de notas preso com clipe do bolso interior do fato. O homem tinha aquilo a que Willie chamava um «pé de alface». As notas eram tantas que pareciam irromper e florescer do clipe de prata. Reparei no relógio *Lord Elgin* brilhante quando me entregou uma nota de cinquenta dólares.

– Sinto muito – disse quase num sussurro –, mas infelizmente não tenho troco para uma nota tão alta.

– A culpa é minha. Esqueci-me de pedir que trocassem lá no hotel. Aceita cheque? – perguntou ele.

Nós não aceitávamos cheques, a menos que fossem de clientes com conta na loja. Já tínhamos tido vários casos de cheques carecas no Bairro por os aceitarmos de desconhecidos. Um letreiro na frente da máquina registadora exibia a nossa política de não aceitação de cheques. – É claro – respondi. – Um cheque serve perfeitamente.

Ele fez um aceno em agradecimento e pegou no livro de cheques, juntamente com uma caneta elegante. Forrest Hearne estava bem de vida, de certeza.

– O que faz em Memphis? – perguntei, tentando parecer casual.

– Sou arquiteto e construtor – respondeu ele. Assinou o cheque e entregou-mo, sorrindo. – Construo coisas.

Eu assenti.

Ele caminhou até a porta, ainda a olhar para mim com aquela expressão de curiosidade. – Bem, obrigado pela ajuda e pela conversa. Foi um prazer.

– O prazer foi todo meu.

– E boa sorte na faculdade, qualquer que seja a escolha. – Abriu a porta para sair e parou de

repente. – Quase me esquecia: Feliz Ano Novo – disse ele, colocando o chapéu. – Vai ser um ano excelente!

– Feliz Ano Novo – respondi com um sorriso.

E então ele desapareceu.

¹ [Jogo anual de futebol americano que se realiza em Nova Orleães, geralmente no dia 1 de janeiro. \(N. da T.\)](#)

Sentei-me na cama a olhar para o cheque.

Forrest L. Hearne, Jr. 73 East Parkway Avenue North, Memphis, Tennessee.

Memphis Bank and Trust Co.

As palavras dele pareciam sussurrar-me. *As decisões moldam o nosso destino.*

Fui para a minha escrivaninha e tirei a folha de papel amarelada do esconderijo. Eu tinha começado a lista aos treze anos com o nome Tom Moraine, um jornalista que tinha vindo à livraria. Certo dia, muito zangada com Willie, disse-lhe que tinha encontrado o meu pai e que me ia embora. Willie desatou a rir. Disse-me que Moraine não era o sobrenome do meu pai, mas sim o nome de um apostador com quem a minha mãe havia fugido aos dezassete anos. A felicidade conjugal durou apenas três meses e depois ela regressou, mas manteve o anel e o nome.

Willie disse que os pais eram sobrestimados, que o meu pai poderia ser um de milhares, provavelmente algum pulha sinistro e ordinário que adorava gravatas de mola. Disse que o melhor era eu esquecer o assunto. Mas eu não esqueci. Não era capaz. Assim, o jogo continuou, e durante anos adicionei nomes à lista, imaginando que cinquenta por cento de mim era, de alguma forma, respeitável, em vez de decadente. E sinistro era um conceito certamente relativo. Afinal de contas, o que era mais sinistro, um homem que adorava gravatas de mola ou uma rapariga que mantinha uma lista de pais imaginários escondida na gaveta da escrivaninha?

O anúncio luminoso vermelho do Sal's do outro lado da rua piscou e zumbiu, banhando as cortinas e a escrivaninha com um brilho rosado. O ruído exterior aumentou à medida que a meia-noite se aproximava. O ano de 1950 e o ensejo prometido da nova década chegariam em breve. Acrescentei o nome Forrest L. Hearne, Jr. à lista, juntamente com os poucos detalhes que fiquei a saber sobre ele. Calculei que andasse pelas trinta e tal ou quarenta anos.

«Jogador de futebol. Memphis. Arquiteto. Gosta de Dickens e de Keats», escrevi.

Keats... Ele certamente não era um turista típico do Bairro Francês.

Perguntara-me sobre a faculdade. Eu havia terminado o liceu em junho último, mas guardara a faculdade em naftalina, atirando-a para o sótão da minha mente, onde não teria de pensar sobre isso durante algum tempo. O liceu fora bastante difícil, mas não por causa dos estudos. Isso era fácil para mim. O desgastante era estar constantemente a tentar ser invisível. Quando as pessoas reparavam em mim, falavam sobre mim. Como no dia em que a minha mãe aparecera para o dia dos pais no oitavo ano. Ela foi, só porque uma das raparigas de Willie tinha dito que o meu professor de História, Mr. Devereaux, era atraente e um pouco selvagem.

A minha mãe apareceu com uns brincos de diamante e um casaco comprido de pele de coelho que, disse, havia caído de um camião. Estava completamente nua por baixo.

– Não sejas tão puritana, Josie. Eu estava atrasada. Ninguém vai notar – disse-me ela. – Além disso, o forro é suave como seda. Diz-me, qual é o teu professor de História? – Ela tinha bebido e estava com uma certa dificuldade em manter o casaco fechado. Os pais não tiravam os olhos dela enquanto as esposas os agarravam e puxavam pelos braços. Os miúdos olhavam para mim. No dia

seguinte, vários alunos sussurravam que as suas mãos tinham chamado à minha «aquela prostituta». E então eu senti-me nua e ordinária também.

A mãe não deve ter achado o meu professor de História interessante, porque nunca mais voltou à escola, nem mesmo para a cerimónia de formatura.

– Ah, isso foi hoje? – dissera ela, em frente ao espelho, colando um sinal falso no rosto. – Usaste um daqueles chapéus horrorosos com as borlas? – Atirou a cabeça para trás numa risada daquelas que eu odiava. Começava de forma bastante inocente, mas, em seguida, apertava-se na garganta, subia até ao nariz e deslizava cá para fora numa gargalhada cacarejante. Podia ver toda a fealdade a sair de dentro dela.

Willie foi à minha formatura. Chegou no seu *Cadillac* preto e estacionou num dos lugares reservados para a administração. A multidão afastou-se para lhe dar passagem quando ela entrou no auditório e se sentou à frente. Vestia um *tailleur* caro, com chapéu e luvas a combinar, juntamente com os seus tradicionais óculos de sol de lentes muito escuras, que manteve postos durante toda a cerimónia. Cokie também foi e ficou a assistir na parte de trás, com um grande ramo de flores nas mãos e um sorriso de orelha a orelha. As pessoas cochichavam acerca da sua pele cor de caramelo, mas eu não liguei. Cokie era o único homem com o qual eu me sentia realmente segura.

Willie ofereceu-me um lindo medalhão de prata da *Tiffany & Co.* pela minha formatura, gravado com as minhas iniciais.

– Grava as tuas joias, Jo, e elas irão encontrar sempre o caminho de volta até ti – disse-me Willie. Era o objeto mais valioso que eu tinha, e usava-o todos os dias, escondido dentro da blusa. Sabia que se o tirasse, a mãe podia roubá-lo ou vendê-lo.

Na margem junto ao nome de Mr. Hearne, escrevi: «Perguntou-me sobre a faculdade» e voltei a guardar o papel na gaveta.

Ouvi um alvoroço lá em baixo na rua, juntamente com vozes que gritavam em uníssono:

– Cinco... quatro... três... dois... um... FELIZ ANO NOVO!

Ouvi o som das buzinas e as pessoas a gritar. Ouvi vidros a partir e rodadas de riso.

Peguei no espelho e comecei a trabalhar nos cachos do meu cabelo. Enrolava uma mecha de cabelo espesso à volta do dedo, pressionava-a contra o couro cabeludo e segurava cada caracol com um gancho. A noite de Ano Novo era uma confusão. Eu não estava a perder nada, disse a mim mesma. No ano anterior, um vendedor de Atlanta decidira mostrar a sua riqueza às meninas de Willie queimando notas de dólar no salão. Todos aplaudiram, soltando exclamações, até uma das cadeiras orientais de Willie ter pegado fogo. No dia seguinte, tive de arrastar os escombros queimados até ao beco e fiquei coberta de fuligem. A minha mãe riu-se de mim e chamou-me nomes. A sua amargura crescia de ano para ano. Ela tinha muita dificuldade em aceitar o envelhecimento, especialmente entre todas aquelas jovens na casa de Willie. Ainda parecia estar nos vinte anos e mentia em relação à idade, mas já não era exatamente uma favorita.

Terminei os caracóis e decidi ler um pouco até a folia esmorecer lá fora. Além de cantarolar, a leitura era a única coisa que bloqueava a mãe e o Bairro, e me permitia experimentar a vida fora de Nova Orleães. Eu mergulhava com toda a ânsia nos livros. As vidas dos personagens eram muito mais interessantes do que a pulsação solitária da minha própria vida.

O meu livro estava lá em baixo na livraria. Abri a porta e desci furtivamente a pequena escada, vestida apenas com a camisa de dormir e de pés descalços, mantendo-me na proteção das sombras entre as estantes, de modo a não ser visível da rua. Estava do outro lado da loja quando ouvi um

barulho. Os meus ombros deram um salto. Houve um empurrão na porta. De repente, ouviu-se o clique e a sineta tilintou. Alguém tinha entrado na livraria.

Olhei para a escada no lado oposto, tentando decidir se deveria correr para o meu quarto e ir buscar a arma. Dei um passo para o lado e estaquei. Passos. Aproximavam-se. Acocorei-me atrás da estante e ouvi a risada profunda de uma voz de homem. Procurei algo, qualquer coisa para me defender. Retirei um grande livro da prateleira à minha frente.

– Estamos a ver-te! – zombou a voz profunda.

O meu coração desatou aos saltos. «Nós?» Cincinnati tinha trazido alguém com ele. Uma figura sombria surgiu na minha frente. Arremessei-lhe o livro à cara com toda a força e desatei a correr para as escadas.

– Au! Josie, que diabos?

Era a voz de Patrick.

– Patrick? – Parei e espreitei pela esquina da estante.

– Quem mais estaria na loja? – disse Patrick, enquanto esfregava a face. – Bolas, acertaste-me em cheio. – Uma segunda figura apareceu ao lado dele.

– O que estás aqui a fazer? – perguntei, dando um passo em frente. Senti o cheiro intenso a *bourbon*.

– Viemos buscar um livro – disse Patrick.

– Jean Cocteau – disse o homem com a voz profunda, rindo e mostrando um livro. *Le Livre...*

– Chiu – fez-lhe Patrick, ao que o amigo respondeu com uma espécie de risadinha.

– Quem és tu? – perguntei ao homem.

– Josie, este é o James. Ele trabalha na Doubleday.

– Na Doubleday Books? Não têm lá livros suficientes? – perguntei.

– Este não. – Ele olhou para mim. – Bonita camisa de noite.

– É tarde, e eu tenho de trabalhar amanhã cedo – disse, enxotando-os para a porta.

– Vais trabalhar no dia de Ano Novo? Está tudo fechado. O que vais fazer? – indagou James.

– Negócio familiar – disse Patrick. – Vamos embora.

– Certifica-te de que fechas bem a porta – avisei.

Patrick virou-se e aproximou-se de mim.

– Achas que eu iria deixar a loja do meu pai aberta? Jo, o que se passa contigo? – sussurrou.

– Nada. Apanhaste-me de surpresa, foi só isso. Feliz Ano Novo.

– Feliz Ano Novo – respondeu Patrick, dando-me um soco brincalhão no braço. Inclinando a cabeça, olhou para mim e empurrou-me até à poça de luz que se derramava pela janela da frente.

– O que estás a fazer? – perguntei-lhe, pressionando o livro contra a minha camisa de noite.

– Jo, tu realmente devias fazer a risca ao lado, em vez de ao meio.

– O quê? – perguntei.

O amigo dele riu-se.

– Nada – respondeu Patrick.

Sem surpresas, a casa estava uma confusão. Apertei o avental e calcei as grossas luvas de borracha que Willie insistia que eu usasse. No salão, os cinzeiros transbordavam com pontas de charuto e as mesas abarrotavam de garrafas de bebidas alcoólicas vazias. Avistei um sapato de salto alto prateado pendurado numa floreira quando pisei um brinco de *strass* no meio de uma poça pegajosa de champanhe. Pairava no ar um cheiro a maçãs azedas. O chão teria de ser esfregado e os tapetes sacudidos. Até me encolhi ao imaginar o estado das casas de banho. Feliz Ano Novo. Abri as janelas e deitei mãos à obra.

Comecei pelo quarto de Sweety. Ela morava com a avó e raramente passava lá a noite. Sweety era uma linda mulata, um quarto de sangue negro, tal como Cokie. Tinha um pescoço alto e fino, cabelo muito preto e olhos de corça. Os homens adoravam Sweety. Ela trazia muito dinheiro e era leal no seu trabalho para Willie. Mas era uma pessoa muito reservada e não socializava com as outras mulheres fora da casa. Sempre me perguntei o que faria com o dinheiro que ganhava. Sweety era a única que me deixava gorjetas. Às vezes, até levava os lençóis para casa à noite para lavar.

Dora era uma ruiva rechonchuda de quadris amplos, que se vestia exclusivamente de verde. Tinha todas as tonalidades imagináveis: jade, hortelã, floresta, maçã, mas absolutamente tudo era verde. Dora era caótica. Muitas vezes encontrava-a a roncar numa cama partida com um saco de gelo derretido entre as pernas. Ela gostava de dormir e era capaz de passar adormecida por qualquer coisa. O Dr. Sully ia todas as quartas-feiras de manhã examinar as meninas e, por vezes, Dora dormia durante todo o processo, nua, sem nada além de uma boa de penas verde à volta do pescoço.

Evangeline tinha menos de um metro e cinquenta e parecia uma colegial. Ela desempenhava esse papel, mas era má como as cobras. Evangeline era uma cleptomaniaca reformada. Não confiava em ninguém e dormia com a bolsa a tiracolo, e chegava mesmo a dormir de sapatos calçados. Mas não roubava os clientes. Willie tinha regras. Não roubar, não consumir drogas, não aceitar presentes e não andar aos beijos nos quartos. Se um homem descia com marcas de batom na boca, Willie expulsava a rapariga.

– Achas que estás a namorar sentada debaixo da macieira? Aqui vende-se sexo! – gritava ela.

O quarto de Evangeline estava sempre sujo. Hoje havia lenços sujos colados por todo o soalho. Tive de os arrancar um por um.

– Cala-te lá com o trautear. Estou a tentar dormir, marafona! – gritou Evangeline.

Desviei-me do sapato que ela me atirou de baixo dos cobertores. Evangeline não tinha família. Certamente não tinha um pai como Forrest Hearne. Suspirei, pensando em Mr. Hearne. Ele partira do princípio de que eu andava na faculdade. E porque não? Ninguém dizia que uma rapariga como eu não podia ir para a faculdade. Então ri-me. Quantas estudantes universitárias limpavam bordéis?

– Já te disse para te calares! – vociferou Evangeline.

Tinha ainda outros quartos para limpar. Desci até ao fundo do corredor, até ao quarto da minha mãe, e rodei a maçaneta devagarinho, tendo cuidado para não fazer barulho. Cokie tinha lubrificado a porta a meu pedido. A mãe odiava o ranger da porta. Deslizei silenciosamente para dentro do quarto

e fechei a porta, sorrindo. O quarto da mãe cheirava ao pó *Silk 'n' Satin* que ela comprara na Maison Blanche. Como de costume, as meias estavam penduradas na cadeira, mas não o cinto de ligas preto. Olhei para a cama de dossel alta e coberta de tecido vermelho. A minha mãe não estava lá deitada.

A campainha tocou lá em baixo. Willie estava acordada. Peguei no balde, saí do quarto e desci para a cozinha.

Sadie, a cozinheira e lavadeira, estava atarefada na banca.

– Feliz Ano Novo, Sadie – disse eu.

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo com a boca fechada. Sadie era muda e nunca dizia uma palavra. Nem sequer sabíamos qual o seu nome verdadeiro. Willie pôs-lhe o nome Sadie, porque conhecera em tempos um cavalo aleijado e meigo chamado *Sadie*. O cavalo acabou por levar um tiro. Willie disse que desejava que fôssemos todos mudos como Sadie.

Comecei a preparar o café de chicória de Willie. Tal como muitos em Nova Orleães, Willie era esquisita com o café. Eu aperfeiçoei a infusão quando tinha doze anos, e ela insistiu para que eu passasse a fazer-lhe o café desde então. Não havia realmente um segredo. Eu comprava o café da Morning Call e acrescentava-lhe um pouco de mel e canela. Com o balde numa das mãos e a bandeja de café na outra, atravessei o salão e encostei as costas à porta de Willie, batendo suavemente com o pé.

– Está aberta – disse a voz rouca.

Empurrei a porta com a anca, segurando-a novamente e fechando-a com o pé. Os aposentos de Willie não eram nada parecidos com o resto da casa. Palmeiras em vasos, espalhadas pela sala de estar e pelo quarto conferiam-lhe um ar tropical. A escrivaninha de Willie estava pousada sobre um tapete *Aubusson* antigo ao lado de uma lareira de mármore creme. Uma gaiola ornamentada e vazia estava pendurada no teto a um canto. Como de costume, Willie encontrava-se sentada no centro da sua cama alta, recostada nos travesseiros e vestida com o seu quimono de seda preto, o cabelo platinado penteado, o batom vermelho recém-aplicado.

– Feliz Ano Novo, Willie.

Ela raspou uma lima pela unha comprida.

– Hum... será? – disse ela.

Pousei o balde e coloquei a bandeja de café na cama.

Ela bebeu um gole de café e balançou a cabeça em aprovação.

– O jornal?

Puxei o jornal da parte de trás do meu avental e entreguei-lho.

– Está muito mau? – perguntou ela, recostada nas almofadas espessas.

– Já vi pior – respondi. Era verdade. Já tinha visto muito pior, como quando o vendedor de seguros da Flórida ficou tão bêbedo que caiu e bateu com a cabeça. Havia sangue por toda a parte. Parecia que alguém tinha feito a matança do porco naquele chão. Passei dias a esfregar e mesmo assim não consegui eliminar a mancha. Willie acabou por comprar um grande tapete oriental para colocar por cima. Chegou mesmo a reorganizar os móveis. Mas a mancha continuava lá. Algumas coisas simplesmente não desaparecem, não importa o quanto esfreguemos.

– Então, o que tens para mim? – perguntou ela.

Peguei no balde.

– Bem, em primeiro lugar, esta coisa enorme. – Tirei um grande sapato vermelho do balde.

Willie assentiu.

– De Kansas City. Ele pagou duzentos dólares para se fantasiar com meias de senhora e dançar com as meninas.

– E deixou um sapato? – perguntei.

– Não, o outro está debaixo do canapé na sala de estar. Eu guardo-os no sótão para tipos como ele. Limpa-os e volta a guardá-los lá em cima. O que mais?

Tirei uma nota de vinte dólares do balde.

– No autoclismo de Dora.

Willie revirou os olhos.

Retirei um isqueiro de prata do balde.

– Na mesa de cabeceira de Sweetie.

– Bem feito. Pertence a um advogado da zona alta da cidade. Um imbecil. Acha que é muito esperto. Não percebe a diferença entre mijo e perfume. Vou divertir-me muito a devolver-lho. Talvez passe por casa dele à hora do jantar.

– E isto. Encontrei-o lá em cima no corredor – concluí, mostrando uma bala.

Willie estendeu a mão.

– Recebeu a visita de algum dos banqueiros ontem à noite? – perguntei.

– Isto não é da arma de um banqueiro – disse Willie. – É para uma calibre 38.

– Como é que sabe?

Willie meteu a mão debaixo da almofada e tirou uma arma. Com um movimento rápido do pulso, abriu o tambor, enfiou a bala numa câmara e voltou a fechar o tambor. – É assim que eu sei. Vai chamar a tua mãe.

– Ela não está cá – respondi. – A cama está vazia e o cinto de ligas não está na cadeira.

– É mesmo mentirosa. Disse que não estava a sentir-se bem. Ela trouxe aquele saco de lixo para minha casa. Não recebi notícias do Frankie. Alguém viu o Cincinnati ontem à noite? – perguntou Willie.

– Eu não sei. Por momentos pensei que ele tinha entrado lá na loja, mas era apenas o Patrick. Pregou-me um susto dos diabos.

– O Patrick, pois! Ele não é nada parecido com o pai, isso é certo. Como é que está o Charlie?

– A dizer insanidades. Tenho tanta pena do Patrick. Vou passar lá hoje – disse-lhe.

– O Charlie não é louco. Só não joga com o baralho todo, mas isso acontece a muita gente. Aconteceu ao pai do Charlie. – Willie suspirou. – Mas não te ponhas a dizer que ele é louco, senão é levado para a ala psiquiátrica do Charity Hospital. Não posso deixar que isso aconteça. Não a um homem tão bom como o Charlie. Ele acolheu-te quando nenhum de nós se deu ao trabalho. Toma – disse Willie, atirando-me a nota de vinte dólares do autoclismo de Dora. – Compra-lhe alguma comida ou o que ele precisar. Diz-me se ele quiser que lhe mande uma das meninas.

Fiz que sim com a cabeça. Charlie tinha sido bom para mim. Certo dia, quando eu tinha catorze anos, disse a Charlie que odiava a minha mãe.

– Não a odeies, Jo – disse-me ele –, tem pena dela. Ela não é tão inteligente como tu. Não nasceu com uma bússola como a tua, por isso anda por aí perdida, aos encontros a qualquer parede. Isso é triste. – Eu entendi o que ele quis dizer, e isso fez-me olhar para a minha mãe de maneira diferente. Mas não haveria algum tipo de regra que dissesse que os pais tinham de ser mais espertos do que os filhos? Não me parecia justo.

– O que mais é que eu não sei? – perguntou Willie.

– A Evangeline está a dar as últimas e a Dora voltou a rasgar o vestido de veludo junto aos seios. Eu ainda tenho quartos para limpar, e isso é tudo o que sei por agora.

– Voltou a rasgar o vestido? Aquelas coisas parecem melancias. OK, a Evangeline fica de molho durante cinco dias. Diz-lhe que se mude lá para cima para o sótão. Pede à Sadie que cosca o vestido. Agora sai. Quero ler o jornal.

Anuí e peguei no balde para sair.

– Willie, houve um homem de Memphis que apareceu lá na livraria ontem. Alto, disse que era arquiteto e que tinha sido jogador da Vanderbilt.

– Um tipo de boa aparência, com um fato e relógio caros? – perguntou Willie, sem olhar para mim. Bebeu um gole de café e abriu o jornal.

Senti o coração apertado.

– Sim, é ele. Veio cá? – perguntei.

– Não, não esteve aqui.

Graças a Deus. Forrest Hearne não parecia ser desse tipo.

– Mas já ouviu falar dele? – quis saber.

– Sim, ouvi falar dele – respondeu Willie. – Está morto.

— Ninguém fala de nada – disse Cokie –, nem mesmo o Frankie. É assim que se sabe que alguma coisa está errada.

– A Willie disse que não sabia detalhes, apenas que estava morto – contei a Cokie, no passeio. – Ela não quis falar sobre o assunto. Disse que não era da conta dela. – Pus os olhos no chão. Não podia acreditar que Forrest Hearne, o homem encantador do Tennessee, estava morto. – Quem te contou? – perguntei a Cokie.

– Encontrei o Eddie Bones ontem à noite. Parecia que tinha visto um fantasma. Perguntei-lhe o que tinha acontecido e ele disse-me que um empresário endinheirado tinha morrido ali mesmo à mesa do clube às quatro da manhã.

Eddie Bones era o líder da banda no Sans Souci, um clube da Bourbon Street.

– Então alguém o matou a tiro no clube? – perguntei.

– O Bones não disse nada sobre haver uma arma – respondeu Cokie.

– Bem, com certeza não tombou simplesmente da cadeira. Não viste o homem, Coke. Era um verdadeiro cavalheiro, com ar saudável e forte. Não parecia ser alcoólico nem drogado. Estava na cidade para o Sugar Bowl. Mas tinha dinheiro, muito dinheiro, e de repente está morto? Onde está o Eddie Bones agora?

– A caminho de Baton Rouge – disse Cokie. – Disse que tinha um espetáculo lá.

– Vai-se embora da cidade? Como é que vamos descobrir o que aconteceu?

– Porque estás tão curiosa? – quis saber Cokie. – Não é a primeira vez que alguém morre no Bairro.

– Eu... só preciso de saber. Onde achas que Mister Hearne está agora?

– Calculo que esteja no médico-legista.

Um forte estrondo retumbou do outro lado da rua. Olhei para cima e vi Jesse Thierry na sua moto. Dirigiu-me um aceno de cabeça e respondi com o mesmo gesto.

Cokie acenou-lhe.

– Deixa lá isso agora. Não é maneira de passar o Ano Novo. Entra no táxi antes que a tua mãe apareça, acompanhada daquele canalha do Cincinnati, e que o inferno comece.

– Cokie, preciso que vás ao médico-legista descobrir o que aconteceu – disse-lhe.

– E por que diabos é que ele me iria contar alguma coisa sobre um ricalhaço morto?

– Podes dizer-lhe que a Willie quer saber – sugeri.

– Josie, perdeste a cabeça. Vais meter-te em sarilhos. Entra no táxi. Levo-te até casa do Marlowe. Esse pobre homem precisa de um bom prato de feijão-frade para dar as boas-vindas ao Ano Novo.

Fiquei a olhar pela janela enquanto Cokie me levava até casa de Patrick. O Sans Souci não era exatamente um estabelecimento requintado. O proprietário era um vigarista e tinha alternadeiras ao seu serviço. As miúdas, como a irmã de Dora, agiam como clientes normais, mas, na verdade, recebiam uma comissão do clube. Conversavam com os clientes, incentivando-os a comprar bebidas caras ou garrafas de champanhe. Quanto mais bebidas o cliente comprasse, mais dinheiro as meninas

faziam.

Um verso de Keats ecoou na minha cabeça. «Uma coisa bela é alegria perpetuada... jamais será aniquilada». Não. Algo não estava certo.

Cokie deixou-me em frente à casa verde-clara de Marlowe, rodeada pelo gradeamento preto com remates em flor de lis. Eu achava-a linda. Patrick não a suportava. Dizia que estava tão fora de moda que era embaraçoso. Ultimamente, o interior cheirava um pouco a pessoa de idade, mas nunca mencionei tal coisa a Patrick.

Ouvi o piano ao aproximar-me da porta. Parei e inclinei-me sobre o varandim para escutar. Patrick era tão expressivo a tocar que muitas vezes eu aprendia mais sobre ele pela forma como tocava do que pelas coisas que me dizia. Apesar da nossa amizade, houve sempre uma pequena barreira entre nós. Nunca consegui descobrir se tinha sido eu a erguê-la ou Patrick. Esta manhã, ele estava a tocar Rachmaninoff, *Rapsódia Sobre um Tema de Paganini*. Estava feliz, em paz. Espantava-me como algumas pessoas eram capazes de tocar um instrumento e criar algo tão belo, quando outros – como eu – tentavam e o que saía era puro ruído distorcido. Bati à porta e o piano parou abruptamente.

– Feliz Ano Novo! – disse eu, levantando um saco que tinha preparado na cozinha de Willie.

O cabelo loiro brilhante de Patrick estava desgrenhado, e ele ainda tinha marcas de batom no rosto.

– Ah, agora percebo porque estás a tocar uma peça romântica de Rachmaninoff. Recebeste um monte de beijos à meia-noite, não foi? – perguntei, empurrando-o para entrar em casa. Algo nas marcas de batom me deixou incomodada.

– Não, foi depois da meia-noite. Acho que as pessoas sentiram pena de mim por causa disto. – Patrick virou o lado esquerdo do rosto. Um grande hematoma cor de ameixa e inchado espalhava-se desde a têmpora até ao couro cabeludo.

– Patrick! O que aconteceu?

– O que aconteceu? Tu acertaste-me com um livro, não te lembras?

Fiquei sem ar.

– Oh, Patrick, peço imensa desculpa.

– Está tudo bem. Eu disse a toda a gente que foi por bater num ladrão que tentava assaltar uma senhora na Bourbon Street – afirmou Patrick. – Sou um herói.

Patrick era um herói, pelo menos para mim. Quando ele tinha seis anos, a mãe abandonou Charlie e fugiu para as Índias Ocidentais para se casar com um barão do açúcar. Charlie ficou de rastos, mas assumiu a responsabilidade por Patrick e educou-o bem. Ao contrário de mim, Patrick não guardou nenhum ressentimento contra a mãe, apenas encolheu os ombros e disse que entendia. Estava ansioso por poder viajar para as Índias Ocidentais para a ver. Charlie tratava Patrick mais como um colega do que como um filho. Construíram o negócio juntos e pouco tempo antes ainda trabalhavam lado a lado todos os dias.

Mr. Marlowe estava sentado na sala de estar numa cadeira perto da janela, agarrado a uma caixa já muito gasta em forma de coração, que um dia contivera chocolates do Dia dos Namorados.

– Esta é nova – sussurrei para Patrick.

– Não sei de onde veio, mas ele não a larga – disse Patrick. – Até dorme com ela. Mas eu não me importo. Pelo menos fica sossegado.

Poucos meses antes, o pai de Patrick passara por uma fase em que se levantava a meio da noite e tentava sair do apartamento de pijama. Patrick instalara fechaduras na porta que só podiam ser abertas com uma chave, mas então Mr. Marlowe tentara sair por uma janela. Willie arranhou um

medicamento, receitado pelo Dr. Sully, que ajudou, mas agora Mr. Marlowe raramente falava.

– Feliz Ano Novo, Charlie! – disse eu, curvando-me e pousando a mão no joelho dele.

Os seus olhos azuis leitosos deslocaram-se lentamente até ao meu rosto. Olhou para mim com uma expressão tão vazia que me perguntei se estaria realmente a ver-me. Apertou a caixa de cetim cor-de-rosa contra o peito e virou a cabeça.

– Sabes o que tem a caixa? – perguntei a Patrick.

– Não faço ideia. Como te disse, ele não me deixa sequer aproximar. Hoje nem consegui penteá-lo. Olha para ele. Parece o Albert Einstein.

– Não te preocupes. Eu penteio-lhe o cabelo.

Passei da sala de estar para a cozinha, cruzando o grande arco. Acenei com a nota de vinte dólares a Patrick e coloquei-a debaixo da lata de biscoitos na prateleira por cima da bancada.

– Da Willie, com uma passagem pelo autoclismo da Dora.

– Estava assim tão mau esta manhã?

– Não estava horrível – respondi, servindo-me de café e abrindo o saco que trouxera. – Chão pegajoso. A Evangeline estava de mau humor e atirou-me com um sapato. Vai ficar no sótão durante cinco dias.

– Pela tua expressão achei que era uma coisa muito má – disse Patrick, inclinando a cadeira da cozinha para trás.

– Há uma coisa muito má – disse baixinho, olhando-o por cima do ombro do sítio junto ao fogão. – Muito má.

– O quê?

– Lembras-te daquele homem simpático de Memphis que entrou na loja ontem?

– Claro. O jogador de futebol e poeta rico – disse Patrick.

– Sim, esse. – Virei-me e encarei-o. – Está morto.

Patrick endireitou-se na cadeira, deixando-a bater contra o chão.

– O quê?!

Levei o café para a mesa e sentei-me.

– Morreu no Sans Souci ontem à noite.

– Onde é que ouviste isso? Eu não ouvi nada.

– A Willie contou-me, mas disse que não sabia pormenores. Eu não queria acreditar. O Cokie falou com o líder da banda, e ele disse que Mister Hearne simplesmente caiu para o lado à mesa e morreu.

Patrick cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha desconfiada.

– Exatamente. O homem não parecia são como um pero?

– Pois claro que sim! – respondeu Patrick. – Tinha ar de ainda ser jogador da Vanderbilt. Ele chegou a comprar alguma coisa ontem?

– Keats e Dickens. O homem tinha um enorme maço de notas, um relógio *Lord Elgin* e uma caneta de pena das caras.

– Keats e Dickens, hein? – comentou Patrick. – Isso não soa a um homem cheio de problemas – disse, afastando-se de mim. – É uma pena. Parecia ser um homem tão bom.

Concordei com a cabeça.

– Obrigada por me teres ajudado naquela conversa sobre a faculdade. Teria ficado muito envergonhada, depois de ele ter partido do princípio de que eu frequentava a Newcomb.

– Mas é verdade, Jo. Tu podes escolher à vontade. Até mesmo a Newcomb da Tulane.

Olhei para os meus dedos em torno da chávena de café quente. Patrick tinha-me dito que eu poderia obter uma bolsa de estudos de qualquer uma das faculdades locais. Mas eu detestava a ideia de me cruzar com as mesmas pessoas do liceu, de ser a pessoa cuja mãe era uma prostituta que andava nua por baixo de um casaco de peles. Nunca teria hipótese de ser uma pessoa normal.

Willie dizia que ser normal era uma chatice e que eu deveria agradecer por ter algum condimento. Dizia que ninguém reparava em pessoas chatas e que, quando morriam, eram esquecidas, como algo que cai para trás da cómoda. Às vezes eu queria cair para trás da cómoda. Ser normal soava-me a algo maravilhoso.

– Mister Vitrone morreu – disse Patrick, apontando para as páginas de obituários espalhadas sobre a mesa da cozinha. Patrick passava a pente fino as mortes diariamente, à procura de pistas sobre livros ou coleções raras que pudessem estar para venda. – Ele tinha uma bela coleção de Proust. Acho que vou dar os meus sentimentos à esposa e ver se consigo comprá-la.

Assenti com a cabeça.

– O que andavas a fazer com alguém da Doubleday? – perguntei.

– Encontrei-o na festa da Fabert. Começámos a picar-nos sobre quem tinha o inventário mais diversificado – respondeu Patrick.

– Uma discussão sobre o inventário? A Doubleday tem muito mais livros – disse eu.

– Eu sei. – Patrick riu-se. – Foi a autoconfiança do líquido, acho.

– Sim, cheiravas a destilaria. E não gostei nada que me envergonhasses à frente dele.

– E que andavas tu a fazer, a vaguear pela livraria em camisa de dormir? – ripostou Patrick. – Comportaste-te de maneira tão estranha, como se estivesses com medo de nós.

– Tinha-me esquecido do meu livro na loja e fui buscá-lo. Tiveste sorte de eu não ter a minha arma, especialmente depois do comentário acerca do meu cabelo.

– Para uma miúda que lê a página do social, surpreende-me que não tenhas notado que todas as queques da alta sociedade agora usam risca ao lado. Ficava-te bem, ia salientar o formato do teu rosto. Vamos lá, é Ano Novo. Altura de uma pessoa se reinventar – disse Patrick. – É verdade, vi a tua mãe às seis da manhã, a andar em direção ao Roosevelt Hotel de braço dado com um tipo alto, vestido com um fato preto que não lhe assentava em condições.

– Ela viu-te? – perguntei.

– Não – respondeu Patrick. – O tipo tinha um ar abrutalhado, mas pareceu-me conhecido. Sabes quem era?

– Não faço ideia – respondi, olhando para a chávena de café.

O dia 2 de janeiro era sempre tranquilo na livraria. As pessoas estavam demasiado cansadas para sair, ou tinham gastado muito dinheiro nas compras de Natal para pensar em comprar livros. Eu e Patrick passámos o tempo entretidos com um dos nossos jogos. Dávamos um ao outro a hipótese de escolher entre dois personagens literários com qual casaríamos. Estávamos horas nisto, muitas vezes desatando à gargalhada quando as escolhas eram pouco agradáveis.

– Darcy ou Gatsby? – disse Patrick.

– Oh, essa é fácil. Não consegues fazer melhor do que isso? – brinquei. – É demasiado óbvio. Darcy.

– Não percebo porque é que as mulheres gostam tanto dele. Ele é tão reprimido. O Gatsby tem estilo.

– Ele não é reprimido. É tímido! – insisti.

– Olha, está ali uma – disse Patrick, apontando com os olhos para a montra.

As gotas de chuva começaram a cair na calçada. Uma jovem atraente, com cabelo ruivo muito bem arranjado e uma camisola com um monograma encontrava-se do lado de fora da loja, olhando para os livros em exposição na montra.

– Romance – disse Patrick.

Eu abanei a cabeça, discordando.

– *Thrillers*.

A sineta tilintou, e a rapariga entrou na loja.

– Feliz Ano Novo – saudou Patrick.

– Ora, muito obrigada. Feliz Ano Novo – respondeu ela alegremente, numa cadência articulada.

– Podemos ajudá-la a encontrar alguma coisa? – perguntei.

– Sim, um livro para o meu pai. – Ela abriu a bolsa, remexendo lá dentro. – Tenho a certeza de que pus o papel aqui. – Começou a esvaziar o conteúdo da bolsa em cima do balcão. – Oh, isto é embaraçoso.

– Bem, certamente podemos encontrar alguma coisa do seu agrado – disse Patrick, lançando o isco.

– Talvez um romance, como *E Tudo o Vento Levou*.

Ela fez uma careta.

– Não, obrigada. Não é bem o meu estilo. Não tenho nada contra o *E Tudo o Vento Levou*, entenda-se. Na verdade, a autora frequentou a mesma faculdade que eu e seria um sacrilégio se eu não a adorasse.

– Margaret Mitchell? – questionei eu. – Em que faculdade estuda?

– Estou no primeiro ano do Smith College. Oh! Aqui está. – Abriu um pequeno pedaço de papel. – *Fabulous New Orleans*.

– De Lyle Saxon – assentiu Patrick. – Deixe-me ir buscá-lo. A prateleira do Louisiana é mesmo aqui em frente.

Smith College. Northampton, Massachusetts. Já tinha lido sobre essa faculdade na biblioteca. Era

uma das pertencentes às Sete Irmãs que, juntamente com a Vassar e a Radcliffe, era considerada uma das mais prestigiadas faculdades para mulheres no país. E, ao contrário do Louisiana, no Massachusetts não havia segregação.

A jovem olhou ao redor da livraria e respirou fundo.

– Este cheiro, eu adoro este cheiro, não gosta?

– Sim – concordei.

– Tem sorte em trabalhar aqui. Eu era capaz de viver num lugar como este.

– Na verdade, eu vivo – respondi.

– Vive? Onde? – perguntou ela.

– Num apartamento aqui por cima.

– Tem o seu próprio apartamento? – A rapariga olhou para mim com um misto de espanto e curiosidade. – Perdoe-me. Estou a ser muito mal-educada. – Estendeu a mão a Patrick. – Chamo-me Charlotte Gates.

Patrick sorriu perante o tom formal da apresentação.

– Patrick Marlowe.

– Marlowe. Sim, claro. A loja é sua.

A rapariga usava um colar de pérolas de cultura por baixo do colarinho branco redondo. Era sofisticada, mas tinha uma pitada de ousadia, algo geralmente ausente entre as debutantes de Nova Orleães.

– Charlotte Gates – disse ela, estendendo-me a mão.

Fiz uma pausa.

– Josephine Moraine – respondi.

Patrick tossiu. Eu fuzilei-o com o olhar.

– Josephine, que nome lindo! Sempre adorei o nome Josephine, desde que li *As Mulherzinhas*; eu simplesmente adorava a Josephine March. Oh, mas não corte o seu lindo cabelo castanho como fez a Jo March. O seu é tão bonito. Quem me dera que o meu cabelo ficasse bem assim com risca ao lado. E está imenso na moda.

– A Jo, isto é, Josephine, usou sempre o cabelo com risca ao lado – disse Patrick, reprimindo um sorriso.

Charlotte dirigiu um aceno de cabeça a Patrick.

– Algumas pessoas já nascem com estilo. A Josephine é, obviamente, uma delas.

Aquela mulher com uma linhagem da zona alta e que frequentava uma faculdade de elite tinha acabado de me dirigir um elogio genuíno. Abri a boca, depois fechei-a. Não sabia o que dizer ou como reagir. Felizmente, Charlotte Gates continuou a divagar:

– Estou a formar-me em Inglês, e ainda assim não me canso de ler. Trabalhar numa loja como esta seria o céu!

– Oh, com certeza! É o céu – disse Patrick.

Charlotte sorriu.

– Josephine, os homens simplesmente não compreendem, pois não?

– Não – concordei. – Por exemplo, o Patrick perguntou-me se eu preferiria casar com Gatsby ou com Mister Darcy.

– Não, ele não fez uma pergunta dessas! Quem neste mundo escolheria Gatsby em vez de Darcy? – Charlotte aproveitou a deixa e virou-se para mim. – Josephine... Ethan Frome ou Gilbert Blythe, de

Ana dos Cabelos Ruivos?

– Oh, Ethan Frome – respondi muito depressa.

– Por pena – disse Charlotte, com um aceno de cabeça compreensivo.

– Talvez – concordei. – Mas Ethan Frome tinha uma profundidade oculta, algo à espera de ser desvendado. E aquele inverno frio e escuro da Nova Inglaterra, achei-o belíssimo – disse eu.

Charlotte entusiasmou-se.

– Passava-se no Massachusetts, sabia? E nesta altura está assim frio e neve.

– Soa lindamente – comentei, e estava a ser sincera.

Patrick revirou os olhos.

– Talvez Josephine deva considerar ir para o Smith College, então – disse com um riso meio abafado. – Ela não parece interessada nas escolas do Louisiana.

– Para com isso – murmurei.

– Está a candidatar-se a faculdades? – Charlotte debruçou-se sobre o balcão. – Oh, Josephine, considere o Smith College. Tem um legado literário extraordinário. Além de Margaret Mitchell, há um talento promissor chamado Madeleine L'Engle que se formou no Smith.

– O Smith College? Oh, não sei – disse eu.

– Porque não? É obviamente uma mulher bem-sucedida, praticamente a gerir uma livraria e a viver sozinha numa cidade singular e decadente como Nova Orleães. Tantas personagens excêntricas, nem consigo imaginar o que já viveu aqui – disse Charlotte com uma piscadela, continuando o incentivo: – Também temos algumas pessoas interessantes no Smith. Faço parte de um novo grupo no *campus*. Os Estudantes Progressistas. Promovemos oportunidades para as minorias e mulheres. Talvez tenha ouvido falar da república estudantil do Amherst College que perdeu a licença por ter aceitado um negro? Escrevemos aos nossos congressistas e fizemos manifestações de protesto.

Já tinha ouvido falar disso. Cokie mostrara-me o artigo no jornal. Várias faculdades do Leste apoiavam a decisão da Psi Phi em convidar um negro para a república. O Smith College era uma delas. Eu fiquei extasiada, mas não podia falar sobre essas coisas com a maioria das mulheres sulistas.

Charlotte inclinou-se mais sobre o balcão na minha direção e baixou a voz para um sussurro:

– Deixe-me apenas dizer-lhe: eu não tenho interesse nenhum em tricotar meias de losangos. E aqueles livrinhos sobre servidão doméstica? Direitinhos para o lixo.

Patrick desatou à gargalhada e apontou para mim.

– Ela tentou convencer o meu pai a não trazer essas brochuras para a loja.

– Obviamente – disse Charlotte. – Ela é uma mulher moderna. Josephine, realmente deve pensar em ir para o Smith. Deixe-me enviar-lhe algumas informações.

Charlotte anotou o endereço da livraria e falou sem parar sobre a faculdade, o *campus*, os professores e como seríamos inseparáveis se eu estivesse em Northampton. Charlotte era membro do clube de esgrima e do aeroclube do Smith College e até tinha licença de piloto. Conversámos durante uma hora até chegar a hora de ela ir ter com os pais ao hotel.

– Eu sei que é muito em cima da hora – disse Charlotte –, mas os meus tios organizaram uma pequena festa hoje à noite para os meus pais. Eles vivem na zona alta da cidade. Adoraria se viessem os dois.

– Na zona alta? – perguntei muito depressa.

– Oh, sim, eu sei, eles são ridiculamente formais. Mas venham, e daremos umas boas risadas às

custas de todos. Venha, Josephine!

– Eu? Numa festa da alta? – Fiquei de boca aberta.

– Claro, adoraria – disse Patrick, entregando a Charlotte o livro que ela comprara para o pai. – Basta dar-nos o endereço. – Enquanto Charlotte anotava o endereço, Patrick fez-me sinal para fechar a boca.

– Até logo à noite! – Charlotte saiu apressada da loja, sorrindo e acenando da rua molhada.

– Enlouqueceste? Uma festa na zona alta? – disse.

– Porque não? Acho que tu és a única que é louca, *Jooosephine* – troçou Patrick. – Desde quando?

– Bem, Josie é praticamente um diminutivo de Josephine e Josephine é muito mais... sei lá...

Josie soava a apelido de mau gosto. Porque não poderia a mãe ter-lhe dado o nome Josephine?

– Parece que fizeste uma nova amiga – disse Patrick.

– Gostei dela. É inteligente.

Charlotte era *mesmo* inteligente. Até sabia pilotar um avião. E também era espirituosa e divertida. E parecia ter gostado realmente de mim. Na verdade, parecia impressionada comigo. Uma pontada de felicidade atingiu-me o peito. Charlotte vivia do outro lado do país. Ela não conhecia a minha mãe, a Willie, quem eu era ou de que mundo eu vinha.

– Ela queria mesmo que fosses para o Smith College.

– Sim. Parece ser maravilhoso, não achas? Quem sabe, talvez eu goste da ideia de ir para lá estudar – respondi eu a Patrick.

– Pois, eu também gostava muito de ir para a Juilliard School, mas não vejo tal coisa a acontecer. Mas, enquanto isso, que ótima ideia tiveste de fazer risca ao lado no cabelo!

Amassei uma folha de papel e atirei-lha.

Patrick saiu para visitar a viúva Vitrone e aproveitar para fazer negócio com a coleção de Proust. Empurrei o carrinho de livros por entre os corredores, colocando nas prateleiras os novos títulos que havíamos recebido na semana anterior. Patrick era responsável pela compra e pela definição de preços. Eu, pela organização. Era o nosso sistema há anos. Coloquei o novo romance de Candace Kinkaid, *Rogue Desire*, no sítio devido. Como é que ela se lembrava de títulos tão maus? Imaginar títulos maus podia ser um jogo divertido entre mim e Patrick... ou talvez até entre mim e Charlotte.

Porque não poderia eu ir para o Smith College? Tinha terminado a escola secundária com a nota máxima a quase todas as disciplinas e fizera as provas de admissão porque me parecera divertido. É verdade que a minha experiência extracurricular se limitava a fazer limpezas num bordel e a passar o tempo com Cokie, não exatamente algo que desejasse incluir numa candidatura à universidade. Mas eu tinha muita experiência de trabalho na livraria e lia, em média, pelo menos cento e cinquenta livros por ano. Era razoavelmente versada em todos os assuntos.

O que diriam as colegas do liceu (aquelas com dois pais e fundo fiduciário) quando me cruzasse com elas nos armazéns Holmes? «Ai, desculpem, estou cheia de pressa», diria eu. «É que vou para o Smith College no outono e vim cá buscar as minhas camisolas com monograma. Como? Sim, o Smith College, no Leste. Sabem, não achei os programas das universidades do Sul suficientemente estimulantes.»

Mal podia esperar para receber as informações que Charlotte prometera enviar. Planeava fazer uma lista de todas as minhas dúvidas e voltaria à biblioteca para ler mais sobre a faculdade.

A sineta tilintou na altura em que me esticava para chegar à prateleira de cima.

– Só um momento – disse eu em voz alta. – Sacudi o pó das mãos, ajeitei a madeixa de cabelo na testa e fui atender o cliente.

– As minhas desculpas, eu estava...

Parei de repente. Cincinnati estava encostado à estante em frente, de cigarro pendurado na boca. O casaco preto ficava-lhe grande, caído sobre os ombros delgados. A antiga elegância tinha apodrecido, como fruta má. Os olhos cinzentos eram ainda fendas estreitas, condizentes agora com a cicatriz prateada que lhe atravessava a cana do nariz. Ficou a olhar para mim um momento e depois aproximou-se.

– Ora, vejam só! Quase não te reconheci. Cresceste um bocado, não foi? – Ele olhou para a minha blusa, rolando o cigarro entre os lábios. – Também abres as pernas para a Willie?

– Não – apressei-me a dizer.

– Que pena! – Esmagou o cigarro contra a lateral da estante e aproximou-se ainda mais. – Olha que até era capaz de te experimentar – disse ele, inclinando-se na direção do meu rosto –, visto que temos umas contas a acertar.

– Não sei do que estás a falar. – Podia sentir a minha pistola, amarrada à perna direita debaixo da saia. Só precisava de uma oportunidade para a alcançar. Mas levantar a saia não parecia sensato, tendo em conta as circunstâncias.

– Não sabes do que estou a falar? – zombou Cincinnati, levantando a mão esquerda e mostrando uma mancha vermelha lustrosa. – Foi uma bruxinha que me queimou, queimou-me a sério. E uma bruxa velha deu-me um tiro na perna. Sabes como é ser queimada, menina? – Deu um passo na minha direção. – Queres experimentar? Aposto que sim. Aposto que és como a tua mãe.

– Não sou nada como a minha mãe – protestei, afastando-me das estantes em direção ao centro da loja, para ficar visível da montra.

– Estás a fugir de fininho? Estás com medo de mim, Josie Moraine? Estás com medo de que eu te corte em pedacinhos e te atire para os pântanos do Marcello? – Riu-se, mostrando os dentes de baixo manchados de tabaco. Agarrou-me pelo pulso, puxando-me para ele. – Serias um pitéu para os aligátores.

A porta da loja abriu-se.

– Tira as mãos de cima dela! – ordenou Cokie, empunhando uma barra de ferro de desmontar pneus.

Cincinnati mal olhou para Cokie.

– Mete-te na tua vida, velhote!

– Vou meter é este ferro na tua cabeça. – Cokie levantou a barra de ferro. – Já te disse para tirares as mãos de cima dela.

Cincinnati soltou-me o pulso. – OK, já percebi. Ela pertence-te. Mantém-la trancada nesta livraria e vens cá saltar-lhe em cima quando te apetece.

– Não é isso que se passa – disse Cokie.

– Ai, não? Então como é? – perguntou Cincinnati, movendo-se em direção a Cokie, provocador. – Olha bem para ti. Não consigo perceber se és mais creme ou mais café. Não, espera, deixa-me adivinhar. A tua avó era uma criada toda jeitosa que foi deitada abaixo pelo patrão, não é?

Clic, clic.

Cincinnati rodou nos calcanhares.

– Pronto, tudo bem – disse ele, levantando as mãos com descontração –, não é preciso ficares assim toda brava, Josie.

– Brava Josie... gosto da maneira como soa. – Agarrei na arma com as duas mãos, tal como Willie me tinha ensinado. – Porque não saís daqui antes que passe de brava a doida?

Cincinnati riu-se.

– Vai com calma, miúda. Só vim cá para te dar um recado da tua mãe.

– Era isso que estavas a fazer? A dar-me um recado? – indaguei eu, mantendo a arma apontada e forçando-o em direção à porta.

– Sim, a tua mãe disse para ires ter com ela ao Meal-a-Minit às três horas. Tem uma coisa para te dizer. – Cincinnati tirou um cigarro e acendeu-o lentamente, apenas para me mostrar que a minha arma não o incomodava nem um pouco.

Os olhos de Cokie pareciam moedas, de tão arregalados. O ferro tremia-lhe ligeiramente na mão. Tinha pavor de armas.

– Estás toda jeitosa, Josie – disse Cincinnati. Apontou-me o cigarro. – Estou ansioso por te ver outra vez. – Empurrou Cokie e saiu da loja.

– Ai Jesus, esconde essa coisa antes que alguém da rua te veja – disse Cokie.

Baixei os braços, incapaz de relaxar a mão que segurava a arma.

– Estás bem? – perguntou Cokie. – Ele não te magoou, pois não?

Abanei a cabeça, conseguindo finalmente respirar.

– Obrigada, Coke. Estavas a segui-lo?

– Tenho os meus olheiros por aí. O Frankie disse-me que o viu a vir nesta direção quando saiu do Roosevelt Hotel. Não sei porque é que a tua mãe se mete com este homem. Ele é ruim, vê-se-lhe nos olhos.

Ele tinha razão. Havia alguma coisa gelada, morta, em Cincinnati. Expirei profundamente e comecei a aliviar a pressão dos dedos.

– Cokie, conseguiste ir ao médico-legista? – perguntei.

– Jo, o que se passa contigo, menina? Ainda há trinta segundos tinhas uma arma apontada a um criminoso e agora perguntas-me sobre o homem morto de Memphis? Que história é essa?

Qual *seria* a história? Forrest Hearne era um mistério, como olhar para o fundo de um poço escuro. Mas, no mais fundo das minhas entranhas, eu sabia. *David Copperfield*. Algo não batia certo.

– Não há história. Ele esteve cá na loja na passagem de ano e eu conheci-o, só isso. Era um homem muito simpático, e agora está morto. E então, falaste com o médico-legista?

– Sim. Falei com o doutor Moore pessoalmente – disse Cokie. – E tive de fazer horas do lado de fora até que ele saísse para o almoço. Não ia entrar na morgue com todos aqueles cadáveres. Ele não ficou nada feliz por me ver. Disse que era um homem muito ocupado...

– E?

– O doutor Moore disse que o homem rico de Memphis morreu de ataque cardíaco.

Abanei a cabeça.

– Não.

– Mas, Josie, foi o que o homem disse, o legista.

A porta foi escancarada com um ruído alto. Saquei da minha arma e Cokie virou-se, erguendo a barra de ferro.

Patrick deu um salto para trás, olhando para o ferro e depois para a minha arma.

– O que foi? É só Proust – disse ele, segurando uma grande caixa de livros.

Sentei-me no sofá de vinil no Meal-a-Minit, de frente para a porta. O *snack-bar* tinha ar condicionado no verão, mas agora o ar estava pesado e o suor escorria-me por trás do joelho até à barriga da perna, colando-se ao vinil. Detetei uma queimadura de cigarro no vinil vermelho e fiquei a ver a ventoinha de teto girar, deixando a visão turvar-se nas lâminas rotativas. Willie tinha enviado um bandido chamado Sonny sentar-se na mesa privada em frente à minha. Ele estava a ler um jornal. Não achava que Cincinnati viesse com a minha mãe, mas não podia ter a certeza. Cheguei dez minutos antes da hora. A mãe estava vinte minutos atrasada. Típico.

Jesse Thierry estava sentado na mesa oposta à minha. Deixou cair algumas moedas na mesa.

– Obrigada, querido – disse a empregada de mesa. – Manda cumprimentos meus à tua avó.

Jesse assentiu. Pelo canto do olho vi-o a vestir o casaco de cabedal para sair. Ele reparou que eu estava a olhar e sorriu.

– Feliz Ano Novo – disse Jesse. Acenou e saiu do *snack-bar*.

Um homem gordo de rosto corado que ia a passar parou à minha frente.

– Olá, Josie. Lembras-te de mim?

Walter Sutherland. Era contabilista numa fábrica de caixas de fósforos e um dos homens que, por vezes, passava a noite na casa de Willie. Já o tinha encontrado uma ou duas vezes de manhã. Ele tinha uma maneira de me olhar que me fazia desejar ter um casacão de inverno vestido.

– Olá – respondi, evitando fitá-lo diretamente nos olhos.

– Estás sozinha? – perguntou ele.

– Estou à espera da minha mãe – disse-lhe.

– Oh! Tu... – baixou a voz – já estás a trabalhar?

Virei-me para o encarar.

– Não.

Ele olhou para mim, ajeitando o cinto das calças enquanto mordida o lábio inferior.

– Avisas-me se começares, não avisas? Quero ser o primeiro – sussurrou.

– Eu não vou trabalhar na casa da Willie.

– Bem, não tem de ser na Willie. Eu sei que deves ter uma vida difícil, Josie. Se precisares de dinheiro, é só dizeres. Podemos pensar num arranjo simpático. Eu pagaria uma boa maquia para ser o primeiro. – Limpou a testa suada. – E eu não ia dizer a ninguém. Podia ser o nosso segredo, Josie.

– Põe-te a milhas, badocha – disse Sonny da outra mesa.

Walter desapareceu num piscar de olhos, fugindo como um esquilo assustado, passando pela minha mãe à saída.

A minha mãe usava um vestido vermelho novo e joias que eu não conhecia. Deslizou para o assento, rindo.

– Walter Sutherland. Que velho ordinário e patético. É lento, meloso e depois quer que o abracem toda a noite, enquanto ele chora. Ainda bem que nunca me escolheu. Mas é cheio de dinheiro. Normalmente vai com a Sweetie. Ela saca-lhe uma boa quantia.

Eu assenti com a cabeça.

A mãe olhou para o próprio pulso, admirando a pulseira de diamantes.

– Mudaste de penteado, querida. Fica-te muito bem.

– Obrigada. Também estás muito bonita. Vestido novo?

– Sim. O Cinci vai levar-me a jantar esta noite ao Antoine's. Sabes como eu adoro o Antoine's. Há anos que não vou lá.

Senti um gosto amargo na boca. O pensamento de a mãe ir jantar com Cincinnati ao Antoine's era revoltante. E se uma das clientes reconhecesse as joias roubadas na mãe?

– A noite de Ano Novo foi uma verdadeira festa este ano. Divertiste-te?

A mãe dissera a Willie que não se sentia bem na noite da passagem de ano. Agora estava a dizer que se tinha divertido à grande.

– Sim – respondi. – Fiquei em casa, a acabar de ler um livro.

A mãe revirou os olhos.

– É melhor começares a levantar o nariz dos livros e a viver a vida, Jo. Daqui a um par de anos já passaste a tua primavera. Serias uma beleza se usasses um pouco mais de maquilhagem e um *soutien* melhor. Eu era um espanto na tua idade... até tu nasceres.

A empregada veio à nossa mesa e a mãe pediu um chá doce. Por cima do ombro dela vi Sonny, ainda com a cabeça enfiada no jornal. O cinzeiro já transbordava de pontas de cigarro.

– Mãe, estive a pensar... porque é que me chamaste Josie em vez de Josephine?

– De que é que estás a falar? O nome dela não era Josephine.

– O nome de quem? – perguntei.

A mãe tirou um espelhinho da bolsa para inspecionar o batom.

– Além do mais, não ficas feliz por eu não te ter chamado Josephine? Soa a nome de lavadeira velha e gorda. Josie é muito mais *sexy*.

Mais *sexy*. Passei os olhos pelo *snack-bar* e vi uma mãe sentada ao lado da filha numa outra mesa, ajudando-a a ler o menu. Ela alisou o cabelo da menina e pôs-lhe o guardanapo no colo.

– Quem é que se chamava Josie? – perguntei.

– Josie Arlington. Há muitos anos, era a mulher com mais classe de Storyville. Tinha uma casa na Basin Street. A Willie estava sempre a falar dela, disse que morreu no Dia dos Namorados. Então, como nasceste no Dia dos Namorados, lembrei-me de Josie Arlington e chamei-te Josie em sua homenagem.

– Deste-me o nome de uma *madame* de bordel?

– Não era uma *madame* qualquer; era a *madame* com mais classe que já existiu. Era uma mulher inteligente. Com a tua cabeça, Jo, podias ser uma excelente *madame*.

– Não estou interessada, mãe. – A humilhação borbulhou dentro de mim. Imaginei-me a explicar a Charlotte Gates que o meu nome não provinha de uma personagem virtuosa da obra *As Mulherzinhas*, mas de uma mulher que vendia prostitutas por cinco dólares na Basin Street. E minha mãe achava que eu deveria sentir orgulho disso.

– Não ponhas esse ar arrogante, Jo. Achas o quê, que vais ser a Cinderela? – Inclinou a cabeça para trás e soltou uma risada. Feia. – Achas que a tua vida vai ser um conto de fadas, querida, como num dos teus livros?

A empregada trouxe o chá doce gelado à mãe. Eu sabia o que fazer. Sabia que devia ter terminado a conversa ali. Que devia ter saído. Em vez disso, fiquei ali sentada a olhar para ela, desejando que

ela pudesse ser como as outras mães, desejando que ela fosse diferente. Mas a minha mãe nunca iria mudar. Eu sabia disso.

– Então, o que me querias dizer? – perguntei.

– Nós vamos embora – disse a mãe.

– O que queres dizer com isso?

– Eu e o Cincinnati. – A mãe inclinou-se em direção à mesa. – Vamos para a Califórnia. Preciso que digas à Willie, mas espera até amanhã, depois de termos partido.

– Vão para a Califórnia. – Por alguma razão, não estava surpreendida.

Ela mexeu no cabelo.

– Está na hora de me pôr na alheta. Isto pode ser finalmente a minha oportunidade, ir para Hollywood.

A minha mãe era ridícula.

– Mãe, não acho muito sensato ires seja para onde for com o Cincinnati. Ele é perigoso. Bateu-te. Não quero que isso volte a acontecer.

– Oh, ele mudou, querida. Olha para a linda pulseira que me ofereceu. – Ela estendeu o braço.

– Isso que importa, mãe? Provavelmente é roubada.

– Não sabes o que estás a dizer.

– Talvez não, mas sei que és velha de mais para Hollywood.

Foi a gota de água. Eu tinha tirado o pé do travão e íamos a toda a velocidade em direção à escuridão. Em breve estaríamos ambas numa terrível confusão, esmagadas. A mãe debruçou-se sobre a mesa e agarrou-me no pulso.

– Eu *não* sou demasiado velha – disse ela entre dentes. – Tu tens é ciúmes e sabes disso. Tens muita sorte por não te ter atirado para uma lata de lixo, sua ingrata. Sacrifiquei tudo por ti, por isso não me digas o que sou.

Respirei fundo e tentei falar calmamente.

– Tu não queres dizer isso, mãe. Para. Estás a fazer uma cena. – Tentei libertar o meu braço do aperto da mão dela. – E estás a magoar-me.

– Estou a magoar-te? Oh, essa é boa! Tu é que arruinaste o meu corpo e me fizeste marcar passo durante os melhores anos da minha vida. Eu poderia ter sido famosa. E dizes que eu é que te estou a magoar? – A mãe soltou-me o braço, empurrando-o para longe. Recostou-se no assento e começou a remexer na carteira. Tirou um pequeno frasco e bebeu um gole. – Esta é finalmente a minha chance, Jo, e vou aproveitá-la.

– Tudo bem, aproveita.

– Acho que não estás a perceber. Não esperes que eu volte.

– Eu entendo. Eu só gostaria que fosse com outra pessoa, não o Cincinnati. Ele é um reles criminoso, mãe. Não devias querer meter-te nesse mundo.

– Não sabes nada sobre ele. – Tirou um enorme maço de notas da carteira e atirou uma para cima da mesa. – Toma. Este é por minha conta.

Quanta generosidade. Eu não tinha pedido nada.

A mãe levantou-se e alisou o vestido.

– Não te esqueças de dizer à Willie. Vou tentar escrever, mas o mais provável é estar muito ocupada. – Colocou a mão sob os cachos de cabelo e afofou-os um pouco. – Talvez leias notícias minhas nos jornais! – Atirando um beijo para o ar na minha direção, saiu.

Fechei os olhos e cerrei os dentes, na esperança de impedir quaisquer lágrimas que pudessem querer formar-se. Trauteei a peça de Rachmaninoff que Patrick costumava tocar e senti os ombros descontraírem. Visualizei o tronco dele balançando sobre as teclas de marfim, o pai novamente saudável, de pé a escutar junto à porta. Vi Charlotte sorrindo e acenando-me na rua e, de repente, veio-me a imagem de Forrest Hearne, desesperado, murmurando o meu nome e agitando no ar o livro de Keats que tinha comprado. Sobressaltei-me com a imagem de Hearne e abri os olhos. Sonny estava a olhar para mim. As luzes fluorescentes zumbiam e a ventoinha suspensa no teto rangia.

Entrei sorrateiramente pela porta de trás da casa de Willie, vestida para a festa de Charlotte. As gargalhadas de Dora ecoavam da cozinha enquanto eu atravessava, apressada, o corredor das traseiras. Só precisava de cinco minutos para passar a ferro a minha blusa de linho bege. Não podia usá-la para a festa toda amarrotada. Como não tenho ferro de engomar, geralmente passava as minhas roupas a ferro de manhã em casa de Willie. Achei que conseguia entrar e sair antes que alguém me visse.

Empurrei a porta da lavandaria, surpreendendo Sweetie, que usava um vestido de cerimónia de *chiffon* cor de pêssego e conversava com Sadie. Sweetie parou a meio da frase. Viraram-se as duas para mim de olhos arregalados.

– Jo, o que estás aqui a fazer? – perguntou Sweetie, a voz cheia de preocupação. Sadie ficou a olhar para mim de boca aberta.

– Eu... eu vou a uma festa e preciso de passar a ferro a minha blusa – gaguejei.

– Que tipo de festa, querida? – quis saber Sweetie, ainda de olhos fixos em mim.

– Na zona alta da cidade – disse eu. – De uma rapariga que conheci na livraria. Preciso de me apressar.

Os ombros de Sadie relaxaram.

– Na zona alta? Bem, que divertido, Jo. Despacha-te e tira a blusa. O ferro está quente. Sadie, tira daí a faixa do meu vestido. Vamos passar a ferro a blusa de Jo para que ela possa ir para a festa – disse Sweetie, gesticulando os braços delgados. Até a maneira como Sweetie se mexia era delicada e adorável, como uma bailarina. O fino tecido cor de pêssego flutuava à volta do seu corpo ao dar-me passagem. Não conseguia imaginá-la com o obeso e suado Walter Sutherland. Afastei o pensamento.

Desabotoei a blusa e fui até à tábua de passar a ferro. Sadie levantou a mão e pegou na blusa.

– Obrigada, Sadie.

– Então, com quem é que vais à festa? – perguntou Sweetie.

– Uma festa? – bradou Dora, irrompendo pela porta, vestida com um roupão de cetim verde e chinelos com penas a condizer. Numa mão segurava uma chávena de café e na outra balançava um cigarro. A maquilhagem fora aplicada recentemente e o cabelo ruivo estava puxado para cima com rolos. – E então? Quem é que vai a uma fes... Jo, o que estás aqui a fazer? – Dora olhou-me de cima a baixo, analisando a minha camisola de alcinhas, o cabelo penteado e o batom. – Ora, ora, olha só para ti. Que elegância que tu estás. E esse novo penteado! Vais juntar-te a...

– A Jo vai a uma festa – interrompeu Sweetie. – Ela está com pressa.

Sadie confirmou com um aceno de cabeça.

– Ah, que bom – disse Dora. – E com quem vais, boneca?

– Com o Patrick Marlowe – respondi.

– Hum, hum, ora aí está um moço jeitoso – comentou Dora. – Porque é que ele nunca vem cá a casa para eu poder abaná-lo um bocadinho? – Dora agitou os amplos seios e assobiou. Eu limitei-me a sacudir a cabeça.

– Ele é um rapazinho muito educado. É por isso que não vem cá – disse Sweety. – Ias assustá-lo de morte, Dora.

– Bem, Jo, tu diz a esse belo rapaz dos livros que ele precisa de levar aqui a boa e velha Dora a uma festa um dia destes. Gostava de passar os dedos por aquele cabelo loiro brilhante. Ele pode ler-me algumas poesias lá da sua livraria. – Ela aclarou a garganta. – As rosas são vermelhas, a Dora é da cor do jade. Se lhe deres o teu dinheiro, vai ser uma trovoadas.

Desatamos todas à gargalhada. Abotoei a blusa ainda quente e agradeci a Sadie.

– Jade e trovoadas não rimam lá muito bem – disse Sweety.

– Claro que rimam! Não te ponhas a criticar. Ainda posso tornar-me uma poetisa! – bradou Dora, segurando o café e o cigarro na sua melhor pose literária até todas desatarmos a rir novamente.

Willie entrou e cruzou os braços sobre o peito. O cabelo platinado estava puxado para trás num carrapito, o rosto pálido e severo contrastando com o batom vermelho e o vestido preto que usava.

O riso esmoreceu rapidamente.

– Ao contrário do que possas pensar, Dora, não estou a gerir um *rodeo*. – Vai-te vestir, já! – ralhou Willie. Depois virou-se para mim. – O que raio estás aqui a fazer?

– Vim passar a minha blusa a ferro.

– O combinado é vires fazer isso durante a manhã. Tenho clientes a chegar. – Willie olhou para a minha blusa recém-passada. – Onde é que vais?

– A uma festa – respondi, alisando a saia.

– E eu leio mentes, por acaso? Que festa? Onde? Com quem?

Dora fez uma careta e esgueirou-se para fora do compartimento.

– Na zona alta da cidade. Em Prytania Street. Com o Patrick. – Debitei alguma informação vaga sobre Charlotte Gates e o convite que me fizera.

– Não conheço nenhuma família Gates na zona alta da cidade – disse Willie, encarando-me.

– Não, a Charlotte é do Massachusetts. A festa vai ser dada pela tia e pelo tio.

– E essa tia e tio têm nome? – insistiu Willie.

– Não perguntei. A Charlotte deu as informações ao Patrick. Não vamos ficar muito tempo.

Willie assentiu.

– Vais levar a *Mariah*.

– Não é preciso, obrigada, Willie. Vamos de elétrico.

Eu detestava a *Mariah*, o grande *Cadillac* preto de Willie. O interior era todo vermelho, com pneus de banda branca e dava nas vistas como Gulliver em Lilliput. Toda a gente do Bairro sabia que a *Mariah* era o carro de Willie. Eu não queria ser vista nele. Cokie adorava a *Mariah*.

– Estiveste com a tua mãe? – perguntou Willie. Fiz que sim com a cabeça. – E o que é que ela queria?

Hesitei, imaginando quais as partes da conversa Sonny que teria ouvido e reportado a Willie. A mãe pedira-me para só contar a Willie que se ia embora no dia seguinte, quando já tivesse partido.

– Queria dinheiro – menti. Senti um espasmo junto do olho. – Para jantar no Antoine's com o Cincinnati. Queria que eu lhe pedisse um adiantamento. Sabe como ela está sempre a falar do Antoine's.

– Como se eu lhe desse um cêntimo que fosse para fazer qualquer coisa com aquele imprestável, logo depois do que ele fez na outra noite.

– O Cincinnati foi o responsável? – perguntou Sweety.

– Responsável por quê? – quis saber.

– Sai daqui – disse Willie, agitando os dedos cobertos de joias na minha direção. – Tenho um negócio para gerir – rematou, saindo da sala, irritada.

Sweety olhou para mim.

– A tua mãe sempre adorou o Antoine’s.

Concordei com a cabeça e fingi remexer na minha bolsa.

– O que fez o Cincinnati desta vez? – perguntei.

Sweety passou o *chiffon* do vestido pelos longos dedos.

– Ei, sabes do que precisas para a festa, Jo? Deste colar de pérolas. – Ela tirou o colar. – Guarda-o na tua bolsa e usa-o esta noite. Todas as raparigas da alta adoram pérolas.

– Oh, não quero as tuas pérolas, Sweety. Ficam tão bonitas com o teu vestido.

Sweety dirigiu-me um sorriso tranquilo.

– Jo, querida: tu e eu sabemos que os tipos que aqui vêm se estão nas tintas para pérolas.

Pôs-se em pontas de pés, cara a cara comigo enquanto prendia o fecho por trás do meu pescoço. A pele dela cheirava a madressilvas frescas. Ela era tão amável e generosa que me fez lembrar aquela frase de *David Copperfield* que diz que um coração bondoso é melhor e mais forte do que a sabedoria. Fiquei a olhar para Sweety, imaginando como teria ela acabado na casa de Willie, desejando que ela pudesse ter mudado o rumo da sua vida para algo melhor, tal como Forrest Hearne.

– Estas pérolas de cultura ficam perfeitas em ti – disse Sweety. – Agora vai e diverte-te.

Encontrei-me com Patrick na St. Charles Avenue, mesmo a tempo de apanhar o elétrico.

– Estás muito bonita – comentou ele. – Onde arranjaste as pérolas?

– Foi a Sweety – expliquei. Patrick também estava elegante. A contusão já estava menos perceptível. Usava calças caqui torrado, *blazer* e gravata. O elétrico foi avançando com o seu zoar ao longo da St. Charles. Quanto mais perto chegávamos, mais o nó no meu estômago se apertava. Não conhecia ninguém na festa, ou pior, e se houvesse lá alguém conhecido? Qualquer um dos cenários era desastroso. De repente, o ar pareceu ficar rarefeito, tornando-se difícil respirar.

– E se isto for um erro terrível? – murmurei.

– Oh, vai ser extremamente divertido; apenas um bando de pretensiosos, ricos com prateleiras repletas de livros caros que nunca leram.

– Talvez devêssemos voltar para trás.

– Vamos, Jo, são coisas como esta que lês avidamente na página do social. Finalmente vais poder ler sobre uma festa em que participaste.

– Nem sequer sei o nome deles – sussurrei. – O que estou eu a fazer? – Olhei pela janela, observando as ruas tornarem-se mais limpas e menos cheias de gente à medida que avançávamos em direção à parte mais alta da cidade.

– John e Lillian Lockwell – leu Patrick no pedaço de papel que Charlotte lhe tinha dado. –ta?

Descemos na St. Charles e andámos um quarteirão até à Prytania Street. A primeira coisa que notei foi como a rua era sossegada. E parecia tão ampla. Sem ninguém a empurrar, a gritar ou a vender coisas. Apetecia-me abrir os braços e correr pela estrada. Os pássaros cantavam e o aroma a jasmim de inverno pairava até à calçada, passeando-se em redor dos arbustos. Grandes carvalhos ladeavam a rua onde moravam ricos construtores de navios, operadores petrolíferos e homens de negócios. Olhei para as casas colossais, admirando os jardins e canteiros de flores imaculados. Era como se estivessem penduradas nas árvores notas de dólar em vez de folhas. O *Mardi Gras* estava prestes a começar e eu imaginei aquelas casas a exibirem bandeiras roxas, douradas e verdes, como símbolo de antigas rainhas ou de realeza carnavalesca. Passámos por um casal que acenou em cumprimento. Reparei na postura da mulher e tentei endireitar as costas.

Nunca tinha estado entre tanta opulência. Ainda na semana anterior tinha passado pelo funeral de um dos amigos de Cokie, um trompetista negro chamado Bix, que morava no bairro. A família era tão pobre que pousara um prato no peito do cadáver onde as pessoas podiam colocar moedas para pagar ao cangalheiro e à procissão da banda filarmónica. Na zona alta, as famílias contratavam meia dúzia de mordomos só para servir bebidas nos funerais. A tragédia era um grande evento social, e todos queriam participar. Claro, eu via pessoas ricas e turistas no bairro, mas nunca tinha estado nas suas casas. Gostaria de saber se Forrest Hearne vivera num bairro como aquele.

Patrick parou em frente a uma enorme mansão em estilo neogrego com varandas a todo o comprimento, em cima e em baixo, unidas por colunas, e um longo caminho ladeado por sebes impecavelmente aparadas. As luzes resplandeciam, a casa pulsava de vida com convidados e alegria.

– É aqui – disse Patrick. Nem sequer parou; limitou-se a marchar em direção aos degraus da frente, deixando-me a correr atrás dele como um patinho no encalço da mãe.

O cheiro a tabaco cubano envolvia profusamente as magnólias do jardim da frente. Cubos de gelo misturavam-se nas bebidas, tilintando contra os copos de cristal. Patrick saudou um grupo de homens sentados na varanda coberta. Eu ouvi o estampido de uma rolha de champanhe e risos vindos do interior da casa.

Entrámos pela porta aberta para num átrio enorme que fervilhava de atividade. Eu ia agarrada ao cotovelo de Patrick, desejando ter algo melhor para vestir do que a minha blusa de linho sem graça. O som do piano fluía até nós de um aposento próximo e Patrick seguiu nessa direção, como se atraído por um íman.

Entrámos numa elegante sala de estar decorada com papel de parede aveludado e sofás e cadeiras sumptuosos. As pessoas reuniam-se em grupos por toda a sala, enquanto um homem, de fato preto, tocava *It's Only a Paper Moon* ao piano. O mobiliário era caro, mas diferente do de Willie. O mobiliário da casa de Willie conferia-lhe uma atmosfera exótica, com cores e curvas sensuais. Este era elegante, refinado, e tão imaculado que eu praticamente podia ver o meu reflexo em tudo.

– Nem uma única mancha de fumo ou de sangue – sussurrei a Patrick.

– Não que consigas ver – murmurou Patrick pelo canto da boca.

Uma mesa de mogno redonda estava coberta de molduras de prata de todas as formas e tamanhos, ostentando o legado da família Lockwell. Havia fotografias de bebês, adolescentes, avós, um *golden retriever*, a família na praia, na Torre Eiffel, todos com rostos sorridentes, mostrando ao mundo como as suas vidas eram felizes e valiosas. Havia até uma fotografia de Charlotte numa pequena moldura oval.

Fiquei a olhar para as fotografias. Se uma pessoa era importante na nossa vida, púnhamos a sua fotografia numa moldura de prata, à vista de todos, como estas. Eu nunca vira nada parecido. Willie não tinha fotos emolduradas. Nem a minha mãe.

– Josephine! – Charlotte apareceu de repente ao meu lado, com ar radioso, envergando uma camisola verde-menta de caxemira, o cabelo acobreado perfeitamente preso por uma fita de veludo preto. – Estou tão feliz por terem vindo!

– Obrigada pelo convite.

– Não te preocupes, eu não vou sair de ao pé de ti. Sei como é extremamente desconfortável estar numa festa onde não se conhece ninguém.

Assenti. Charlotte compreendia. Era como se tivesse ouvido os meus pensamentos na viagem até ali. Ou talvez o meu rosto estivesse cheio de manchas outra vez.

– Olá, Patrick. Tiveste dificuldade em encontrar a casa? – perguntou Charlotte.

– Não. Mas, também, um sítio como este é difícil de escapar, não é? – respondeu Patrick.

– Sim, um atributo de que a minha tia se orgulha muito – sussurrou Charlotte. – Eles não são exatamente do tipo discreto, se é que me entendes.

– Uma fotografia tua muito bonita – disse eu, apontando para a moldura.

– Oh, isso já foi há uns anos. Fui há pouco tirar uma nova fotografia no Smith. Venham, deixem-me apresentar-vos.

Charlotte levou-nos, a mim e a Patrick, para a outra ponta da sala até um casal de meia-idade muito elegante.

– Tia Lilly, tio John, estes são os meus amigos Josephine Moraine e Patrick Marlowe.

– Como estão? – cumprimentou Mrs. Lockwell. – Marlowe, conheço esse nome. John – disse ela, dando uma pancadinha no braço do marido –, porque é que conhecemos o nome Marlowe? A sua mãe pertence à Junior League?

– Não, senhora – respondeu Patrick. – A minha mãe vive nas Índias Ocidentais.

– O seu pai é advogado? – perguntou Mr. Lockwell.

– Não, senhor, o meu pai é escritor e livreiro. Temos uma livraria no Bairro Francês.

– Ora, vejam só, que pitoresco. Nós simplesmente adoramos livros, não é, John?

Mr. Lockwell não prestava grande atenção à mulher, passando os olhos em volta da sala e avaliando todas as outras mulheres.

– E onde estuda, Patrick? – perguntou Mrs. Lockwell.

– Acabei de me formar na Loyola – disse Patrick, aceitando e agradecendo uma bebida de um dos *garçons* que circulava.

– E a Josephine? Não a vi já no Sacred Heart com a nossa Elizabeth? – perguntou Mrs. Lockwell.

– A Josephine vive no Bairro Francês, tia Lilly. Não é emocionante? – disse Charlotte.

– No Bairro Francês. Deus meu! – exclamou Lilly Lockwell, colocando uma mão no peito num gesto afetado. – Certamente, é. Como disse que era o seu apelido, minha querida?

– Moraine.

– John – chamou, dando mais uma pancada no braço do marido –, conhecemos a família Moraine do Bairro Francês?

– Acho que não. Em que negócio está a sua família, Josephine?

Mr. Lockwell olhou para mim. Mrs. Lockwell olhou para mim. Charlotte olhou para mim. Sentia os seus rostos a um palmo do meu.

– Vendas – respondi baixinho.

– Que lindo piano! – disse Patrick, mudando rapidamente de assunto. – É um *Steinway* de meia cauda, não é?

– É, sim. Toca? – perguntou Lilly, falando com Patrick, mas com os olhos ainda fixos em mim.

Patrick assentiu.

– Bem, então certamente aprecia um bom piano – sorriu Mrs. Lockwell, erguendo a taça num brinde ao seu *Steinway*.

– Sim, eu tenho um piano de cauda *Bösendorfer* – disse Patrick.

Os olhos de tia Lilly voaram para Patrick.

– Um *Bösendorfer*? Ora, ora, isso é que é um piano! – rugiu Mr. Lockwell.

– Concordo. Então terá de tocar para nós esta noite, Patrick. Não seja tímido – disse Lilly.

– Ah, tia Lilly, não me roube os amigos. Ia agora mesmo fazer-lhes uma visita guiada pela sua casa magnífica – disse Charlotte, puxando-nos para longe dos tios, que permaneciam ali, de cabeça inclinada, a olhar para Patrick e para mim.

Charlotte não nos mostrou a casa. Pegou num prato de canapés de uma travessa e levou-nos para uma biblioteca no piso térreo, fechando as portas e deixando-se cair no sofá.

– Ah, digo-vos uma coisa: isto é muito cansativo. E embaraçoso. *Como disse que era o seu apelido?* – disse Charlotte, imitando a tia. – As minhas desculpas aos dois. Eles bebem como esponjas e fazem as perguntas mais inconvenientes.

– Bem-vinda ao Sul – riu-se Patrick.

Ficámos na biblioteca a conversar com Charlotte durante mais de uma hora. Eu tentei manter a postura ereta na cadeira de couro, levando, de vez em quando, a mão ao pescoço para me certificar de que não tinha perdido as pérolas de Sweety. Charlotte acomodou-se no sofá, atirando com os sapatos e cruzando os pés, calçados com soquetes, debaixo da saia. Patrick concentrou-se em inspecionar os livros da coleção dos Lockwell, parando apenas para comentar um determinado título ou coleção. Desatámos a rir e a apupar quando Patrick descobriu o livro *Rogue Desire*, de Candace Kinkaid, escondido numa das prateleiras mais altas.

Um homem espreitou por detrás da porta da biblioteca.

– Posso esconder-me convosco? Parece ser mais divertido aqui.

– Pai! Venha conhecer a Josephine e o Patrick – disse Charlotte.

Um homem elegante, vestido com um fato azul, entrou na biblioteca.

– Calculo que seja o Patrick, o do piano de cauda *Bösendorfer*.

– Ui, ainda estão a falar desse assunto? – perguntou Charlotte.

– É verdade. E, Patrick, infelizmente acho que vai ter de tocar. A minha irmã não vai desistir até ouvir como uns dedos *Bösendorfer* soam num *Steinway*. George Gates – apresentou-se, estendendo a mão a Patrick. – E a jovem deve ser a Josephine – disse ele, virando-se para mim. – A Charlotte não parou de falar sobre si.

– A maioria das pessoas trata a Josephine por Jo. – Patrick sorriu. Eu fuzilei-o com o olhar.

Mr. Gates ficou a conversar sobre livros com Patrick, querendo informações sobre alguns volumes raros que não conseguia encontrar no Leste. Depois convenceu Patrick a fazer o recital de piano e saíram ambos da biblioteca.

– O teu pai é tão simpático. E divertido, também – disse eu a Charlotte.

– Pois é. O teu pai é divertido? – perguntou ela.

Olhei para ela, perguntando-me se a minha expressão era reveladora.

– O meu pai... os meus pais não estão juntos – respondi.

Charlotte endireitou-se subitamente e pousou a mão no meu joelho.

– Não te preocupes, Jo. Metade dos casais que estão cá hoje também não estão juntos. Pelo menos, não verdadeiramente. Mas nunca seriam capazes dessa honestidade, como tu és. Mesmo antes de chegares, Mrs. Lefevre estava a contar-nos que na noite anterior tinha apontado uma arma à cabeça do marido na cama porque ele cheirava a *Tabu*. – Charlotte abanou a cabeça, sussurrando: – Mrs. Lefevre não usa *Tabu*. Mas uma arma? Podes imaginar a insanidade disto?

Eu abanei a cabeça, sentindo o aço frio da minha pistola contra a perna debaixo da saia. Infelizmente, eu conhecia esse tipo de insanidade bem de mais.

– Ninguém tem uma vida perfeita. Acho muito mais interessante quando as pessoas são simplesmente honestas em relação a isso – disse Charlotte.

Honestas. Mas o que pensaria Charlotte se eu lhe dissesse a verdade? Que a minha mãe era prostituta, que eu não sabia quem era o meu pai, que a maioria dos homens me assustava e que, por isso, criava uma lista de pais de faz-de-conta como Forrest Hearne.

– Charlotte! – Uma jovem alta e esguia com os dentes saídos entrou apressada na biblioteca. – A mãe disse que és amiga daquele rapaz, o Patrick Marlowe. Tens de mo apresentar!

– Elizabeth, o Patrick é velho de mais para ti. Tu ainda estás no liceu. Acho que a tia Lilly não iria aprovar.

– Não quero saber o que a mãe pensa – disse Elizabeth. – Ele é muito bonito. Já o ouviste a tocar piano?

– Jo, esta é a minha prima Elizabeth Lockwell.

Elizabeth nem sequer se dignou a olhar para mim. Enrolou o cabelo à volta do dedo e espetou a anca para o lado.

– A mãe disse que o Patrick veio com uma pobre escanzelada do Bairro Francês. Sabes se é namorada dele?

Nesse instante saí da biblioteca.

Encontrei o Patrick ao piano, rodeado de mulheres usando vestidos caríssimos. Assim que me viu atravessou a multidão.

– Pronta para irmos, Jo? – disse Patrick, colocando o braço em volta dos meus ombros. – Salva-me – sussurrou.

– Sim, infelizmente, tenho de me ir embora – disse em voz alta.

Elizabeth apareceu, ainda a enrolar o cabelo no dedo.

– Olá, Patrick! Sou a Elizabeth Lockwell. Mas podes chamar-me Betty. Esta é a minha casa e esse é o meu piano.

– Que exagero, querida, ainda nem aprendeste a tocar – disse Mr. Lockwell com uma risada.

Mrs. Lockwell continuava de olhos fixos em nós.

– Que pena ter de sair já, Patrick. O John e eu teremos de ir fazer uma visita à livraria no Bairro. Adoramos livros e temos uma biblioteca muito grande.

– Sim, eu vi. Os livros de Candace Kinkaid também têm uma grande saída na nossa loja – disse Patrick, com toda a franqueza.

– Obrigada por nos ter recebido – disse eu.

– O prazer foi nosso, Joanne – disse Mrs. Lockwell.

Patrick puxou-me para a porta, com Elizabeth no encalço como um cachorrinho esfaimado.

Charlotte agarrou-me no braço quando chegámos ao átrio de entrada.

– Jo, peço imensa desculpa – sussurrou, com uma expressão de desalento no rosto. – Os meus parentes são tão desagradáveis.

– Não, não precisas de pedir desculpa, a sério. – Vi Elizabeth aos saltinhos na ponta dos pés, conversando com Patrick.

– Mas ainda nem conhecestes a minha mãe – disse Charlotte. – Ela está no jardim.

Uma mulher perto da porta rompeu em soluços.

– Eles são todos uns suínos bem vestidos! Aqui está ele, a fazer de conta que é um bom marido, quando ainda ontem lhe encontrei marcas de batom baratucho no peito. Agora já sei para onde foram as minhas joias. – A mulher continuou a lamentar-se, despejando a bebida na frente do vestido.

Virei-me para Charlotte e ela abanou a cabeça.

– Obviamente, uns julepos de menta a mais.

– Esta cidade é imunda! – lamentou-se a mulher embriagada. – Pobre Forrest Hearne. A dizerem à pobre esposa que foi um ataque cardíaco. É criminoso! Deviam era pegar fogo ao Bairro Francês.

Voltei-me e olhei para a mulher.

– Jo! – chamou Patrick do lado de lá do átrio.

– Escrevo-te assim que chegar – disse Charlotte. – Vou enviar-te as informações sobre o Smith College.

Assenti. Patrick agarrou-me pelo braço e, atravessando a multidão, saímos pela porta da frente, tentando escapar de Elizabeth Lockwell, que seguia no nosso encalço, suficientemente perto para

parecer a sombra de Patrick. No jardim da frente, as pessoas reuniam-se em grupos, fumando e bebendo debaixo dos carvalhos cobertos de musgo. Um rapaz robusto, mais ou menos da idade de Patrick, encontrava-se sozinho no final da sebe.

– Patrick, este é o meu irmão, Richard – disse Elizabeth.

Richard olhou para Patrick e os olhos estreitaram-se.

– Vi-te na passagem de ano com o teu amigo.

– Uma noite bem divertida, não foi? – disse Patrick, não parando para lhe apertar a mão.

– Chamas àquilo diversão? – disse Richard, virando-se para ver a saída de Patrick. Agarrou no braço da irmã, dizendo:

– Fica longe dele, Betty.

Andámos alguns passos em silêncio. Richard Lockwell parecia certamente ser do tipo grosseirão. O caos da festa esmoreceu e foi substituído pelo cantar das cigarras. Como é que a mulher da festa conhecia Forrest Hearne?

– Estás bem, Joanne? – perguntou Patrick.

Soltei uma gargalhada.

– A sério, Jo. Isto é a alta sociedade. O que queres com idiotas como estes?

– A Charlotte não é idiota – disse eu.

– Concordo. Ela é ótima, e o pai dela também. Vamos sair daqui – disse Patrick.

Ao darmos um passo para atravessar a rua, uns faróis acenderam-se e aproximaram-se, cegando-nos.

– Quem é? – perguntei, agarrando-me ao braço de Patrick.

– Não consigo ver. Sai daí, Jo! – Patrick puxou-me de volta para o passeio no momento em que o grande carro preto se aproximou. Eu reconheci o carro. *Mariah*.

A cabeça de Cokie apareceu na janela do motorista.

– Entrem – disse ele.

Olhei em volta e entrei rapidamente para o banco traseiro.

– Cokie, o que fazes aqui?

– Willie mandou-me buscar-vos, disse que não queria que fosses a pé ou de elétrico.

Afundi-me no banco de trás quando o carro passou pela casa dos Lockwell, rezando para que Richard e Elizabeth Lockwell não estivessem no passeio.

– Oh, menina Josie, como podes ficar envergonhada deste belo automóvel? – Cokie sorriu. – Iiiá, ninguém me apanha no meu *Cadillac* preto.

– Sim, aquelas pessoas é que deveriam ficar envergonhadas, Jo.

– E então? Havia muito armanço lá dentro? – perguntou Cokie.

– Não sei – respondi.

– Não sabes? – disse Patrick, virando-se para trás, do banco da frente. – Jo, eles têm um piano de meia cauda, mas ninguém na família sabe tocar. Têm prateleiras repletas de livros que nunca leram e a hostilidade entre os casais era tanta que parecia sufocar-nos.

– Deixa-me dizer-te uma coisa sobre esse ricos da zona alta – disse Cokie. – Têm tudo o que o dinheiro pode comprar, têm as contas bancárias recheadas, mas não são felizes. E nunca serão felizes. Sabes porquê? A alma deles quebrou-se. E o dinheiro não é capaz de consertar isso, não senhor. O meu amigo Bix era pobre. Meu Deus, ele tinha de soprar naquele trompete dez horas por dia só para pôr um pouco de sabor na panela. Morreu pobre. Tu viste-o, Jo, com o prato de esmolas

pousado no peito. Mas aquele homem não tinha a alma quebrada.

– A alma quebrada. É isso mesmo. – Patrick assentiu com a cabeça.

– Eles tinham fotografias da família em lindas molduras – disse eu, encolhendo-me ainda mais no assento de couro almiscarado. Desejava que Willie não tivesse enviado a *Mariah*. Ela estava a tentar espionar-me?

– E tem cuidado com aquele Richard Lockwell – avisou Cokie. – É um matador de gatinhos.

– Ele é mulherengo? – riu-se Patrick.

– Ah, não, não é isso que eu quero dizer. Quando era criança enforcou quatro gatinhos lá no Bairro. Céus, deviam ter visto como as pessoas o perseguiram. Ele não é bom da cabeça.

Olhei pela janela, cantarolando entre dentes *It's Only a Paper Moon*, enquanto o *Cadillac* deslizava pela St. Charles em direção à Canal Street. As mulheres da zona alta da cidade tinham receio do Bairro Francês e de tudo o que a ele estava associado. Achavam que o Bairro era responsável por toda a corrupção. Queriam acreditar que os maridos eram homens virtuosos da sociedade, homens bons, como Forrest Hearne, e que o Bairro os sugava contra a sua vontade, agarrando-os pelos tornozelos e arrastando-os para o fundo.

Naquele momento a minha mãe devia estar a saborear um prato de ostras Rockefeller no Antoine's, acompanhado de *whisky* e cigarros. Era capaz de a imaginar. A levar o braço ao peito para que todos pudessem admirar as joias roubadas e a deslizar o pé até ao de Cincinnati debaixo da mesa. A minha mãe era mais bonita do que qualquer uma das mulheres na festa dos Lockwell, mas não possuía a mesma postura ou autoconfiança daquelas senhoras. Eu não concordava com Cokie. Não eram só as pessoas ricas. A minha mãe também tinha a alma quebrada.

Na manhã seguinte atravessei, apressada, as ruas barulhentas para chegar a horas a casa de Willie. Tinha escrito vários bilhetes a Sweetie e, finalmente, decidi-me por um simples «Obrigada pelas pérolas, Jo».

Vi Jesse na esquina da ruas Conti e Bourbon. A carroça de flores do avô dele parecia explodir de cor. Parei para comprar dois lírios cor-de-rosa.

– Olá, Detroit. Estás muito bonita hoje.

– Ah, deixa-te disso, Jesse! – Fiz um gesto para a minha roupa de empregada de limpeza e ri-me.

Ele sorriu.

– Melhor do que eu, neste avental de flores.

Jesse e eu tínhamos frequentado juntos partes do ensino básico e do secundário. Ele vivia com os avós na Dauphine, mas passara alguns anos com a família no Alabama. Quando estava em Nova Orleães ajudava o avô, que vendia flores no Bairro. Certa vez, quando eu tinha onze anos, a minha mãe estava mal-humorada e deu-me um estalo no meio da rua. Jesse marchou até ela, atirou-lhe com um balde de água e foi-se embora. Perguntei-me se ainda se lembraria disso.

De vez em quando ele entrava na livraria para ver os livros de engenharia, mas raramente comprava algum. Passava a maior parte do tempo a trabalhar em carros.

– Como estão as sobrinhas da Willie? – perguntou ele, tirando as duas flores que eu escolhera. «Sobrinhas» era o termo que Willie usava para as meninas que tinha em casa.

– Estão todas bem – respondi, com um sorriso. – E tu?

– Comecei o meu primeiro semestre no Delgado Community College. Não é a Tulane, mas estou animado.

Jesse Thierry estava a estudar na faculdade?

– Oh, Jesse, que notícia maravilhosa.

– Obrigado. E tu? Toda a gente sabe que Josie Moraine é a miúda mais inteligente de Nova Orleães. – Uma madeixa de cabelo, cor de canela escura, caiu-lhe sobre a orelha. Ele baixou a voz e olhou para mim com sinceridade. – E agora que a tua mãe se foi embora, talvez tenhas mais tempo para ti.

Levantei os olhos do porta-moedas. Como é que Jesse sabia sobre a minha mãe? Paguei as flores, evitando olhá-lo diretamente, agradei e fui-me embora.

A minha mãe e Cincinnati tinham planeado partir após o jantar no Antoine's. Antes de me deitar tinha ido consultar um atlas na livraria, para ver quanto tempo demoraria a viagem até à Califórnia. Se não parassem pelo caminho para ver a paisagem, calculei que levariam quatro dias. No entanto, demoraria menos de quatro dias até Cincinnati bater na minha mãe.

Entrei na cozinha de Willie. Sadie já tinha preparado a bandeja de pequeno-almoço para Willie com o café e o jornal. Ela apontou para a bandeja com urgência assim que entrei.

– A Willie já está acordada? – Sadie assentiu. Ofereci-lhe um dos lírios. – Obrigada por teres passado a minha blusa, Sadie. E por teres preparado a bandeja da Willie.

Sadie olhou para a flor e depois para mim, sorrindo, quase envergonhada. O sorriso dela esmoreceu, apontando enfaticamente para o quarto de Willie.

Peguei no avental e na bandeja e atravessei o salão, desviando-me de uma gravata de homem pendurada no lustre. Quando me aproximei da porta de Willie olhei para o jornal.

MORTE DE TURISTA DE MEMPHIS DECLARADA ATAQUE CARDÍACO

Parei um pouco antes da porta de Willie para ler o artigo, mas não tive oportunidade.

– Vais ficar aí fora ou vais trazer-me o café? – rosnou a voz dela do outro lado da porta.

– Bom dia, Willie – saudei-a, entrando no quarto.

O cabelo e a maquilhagem de Willie estavam impecáveis. Ela usava um *tailleur* bege e estava sentada à escrivaninha.

– Quero o meu café.

– Acordou cedo. Está tudo bem?

– Não posso levantar-me cedo? – retorquiu ela.

– Claro, é só que... geralmente não está acordada a esta hora, e muito menos já vestida. Aonde vai?

– Não que seja da tua conta, mas tenho uma reunião com o advogado.

– Um advogado, tão cedo? Está tudo bem?

– Porque insistes nisso? – Willie continuou a escrever, a cabeça inclinada sobre o papel. – Em vez de me fazeres perguntas estúpidas, porque não me dizes quando é que a tua mãe partiu para a Califórnia?

Pousei a bandeja na cama de Willie.

– Esteve com ela?

– Não, não estive com ela. Mas dezenas de pessoas vieram dizer-me que a ouviram gabar-se acerca de ir para Hollywood com aquele patife. Na verdade, toda a gente me veio dizer – Willie virou-se e olhou para mim –, menos tu.

Os meus dedos nervosos brincavam com o avental.

– Ela pediu-me para esperar até de manhã para lhe contar... para não perturbar os negócios de ontem à noite.

Willie atirou com a caneta.

– Sabes que mais? A tua mãe é uma puta muito estúpida! – gritou. – Mas não te atrevas a seguir-lhe os passos de mentirosa e que não te passe pela cabeça que sou demasiado burra para saber quando me estás a mentir. Conheço a tua mãe muito melhor do que pensas e não vou deixar que ela me derrube. – Willie gritava a plenos pulmões, o queixo projetado para a frente e o rosto completamente vermelho.

– Willie, o que aconteceu? A mãe roubou-lhe alguma coisa?

– O quê? A tua mãe é apenas mais um rabo de saia! A única pessoa a quem ela roubou foi a ti! E se Deus quiser, ela foi-se para sempre. Bem pode juntar-se a todos os outros mentirosos falhados e acabados de Hollywood. E tu tens de a esquecer, Jo. Não te atrevas a ir procurá-la ou a deixá-la voltar. Já não és uma criança. Ela está por conta dela. Deixa o Cincinnati enchê-la de buracos de balas.

– Willie, pare com isso.

– Olha para este quarto. Estás atrasada e está tudo uma confusão! Há três dias que te pedi para limpares as minhas armas, e fizeste-o? Não! Andas por aí a saracotear, a deixar que as pessoas façam troça de ti nas festas da alta. – Willie pegou na mala que estava pousada na cama, atirando com a chávena de café da bandeja para o chão, que se partiu em mil pedacinhos. À saída, bateu com a porta do quarto com tanta força que achei que se fosse partir. Sweetie e Evangeline estavam paradas do lado de fora da porta, de roupão e olhos ensonados, a escutar às escondidas.

– Para onde estão a olhar? – berrou Willie. – Já para a cama!

Evangeline afastou-se, dando passagem a Willie.

– As piores prostitutas de sempre! – gritou Willie do corredor das traseiras, batendo com a porta de trás. Poucos segundos depois, ouvimos o motor da *Mariah* a arrancar.

Baixei-me para apanhar os cacos da chávena partida.

– Ei, marafona – disse Evangeline, encostando-se à porta. – Passa as minhas coisas para o quarto da tua mãe. E certifica-te de que é tudo lavado. Não quero o fedor dela em mim.

– Para com isso – ralhou Sweetie, puxando Evangeline para trás e fechando a porta.

Sentei-me na cama de Willie, com os bocados de porcelana ainda molhados do café nas mãos. Willie dissera que as pessoas estavam a fazer troça de mim. Seria verdade?

Tinha de sair de Nova Orleães. Tinha de entrar no Smith College.

A luz do sol entrava pela janela, criando um retalho quadrado de luminosidade na ponta da cama. Evangeline tinha razão. O quarto cheirava mesmo à minha mãe. Abri a janela e sentei-me no parapeito um momento, observando a cama alta de dossel. Eu já tinha visto a mãe a lançar a rede aos homens em público, mas nunca a vira a «trabalhar» no quarto. O papel de parede verde-escuro estava descascado nas pontas, revelando o estuque por baixo. À luz da manhã, a roupa de cama cor de telha exibia a sua idade, bem como as cortinas flácidas do dossel, já puídas e rotas nas pontas. Olhei para o buraco de bala na cabeceira da cama. Ainda não conhecia a história que lhe dera origem.

O quarto da mãe estava quase vazio. Abri uma gaveta da cómoda. Um frasco de verniz vermelho rebolou por cima de alguns exemplares da revista *Hollywood Digest*. Peguei nelas para as deitar ao lixo e um pedaço de papel esvoaçou. Era o relatório da Polícia de quando Cincinnati batera na mãe. Depois de ela ter recebido alta do hospital, Willie insistira para que fizesse queixa. Levámos a minha mãe até à esquadra, mas uns minutos depois de começar a preencher o relatório, ela disse que não se sentia bem e que acabava de o preencher em casa. Olhei para o papel. Ela não tinha escrito o apelido e até mentira na idade.

Nome: Louise

Morada: 1026 Conti, Nova Orleães

Idade: 28

Estado Civil: Solteira

Filhos: Nenhum

Nenhum.

Fiquei a olhar para a palavra.

– Olá, boneca.

Olhei para cima e vi Dora encostada à ombreira da porta. Usava uma camisa de homem, verde, obviamente, e cuecas verdes minúsculas.

– Ouvi dizer que tiveste um encontro tumultuoso com a Willie esta manhã. Devo ter estado a dormir enquanto tudo acontecia. Estás bem?

– Está tudo bem. – Era a minha resposta da praxe.

– Não dê importância à Willie. Ela tem andado tão mal-humorada ultimamente. O que tens aí?

Mostrei-lhe o papel.

– Um antigo relatório da Polícia, de quando o Cincinnati bateu na mãe.

– A Louise fez queixa na Polícia? – perguntou Dora.

Eu ri-me.

– Não, claro que não.

– Também me parecia que não. Ela é tolinha por aquele Cincinnati.

– Não compreendo. Ele é um criminoso, Dora. É um homem muito mau.

– Minha querida, algumas mulheres adoram homens maus. As mulheres adoram o Cincinnati. Ele

fã-las sentirem-se sensuais. E de vez em quando, ele tem dinheiro. Talvez não entendas porque é que as mulheres acham o Cinci atraente, mas entendes que a tua mãe adora dinheiro, não é?

Fiz que sim com a cabeça e peguei num porta-moedas cor-de-rosa vazio que estava numa das gavetas da cómoda da minha mãe.

– Isto era meu. Costumava guardar aqui as minhas poupanças e escondia-o debaixo da minha cama. Ela descobriu-o e ficou com tudo.

– Oh, docinho! – disse Dora, abanando a cabeça. Aproximou-se de mim, passou os olhos pelo relatório policial e depois pousou as mãos nos meus ombros. – Jo, ouve uma coisa: tu não és como nós. És diferente. E a Willie sabe disso.

Olhei para as minhas mãos.

– Eu quero ir para a faculdade, Dora.

– Para a faculdade? Bem, não há problema em sonhar, Jo, mas não sei se isso será possível. Isso é outro campeonato. Mas tenho a certeza de que consegues trabalhar num desses armazéns chiques ou até mesmo ser menina de vestiário. Querida, eu sei que adoras a Louise, mas tens de te perguntar: Que tipo de mulher rouba dinheiro a uma criança? A Evangeline, por exemplo, tem uma doença. Mas, mesmo sendo cleptomaníaca, ela não seria capaz de roubar a uma criança. Percebes o que estou a dizer? Não quero ser bruta, docinho, mas a minha sugestão é que sigas o teu caminho. – Dora ergueu o relatório da Polícia. – E se Louise diz que não é tua mãe, talvez seja o melhor.

Eu fiquei ali, a pensar na pergunta de Dora. Que tipo de mulher rouba à própria filha?

Dora pousou as mãos nas ancas.

– Olha, podes ajudar-me numa coisa? Em vez de deitares as coisas ao lixo, mete tudo o que encontrares numa caixa e diz à Evangeline que não lhe toque, que voltas para a vir buscar. Deixa-a roubar algumas coisas. Talvez assim ela fique uns dias sem ir ao meu quarto bisbilhotar.

Depois de Dora sair, tirei a roupa da cama e varri o chão do quarto da mãe. Ao puxar a vassoura de baixo das saias da cama ouvi um som. Uma meia de homem veio presa nas cerdas da vassoura. Baixei-me para pegar nela e achei-a pesada. Tinha alguma coisa dentro. Sacudi a meia para cima da cama e um relógio de ouro caiu no colchão. Senti um calafrio ao estender a mão para pegar naquele relógio tão familiar. Virei-o e li a inscrição.

F. L. Hearne.

Tiquetaque, tiquetaque. Ouvi-o durante todo o dia, pulsando na minha cabeça, como o som de uma bomba a percorrer-me os nervos. Eu tinha o relógio de um homem morto. Era a primeira vez que não informava Willie do que tinha encontrado. Ela ainda estava para a reunião com o advogado quando acabei de limpar, por isso levei-o comigo, aquela bomba-relógio roubada a fazer tiquetaque no meu bolso. Quando voltei para a livraria inspecionei o relógio. Fiquei a ver o ponteiro dos segundos orbitar em torno do mostrador de ouro luxuoso, flutuando sobre as palavras *Lord Elgin* uma e outra vez. Forrest Hearne estaria a usar o relógio quando morreu? Ele ainda estaria a funcionar no seu pulso quando o coração parou de bater? Ou talvez o tivesse tirado antes de morrer, talvez o houvesse perdido em algum sítio do Bairro e, por sorte, a mãe encontrara-o. Sim, talvez fosse apenas uma coincidência, disse a mim mesma.

Afiei um abre-cartas e fiz um quadrado profundo nas páginas centrais de um exemplar danificado de *Passagem para a Índia*. Guardei o relógio na cavidade e tranquei o livro no armário de vidro na parte de trás da loja, onde se guardavam os materiais de restauro. Patrick tinha perdido as chaves daquele armário há muito tempo.

Atravessei o Bairro, distribuindo os quadrados de papel do *Passagem para a Índia* pelas latas de lixo ao longo do caminho. Vi Frankie do outro lado da rua e assobieei-lhe. Ele atravessou a rua no seu passo descontraído de pernas de aranhaço e acertou o passo com o meu.

– Ei, Josie. O que tens para mim?

– Nada. Na verdade, quero saber é se tu tens alguma coisa para mim. Sabes onde é que a minha mãe esteve na noite da passagem de ano?

Frankie deteve-se. Tirou um maço de cigarros do bolso da camisa, batendo-o até sair a ponta branca de um cigarro, e agarrou-a com os lábios.

– Essa informação é para ti? – perguntou, acendendo o cigarro.

– Ah, estou a perceber. Já falaste com a Willie? – perguntei.

– Eu não disse isso.

– Sim, é para mim. E não vou contar a ninguém. Fica só entre nós.

Frankie ficou a olhar para mim, de cigarro pendurado no canto da boca. Um grupo de turistas aproximou-se com uma máquina fotográfica, apontando para um edifício próximo. Frankie agarrou-me pelo braço e puxou-me para a ponta do passeio.

– A tua mãe fugiu com o Cincinnati, Jo.

– Isso já eu sei, Frankie. Não foi o que te perguntei. Onde é que ela esteve na noite de fim de ano?

Ele olhou para um lado e para outro da rua, expelindo o fumo do cigarro pelo canto dos lábios finos.

– Ela esteve no Roosevelt, a beber uns *cocktails Sazerac*.

– E depois?

– A beber com uns turistas.

– Que turistas? Onde? Ela esteve no Sans Souci? – indaguei.

– Calma aí! – Frankie levantou as mãos. – Eu não disse isso. Olha, tenho de ir. E, Jo, o meu negócio é a informação – ele inclinou-se –, mas não sou bufo.

Abri a mala e tirei a carteira.

– Guarda isso. Ouvi dizer que estás a juntar dinheiro para ires para a faculdade.

– Onde é que ouviste isso? – perguntei.

– Eu sei de tudo, miúda. – Frankie sorriu, fez uma vénia exagerada e afastou-se a passos largos.

Voltei para a livraria, parando para ver a montra da Gedrick's. Tinham vestidos em saldo a 9,98 dólares. Desejei poder ter levado uma roupa nova e atual à festa dos Lockwell, em vez de parecer uma pobre escanzelada. Mrs. Gedrick saiu da loja para esvaziar a pá do lixo na rua. Os seus ombros elevaram-se para uma saudação, mas então ela viu que era eu e limitou-se a deitar o lixo para a sarjeta com uma careta.

Quando eu tinha doze anos tive uma gripe tão forte que quase entrei em delírio. Tentei ir sozinha, a pé, ao consultório do Dr. Sully, mas só consegui chegar até à loja de Mrs. Gedrick. Desmaiei, vomitando feijão vermelho e arroz por todo o passeio. Mrs. Gedrick não parava de insistir que chamássemos a minha mãe, mas eu sabia que ela ficaria furiosa se eu a incomodasse. Então disse-lhe para chamar Charlie, o pai de Patrick. Quando Charlie chegou, Mrs. Gedrick agitou o dedo na cara dele, dizendo:

– Os pais deviam ter vergonha, sejam eles quem forem. – Lembro-me de ir no banco de trás do carro de Charlie, a olhar, enquanto nos afastávamos, para os destroços da minha vida materializados em feijões vermelhos e arroz na calçada. Os meus pais não tinham vergonha. A vergonha era toda minha.

Virei para a Royal Street e vi Cokie ao lado do seu táxi, estacionado junto ao passeio.

– Olá, Coke.

– A Willie mandou-me vir buscar-te – disse ele.

Uma onda de medo percorreu-me o corpo. Willie já sabia sobre o relógio.

– Ela ainda não tinha voltado quando saí esta manhã – disse eu. – Tinha um compromisso.

– Eu sei. Mas já voltou e as malas já estão na *Mariah*. Ela está pronta para ir.

– Ir aonde?

– Ela disse-me para te vir buscar; disse que vão as duas passar uns dias a Shady Grove.

– Mas... e a casa? – perguntei.

– Ela disse que a Dora e a Sadie ficam a tomar conta da casa.

Shady Grove era a casa de campo de Willie, a três horas de distância de Nova Orleães, logo depois de Yellow Bayou.

– Ah, não sei, Coke – disse eu. – Tenho trabalho na loja.

– Ela só me disse para te vir buscar, e que está pronta para sair daqui a uma hora. Fiquei contente por vir à tua procura. Tenho uma coisa que acho que deves querer. – Cokie debruçou-se pela janela e pegou num jornal que depois me entregou. Era o *Commercial Appeal*.

– Foi o Cornbread; ele ainda faz a rota com o camião entre cá e o Tennessee. Trouxe este jornal de quando estive em Memphis.

Uma grande manchete ocupava a primeira página:

F.L. HEARNE, JR., ARQUITETO, MORRE.
ATINGIDO NUMA VIAGEM A NOVA ORLEÃES.

– O artigo está cheio de informações sobre esse teu homem rico de Memphis – disse Cokie.

– Obrigada! Muito obrigada, Coke.

Cokie esboçou um grande sorriso.

– Sempre às ordens. Mas não vás dizer à Willie que fui eu que to dei. Agora despacha-te, ela está à espera.

Corri até à loja, pensando no que dizer a Patrick. Pela montra vi-o ao balcão com um cliente. Dobrei o jornal e meti-o debaixo do braço.

– Olá, Jo – saudou Patrick assim que entrei na loja. O homem ao balcão virou-se: alto, moreno e lindíssimo.

– Olá, Josie – cumprimentou ele.

Olhei para o homem atraente.

– Ah, não me estás a conhecer? Bem, estava escuro e tu estavas de camisa de noite.

Senti uma onda calor subir-me às faces.

– Ah, sim, trabalhas na Doubleday.

– Isso mesmo – disse ele, esticando o braço para um aperto de mão. – James Marshall.

Apertei-lhe a mão, desejando estar mais bem vestida, encolhendo-me só de pensar que aquele homem lindo me tinha visto em camisa de dormir.

– O Cokie veio à tua procura – disse Patrick.

– Eu sei. A Willie insiste que eu vá com ela para Shady Grove uns dias. Posso argumentar, mas tu sabes como ela é quando quer ir para Shady Grove.

– Não há problema – disse Patrick prontamente. Sorriu, um sorriso estranho.

– A sério? Tens a certeza de que tratas de tudo sozinho?

– Então, Jo, acho que sou capaz. Vou ficar bem.

Eu não estava à espera de que ele aceitasse tão prontamente.

– E quanto ao Charlie? Vão ficar bem os dois?

– Quem é o Charlie? – perguntou James.

– É o meu pai – respondeu Patrick. – Ficamos bem, Jo, não te preocupes. Vai lá.

– Shady Grove... soa bem – comentou James.

– É no campo, muito sossegado – disse Patrick. – Ei, Jo, chegaste a terminar a contabilidade de dezembro? Queria fechar o ano.

– E o inventário – acrescentou James.

– Ah, pois é. Quando é que fizeste o último inventário? – perguntou Patrick.

Olhei de James para Patrick.

– Sim, dezembro já está terminado. Porque é que precisas do inventário?

– Só estou a tentar manter-me atualizado para o Ano Novo. É o Cokie que está ali fora à tua espera? – perguntou Patrick.

Fiz que sim com a cabeça e tratei de subir as escadas das traseiras, parando discretamente para espreitar o livro de E. M. Forster, a fazer tiquetaque atrás do armário de vidro fechado.

Willie devia estar furiosa. Estava à espera há quase duas horas. Mas eu não tinha planeado sair da cidade e tinha coisas para preparar. Também demorei algum tempo a ler o artigo de jornal sobre Forrest Hearne. A história dizia que Mr. Hearne era um ex-jogador da Vanderbilt que tinha vindo a Nova Orleães com mais três homens, todos eles com a intenção de assistir ao Sugar Bowl, mas que nenhum dos amigos o acompanhava quando ele morreu. Era membro do Lakeview Country Club e pertencia ao conselho de administração de várias associações de beneficência. Informava também que a esposa de Forrest Hearne ficara em choque com a morte do marido. Ele telefonara-lhe de Nova Orleães no início daquela noite e estava de perfeita saúde. Marion. Lembrei-me de ele mencionar o nome dela quando comprou o livro de Keats. Escondi o artigo de jornal debaixo da tábua no chão, juntamente com a caixa de charutos contendo o dinheiro.

Cokie parou o táxi.

– Tenho de encontrar um lugar de estacionamento. A Willie não gosta que eu ocupe o passeio. Vou pôr o teu saco no *Cadillac*. – Saí do carro. – Precisas de ajuda com essa pilha de livros?– perguntou Cokie.

– Não é preciso, obrigada.

– Jo, vais mesmo ler esses livros todos lá em Shady Grove?– perguntou Cokie.

– Todinhos. – Sorri e fechei a porta do táxi. Desci o caminho estreito em direção à garagem nas traseiras da casa de Willie. Quando me aproximei ouvi o riso de Evangeline na porta dos fundos.

– Desculpa ter vindo tão cedo desta vez – disse uma voz de homem –, mas eu tinha de te ver.

– Volta depressa, paizinho – disse Evangeline com uma voz infantil. Esgueirei-me para lá da ponta da casa no momento em que Evangeline, usando as suas tranças, recuou discretamente para dentro de casa fechando a porta de tela. Parei para mudar a pilha de livros de mão.

– Oh, volto em breve, bebé – disse o homem, colocando o chapéu e apertando o nó da gravata. Fiquei de boca aberta. Era Mr. Lockwell, o tio de Charlotte.

Ele deu meia-volta para o caminho, tão atordoado que quase veio de encontro a mim.

– Mister Lockwell – sussurrei.

Ele olhou para mim e depois para a porta dos fundos.

– Hum, olá. – Estava a ser-lhe difícil reconhecer-me. As rugas da testa contraíram-se-lhe. – Eu conheço-a, não?

– Sou a Jo... Josephine, uma amiga da sua sobrinha, Charlotte.

Ele quase trocou os pés.

– O que estás aqui a fazer?

Senti-me a ficar sem ar algures no fundo da garganta. Olhei para a pilha de livros nos meus braços.

– Vim entregar um pedido de livros a Willie Woodley... ela gosta muito de ler. Eu trabalho com o Patrick na livraria. Vem cá muitas vezes? – A pergunta escapou-se-me sem pensar.

– N... não. Olha, estou com pressa – respondeu ele num tom enojado e condescendente, como se de repente eu estivesse a poluir-lhe o espaço, tal como acontecera com o passeio de Mrs. Gedrick.

Reparei na mudança de atitude. Passei a ser apenas uma pobre figura, alguém que ele podia dispensar com um aceno do lenço, como quem afasta um mau cheiro. A raiva começou a infiltrar-se e os meus olhos estreitaram-se.

– Oh, está bem – desafiei –, é que como ouvi aquela senhora a tratá-lo por paizinho e como depois o senhor disse que voltaria em breve, pensei que talvez viesse cá muitas vezes.

Mr. Lockwell olhou para mim com uma mistura de pânico e irritação no rosto.

– Tenho de ir. Adeus, Josephine. Digo à Charlotte que te encontrei na rua. – Ele riu-se da própria piada e começou a descer o caminho.

Eu devia tê-lo deixado ir.

– Mister Lockwell! – chamei.

Ele virou-se ao ouvir o seu nome e pôs um dedo sobre os lábios.

– Chiu!

– Achei que gostaria de saber – disse eu, seguindo-o em direção à rua – que vou candidatar-me ao Smith College.

– Que bom. – Ele continuou a andar.

– E eu estava na esperança de que pudesse escrever-me uma carta de recomendação.

– O quê?! – exclamou ele.

– Uma carta de recomendação, para incluir na minha candidatura ao Smith College. Uma carta de um dos homens mais bem-sucedidos do Sul seria uma grande ajuda. Devo passar por sua casa na próxima semana para falarmos sobre esse assunto?

– Não – respondeu ele, enfiando a mão nos bolsos do *blazer* e atirando-me um cartão de visita. – Vem falar comigo ao escritório. Não vás a minha casa. Eu... eu, na verdade, não venho cá muitas vezes.

E com isto, desceu rapidamente o caminho em direção à rua.

– O que é que se passa contigo? – perguntou Willie. – Estás agarrada ao maldito volante como se o quisesses partir ao meio. Pedi-te para conduzires de maneira a eu poder relaxar, mas como é que vou conseguir fechar os olhos quando te vejo debruçada sobre esse volante como uma louca?

Inclinei-me para trás e descontraí as mãos no volante, observando o piso cinzento desenrolar-se à minha frente sob a luz dos faróis através da névoa. Doíam-me os dedos. O interior do carro estava escuro, à exceção da luz brilhante no rádio, sintonizado numa estação regional que tocava uma música de Hank Williams. O que é que me tinha passado pela cabeça? E se alguém me tivesse visto? Eu tinha confrontado o tio de Charlotte acenando descaradamente a desonestidade dele à frente do seu nariz. Fora o meu orgulho. O orgulho tomara conta de mim quando ele me olhou como se eu fosse lixo. Mas, e se ele voltasse para trás e contasse a Evangeline, e ela lhe dissesse: «Oh, não se preocupe, ela é apenas a filha de uma prostituta», e então ele dissesse a Mrs. Lockwell e ela fosse contar a Charlotte?

Eu odiava Nova Orleães.

Não, Nova Orleães é que me odiava.

– A Dora contou-me que queres ir para a faculdade – disse Willie.

– O quê?

– Tu ouviste. Acho que é uma excelente ideia.

Olhei para silhueta escura de Willie no banco do passageiro.

– Acha?

– Tu és inteligente, Jo. Sabes como tirar o máximo proveito de uma situação. Vais sair-te bem na Loyola. Que digo eu? Podes até entrar no Newcomb College.

Os meus dedos voltaram a apertar-se em torno do volante. – Mas eu não quero ir para a faculdade em Nova Orleães, Willie. Não quero ir para a faculdade no Louisiana. Eu quero ir para o Leste.

– De que estás a falar ? No Leste, onde?

– No Massachusetts.

– Para quê? – perguntou Willie.

– Para ter uma boa formação – respondi.

– Podes ter uma boa formação na Loyola ou no Newcomb. Vais ficar em Nova Orleães.

Não, eu não ia ficar em Nova Orleães. Não ia passar o resto da minha vida a fazer limpezas num bordel, sendo olhada de lado como a filha de uma prostituta do Bairro Francês. Eu queria ter bons amigos, como Charlotte, e socializar com pessoas como Forrest Hearne, pessoas que me viam como mais do que apenas lixo.

– Tu és um amendoim salgado – disse Willie.

– O quê? O que é que isso quer dizer?

– Tu és um amendoim salgado e essas pessoas do Leste são *petits fours*. Não caias no cliché, pensando que vais ser a pequena órfã Annie e que acabas numa espécie de castelo. Tu és um amendoim salgado, Jo, e não há nada de errado nisso. Mas os amendoins salgados não são servidos com *petits fours*.

Willie tinha a mesma opinião que a mãe. Ela achava que eu queria um conto de fadas quando o meu destino era apenas uma vida miserável a fugir ao submundo de Nova Orleães.

– Eu pago-te as propinas para a universidade de Loyola ou para o Newcomb College – disse Willie. – Era esse o teu plano, não era? Ameaças ires-te embora para que eu pagasse a tua maldita faculdade aqui?

Não voltámos a falar o resto da viagem.

Os dias passavam muito devagar em Shady Grove. A casa de campo de Willie ficava situada em mais de oito hectares de terra tranquila. Era possível respirar fundo sem medo de que algum cheiro nauseabundo, como urina ou vômito, se nos infiltrasse nas pelas narinas. No verão, eu era capaz de andar descalça dias a fio. Atirava com as sabrinas para a relva assim que chegávamos e elas ali ficavam, no alpendre da frente, até à hora de irmos embora. O inverno estava ameno este ano, mais molhado do que frio. Tinha de ir acender as lareiras, não por causa do calor, mas apenas para secar um pouco a casa. Um velho amigo comprara Shady Grove, oferecendo-a a Willie. Ela nunca me contou quem era essa pessoa, ou o que aconteceu entre eles, apenas que tinha ficado com o melhor do negócio.

Nova Orleães era um ruído constante, a qualquer hora do dia ou da noite. Mas o campo era tão sossegado. Era possível ouvir sons em Shady Grove que a barafunda de Nova Orleães engolia completamente. A casa não era isolada mas os vizinhos mais próximos, Ray e Frieda Kole, ficavam a mais de oitocentos metros de distância, e nunca os víamos. Ray e Frieda tinham um medo aterrorizante do escuro. Dormiam durante o dia e à noite trancavam-se num velho *Buick* enferrujado no campo das traseiras da casa, com a ignição ligada e os faróis acesos, prontos para arrancar caso o bicho-papão aparecesse. Willie não estava interessada em vizinhos ou em socializar. Dizia que vinha para Shady Grove para ter paz e tranquilidade, para ficar longe das pessoas. Quando estava na casa de campo até usava um vestido de algodão e batom cor-de-rosa, em vez do vermelho habitual.

Todas as tardes eu fazia longas caminhadas, lendo enquanto palmilhava os mais de três quilómetros de caminho de terra até à encruzilhada de Possum Trot. Willie mal me dirigiu a palavra durante três dias. O silêncio dava-me mais tempo para pensar sobre Mr. Lockwell, sobre o relógio de Forrest Hearne, sobre o Smith College e sobre a minha mãe. Qualquer um dos quatro assuntos me deixava nervosa. Fiquei aliviada quando finalmente Willie começou a falar.

– Vai buscar as minhas armas. Vamos atirar – disse ela.

Fui buscar o saco de golfe à mala do *Cadillac*. Seis anos antes, um dos clientes perdera um conjunto de tacos de golfe num jogo de póquer com Willie. Ela mandou-me penhorar os tacos e guardar as espingardas e caçadeiras semiautomáticas no saco de couro verde. Frankie e eu fazíamos muitas vezes a brincadeira de que Willie se tinha tornado uma excelente jogadora de golfe. Alinhei as latas ao longo do muro das traseiras.

– Queres usar a caçadeira? – perguntou Willie.

– Não, uso a minha pistola – respondi.

– Tu é que sabes. Dá-me a caçadeira.

Eu tinha dez anos quando Willie me ensinou a atirar. Uma vez esqueci-me de pôr a patilha de segurança e a arma disparou acidentalmente. Willie açoitou-me com tanta força que nessa noite tive de jantar em pé. Mas nunca mais me esqueci da segurança.

– Controla a tua arma, Jo. No instante em que ela te controlar, morres – dizia-me Willie.

Mandei pelos ares a primeira lata em cima do muro.

– Bom tiro – elogiou Willie.

– É fácil: é só fazer de conta que é o Cincinnati – disse-lhe. Pensei em Cincinnati a dizer que eu era igual à minha mãe e disparei novamente.

Ela riu-se.

– O problema é que eu tenho muitos Cincinnatis. Não sei qual escolher. O Patrick já descobriu que foi o Cincinnati que lhe assaltou a casa? – Willie disparou um tiro estrondoso e falhou a lata de café. Ela raramente falhava.

– Não. E espero que nunca descubra. Ele disse-me que viu a minha mãe perto do Roosevelt Hotel com um tipo cujo fato não lhe assentava bem. Eu fiz de conta que não sabia quem era. A culpa é minha – disse eu, avançando alguns passos para a lata seguinte. – Eu estava sempre a falar à minha mãe das coisas bonitas que o Charlie tinha. Devia ter suspeitado quando ela, do nada, se pôs a fazer-me perguntas sobre a casa. Se tivesse visto, Willie, ele levou tudo: não só as coisas caras, mas os sapatinhos de bebé em bronze do Patrick e até um maço de cigarros que estava no balcão.

– Ainda me surpreende que ele não tenha conseguido arranjar maneira de levar o piano caro.

– Provavelmente tentou. Talvez tenha sido nessa altura que o Charlie chegou a casa e... – Deixei cair os braços em desânimo. – Que pessoa seria capaz de fazer uma coisa daquelas a um homem como o Charlie?

Cincinnati espancara Charlie de tal forma que ele teve de ficar internado no hospital mais de um mês. Quando Patrick chegou a casa e encontrou Charlie no meio de uma poça de sangue, achou que o pai estava morto.

– Só me facilitou a tarefa de dar um tiro ao Cincinnati quando ele bateu na tua mãe – disse Willie.

– E tu sabes bem que queimá-lo com o café quente foi mais por causa do Charlie do que pela tua mãe.

– O Patrick acha que o assalto e o espancamento é que deixaram o Charlie assim abanado – disse eu, acertando noutra lata de cima do muro.

– Não. Ele já era meio apalermado quando o Cinci assaltou a casa. A tua mãe sabia disso. Já tinha visto o Charlie na livraria e dizia que daquela boca só saíam disparates. Foi ela que sugeriu ao Cincinnati que ele ia ser um alvo fácil. Ela foi com ele, sabias? Ainda me pergunto se o Charlie a terá visto.

Fiquei a olhar para Willie. Charlie tinha sido tão bom para a minha mãe como para mim. Era sempre muito paciente com ela, tentando pô-la no caminho correto. Claro, eu sempre soube que a minha mãe enfiava coisas no *soutien* nos provadores das lojas de roupa. Sabia que ela sacava bebidas aos turistas e roubava as gorjetas das mesas. Mas ser capaz de deixar Cincinnati fazer aquilo a Charlie?

– Não, ela não podia estar lá – disse eu a Willie.

– Oh, sim, a tua mãe é realmente uma pessoa muito prestativa – ironizou Willie.

Uma dor atingiu-me subitamente as têmporas. Passei a minha pistola a Willie e disse:

– Dê-me a caçadeira. – Assim que a segurei nos braços, comecei a disparar, puxando cartucho atrás de cartucho. Quando as latas acabaram, comecei a fazer buracos na cerca.

– Para! Essa é a minha cerca, sua maluca! – gritou Willie.

Baixei a arma e olhei para Willie, tentando recuperar o fôlego.

– Boa descarga – disse Willie. – O que achas que diriam aqueles *petits fours* da Costa Leste?

Fiz um aceno de cabeça.

– Bastante salgado.

Fomos de carro até à cidade mais próxima comprar leite e ovos. Olhei para a luz do sol refletida no *capot* da *Mariah* e pensei na minha mãe a contar a Cincinnati tudo sobre a casa de Charlie e Patrick. Que tipo de pessoa era capaz de deliberadamente se aproveitar de um pobre homem como Charlie? E Charlie tinha feito tanto por nós antes de adoecer.

Willie pagou ao dono da loja para fazer um telefonema. Ligou para casa, para saber se estava tudo bem. Ouvia o trinado da voz de Dora pelo auscultador, mas não consegui perceber o que dizia.

– Diz-lhes para irem hoje à noite, às dez. Eu posso regressar e ter tudo pronto até lá – disse Willie.

– Telefona à Lucinda e diz-lhe que traga algumas meninas com ela. Não, a ruiva nem pensar. Não quero outra briga. Certo. Tudo bem. Partimos assim que pudermos.

Willie desligou o telefone.

– Seis clientes de Cuba. Vieram lá a casa o ano passado e gastaram quase cinco mil dólares no espaço de quatro horas. Dora disse que tentou adiar o mais que pôde, mas eles vão-se embora para Havana amanhã, por isso temos de regressar.

Concordei e segui Willie, que saiu da loja e entrou no carro.

– Ah! – disse Willie, parando ao lado da *Mariah*. – A Dora disse que o Patrick telefonou um monte de vezes para falar contigo. Diz que é importante.

—Leva as malas para o meu quarto e depois pisga-te daqui – ordenou Willie, entregando-mas.

As meninas desfilavam em vestidos de noite diante de Willie para aprovação. Ela verificava as unhas, analisava as joias e perguntava se os *soutiens* e cuecas combinavam. Todas usavam uma camada de *gloss* muito brilhante por cima do batom. Era típico das prostitutas terem lábios muito brilhantes, exceto Sweetie, que os usava sempre mate.

– Seja bem-vinda – disse Dora, usando um vestido de cetim cor de maçã verde com um enorme laço que mais parecia um arco-íris derretido.

– Que porcaria é essa? – perguntou Willie.

– Um toque especial para os mexicanos ricos que aí vêm – disse Dora, rodopiando em torno de Willie.

– Eles são cubanos, não mexicanos! Põe mas é o vestido de veludo. Por amor de Deus, és uma prostituta, não uma pinhata! – Dora suspirou e começou a subir a escada. – Onde está a Evangeline? – perguntou Willie.

– Amuada. O mãos-largas dela não aparece há algum tempo – disse Dora.

Mr. Lockwell. Talvez ele estivesse mesmo com medo de voltar. Mas, e se o seu apetite por tranças se sobrepusesse ao medo da humilhação? Tinha de lhe arrancar a carta de recomendação o mais depressa possível.

– O que foi? Vais ficar aí de boca aberta? – perguntou-me Willie. – Eu disse-te para pousares as minhas malas e te ires embora. As férias acabaram.

Carreguei a minha mala pesada, cheia de livros, até à livraria, pela rua escura. Fiquei atenta a Cokie, esperando que ele passasse e me desse uma boleia. Mas isso não aconteceu. Pelo caminho, notei o zumbido dos carros que passavam, a música que se derramava pelas janelas e portas de cada edifício. As varandas de ferro fundido pareciam arquear-se como *naperons* tristes e enferrujados. Passei por Mrs. Zerruda, que esfregava as escadas da entrada com pó de tijolo para afastar um feitiço *hoodoo*. Algures atrás de mim, uma garrafa partiu-se no passeio. Shady Grove parecia estar a milhares de quilómetros de distância.

A livraria estava fechada. O letreiro dizia FECHADO, mas as luzes estavam acesas. Subi as escadas para o meu apartamento. Havia um pacote encostado à minha porta. O meu coração deu um salto quando vi o nome de Charlotte no remetente. Na porta estava colado um bilhete de Patrick:

*Por favor, vem cá a casa.
É sobre o Charlie.*

*

Bati à porta de Patrick e inclinei-me sobre o corrimão para espreitar pela janela da frente.

– Sou eu, a Jo! – exclamei.

Patrick escancarou a porta; estava descalço, com a roupa toda suja e o rosto um caco.

– Patrick, o que se passa? – perguntei. Ouvi um grito de dentro da casa.

– Depressa. – Ele puxou-me para dentro e fechou a porta atrás de mim. O cheiro fez-me parar, como se tivesse chocado contra um muro de comida podre e fraldas imundas. – Oh, Patrick – disse, tapando o nariz –, tens de abrir uma janela.

– Não posso, senão eles vão ouvir. Jo, ele não para. Nunca ficou assim. E não consegue sair daquele estado. Não faz ideia de quem eu sou. Morre de medo de mim e não para de gritar. Só dorme uns minutos de cada vez. Estou com medo que o levem para o manicómio. Não durmo há dias, eu, eu... – O peito de Patrick subia e descia em respirações desesperadas.

– Está tudo bem – disse eu, tomando-lhe as mãos. Os olhos raiados de sangue de Patrick tinham-se afundado em poços profundos e cinzentos. A pele ao redor do nariz e da boca estava coberta de manchas vermelhas. O que estava a acontecer?

– Já tentaste tocar piano? – perguntei.

– As músicas habituais não funcionam.

– Deste-lhe o remédio?

– Dei, mas agora desapareceu e não consigo encontrá-lo. Acho que ele o deitou pela sanita abaixo. É tudo culpa minha.

– Calma, Patrick. Onde é que ele está?

– No quarto. Se me vê, fica completamente histérico.

Atravessei a cozinha e vi os pratos sujos empilhados no balcão. Subi as escadas devagar, à escuta. A madeira velha rangeu sob os meus pés ao chegar ao cimo e fui imediatamente brindada com um grito alucinante vindo de trás da porta do quarto de Charlie.

– Vês? Eu disse-te – sussurrou Patrick do fundo das escadas.

– Chiu! – Fiz-lhe um gesto para ele ficar quieto e aproximei o ouvido da ombreira da porta. – Charlie, sou eu. Posso entrar? – Não houve resposta de trás da porta. Coloquei a mão na fria maçaneta de vidro. – Vou entrar, Charlie. – Nenhuma resposta. Rodei a maçaneta. A porta rangeu quando a empurrei e espreitei lá para dentro.

O quarto estava destruído. As cortinas tinham sido arrancadas das janelas, o conteúdo das gavetas atirado para o chão, que se encontrava coberto de roupas, lençóis sujos, sapatos, a máquina de escrever, pratos e copos usados.

E o cheiro. Deu-me vômitos e recuei para o corredor para conseguir respirar. Disse a mim mesma que já tinha visto pior, mas não tinha a certeza se era verdade. Firmei-me na porta, respirei fundo e entrei no quarto. Charlie estava sentado de roupa interior diretamente no colchão, de olhos muito arregalados e tresloucados, agarrado à caixa do Dia dos Namorados.

– Lucy? – sussurrou ele.

– Olá, Charlie – comecei.

– Lucy, Lucy! Lucy! – continuou ele a sussurrar, balançando o corpo para frente e para trás. Há meses que ele não falava tanto.

Assenti com a cabeça, com receio de que qualquer discordância pudesse fazê-lo descontrolar-se. Peguei na almofada do chão e pousei-a na cama, o que resultou em várias rodadas de Lucy.

– Está na hora de descansar, Charlie – disse-lhe. Afastei-lhe o cabelo dos olhos e pressionei-lhe os ombros suavemente em direção à almofada, tentando sorrir em vez de vomitar.

Ele deitou-se e olhou para mim, segurando a caixa cor-de-rosa em forma de coração contra o peito.

– Lucy.

Pensei em tentar tirar-lhe a caixa, mas não quis abusar da sorte. Comecei a separar os objetos no chão, encontrando surpresas incríveis por baixo de cada toalha ou peça de roupa em que pegava. Algumas coisas não podiam sequer ser salvas.

Trabalhei durante mais de uma hora, colocando os objetos do lado de fora da porta e usando lençóis para fazer trouxas com o que ia para o lixo. Assim que Charlie fechou os olhos, esgueirei-me para fora do quarto e fechei a porta.

Patrick estava sentado numa poltrona da sala de estar, perto da janela, a olhar para o vazio.

– Ele está deitado, mas não sei por quanto tempo – disse eu. Patrick não disse nada. – Patrick?

– Lucy... Lucille, é a tia dele. Já morreu há mais de quinze anos.

– Ele precisa do medicamento.

– Não sei o que ele lhe fez. A farmácia está fechada agora – disse Patrick, ainda a olhar para o vazio.

– Vou telefonar à Willie. Ela vai arranjar alguma coisa através do doutor Sully.

Patrick limitou-se a assentir com a cabeça, em silêncio.

– Vai ficar tudo bem, Patrick. Assim que ele tomar o remédio, vai ficar tudo bem.

Ele virou-se para mim, quase com raiva.

– Será que vai? Ou será que vai apenas continuar a piorar? Ele enlouquece só de me ver, Jo. Eu não consegui controlá-lo, não consegui sequer dar-lhe banho. Comportou-se como se me desprezasse, como se eu fosse fazer-lhe mal.

– Ele está doente, Patrick.

– Eu sei. Ele precisa de ajuda profissional, um hospital. Mas eu não vou aguentar vê-lo a ser tratado como um louco na ala psiquiátrica do Charity. Ele não é louco. Alguma coisa não está... bem. Ele mudou depois daquela tarefaia.

– Vou ligar à Willie a pedir o medicamento.

Patrick apontou para o telefone pousado no chão, perto da entrada. Willie ficaria furiosa por ser incomodada justamente quando lá estavam os cubanos. Eu disse que estava a ligar por causa de Charlie e fiquei espantada com a rapidez com que Willie veio ao telefone. Conte-lhe tudo.

– Pobre velhote – suspirou Willie. – Vou tratar dos remédios. Pode levar algumas horas, por ser tão tarde, mas mando-os pelo Cokie.

Desliguei o telefone e comecei a limpar a cozinha. A voz de Patrick veio de cima do meu ombro.

– A culpa é minha, Jo. Deixei-o sozinho.

– Deixa-lo sozinho todos os dias. Ele normalmente fica bem, trancado no quarto.

– Mas deixei-o sozinho durante a noite.

– Também o deixaste sozinho na noite de Ano Novo, e ele ficou bem.

– Não, deixei-o sozinho durante mais tempo do que o habitual.

– Onde estavas? – perguntei, lavando um prato.

Patrick olhou para os pés.

– Tinha uns negócios a tratar.

– Foste comprar livros de pessoas mortas? Pronto, agora já sabes que não podes ficar fora tanto tempo. Por isso, para de te condenares. – Eu parecia Willie a falar.

Patrick olhou para mim, muito sério.

– Não sei o que faria sem ti, Jo, sabias?

Eu ri-me.

– Sobrevivias.

– Não, não sei se conseguia. – Deu um passo em frente, ficando mais perto. – Jo, podemos contar qualquer coisa um ao outro, certo?

Olhei para ele.

– O que queres dizer?

Ele aproximou-se ainda mais.

– Apenas o que disse. Se eu te contasse uma coisa, não ia querer que te afugentasse.

Senti o pulso acelerar. Olhei primeiro para Patrick e depois para a bancada da cozinha.

– Não posso acreditar que me estejas a dizer isso. Pensa nas coisas que já te contei sobre Willie. Não te afugenta, pois não? Ah, e por falar em coisas assustadoras, antes de eu ir para Shady Grove, apanhei o John Lockwell a sair de casa depois de um encontro com a Evangeline. Ela estava de tranças e com roupa de colegial.

– Não! – exclamou Patrick, dando um passo atrás.

– Pois é verdade.

– E tu, escondeste-te? – perguntou ele.

– Esconder? Não, disse-lhe que ia entregar uns livros à Willie. Perguntei-lhe se ia lá com frequência. A princípio ele foi rude e tentou livrar-se de mim. Então, persegui-o alameda abaixo até à Conti Street, disse-lhe que estava a candidatar-me ao Smith College e que queria uma carta de recomendação escrita por ele.

– Tu fizeste o quê?

– É verdade, e ainda lhe disse que ia telefonar ou, se lhe fosse mais conveniente, passar em casa dele para ir buscar a carta. Não demoram a perceber. Certamente não quer que eu conte à mulher ou àqueles filhos assustadores que o encontrei num bordel, não achas?

Patrick parecia eufórico.

– Jo, és um génio! Achas que ele te vai dar a carta?

– Ele disse-me para lhe telefonar para o escritório. Acho que vou lá dar uma saltada. – Limpei as mãos no pano da louça e virei-me para o encarar. – Estás a ver? Eu conto-te tudo. – Respirei fundo. – O que me querias dizer?

Patrick fez uma pausa, observando a minha expressão e depois sorriu de mansinho.

– Acho que chega por hoje. Nunca paras de me surpreender, Jo.

Patrick dormia no sofá quando Cokie chegou com o medicamento.

– Uuui, cheira a rato almiscarado morto aqui dentro – sussurrou Cokie, dando um beliscão na própria face.

– O cheiro já não está tão mau. Acabei de abrir as janelas. – Limpei o balcão da cozinha e pendurei o pano de louça húmido na torneira.

– A Willie mandou a Sadie empacotar algumas mercearias, também – disse Cokie, entregando-me o saco.

– Estavas a jogar bilhar? – perguntei-lhe. Eu sabia sempre quando Cokie estava a jogar porque as pontas dos seus dedos escuros ficavam polvilhadas de giz.

– Sim, eu e o Cornbread estivemos a jogar. Mister Charlie está muito mal? – perguntou Cokie.

– Muito. Ele precisa de tomar este medicamento.

– O doutor Sully mandou de dois tipos. Um deles é só para lhe dar se ele ficar mesmo *muito* mal.

Entrei na sala de estar, olhando para os dois frascos. Patrick roncava, mas não como Charlie, no

andar de cima. Charlie parecia estar a serrar madeira, roncando muito alto a cada respiração. O ronco de Patrick parecia um ronronar, o lábio superior a vibrar quando exalava. Pousei os dois frascos de medicamentos na frente dele na mesinha e cobri-o até aos ombros com uma manta. Preparei-me para sair, mas de repente olhei para ele, baixei-me e beijei-lhe a testa.

O conteúdo do pacote de Charlotte estava disposto ordenadamente em cima da minha escrivaninha: o catálogo do Smith College, as brochuras e a candidatura. Charlotte tinha incluído um velho exemplar da sequência de Candace Kinkaid, *Rogue Betrayal*, com uma dedicatória jocosa: «Para a minha querida amiga Jo. Que o teu coração nunca inflame de desejo vadio. Carinhosamente, Charlotte.» Também enviou a fotografia que tirara no Smith College que havia mencionado na festa. Encostei a pequena fotografia na minha secretária.

Sentia a cabeça pesada e precisava de dormir um pouco. Tinha ido para casa de Willie uma hora mais cedo, para ter tempo de ver como estava Charlie antes do pequeno-almoço. Já estava mais calmo e concordou em tomar o medicamento. Deixara outra vez de falar, limitando-se a ficar sentado na cadeira junto à janela, agarrado à caixa cor-de-rosa em forma de coração. Trabalhei na livraria todo o dia até Patrick chegar, da parte da tarde. Tínhamos combinado que ficaria a tomar conta da loja sozinho apenas durante um curto período de tempo, enquanto eu tratava de um assunto, o assunto com Mr. Lockwell.

Olhei-me no espelho partido pendurado na parede do meu quarto e suspirei para a rapariga que me mirava no reflexo. Tinha escolhido um vestido que achava ser o mais profissional para uma visita ao escritório e desejei ter luvas apropriadas a condizer. Mas eu não tinha luvas. A cor do vestido estava desbotada, após anos de lavagem e desgaste, e os sapatos estavam gastos. Com sorte, ninguém notaria. Tirei o excesso de batom dos lábios com um lenço de papel.

812, Gravier Street. Toda a gente conhecia aquele endereço. Era o edifício do Hibernia Bank, com a enorme cúpula branca. O gabinete de Mr. Lockwell ficava no oitavo andar. À medida que o elevador subia, senti um frio no estômago. O tom condescendente de Mr. Lockwell repetia-se na minha cabeça, o pequeno som de escárnio que emitira pelo nariz no caminho de acesso à casa de Willie. Pensei na caçadeira de Willie nos meus braços, robusta e feroz. Buracos na cerca, disse a mim mesma. Amendoins salgados.

A porta do elevador abriu-se, revelando um chão de madeira envernizado e uma mulher muito bem vestida no balcão de receção, ladeado por vasos com fetos. Eu esperava um corredor com escritórios. Mr. Lockwell tinha o piso inteiro. A mulher examinou-me minuciosamente enquanto permaneci do lado de fora do elevador agarrando-me com força à mala.

– Este é o oitavo andar – disse ela.

– Sim. – Assenti com a cabeça, aproximando-me. – Vim falar com Mister Lockwell.

As sobrancelhas finas ergueram-se.

– Tem marcação?

– Sou amiga da família. Ele está à minha espera. Josephine Moraine – disse eu, dando-me conta de que estava a falar mais alto e mais depressa do que era minha intenção.

A mulher pegou no telefone.

– Olá, Dottie. Tenho aqui uma Josephine Moraine para Mister Lockwell. – Ela fez uma pausa e olhou para mim enquanto falava. – Diz que é amiga da família e que ele está à espera dela.

Dez minutos se passaram, depois vinte, uma hora. Folhee a revista *LIFE* que estava pousada na mesa, fingindo interesse no artigo sobre o presidente Truman. A rececionista alternava entre limar as unhas e atender o telefone, lançando olhares ocasionais na minha direção e sacudindo a cabeça. Fiquei sentada muito direita numa cadeira, sentindo-me cada vez mais irritada a cada minuto que passava. Aproximei-me do balcão.

– Talvez seja melhor eu visitar Mister Lockwell em sua casa esta noite. Seria possível ligar-lhe novamente e ver se será mais conveniente para ele?

Ela tornou a ligar e um instante depois, as portas abriram-se e Mr. Lockwell apareceu usando uma camisa engomada e gravata.

– Josephine, desculpe a demora. A Charlotte vai matar-me. Venha comigo.

Mr. Lockwell conduziu-me até um grande gabinete de canto. O aposento era cinco vezes maior do que todo o meu apartamento, com janelas altas e luminosas com vista sobre a cidade. Fechou a porta e sentou-se atrás da grande secretária de mogno.

– Eu ia agora servir-me de uma bebida. Acompanhe-me. – Apontou para um comprido aparador cheio de garrafas de cristal, copos e um balde de gelo.

– Não, muito obrigada.

– Oh, eu insisto. Peça à Dottie que nos prepare uns *martinis*.

Pousei a minha mala na cadeira e caminhei até à mesa.

– Agitado ou mexido?

Ele parecia divertir-se.

– Mexido. Sujo.

Preparei o *cocktail*, sentindo os olhos dele queimarem-me as costas.

– Uau, isto é que é uma bebida! – exclamou ele depois de beber um gole e sentando-se à secretária.

– Há quanto tempo prepara *martinis*?

– Aprendi agora – respondi.

– Quem me dera que pudesse ensinar a Lilly a fazer uma bebida a sério. Tem a certeza de que não me quer acompanhar?

Fiz que não com a cabeça e sentei-me numa das cadeiras em frente a ele.

– Sei que deve ser uma pessoa muito ocupada. – Tirei um papel da bolsa com a morada da secretaria do Smith College e empurrei-o na direção dele sobre a mesa. – A carta pode ser curta. Apenas uma recomendação, para incluir na minha candidatura.

Mr. Lockwell recostou-se na cadeira, sem olhar sequer para o papel.

– Ah, então vai levar a sério esse assunto, não é?

– Muito a sério.

Bebeu outro gole de *martini* e afrouxou um pouco a gravata.

– Já disse à minha sobrinha que me encontrou no outro dia?

– Não, ainda não tive oportunidade.

– Bem, menina, na verdade, eu não a conheço, portanto não posso escrever uma carta de recomendação para alguém que não conheço. – Olhou-me, cauteloso. – Talvez a menina deva falar com a sua família acerca desta recomendação. Talvez com o seu pai?

Fingi uma expressão triste.

– Infelizmente, ele já não está entre nós.

– Ah, não? – Mais um gole do *martini*. – Bem, então onde está?

– Imagino que entenda o que quero dizer.

– Eu sei o que quer dizer – continuou ele, debruçando-se na mesa –, mas não acredito em si. Está a tentar chantagear-me, menina. Tem muita lábia. Senti o cheiro de algo errado quando apareceu com o seu amigo lá em casa. O Richard e a Betty não se cansam de falar no seu amigo tocador de piano. Eu já o vi antes, sentado nos bancos do fundo da igreja, a meio do dia.

– Viu o Patrick na igreja? – Aquilo era surpreendente.

– Sim, nós pecadores frequentamos a igreja – disse ele com sarcasmo, encarando-me do lado de lá da secretária. – E então? É orgulhosa, pobre, ou ambos? A minha sobrinha Charlotte adora alimentar vagabundos, mas geralmente eles têm pelo menos um bom par de sapatos.

Senti um fogo queimar-me dentro do peito. Aproximei o tronco e cruzei as mãos cuidadosamente em cima da mesa.

– Bem, foi uma feliz coincidência tê-lo encontrado com a sua amiga das tranças quando ia entregar livros. De qualquer forma, eu já tinha pensado em pedi-lhe, a si ou a Mrs. Lockwell, uma carta de recomendação – retorqui.

Ele entrou no jogo, movendo o bispo para mais perto da minha rainha.

– Oh, sim, a entregar livros. Eu passei na sua livraria no Bairro. Duas vezes. Estava fechada.

– Devido a doença na família – disse eu com um aceno de cabeça. – Mas eu sei que Mrs. Lockwell adora ler. Seria um prazer ir lá a casa levar-lhe alguns livros. – Voltei a pousar as mãos no colo.

Ficámos em silêncio, em frente um ao outro, eu agarrada à mala, Mr. Lockwell a transpirar.

– Se eu escrever uma carta de recomendação e, por algum motivo, a menina entrar, quando menos esperar vai estar a pedir-me dinheiro. É assim que estas coisas funcionam, certo?

O puro choque fez-me encostar à cadeira. Nunca, nunca fora minha intenção pedir dinheiro a Mr. Lockwell para pagar as propinas.

– Garanto-lhe, Mister Lockwell, que não quero o seu dinheiro.

– Pois, sim! Acha que nunca passei por este tipo de situação?

– Eu só pretendo uma boa recomendação sua, um nome que o júri de candidaturas possa reconhecer e respeitar.

– Porque o seu pai já não está entre nós – disse ele com piedade fingida. – Calculo que a sua mãe também já não esteja entre nós, certo? Vai tentar entrar no Smith College com essa história de Cinderela?

– Acredite em mim, não se trata de dinheiro. Eu quero estudar no Smith College. A Charlotte enviou-me todos os materiais necessários para a candidatura. Eu tive notas excelentes na escola.

Um relógio de parede soou. Mr. Lockwell tamborilou os dedos no couro embutido do tampo da secretária. Olhei para além das mãos, para o escritório atrás dele. Molduras de prata. Fotografias de família. Sorrisos.

– Sabe, posso perfeitamente contar tudo à minha esposa. Veja só, um parceiro de negócios combinou comigo uma bebida na casa da Willie, mas quando cheguei lá, não quis ficar e insisti que passássemos o encontro para um bar no Bairro Francês. Posso dizer isto à Lilly. Afinal, foi o que aconteceu.

Eu não tinha pensado nisso.

– Pode perfeitamente dizer-lhe o que quiser, Mister Lockwell.

– O que eu gostaria era de nunca mais a ver a si.

Tinha-o nas mãos. Podia dar o golpe final.

– Então, isto funciona bem para os dois. A sua brilhante recomendação vai mandar-me para o Smith College, que é do outro lado do país, e assim nunca mais terá de ouvir falar de mim. Nunca.

Ele acendeu o resto de um charuto que estava pousado no cinzeiro de cristal *Waterford* na secretária e acabou de beber o líquido restante do copo.

– Nunca mais, hum? – Eu quase podia ver o balão de pensamento por cima da sua cabeça. Incluía Evangeline a dançar na sua minissaia xadrez. – Talvez seja possível arranjar-se alguma coisa – disse ele. Puxou para si a folha de papel com as informações da secretaria da faculdade.

– Eu espero. O meu nome é Moraine, *M-o-r-a-i-n-e*.

– Acha que sou eu que a vou escrever? Vou pensar em alguma coisa e a Dottie depois prepara a carta.

– Duas cópias, por favor. Passo por cá amanhã.

– Não, eu envio-as para a livraria quando estiverem prontas. Não precisa de voltar. – Ele levantou as sobancelhas e o copo. – E prepare-me outro destes antes de sair. São muito bons.

Quando me virei para sair do gabinete de Mr. Lockwell, ele estava junto à janela, com a nova bebida na mão.

– Adeusinho, Josephine – disse ele com o que achei poder ser um sorriso. Ele não se ofereceu para me acompanhar à porta. Desci no elevador até ao átrio do prédio, exalando uma mistura de alívio e felicidade quando atravessei a porta e saí para a rua.

– Miss Moraine.

Alguém me tocou no cotovelo, e eu virei-me. Era um polícia.

– O detetive Langley gostaria de lhe fazer algumas perguntas. Queira acompanhar-me, por favor.

Estava sentada numa cadeira de metal frio no corredor da esquadra, cantarolando baixinho e de olhos postos nos ladrilhos cinzentos do chão. Fazia lembrar o pavimento da minha escola primária. Quando estava entediada, costumava ficar a olhar para eles, imaginando que era uma cuba de água turva e que bastava uma palavra-passe secreta para que a linha de junção dos ladrilhos se abrisse, engolindo a minha mesa e precipitando-me no abismo. Eu descia tão depressa que tinha de me segurar bem, o meu cabelo espesso parecendo uma tempestade emaranhada atrás de mim. Eu não sabia o que era o abismo, mas tinha a certeza de que algo melhor do que Nova Orleães se encontrava abaixo dos ladrilhos cinzentos da escola. O chão da esquadra da Polícia não parecia nada promissor. Resíduos de uma esfregona suja tinham deixado sombras circulares à volta das pernas de cada cadeira. Quem limpava a esquadra era preguiçoso. Afastava-se sempre as cadeiras para limpar corretamente.

Um ruído seco de saltos altos parou diante de mim.

– Olá, jovem Josie! A tua mãe não está aqui, pois não?

Darleen, irmã de Dora, cambaleava na minha frente, o lado esquerdo do pescoço salpicado ou com chupões ou nódoas negras.

Abanei a cabeça.

– Não, ela não está aqui.

– Obrigado por esperar, Miss Moraine. – Um homem atarracado e já meio calvo pusera a cabeça de fora de uma porta próxima. Darleen ergueu as sobrancelhas e, em seguida, afastou-se rapidamente, os pregos expostos dos saltos agulha gastos a bater contra o azulejo. Entrei no gabinete.

– Detetive Langley – disse ele, estendendo o braço para um aperto de mão. A sensação da palma da mão dele era húmida e gordurosa. – Sente-se.

O gabinete sem janelas não era nada como o de John Lockwell. Caixas de arquivo empilhadas forravam cada uma das paredes quase até ao teto e pilhas de pastas erguiam-se em torno do detetive na sua mesa. O ar estava pesado de bafo quente e nicotina. Nenhuma fotografia. O detetive pegou numa pasta de arquivo que tinha à sua frente e bebeu um gole de uma grossa caneca de café que não era lavada há meses. Era visível a película de cafeína no seu interior.

– Tivemos sorte em encontrá-la. O seu amigo da livraria disse-nos que tinha vindo tratar de uns assuntos à Gravier Street – prosseguiu o detetive.

Assenti. Eu já tinha visto Frankie e Willie conversarem com a Polícia. Eles ouviam sempre com muita atenção e falavam muito pouco. Eu pretendia fazer o mesmo. Willie costumava ter um contacto da Polícia que a protegia em troca de tempo com Dora. Mas ele fora demitido e Willie deixara de ter contactos dentro da Polícia.

– Não sei se está ciente, Miss Moraine, mas um cavalheiro do Tennessee morreu de ataque cardíaco no Sans Souci, na noite de fim de ano – disse o detetive, esperando por uma resposta.

– Eu li nos jornais – respondi.

Ele anuiu e mostrou-me uma imagem de Forrest Hearne. Do bonito, sofisticado e amável Forrest

Hearne. Sorria na fotografia, os dentes perfeitamente alinhados, como quadrados de giz.

– O livro de cheques de Mister Hearne mostra que, na tarde antes da sua morte, fez uma compra na livraria onde trabalha. Lembra-se de alguma coisa sobre ele?

Juntei as mãos para não tremer, pensando no cheque de Forrest Hearne muito bem dobrado e guardado na caixa de charutos debaixo da minha cama.

– Ele... disse que era de Memphis e que tinha vindo para o Sugar Bowl.

O detetive não olhou para mim. Em vez disso, olhava para a pasta, depois riscou um fósforo e acendeu um cigarro. Ergueu o maço, oferecendo-me um.

– Não, obrigada.

Enfiou o maço no bolso da camisa.

– O que é que ele comprou?

– Keats e Dickens – respondi.

Ele tomou nota num velho bloco que tinha à sua frente.

– Esse é o título do livro?

– Não, esses são os nomes dos dois escritores. Ele comprou um livro de poesia e um exemplar do *David Copperfield*.

O detetive continuou a escrever e bocejou. A língua dele estava manchada de amarelo-mostarda. Senti os ombros descomprimirem ligeiramente. Aquele homem era o que Willie chamava Manel do Papel, não era alguém a trabalhar ativamente num caso, mas apenas alguém que tomava notas para o relatório. Certamente não era o jogo de xadrez que John Lockwell tinha sido.

– E reparou se ele usava alguma joia? A viúva relatou que o falecido usava um relógio caro.

Uma corrente de gelo percorreu-me os nervos e alojou-se-me na garganta. O relógio. Claro que ela notara que o marido não o tinha. Por baixo da gravura *F. L. Hearne* na parte de trás, também havia as palavras *Com amor, Marion*. Era obviamente um presente. Um presente caro. E agora ela queria saber onde estava. *Tiquetaque, tiquetaque...* o som pulsava na minha cabeça.

– Reparou num relógio, Miss Moraine? – perguntou o detetive.

– Sim. Ele trazia um relógio.

– Como é que sabe? – perguntou o detetive.

– Reparei quando ele estava a passar o cheque.

O detetive virou a fotografia de Forrest Hearne para mim.

– Este tipo parece da alta sociedade. O relógio era bom?

– Hum, hum. De ouro.

A cadeira rangeu quando ele se inclinou para trás. Bocejou novamente e passou a mão pelas finas plumas de cabelo que lhe restavam.

– Está bem. Então confirma que ele usava o relógio quando comprou os livros?

– Sim.

– E a que horas foi isso?

– Não me lembro da hora exata. Ao fim da tarde.

– Notou mais alguma coisa? Ele pareceu-lhe doente?

– Não, não me pareceu doente.

– Marty! – Um homem igualmente desganhado espreitou pela porta. – Houve um tiroteio em Metairie. Os tipos lá estão a dizer que é um dos do bando do Marcello.

O sonolento detetive Langley arrebitou subitamente.

– Há testemunhas?

– Duas, e ambas a falar. Ainda vais demorar muito tempo?

– Já terminei. Deixa-me só ir buscar um café e já desço. Obrigada, Miss Moraine. Desculpe interromper o seu dia, mas a família do senhor está preocupada com o relógio e com algum dinheiro que desapareceu. Passam a vida a ligar-nos. Vou acompanhá-la à saída.

– Não é necessário. Parece que tem assuntos mais urgentes. Eu saio sozinha. – Peguei na mala e saí do gabinete e da esquadra o mais depressa possível.

A família está preocupada com o relógio. Pois claro que estava preocupada. Até aonde iria a esposa para o encontrar? Os fios de ansiedade no meu estômago estavam agora firmemente amarrados num nó. Senti-me como se estivesse a ficar doente. Como é que o relógio tinha ido parar dentro de uma peúga de homem no quarto da minha mãe? Eu podia ter dito ao detetive que encontrara o relógio e que teria todo o prazer em entregar-lho para que o devolvesse a Mrs. Hearne. Mas, então, ele podia perguntar como é que ele tinha ido parar a casa de Willie, depois ia interrogar Willie, e ela iria descobrir que eu tinha o relógio e não lhe tinha contado. Além disso, Willie estava sempre a dizer que não queria problemas.

Eu sabia o que fazer.

Deslizei o polegar pelas letras gravadas no ouro. Vi o relógio no pulso dele e ouvi a sua voz profunda. *Boa sorte na faculdade, qualquer que seja a escolha, e Feliz Ano Novo. Vai ser um ano excelente!* Ele não fazia ideia. Parecia bem, cheio de esperança. *David Copperfield*. Eu mal o conhecia, mas algo em mim se apegara ao relógio e eu queria desesperadamente mantê-lo. Mas não podia.

Vesti a camisola, pus o relógio na mala e saí do meu apartamento.

O ar frio estava suspenso de humidade e uma chuva fina caía de mansinho na escuridão. Eu deveria ter trazido um guarda-chuva, mas não quis voltar para trás. Sabia que se o fizesse, poderia perder a coragem. Por isso segui caminho pela Royal em direção à St. Peter. O céu nublado transformara as ruas num labirinto negro molhado. Geralmente eu estava atenta às sombras atrás de mim no passeio, mas esta noite não havia nenhuma, apenas uma lisura negra. Havia portas abertas e ecoavam vozes entre os prédios. Um homem gritou com o filho qualquer coisa sobre o lixo e uma soprano cantava uma bela ária algres acima de mim.

– Psst! Miúda!

Um homem velho e andrajoso de pantufas espreitou de uma das portas à minha frente. Agarrei-me mais à mala e desci do passeio para a rua. Ele começou a seguir-me, debitando uma lengalenga absurda.

– Hazel está debaixo da mesa – disse ele, com um risinho, menos de meio metro atrás de mim.

Estuguei o passo e ouvi a paragem repentina das passadas abafadas, que foram substituídas por um canto sinistro.

– «Foste embora para sempre, que tristeza, Clementina»² – trauteou ele.

Talvez eu devesse ter esperado até amanhecer. Já tinha o cabelo todo molhado e comecei a tremer de frio ao passar pela gelataria Dewey. A luminosidade cor-de-rosa do interior era acolhedora. Estava quase a dobrar a esquina quando ouvi atrás de mim o ranger de dobradiças de uma porta.

– Jo!

Virei-me. Jesse vinha a correr na minha direção.

– Ei, Jo. Aonde vais?

Abri a boca para responder, mas voltei a fechá-la. Aonde é que eu ia? O que podia dizer-lhe? Olhei para baixo, para as calças de ganga de Jesse, com dobras largas por cima das botas de motociclista pretas, e tentei pensar em alguma coisa.

– Vou... ter com um amigo.

– Um bocadinho tarde, não?

Concordei com um gesto de cabeça, passando os braços ao redor da minha camisola molhada.

– Queres entrar para te aqueceres um bocadinho? – perguntou ele, acenando com a cabeça em direção à gelataria.

Os meus olhos foram atraídos para o cor-de-rosa alegre e acolhedor na esquina.

– Bem...

– Ah, vamos lá, Detroit. Só um bocadinho. Estás toda a tremer.

Olhei para escuridão da St. Peter Street.

– Está bem, só um bocadinho.

Arranjei o cabelo na casa de banho das senhoras e tentei secar-me com o lenço fino que trazia na mala. Quando voltei, tinha uma chávena de chocolate quente à minha espera pousada no balcão ao lado de Jesse. Sentei-me no banco alto de vinil. O copo de refrigerante de Jesse estava vazio.

– Já estavas aqui há muito tempo? – perguntei-lhe.

– Estava a pensar em ir-me embora quando te vi. Tive de sair um bocado de casa. A minha avó estava a pôr-me doido. Está a tentar lançar um feitiço aos nossos vizinhos para os fazer mudar de casa. Eles são muito barulhentos e não a deixam dormir à noite.

– A sério? Qual é o feitiço?

Ele revirou os olhos e empurrou o chocolate quente na minha direção.

– Oh, anda lá, Jesse. Conta-me. Eu também não acredito nessas coisas.

Eu não acreditava, mas trazia na mala um *gris-gris*, um amuleto vudu protetor, que o feiticeiro de Willie insistiu para que eu usasse.

– Nã, são só coisas malucas – disse ele, tentando limpar o que parecia ser óleo de motor dos dedos com o guardanapo.

– Oh, como se eu não estivesse habituada a maluquices!

Ele sorriu.

– Pronto, está bem. – Virou-se para mim rodando o banco, pousou as botas em ambos os lados das minhas pernas e inclinou-se para mais perto de mim. Senti o cheiro da loção de barbear e procurei manter quieta a cabeça, que parecia estar a ser atraída em direção ao cheiro.

– Ela tem um feitiço que jura ser tiro e queda para se livrar de pessoas. Pega numa ratazana morta e enche-lhe a boca com um pedaço de limão mergulhado em cera vermelha. Depois verte uma colher de chá de *whisky* por cima do rato, embrulha-o em jornal e, em seguida, vai pô-lo debaixo do alpendre do vizinho. – Ele ergueu as sobrancelhas.

– Nunca tinha ouvido esse. – Jesse era muito engraçado e, surpreendentemente, de conversa fácil.

– Ela é muito supersticiosa, mas Nova Orleães é mesmo assim.

– Sim, Nova Orleães é mesmo assim – concordei, abanando a cabeça.

Ele inclinou ligeiramente o copo de refrigerante, ficando a ver o resto do líquido subir pelas paredes do vidro.

– Mas ias-te embora?

Olhei para cima. Jesse estava a olhar para mim.

– Quero dizer, já pensaste em sair de Nova Orleães? – perguntou.

Será que ele sabia? Eu queria responder-lhe que sim, mas não me parecia correto. Ele já sabia sobre a minha mãe. Talvez tivesse sido por isso que trouxera o assunto à baila. Baixei os olhos para o balcão.

– Então tu és o primeiro da família a ir para a faculdade? – inquiri.

– Sim. O meu pai ainda está na cadeia. Ele fala em sair, mas eu sei que é só conversa.

– Ele está preso porquê?

– Jogo... e outras coisas. Nunca está cá fora mais de um par de meses antes ser preso outra vez – contou Jesse.

– O teu pai não está associado ao Carlos Marcello, pois não? – Pensei no detetive Langley a dizer

que um dos homens de Marcello estava envolvido no tiroteio em Metairie. Como eu queria que tivesse sido Cincinnati.

– Ui, nem pensar! Marcello é peixe graúdo. Se te metes com ele não acabas na cadeia, acabas morto. O meu pai é apenas o típico bandido desta margem do Mississípi. Esta cidade come-te vivo se não tiveres cuidado. Mas eu não vou ficar aqui para sempre. Afinal, achas que pareço mesmo um vendedor de flores?

– Olá, Jesse! – Duas loiras atraentes de braço dado aproximavam-se de nós ao balcão.

– Ei, Fran – cumprimentou Jesse por cima do ombro, mas sem desviar os olhos de mim. – Gostas de flores, Detroit?

– A minha mãe adorou as rosas que te comprou a semana passada – disse a rapariga, deslizando para mais perto de Jesse.

– Ainda bem.

Jesse virou-se para elas e falou num sussurro brincalhão:

– Agora, se me dão licença, senhoritas, estou um bocadinho ocupado, a tentar fazer a corte a esta menina.

Soltei uma risada, tentando não deixar escapar chocolate quente pelo nariz.

– Não parece que ela esteja interessada – comentou Fran.

A expressão de Jesse ficou muito séria.

Eu deslizei para fora do banco.

– Mas que descuido da minha parte. Por favor, sentem-se. Nós não precisamos de dois bancos. – Sentei-me no colo de Jesse.

As loiras ficaram de olhos arregalados a olhar para mim. Pendurei o meu braço no ombro dele e fiz um gesto na direção do banco vago.

– O teu carro já funciona, Jesse, ou ainda andas montado na *Triumph*? – perguntou Fran.

– Ainda conduzo a mota, mas o arranjo do *Mercedes* já vai bem adiantado.

– Vai ficar fantástico – disse eu, mexendo a palha do copo de Jesse no resto de refrigerante. – Colaça de alta pressão, carburador duplo.

Todas as cabeças se viraram para mim.

– A Jo é originária de Detroit – explicou Jesse. – A Capital do Automóvel.

– Que giro – disse Fran, fuzilando-me com o olhar. – A Jo de Detroit e o Jesse de Dauphine.

– Na verdade, eu sou do Alabama – corrigiu Jesse.

– Mas assim não soa tão bem – comentou Fran.

– Eu acho que soa muito bem. – Baixei a voz para um sussurro. – Afinal de contas, meninas, sabem o que se diz sobre os homens do Alabama – afirmei com um menear de cabeça cúmplice.

Fran ficou de boca aberta. Ela tinha dois dentes chumbados do lado direito. A amiga dela pôs-se com risinhos descontrolados. Fran puxou-a em direção à porta.

Fiquei a ver as raparigas afastarem-se em passo vagaroso, com os seus casacos caros e batom cor-de-rosa. Assim que elas saíram, Jesse desatou a rir.

– Impressionante. Com que então, colaça de alta pressão? – disse ele.

– Li qualquer coisa sobre isso num livro de carros que tínhamos na loja.

– Isto para elas é um jogo – explicou-me ele. – Meterem-se com o rebelde da zona pobre.

– O que queres dizer? Ela parecia interessada em ti. – Olhei para Jesse. Ele não era elegante nem perspicaz como Patrick. Tinha um ar mais duro, de mistério silencioso. Jesse tinha olhos azuis,

cabelo castanho vibrante e uma cicatriz profunda junto da orelha direita. Apesar de uma lesão no pé quando era miúdo, ele tinha sido jogador de *baseball* na escola.

– Elas não estão interessadas. Estão só a namoriscar com um tipo do Bairro para depois, quando forem mais velhas, poderem dizer que uma vez se aventuraram nos bairros pobres da cidade.

– Estou a ver, a contar histórias enquanto bebem *whisky* com soda nas reuniões de *bridge*.

– Exatamente – concordou Jesse. – Vão falar sobre aquele tempo em que andavam no Bairro...

– Com o belo vendedor de flores.

– Que lhes arruinou a reputação para sempre – sussurrou ao meu ouvido.

O hálito quente de Jesse perto do meu ouvido provocou-me um frémito no estômago. Uma sensação de nervoso tomou conta de mim e eu saltei do colo dele.

– Desculpa, provavelmente estou a esmagar-te as pernas – justifiquei, sentando-me no outro banco e alisando a saia.

– Não te preocupes! Um belo vendedor de flores pode bem com isso. – Jesse olhou para mim.

– O quê? – Uma onda de calor afluiu-me às faces.

– Tu disseste «com o belo vendedor de flores».

– Não disse nada.

– Disseste, sim, e agora estás a corar. – Jesse sorriu. – Mas não te preocupes. Eu sei que não foi com intenção. Estavas só a brincar. – Jesse brincou com o guardanapo onde o copo de refrigerante estava pousado. – O amigo com quem te vais encontrar hoje à noite é o tipo da livraria, certo?

Eu estava tão quentinha e confortável que até me tinha esquecido disso. O relógio. O detetive. A mentira a Jesse. Gostaria de poder dizer-lhe a verdade, mas o que diria? «Na verdade, Jesse, estou com pressa porque tenho o relógio de um homem morto na minha mala, e tanto a viúva como a Polícia andam à procura dele. Sabes como são estas coisas, com o teu pai na cadeia, e tudo o mais.»

Mas apenas assenti e disse:

– Sim, vou encontrar-me com o Patrick. O melhor é ir indo. – Abri a mala.

– Não, fica por minha conta, Jo. Dá-me esse prazer.

– Obrigada, Jesse – agradei com um sorriso.

– Que tal se eu te acompanhar até lá? – sugeriu, pousando o dinheiro no balcão e levantando-se. – Está muito escuro.

– Oh, não é preciso! Eu fico bem.

Ele assentiu e o sorriso desapareceu.

– Tu é que sabes. Foi ótimo ver-te, Jo. Tem uma boa noite.

– Boa noite, Jesse. E, mais uma vez, obrigada pelo chocolate quente.

Desci a St. Peter e depois atravessei para a Eads Plaza, tentando decidir onde iria fazê-lo, qual poderia ser o sítio mais escuro, onde ninguém me visse. Os chuviscos tinham parado, mas o céu ainda estava escuro e coberto de nuvens espessas. Uma ratazana mordiscava o lixo molhado na rua. Parou e olhou para mim. Pensei na avó de Jesse a encher-lhe a boca com um limão. Atravessei a rua e continuei até à margem do rio. Os meus sapatos escorregaram na gravilha molhada e tropecei, quase caindo. Fingia estar a andar fortuitamente, espreitando de vez em quando por cima do ombro para ver se havia alguém por perto. Um casal a beijar-se junto à água. Passei por eles, esperando que se fossem embora.

O vento soprou e o cheiro forte do barrento Mississípi atingiu-me o rosto, agitando as pontas do meu cabelo. Ouvi o clamor de um saxofone mais ao fundo da margem e vi ao longe as luzes

cintilantes do barco a vapor *President*, com todos os passageiros em grande festa. Fiquei ali de pé a olhar para a água, calculando a distância a que teria de atirar o relógio para que não voltasse a dar à costa. Devia ter amarrado o relógio a uma pedra, para ter a certeza de que iria afundar e ficar depositado no fundo. Algo atrás de mim rangeu e virei-me imediatamente.

Tentei ver o que era, mas não vislumbrei nada naquela negritude. Pensei em todas as histórias de fantasmas no Mississípi, em Jean Lafitte e nos outros piratas, sem cabeça, que assombram o rio. Voltei a virar-me para a água e abri a mala.

Agarrei no relógio de Forrest Hearne, ordenando a mim mesma que o atirasse ao rio. Tive a sensação de que a inscrição *Com amor, Marion* me picava os dedos, implorando-me para não atirar um objeto tão cheio de beleza e carinho no lamacento Mississípi. Porém, fora exatamente isso que acontecera com Forrest Hearne na noite de fim de ano, não fora? Um belo homem foi assaltado e sugado para o fundo da imundície enlameada do Bairro. As palavras de Dickens não me saíam da cabeça:

No fundo do meu coração guardo um filho preferido: o nome dele é David Copperfield.

O relógio queimava-me a mão. Olhei para a água e pensei em Forrest Hearne e na sua bondade, na minha mãe com Cincinnati, em Willie, nas meninas, em Patrick, em Charlie, em Jesse e em Cokie.

E comecei a chorar.

² No original «*Thou art lost and gone forever, dreadful sorry, Clementine*», versos do refrão de uma música popular americana intitulada *Oh, My Darling, Clementine*, popularizada na época da corrida ao ouro na Califórnia. A sua autoria é atribuída por vezes a Percy Montrose, outras a Barker Bradford, pretende ser uma sátira às baladas românticas tristes. (N. da T.)

As portas abriram-se e eu entrei.
– Oitavo andar, por favor.

O ascensorista virou-se lentamente para mim.

Senti as mãos a gelarem.

– Mãe?

O rosto dela estava cinzento e sem vida, a boca rodeada de crostas. Abanou a cabeça muito devagar e riu-se. Aquele riso que eu odiava.

– Oh, não, minha menina – murmurou. – O oitavo andar não é para ti.

Ela agarrou na manivela e empurrou-a para frente. Senti o elevador precipitar-se a toda a velocidade para o fundo. Estávamos a cair e a minha mãe ria-se descontroladamente. As crostas na boca abriram, começando a sangrar. Fios de sangue escorriam-lhe pela boca e pelo pescoço, ensopando-lhe o uniforme bege de fibra acrílica. Gritei.

Foi assim que acordei. Aos gritos.

Os gritos ainda retumbavam dentro da minha cabeça enquanto fazia as limpezas em casa de Willie, ainda me ecoavam nos ouvidos no caminho de regresso à livraria. De longe a longe, os gritos misturavam-se com o tiquetaque do relógio de Forrest Hearne. Eu tinha voltado a guardá-lo no esconderijo na loja.

E a minha mãe. Não era capaz de apagar a visão daquele rosto macabro, do sangue. Tinha receio de que lhe tivesse acontecido alguma coisa na viagem. Desejei que ela escrevesse e então perguntei-me porquê. Tudo seria mais simples sem a mãe em Nova Orleães, mais simples, sem que eu estivesse envolta nas sombras daquele coração negro e mente infantil. Mas, ainda assim, eu preferia ter notícias dela.

Mudei de roupa e desci as escadas para a livraria. A porta estava aberta e Patrick desempacotava uma caixa de livros no balcão. Os seus gestos eram muito vagarosos, os ombros caídos.

– Como está o Charlie? – perguntei.

– Na mesma.

– Estás bem?

– Sim, apenas cansado. A Polícia encontrou-te ontem? – perguntou Patrick.

– Claro que sim. Tu disseste-lhes que eu ia estar na Gravier Street. Porque é que lhes disseste onde eu estava?

Patrick olhou para mim com ar confuso.

– Pensei que ias querer ajudar. Eu sei que achaste Mister Hearne um tipo simpático, tal como eu. Não queres ajudar a descobrir o que realmente lhe aconteceu?

– Não é da minha conta. O que é que eu sei acerca de Mister Hearne? Só me interessei por curiosidade.

Patrick encolheu os ombros.

– E então? Como foi com Mister Lockwell?

– Disse-lhe que tinha ido lá em teu nome pedir a mão da filha dele em casamento.

– Claro, e tu podes casar com o irmão que mata gatinhos e seremos todos uma família feliz. Mas, agora a sério, o que aconteceu?

– Ele fez-me esperar mais de uma hora, por isso eu disse à rececionista que o melhor era ir mais tarde a casa dele. Isso fê-lo aparecer de imediato. Conduziu-me até ao escritório, que, para que saibas, é maior do que esta loja e tem um bar muito bem recheado.

– Obviamente – comentou Patrick, anuindo.

– Então preparei-lhe um par de *martinis* e, depois de uma conversa bastante desagradável, ele concordou em escrever a carta.

– Uau! Conseguiu. Isso é ótimo! – exclamou Patrick.

Fiz que sim com a cabeça e aponte para as caixas no balcão.

– O que arranjaste?

– O Yves Beaufort morreu. Ele tinha uma grande coleção de obras de Victor Hugo que o Charlie sempre quis. Tenho de voltar para ir buscar o resto, mas até tenho medo. Quando lá cheguei esta manhã, a viúva estava de *négligé* preto. Disse-me que era o seu traje de luto e que me faria um desconto se lhe consertasse a pia da cozinha.

– Ugh! Mrs. Beaufort não tem já quase oitenta anos?

– Oitenta e dois, e ninguém lhe daria mais do que noventa e cinco. O que é que eu percebo de canalizações? As coisas que eu faço por Victor Hugo, não é?

A porta abriu-se e Frankie entrou calmamente na loja. Colocou as mãos nas ancas e olhou em volta.

– Frankie! Finalmente vieste comprar um livro.

– Ei, miúda. – Tirou uma pastilha elástica cor-de-rosa e meteu-a à boca, cheirando a folha de papel prateado do invólucro antes de a amarfanhar e a enfiar na algibeira.

– Não venho à procura de livros, apenas à tua procura. – Cumprimentou Patrick com um gesto de cabeça. – Ei, Marlowe, como está o velhote?

– Está muito bem, obrigado – respondeu Patrick.

– Pois é, Jo, eu soube que estiveste na choldra ontem. Está tudo bem? – perguntou Frankie.

– Foi a Darleen que te contou?

– Eu não disse quem me contou. Está tudo bem?

– Sim, está tudo bem, Frankie.

– Queriam fazer-te perguntas sobre a tua mãe?

– Não, porque haveriam de me fazer perguntas sobre a minha mãe? – quis saber.

– Queriam fazer perguntas sobre o tipo que morreu na noite de fim de ano – explicou Patrick. Olhei para ele e franzi a testa. Ele não precisava de voluntariar informação.

Frankie olhou para mim e depois para Patrick, o maxilar a mascar a chiclete.

– O tipo de Memphis. Certo. A bófia também cá veio? – perguntou ele a Patrick.

Patrick não respondeu. Frankie olhou para mim.

– Forrest Hearne comprou dois livros aqui na loja no dia em que morreu. Eles queriam saber se eu achei que ele parecia doente quando cá esteve. Eu disse-lhes que ele parecia estar bem. Só isso.

Frankie debruçou-se no balcão e pegou num dos livros, lendo alto:

– Viquetor Hugo.

– Pronuncia-se Vítor – esclareceu Patrick. Eu tive de conter uma gargalhada. A pronúncia errada era um dos ódios de estimação de Patrick.

– Ai sim? Conheci um tipo chamado Vítor, uma vez. Ainda me deve dez dólares. – Frankie abriu completamente o livro e pôs-se a folheá-lo.

– Por favor, cuidado com a lombada. É um livro muito antigo – disse Patrick, pegando no livro com todo o cuidado. – Posso ajudar-te a encontrar alguma coisa?

– Nã! – disse Frankie, endireitando-se e estalando os nós dos dedos. – Então, Jo, alguma coisa que a Willie deva saber?

Ele olhou para mim daquela maneira típica de Frankie. Era impossível saber o que ele sabia, mas eu tinha de partir do princípio de que tudo o que ele soubesse ia contar a Willie, e ela pagava-lhe principescamente para isso. O sentimento de culpa voltou a tomar conta de mim. Eu devia ter falado a Willie do relógio. Nunca tinha escondido dela uma coisa desta gravidade. Mas Frankie não podia saber que eu tinha o relógio. A única coisa que eu sabia com certeza era que Frankie sabia mais do que eu.

– Não, não tenho nada para a Willie. Se tiver, depois digo-te – respondi.

– Ai sim? – Ele sorriu e rebentou um balão de pastilha elástica. – E também me vais dizer há quanto tempo namoras com o Jesse Thierry?

Patrick virou-se para mim.

– Andas com o Jesse Thierry?

– Não ando com o Jesse Thierry – protestei.

Frankie sorriu.

– Não? Corre por aí que estavas sentada no colo dele ontem à noite e que ele estava a sussurrar-te ao ouvido.

Eu detestava aquela cidade. Quem teria estado a espiar-me? Olhei para Frankie. Será que ele tinha contado a Willie?

– Onde é que foi isso? – perguntou Patrick.

– Eu não sou homem de mexericos, Marlowe, sou homem de informações. – Frankie estendeu a mão para receber o pagamento.

– Para com isso! Não vais vender informações sobre mim. Foi na gelataria Dewey e foi apenas uma piada. O Jesse é apenas um amigo.

Frankie levantou as mãos em ato de rendição.

– Por mim, tudo bem. O Jesse é um tipo porreiro. As raparigas são tolinhas por ele. Até mais, miúda! – Frankie virou costas para sair e eu segui-o até à rua. Não aguentava; eu tinha de saber.

– Diz-me, Frankie, já ouviste alguma coisa sobre a minha mãe?

– Ela tem sido vista aqui e ali. Sabes uma coisa, Jo? Tu devias manter-te perto da Willie.

– Mas eu estou perto da Willie.

– Ela sempre te apoiou, e tu devias apoiá-la também. – Frankie rebentou outro balão de pastilha, levantou a mão comprida em despedida e desapareceu Royal Street abaixo.

Eu sabia que Willie era a maior benfeitora de Frankie. Por isso, fazia todo o sentido que ele ficasse perto dela e lhe fornecesse informações. Mas o que estaria a insinuar ao dizer que eu deveria manter-me perto de Willie? Patrick fez-me sinal pela montra para eu voltar à loja.

– Agora faz sentido – disse Patrick. – O Jesse vem cá muitas vezes, mas não compra nada. Limita-se a encher os livros de gordura. Ele não é de uma dessas vilazecas saloias do Arkansas?

– Alabama, e ele não enche os livros de gordura. Tu é que estás a inventar.

– Bem, talvez seja boa pessoa. Pelo menos está sempre a sorrir. Já reparaste? – perguntou Patrick.

- Não, nunca reparei.
- Gostas dele?
- É apenas um amigo – respondi.

Patrick assentiu.

- Tem bons dentes. – E, de repente, mudou de assunto. – É verdade, encontrei Miss Paulsen ontem.

Miss Paulsen era professora na Loyola e amiga pessoal de Charlie. Nunca tivera oportunidade de a conhecer, mas Charlie confidenciou-me certa vez achar que ela tinha esperança que a amizade de ambos passasse a um compromisso duradouro. Houve um ano em que contratou Patrick como assistente dela no departamento de Inglês.

- Miss Paulsen estudou no Smith College – disse Patrick.

- Estudou?

– Sim, tinha-me esquecido completamente disso. Então, eu falei-lhe de ti e ela disse que teria todo o prazer em responder a qualquer dúvida que possas ter. Ela vai passar cá mais para o fim da semana para vir buscar um livro que lhe encomendei. Podes falar com ela nessa altura – disse Patrick.

– Oh, Patrick, obrigada! – Fiz uma tentativa desajeitada de o abraçar, porque me pareceu apropriado. Ele ficou especado, muito surpreendido, mas por fim retribuiu o abraço, apoiando o queixo no meu ombro.

Eu tinha lido toda a documentação tantas vezes que praticamente já a memorizara.

O objetivo do Júri de Admissões é apresentar requisitos de acesso flexíveis para, assim, tornar possível que jovens capazes, provenientes dos mais variados tipos de escolas e de todas as partes do país possam estudar no Smith College.

Olhei para a palavra «capazes». Capazes de atender às rigorosas exigências? Capazes de serem aceites? Provavelmente capazes de pagar, algo que eu não podia.

O Júri de Admissões procura selecionar, a partir da lista completa de candidatos, aquelas alunas cuja mostra de personalidade, saúde e erudição evidenciem estar completamente habilitadas para a faculdade.

Personalidade: eu sabia que era uma pessoa, mas eles queriam que eu tivesse personalidade.

Saúde: além do vomitivo incidente do feijão vermelho com arroz no passeio em frente à loja de Mrs. Gedrick, eu era saudável.

Erudição: aquele B à disciplina de Mr. Proffitt ia perseguir-me para sempre. Eu ainda era capaz de sentir aquele hálito pegajoso de naftalina a pairar sobre a minha mesa. Parecia que engolia camisolas podres guardadas no sótão. «Tem de se aplicar no estudo, Miss Moraine», dizia no seu tom de voz sussurrante. «Precisa de encontrar a alma da equação.» A alma da equação? Eu não estava convencida de que a matemática tivesse alguma coisa que ver com alma. Mas eu deveria ter fingido e partilhado com Mr. Proffitt uma refeição em coletes de malha. Aquele B ia prejudicar a minha candidatura.

A admissão é baseada no registo da candidata como um todo, no histórico escolar, nas recomendações, nos exames do College Board e em outras informações previstas por esta instituição respeitantes à capacidade geral, personalidade e saúde. Todas as referências devem chegar ao Júri de Admissões antes do dia 1 de março, caso a aluna deseje ver o seu pedido considerado na reunião de abril do Júri de Admissões.

Antes de março. Já estávamos em fevereiro. O *Mardi Gras*, no dia 21 de fevereiro, aproximava-se a passos largos e as festas e bailes já estavam a caminho. Willie iria manter a casa aberta mais tempo todos os dias para lucrar com a «época alta da folia», como lhe chamava. Contratava temporariamente mais meninas e tinha dois quartos reservados no motel ali próximo. As meninas trabalhavam por turnos, tendo tempo para tomar banho e dormir algumas horas no motel nos intervalos. Eu continuava a fazer a limpeza de manhã, mas demorava mais tempo, e havia sempre recados para fazer durante o *Mardi Gras*.

Do balcão da livraria olhei lá para fora pela montra e observei os transeuntes. John Lockwell também estaria ocupado durante o Carnaval. Quando estive no escritório dele reparei numa fotografia dele com o agrupamento Rex, um dos mais antigos blocos carnavalescos. Se eu não conseguisse a carta de recomendação antes de as festividades do Carnaval começarem, não a conseguiria de todo.

Residência:

O Smith College tem a política de alojar grupos de alunas de cada uma das quatro classes em casas próprias. Cada casa possui sala de estar, sala de jantar, cozinha e é supervisionada pela Chefe da Casa.

A «Chefe da Casa». Parecia Willie. Olhei para o endereço de Charlotte no remetente. Ela morava na Tenney House.

Despesas:

Propinas – \$850

Renda da residência – \$750

Livros a \$25 – \$50

Inscrições e taxas – \$24

Recreação e despesas extra – \$100

Basta! Guardei a pilha de papéis debaixo do balcão. Olhar para as despesas dava-me voltas ao estômago. Quase dois mil dólares. Oito mil dólares pelos quatro anos. As minhas economias na caixa de charutos eram de menos de trezentos dólares. Claro, teria sempre sete cêntimos para o elétrico e cinco cêntimos para um refrigerante, mas dois mil dólares por ano? Willie dissera que pagava Newcomb ou Loyola, mas essas faculdades custavam apenas um terço do Smith College. Ia ter de pedir apoio financeiro e bolsa de estudo. Era a minha única esperança. De alguma forma eu tinha de transformar os amendoins salgados na caixa de charutos em *petits fours*.

Olhei para a montra. Uma mulher vestida com um *tailleur* elegante atravessou a rua em direção à loja. Calculei que tivesse os seus cinquenta e tal anos. As pessoas desviaram-se naturalmente quando ela atravessou até à porta da livraria. Ficção literária. Coloquei o polegar em cima do balcão, fazendo sinal a um Patrick que não estava lá. Força do hábito.

– Boa tarde – cumprimentei quando ela entrou.

A mulher veio direta a mim. Pousou a carteira em cima do balcão e sorriu. Era um sorriso educado, mas reservado, como se os dentes quisessem desesperadamente espreitar, mas ela não permitisse. A hesitação dela indicava avaliação. A cabeça inclinou-se ligeiramente ao olhar para mim. O cabelo nas têmporas estava puxado firmemente em direção ao rabo-de-cavalo. A pele esticada como caramelo cor de carne.

– Miss Moraine?

Assenti.

– Eu sou Barbara Paulsen, diretora do Departamento de Inglês da Loyola. O Patrick Marlowe foi meu assistente durante um ano.

– Ah, sim. É um prazer conhecê-la. O Patrick disse-me que estudou no Smith College.

– É verdade. – A cabeça inclinou-se novamente, desta vez na direção oposta. Avaliação completa.
– E ele contou-me que está a candidatar-se. Está bastante atrasada, sabia? A maioria das jovens candidata-se antes de chegar ao último ano do liceu.

– Sim, mas eu vou conseguir cumprir a data-limite de março.

– Patrick disse que tem muito boas notas. E quanto a atividades extracurriculares?

Fiquei a olhar para ela.

– Tem certamente atividades extracurriculares para incluir na sua candidatura? Prémios de mérito?

Abanei a cabeça em negação e continuei o gesto enquanto ela me pulverizava com nomes como associação de estudantes, clube linguístico, comité social e todas as outras afiliações a que qualquer jovem candidata a uma universidade da Costa Leste teria pertencido.

– As minhas atividades extracurriculares eram muito limitadas. Eu era obrigada a ter vários empregos enquanto estudava – expliquei. Limitadas? Era mais do tipo inexistentes.

– Estou a ver. Que outros empregos teve além de trabalhar aqui na livraria?

Ela estava a querer saber se eu tinha condições financeiras para pagar as despesas, o que não acontecia. Olhei para o cabelo puxado nas têmporas e tentei formular uma resposta não comprometedora.

– Trabalho como empregada doméstica numa das casas aqui do Bairro Francês.

Miss Paulsen não reagiu com o choque ou o horror que eu esperava. Parecia apreciar a minha franqueza e brincou com a alça da pequena carteira.

– O Patrick explicou-me que o seu pai está ausente. E a sua mãe, minha querida?

«A minha mãe? Oh, neste momento está num motel empoeirado da Califórnia, a refrescar-se com uma garrafa de cerveja gelada no decote.»

– A minha mãe... também fazia limpezas – disse eu. – Neste momento, ela está fora do estado, anda à procura de emprego.

O silêncio instalou-se entre nós, até que ela falou:

– O Charlie Marlowe e eu somos velhos amigos. O Patrick foi um dos melhores alunos que já tive. Ele não é tão bom escritor como o pai, mas é um profundo conhecedor de literatura, e acho que daria um excelente editor. Sempre o encorajei nessa direção, mas... – Ela parou e fez um gesto de mão, mudando de assunto. – O que quero dizer é que tenho o maior respeito pelo Patrick, e ele parece ter o maior respeito por si. – Fiquei confusa com aquele fim de frase.

– O Patrick e eu somos amigos há muito tempo – expliquei.

– Namora com ele? – As palavras saíram-lhe depressa, muito depressa, e ela sabia disso. E havia uma outra coisa a pulsar por trás da pergunta. Não exatamente ciúme. Uma certa curiosidade? – Não que seja da minha conta – acrescentou.

– Oh, eu não me incomodo com a pergunta. Somos apenas amigos – assegurei.

– É que sempre me perguntei porque é que ele decidiu ficar em Nova Orleães. Está tudo bem com o pai dele?

– Tudo perfeito! – Sorri.

– Ainda bem, porque eu gostaria de convidar o Charlie novamente para a minha aula de escrita criativa este ano.

Imaginei Charlie a comandar uma sala de aula em cuecas, segurando a caixa em forma de coração contra o peito.

– Bem, vai precisar de algumas cartas de recomendação de peso na sua candidatura. Infelizmente,

não vou poder escrever-lhe uma. Já o fiz para uma jovem da Sacred Heart e, entenda, a recomendação perderia a sua importância se eu escrevesse outra. Mas encorajo-a na sua candidatura, Miss Moraine. Estes exercícios, mesmo parecendo vãos, formam o carácter.

Vãos. Ela estava a dizer-me que era inútil. Que eu era inútil.

– Calculo que tenha um livro para mim? – perguntou ela. – Deixei-o logo pago na altura da encomenda.

Eu já tinha visto o livro: *O Segundo Sexo*, de uma autora francesa, Simone de Beauvoir. Patrick tinha-o encomendado a uma editora de Paris. Disse que era uma análise às mulheres. Tirei as chaves do bolso e fui até à estante. Abri a porta de vidro e tirei o livro da prateleira. Senti uma sombra calorosa atrás de mim. Miss Paulsen estava a poucos centímetros de mim.

Apontou por cima do meu ombro.

– *Passagem para a Índia*. Que edição? Gostaria de ver esse também – disse, estendendo a mão.

Eu era uma mentirosa. Sinto muito, Miss Paulsen. O *Passagem para a Índia* está atualmente em fase de restauro. Não, Patrick, eu não sei com quem estava a minha mãe junto ao Roosevelt Hotel. Sim, Jesse, eu vou-me encontrar com Patrick esta noite. Não, Willie, eu não sabia que a minha mãe tinha partido para a Califórnia. Não, detetive Langley, não encontrei o relógio de Forrest Hearne debaixo da cama da minha mãe, uma cama num bordel com um buraco de bala na cabeceira.

E não parava por aqui. Cada mentira que dizia precisava de outra para engrossar a massa da anterior. Era inútil, como quando aprendi a fazer croché e fiz uma longa cadeia de laçadas. Ser inútil forma o caráter, dissera Miss Paulsen. Talvez ela estivesse em casa agora, a beber um chá preto fraquinho usando a saqueta da noite anterior, massajando o couro cabeludo arrepanhado.

Sentei-me na cama, olhando para o exemplar de *Passagem para a Índia* pousado no meu colo. Que tolice a minha, a de guardar o livro na loja. Todavia, as peças ainda não encaixavam. Se Forrest Hearne não tinha ido a casa de Willie, então como é que o relógio fora parar ao quarto da minha mãe? Se a minha mãe tivesse conhecimento do relógio, certamente não o teria deixado para trás. Não, seria o complemento perfeito ao guarda-roupa mortuário de Cincinnati. E Frankie dissera que a minha mãe tinha estado no Roosevelt Hotel na noite de Ano Novo.

Rastejei para debaixo da minha cama e levantei a tábua solta. Enfiei a mão pela abertura, tirei a caixa de charutos e substituí-a pelo livro. Arranjei espaço para a caixa de dinheiro no fundo de uma das minhas gavetas da escrivaninha. Duas coisas pairavam na minha mente:

Mr. Hearne não me achara inútil.

Alguém que estivera com Forrest Hearne tinha ido a casa de Willie.

Os preparativos para o *Mardi Gras* intensificaram-se. As pessoas celebravam as festividades iminentes. Há catorze dias que andava com o cartão de visita de John Lockwell no bolso, prometendo a mim mesma telefonar e perguntar sobre a carta. Durante catorze noites, fiquei deitada na cama, certa de que ouvia o relógio revelador debaixo do soalho.

Quanto mais nos aproximávamos do Carnaval, mais suja ficava a casa de Willie. Cheguei às cinco da manhã e vi carros estacionados no fundo da longa alameda de entrada. Willie raramente permitia carros na alameda. Dizia que era uma desculpa para a Polícia ter a casa debaixo de olho. Felizmente, a Polícia tornava-se mais permissiva na altura do *Mardi Gras*.

As meninas trabalhavam até tarde e dormiam até tarde. Evangeline havia-se instalado no seu novo quarto. Já não cheirava à mãe. Willie andava exausta, mas não me atrevi a alterar o nosso calendário normal. Com a bandeja do pequeno-almoço nas mãos, bati com o pé no fundo da porta do quarto dela.

— É bom que seja o meu café e é bom que esteja quente.

Empurrei a porta e vi Willie sentada na cama, rodeada por volumosas pilhas de dinheiro.

— Fecha a porta. Não quero que as meninas vejam todas estas verdinhas, senão pedem-me já um bónus. Como se eu não soubesse que todas elas já metem ao bolso um extra. Por acaso tenho

«Estúpida» tatuado na testa? – Pousou as mãos no colo. – Bem, o que me trazes?

– Os restos habituais do Carnaval. – Esvaziei os bolsos do avental em cima da cama. Botões de punho sem par, gravatas de seda, isqueiros, convites para festas, chaves de hotel, e um grande maço de notas preso com um clipe.

Willie pegou no dinheiro e contou-o.

– Isto é do senador. Mete-o num envelope selado e dá-o ao Cokie. Diz-lhe que vá entregá-lo ao Pontchartrain Hotel. É onde ele está hospedado. Temos sorte de ele ter estado com a Sweetie e não com a Evangeline. O que mais?

– As fronhas da Evangeline estão rasgadas.

– Sim, ela teve o arranhador ontem à noite – explicou Willie.

– Falando da Evangeline – comecei com cuidado –, eu notei que ela tem umas joias novas no guarda-joias.

– Não são roubadas. Ela tem um homem importante.

– Alguém novo? – perguntei.

– Não, ele vem de vez em quando. – Willie pousou uma pilha de notas ao fundo da cama e continuou a contar. – Três mil. Traz-me uma toalha humedecida com água quente. Este dinheiro está nojento.

– O novo cliente da Evangeline é um joalheiro? – perguntei alto da casa de banho.

– Nã, é um construtor da zona alta. Constrói hotéis e centros comerciais. Não gosto dele. Tem um sentido de autoridade retorcido. Mas esbanja dinheiro a rodos.

Sentei-me na beira da cama de Willie e limpei-lhe as mãos com a toalha quente. Ela reclinou-se nas almofadas e suspirou.

– Willie, as suas mãos estão inchadas. O que aconteceu?

– Estão a levedar. Demasiado sal. – Ela tirou as mãos da minha e recolheu rapidamente as notas, empilhando-as e amarrando-as com elásticos de borracha por denominação. – Consegui três mil só na noite passada. Se isto continuar assim, vai ser a melhor temporada de sempre. O cofre está aberto. Guarda lá estas e traz-me a caixa verde que está na prateleira de baixo.

Três mil dólares. Willie ganhara um ano de propinas do Smith College numa noite. Guardei os montes de notas no cofre ao lado das outras filas de dinheiro e peguei na caixa verde que ela pedira. A palavra «Adler's» encontrava-se gravada a ouro na tampa. Eu sabia o que era a Adler's. Era uma joalharia de luxo na Canal Street. Tudo era lindo e caríssimo. Eu nunca tinha entrado lá, mas às vezes ficava a admirar a montra. Entreguei a caixa a Willie.

– Devo contar à Sadie sobre as fronhas da Evangeline? – perguntei, recolhendo dois copos da escrivaninha de Willie.

– Deixa-te de fitas. Não estás a pensar em fronhas agora – disse Willie.

Respirei fundo. Voltei a pousar os copos na mesa para ela não ver as minhas mãos a tremer.

– Podes pensar que algumas coisas me escapam, Jo, mas isso não acontece. Já ando neste jogo há muito tempo e sou fina que nem um alho.

Anuí.

– Para de te esconder aí na mesa. Vem cá – bradou ela. Aproximei-me da cama alta.

– Toma. – Empurrou a caixa verde na minha direção. – Abre.

A tampa chiou nas dobradiças ao abrir. Envolto numa cama branca de cetim estava um belo relógio de ouro. As palavras *Lady Elgin* descreviam um arco suave no mostrador. Era a versão feminina do

relógio de Forrest Hearne.

Ela sabia. Aquela era a sua maneira de me dizer que sabia. Respirei fundo. Não conseguia encará-la.

– E então? – disse ela em tom de comando.

– É lindo, Willie. Quer que eu o coloque no seu pulso agora? Sei como detesta fechos pequeninos.

– Eu? De que é que estás a falar? Não tens nada a dizer-me, palerma?

Estava tudo acabado.

– Willie, desculpe...

– Cala-te! Não preciso de ouvir isso. Pega no relógio e agradece. Achas que a inútil da tua mãe se ia lembrar? Não. Mas não fiques à espera de prendas todos os anos. Dezoito anos é um marco importante na vida. E não mostres às meninas. Só vai servir para começarem a pedinchar uma ida à Adler's, e eu preciso delas concentradas esta noite. O Dia dos Namorados é sempre uma maravilha. Não te esqueças de ir buscar os enfeites ao sótão. Porque é que estás aí parada? O que foi, precisas de me ouvir dizê-lo? Feliz aniversário. Pronto. Agora, desaparece.

O meu aniversário. Eu não me tinha esquecido, só pensei que os outros sim. Recuei até à porta.

– Obrigada, Willie. É lindo.

– Bem, leva os copos. Só porque tens dezoito anos não significa que possas ser preguiçosa. E lembra-te de outra coisa, Jo.

– O quê?

Willie olhou para mim.

– Agora já tens idade para ires para a prisão.

Quando terminei de limpar e de ir buscar as decorações do Dia dos Namorados ao sótão, as meninas já estavam na cozinha a tomar café.

– Feliz aniversário, docinho! – disse Dora. – A Sweetie lembrou-nos ontem à noite.

– Queres dizer feliz dia de morte – comentou Evangeline. – A mulher que lhe inspirou o nome morreu no Dia dos Namorados.

– Podes imaginar, morrer no Dia dos Namorados? – disse Dora, enrolando o longo cabelo ruivo num carrapito e enfiando um lápis para o segurar. – Há uma certa tristeza nisso. Mas vocês já sabem que eu vou esticar o pernil no dia de St. Patrick, levada num caixão forrado a cetim verde.

– A Willie ofereceu-te alguma coisa pelo aniversário? – perguntou Evangeline, esfregando as palmas das mãos nas coxas.

– Vangie, a Willie não dá presentes de aniversário, sabes disso – disse Dora. – Só estás toda entusiasmada com presentes porque achas que o teu mandachuva te vai trazer um presente de namorados.

– Um mandachuva? Tens um novo namorado, Evangeline? – perguntei.

– Mete-te na tua vida – retorquiu ela. Arrancou o lápis do cabelo de Dora e saiu da cozinha como um furacão.

John Lockwell tinha Evangeline. Eu não tinha a minha carta.

Lancei uma olhadela sobre o ombro, certificando-me de que estava sozinha. Marquei o número de telefone. Ouvi um clique e, em seguida, dois toques.

– Bom dia, Lockwell Company.

– Bom dia. Gostaria de falar com Mister Lockwell, por favor. – A minha voz estava a tremer? Tossi para a mão. Imaginei a rececionista a limar as unhas e a revirar os olhos.

– Um momento, por favor.

– Gabinete de Mister Lockwell.

Fiz uma pausa, tentando soar prazenteira e calma.

– Olá, Dottie. Como está? Daqui é Josephine Moraine e gostaria de falar com Mister Lockwell.

Silêncio.

– Mister Lockwell aguarda a sua chamada?

Obviamente que não.

– Aguarda, sim, obrigada.

– Um momento, por favor.

Mais silêncio. Sal passou, transportando um *king cake*. Apontei para o telefone e murmurei:

– Para a Willie. – Sal assentiu.

A voz na linha imperou no silêncio, profunda e rica.

– Deixe-me adivinhar, quer que eu seja o seu namorado.

Olhei para o auscultador.

– Não, Mister Lockwell, daqui é Josephine Moraine, a amiga da Charlotte.

Ele riu-se e, em seguida, soltou uma tosse miasmática, talvez vinda do tabaco da noite anterior.

– Eu sei perfeitamente quem é. Tem sorte de me ter apanhado. Não costumo estar no escritório tão cedo, especialmente na altura do *Mardi Gras*. Tive de vir assinar um cheque. Fechei um grande negócio. Porque não vem cá fazer-me um daqueles *martinis* para comemorar? Raios, acho que ainda estou embriagado de ontem à noite.

– Estou a ligar por causa da carta de recomendação. Tenho de enviar a minha candidatura em breve. – A frase saiu exatamente como a tinha ensaiado no meu apartamento.

– Já arranjou uns sapatos novos?

– Desculpe?

– Tem bons tornozelos, mas essas coisas desconjuntadas, ou lá o que eram, fazem-lhe as pernas parecer atarracadas. Precisa de uns saltos. Sapatos de salto alto.

A palma da minha mão apertou-se à volta do auscultador.

– O que eu preciso é da carta.

– Então apareça cá com um bom par de saltos altos e eu dou-lhe a carta – disse ele. Ouvi um rangido e um baque. Imaginei-o a recostar-se na cadeira de couro vermelho, colocando os pés em cima da secretária, em frente a todas as aquelas fotografias emolduradas.

– Se me entregar a carta, eu preparo-lhe um *martini* – contrapus.

– Não. – Ele deixou escapar um riso abafado. Talvez estivesse realmente bêbedo. Nesse caso, eu precisava de tirar proveito disso.

– Esteja cá às seis e meia – disse ele.

– Três e meia.

– Seis – contrapôs ele. – Adeusinho, Josephine.

Para ele era um jogo. Apenas um joguinho. Uma coisa sem importância.

Então, porque me sentia tão repugnada por dentro?

A contrastar com o meu ar opaco, o relógio parecia mais novo do que um par de sapatos novos. O ouro era tão brilhante que ficava ridículo em mim. Ela tinha mandado gravar o relógio na parte de trás: *A Jo fez 18. – Willie.*

Com toda a azáfama da época de Carnaval, ela ainda se lembrara do meu aniversário. E eu estava a sonegar-lhe informação, quebrando o que era mais importante para Willie... a confiança. Fiquei aliviada ao ver o táxi de Cokie estacionar à porta da livraria. Ele entrou, transportando uma caixa de cartão, e começou a cantar e a dançar.

– *«I'd rather drink muddy water, than let you jive on me»*. Josie, é o teu aniversário, por isso não me venhas com tretas.

Uma serenata de aniversário de Cokie era tradição. Ele ainda me fazia corar.

– Acho que o Smiley Lewis não gostaria que transformasses a música dele numa música de aniversário – disse eu.

– Que estás tu a dizer? O Smiley ficaria honrado. Ele ainda vai gravar essa música um dia. E eu vou dizer-lhe que a toque desta maneira só para ti esta noite. Parabéns, menina Josie. – Cokie abriu um sorriso de orelha a orelha.

– Antes que me esqueça – deslizei o envelope sobre o balcão –, a Willie quer que deixes isto no Pontchartrain.

– Está bem. Agora que já tratámos de negócios, vamos tratar do teu aniversário. Vejo que recebeste a prenda de Willie. Mas quem quer um matacão desses em ouro quando pode ter isto? – Cokie pousou a caixa que trouxera no balcão, à minha frente.

Eu adorava os presentes de aniversário de Cokie quase tanto como o adorava a ele. Nunca extravagantes, mas sempre cheios de significado. E ele dizia sempre que era um cachorrinho.

– Tem cuidado quando abrires, porque pode saltar cá para fora – alertou Cokie.

– Mas já lhe deste comida, certo? – perguntei.

– Claro que sim. Alimentei-o hoje de manhã.

Afastei as abas e espreitei para dentro da caixa. Uma garrafa térmica de alumínio com uma tampa de plástico vermelha. Um mapa.

Cokie dava pulos de entusiasmo.

– Isto é completamente novo na Sears. O anúncio diz que mantém qualquer bebida quente durante quase um dia inteiro. Diz que até podes pôr sopa lá dentro. Mas tu vais precisar é de a encher de café.

– Vou?

– Claro que vais. Senão, como é que vais conseguir aguentar mais de trinta horas acordada sem café?

– Trinta horas?

Cokie pousou a caixa no chão e tirou o mapa.

– Tenho tudo planeado. Até conversei com o Cornbread e ele confirmou a rota. – Ele abriu o mapa

sobre o balcão à nossa frente. – Vês? Estamos aqui. – Apontou para Nova Orleães no mapa. – Agora, segue-me. – O dedo escuro percorreu um longo risco que ele havia desenhado com uma caneta vermelha. – Primeiro atravessas o Mississípi, depois o Alabama, depois sobes até à Geórgia.

Os meus olhos saltaram mais para diante. A tinta vermelha terminava abruptamente no Connecticut.

– Cokie, foste tu que fizeste isto?

– Eu e o Cornbread. Ele conhece os trajetos por causa dos tempos de camionista. Foi a Willie que me deu a ideia. Às vezes, quando estou a conduzir, ela fala. Nem sequer está a falar comigo, está apenas a falar, como se pensasse em voz alta. Bem, ela soltava fogo pelas ventas porque tu lhe disseste que querias ir para alguma faculdade toda chique lá para o Leste. Pôs-se a dizer que és demasiado salgada para esse tipo de escolas, e eu disse: «E porque não? Talvez essas escolas precisem de um pouco de tempero. Eles seriam uns felizardos em ter lá a menina Josie.» Ui, ela ficou fúria e disse que para entrar para essas escolas é preciso muita política e que tu não tens a influência suficiente para entrar e assim por diante. Mas sabes uma coisa? Eu acho que és capaz. A minha única preocupação é como é que chegas lá. Por isso falei com o Cornbread. Ele disse que eu podia tentar levar-te no táxi ou então arranjar algum camião que fizesse essa rota e tu podias apanhar boleia com o camionista. Depois, ele marcou o percurso no mapa. Mas eu não sabia que escola ias escolher, porque todas elas te vão querer, por isso parámos de riscar no Connecticut. Mais de dois mil e quatrocentos quilómetros. É uma longa viagem. – Deu uma palmadinha na tampa da garrafa térmica –, por isso vais precisar de café.

Ele abriu um sorriso rasgado. Tinha tanta certeza, acreditava em mim de modo tão absoluto.

– Josie – o sorriso desapareceu-lhe da voz –, porque estás a chorar?

Sacudi a cabeça, sem conseguir falar. Peguei na garrafa térmica e embalei-a contra o peito. As lágrimas deslizaram-me pelas faces.

– Ah, não devias chorar no teu aniversário. – Ele apontou para o mapa. – Onde é que fica? – perguntou com carinho.

– É o Smith College, em Northampton. Perto de Boston.

– Então está bem. – Tirou a caneta vermelha do bolso e continuou o risco do Connecticut até Massachusetts. – Boston. Aqui está! – Olhou para mim. – Porque estás preocupada, Jo? Não tens a certeza?

Engoli as lágrimas para conseguir falar.

– Tenho a certeza de que quero ir, mas não tenho a certeza se é possível. Porque é que me aceitariam? E se o fizerem, como vou pagar? Não quero ter muitas esperanças e depois ficar desiludida. Estou sempre a ser desiludida.

– Não deixes que o medo te mantenha em Nova Orleães. Às vezes partimos numa estrada achando que estamos a ir para um lugar e acabamos noutra. Mas não há problema. O importante é começar. Eu sei que consegues. Vamos, Josie, põe essas asas a funcionar.

– A Willie não quer.

– E depois? Vais ficar toda a vida a limpar-lhe a casa e a aturar os maluquinhos do Bairro? A tua história é bem maior do que isso.

Eu levantei a garrafa térmica.

– E tenho café quentinho para a viagem.

Cokie começou a dançar *shuffle* e a cantar.

– «*I'd rather drink muddy water, than let you jive on me*». Menina Josie, vais para Boston, por

isso não me venhas com tretas.

Eu abracei a garrafa térmica.

– Então agora é melhor eu despachar-me e ir para o Pontchartrain, senão a Willie mata-me – disse Cokie. – Trouxe-te outra coisa. – Enfiou a mão no bolso de trás e tirou um recorte de jornal, rasgado nas pontas. – O Cornbread acabou de regressar do Tennessee e deu-me isto. A família do homem rico não está satisfeita. Aparentemente, roubaram-lhe o relógio e dinheiro, por isso eles estão desconfiados. Querem mandar fazer uma autópsia. – Ele pousou o recorte de jornal no balcão.

MORTE SUSPEITA DE HABITANTE DO TENNESSEE

O corpo de Forrest L. Hearne, Jr., de 42 anos, será exumado em Memphis na próxima segunda-feira para autópsia. Hearne, um próspero arquiteto e construtor, morreu às primeiras horas da manhã de 1 de janeiro no bar Sans Souci, em Nova Orleães. Hearne e dois amigos tinham viajado para Nova Orleães para assistirem ao jogo do Sugar Bowl do dia 2 de janeiro. Alegadamente, Hearne teria saído de Memphis com 3000 dólares, mas não foi encontrado qualquer dinheiro no corpo. O defunto também estava sem o relógio dispendioso que usava e os bilhetes para o Sugar Bowl. A morte de Hearne foi atribuída, na altura, a um ataque cardíaco. O Dr. Riley Moore, médico-legista da Paróquia de Orleães, afirmou que Hearne ficou inconsciente ainda no clube e que já se encontrava morto quando a ambulância chegou.

– Josie – Cokie aproximou-se do balcão –, estás bem? Estás mais branca do que a cal, rapariga.

— Tens mesmo de ir hoje? – perguntou Patrick. – Pensei que talvez pudesses aparecer lá em casa para o teu aniversário e dizer olá ao Charlie.

– Sim, tenho mesmo de ir. Ele vai dar-me a carta.

– E se eu for contigo? Talvez dê um ar mais sério se eu estiver lá.

Gostei da ideia de Patrick me acompanhar. Mas depois pensei sobre o que Mr. Lockwell tinha dito. Saltos altos. Ele não ia gostar de ver Patrick lá. E achei por bem não mencionar isso a Patrick.

– Porque não nos encontramos mais logo no Paddock? O Smiley Lewis vai atuar hoje. Achas que podes aparecer depois de o Charlie adormecer? – perguntei.

– O Paddock é tão nojento. Além disso, não posso deixar o Charlie sozinho muito tempo. Ele tem andado a dar problemas. Miss Paulsen telefonou e quis falar com ele. Ela disse que passou por cá. Não lhe contaste nada, pois não?

– Claro que não! Eu nunca faria isso.

– Promete-me que não contas a ninguém, Jo.

– Prometo. Eu amo o Charlie tanto como tu – respondi.

– Alguns dos vizinhos andam desconfiados. Eu disse-lhes que ele anda completamente absorvido a escrever uma peça de teatro e que às vezes se põe a lê-la em voz alta, a dizer as falas dos personagens.

– Isso foi muito inteligente. E é verdade que ele uma vez passou trinta e cinco dias a escrever sem sair de casa – comentei.

– Sim, mas eu não sei quanto tempo vão acreditar na história. Eu gosto de Miss Paulsen, mas ela é muito intrometida. E o irmão dela é médico. Basta que ela veja Charlie para o pôr numa camisa de forças.

– Não digas isso. Já escreveste à tua mãe? – perguntei.

– Contei-lhe sobre o assalto e a tarefa, mas ela não sabe do estado em que ele se encontra. – Patrick remexeu em alguns papéis que estavam no balcão. – Diz-me uma coisa, Jo, tenho-me esquecido de te perguntar: sempre chegaste a fazer o tal inventário? Os contabilistas precisam dele para os impostos.

– O teu contabilista faz parte do bloco carnavalesco *Proteus* e eles devem estar nos preparativos para o *Mardi Gras*. Não me parece que esteja preocupado com as declarações de impostos neste momento.

– Eu sei, mas quero tê-lo com antecedência. Estou farto de fazer sempre tudo à última da hora. E desculpa pedir-te isto, mas achas que podias fazer-me o favor de ficar com o Charlie umas horas amanhã à noite? Estou à espera de uns livros por volta da hora do jantar e quero ver se faço o negócio rapidamente. Estamos a precisar do dinheiro.

– Claro, eu fico com o Charlie.

– Obrigado, Jo. Ena, agora sinto-me mal. O teu Romeu salão, o Jesse, oferece-te flores nos anos e eu nem consigo ir ter contigo ao Paddock.

– Flores?

– Não viste? – Patrick revirou os olhos. – Vai lá fora e olha para a tua janela.

Fui até à rua e olhei para cima na direção do meu apartamento. Pendurado na floreira de ferro forjado da janela estava um ramo de lírios cor-de-rosa. Como é que Jesse conseguira pô-lo lá em cima?

Eu nunca tinha recebido flores e não tinha um vaso, por isso coloquei-as num copo na minha escrivaninha. A fragrância não tardou a preencher o pequeno espaço. Olhando para os lírios, senti um misto de felicidade e apreensão. A menos que fosse Cokie, os presentes de homens não eram gratuitos.

Coloquei o mesmo vestido que tinha usado da última vez que fora ao escritório de Lockwell. Era a única roupa apresentável que eu tinha. Amarrei um lenço vermelho ao pescoço, deixando as pontas viradas para o ombro, tentando dar outro ar ao conjunto, e penteei o cabelo para o lado para domar o volume causado pela humidade. Por alguma razão, o meu cabelo tinha sempre melhor aspeto antes de dormir, mas de que me servia isso?

Olhei para os pés. Sapatos bonitos em troca de uma carta. Sexo por um colar de pérolas.

Havia diferença?

Os meus saltos ecoaram no chão de mármore deserto do átrio. Às seis horas no Dia dos Namorados e tão perto do *Mardi Gras*, toda a gente andava à procura da sua metade da laranja. Quando cheguei ao oitavo andar, a receção estava vazia. Uma única gota de suor deslizou-me entre as omoplatas, ficando alojada na base da coluna. Peguei numa revista da mesinha da área de espera da receção fazendo dela um leque para refrescar o rosto. A temperatura exterior era de apenas vinte e um graus, mas eu tinha vindo apressada. Levantei o braço e abanei as rodela de suor das axilas. Estaria com calor ou nervosa?

– Ora, não posso imaginar um melhor uso para essa revista.

Levantei o olhar. Um homem de fato cinzento com uma pasta encontrava-se junto ao balcão da receção.

– Acho que diminuem o ar fresco depois do horário de trabalho. Está aqui para falar com alguém? – perguntou.

– Mister Lockwell. – Assenti, acrescentando: – Sou amiga da sobrinha.

– Acho que ele está no gabinete. Foi um grande dia para ele. Outro bom negócio. Eu podia mostrar-lhe o caminho, mas estou atrasado para o jantar com a minha mulher. Entre à vontade.

Atravessei pelo meio das filas de secretárias até ao gabinete colossal de Mr. Lockwell. Cada passo me era mais difícil e comecei a sentir câibras nos dedos dos pés. Aquilo era um erro. A voz de Mr. Lockwell aumentou de volume quando me aproximei. Estava a debitar datas e valores em dólares. Grandes somas. Dizia que o acordo fora assinado hoje e que o advogado tinha acabado de sair do escritório com o contrato. Permaneci do lado de fora da porta. Ouvi-o desligar o telefone e bati à porta.

– Entre.

A sala era uma neblina de fumo de charuto.

– Olá, Josephine. – Mr. Lockwell sorriu e saiu de trás da sua mesa, dirigindo-se para a porta. Os olhos ávidos desceram de imediato para os meus pés.

O meu estômago contorceu-se. Senti o sabor da humilhação subir-me pela garganta. Ele não tirava os olhos dos meus pés.

– Que raio é isso?

– Chamam-se *mocassins*. *Mocassins* castanhos.

– Sei muito bem como se chamam, mas não foi esse o acordo – disse ele.

– Mostre-me a carta primeiro.

– Mostrar-lhe a carta?

– Sim. Mostre-me a carta e então eu mostro-lhe os sapatos de salto alto.

Ele encostou-se à mesa.

– É o seu único vestido?

– O assunto não é o vestido. É a carta.

– E os sapatos – acrescentou ele.

– Sim, e os sapatos. Mostre-me, então, a carta.

– Oh, isto é um «eu mostro-te a minha se me mostrares a tua»? Adoro esse jogo.

Engoli em seco e encarei-o, tentando não vomitar.

Ele passou a mão pelo cabelo, um hábito da juventude, certamente, antes de o couro cabeludo ter começado o lento recuo nas têmporas. A barriga protuberante ameaçava rebentar os botões da camisa. Ele não era feio, mas eu tinha quase a certeza de que se colhesse uma flor, ela lhe murcharia na mão. A minha mãe era capaz de o achar atraente. Para algumas pessoas, uma conta bancária recheada melhorava substancialmente as feições de um homem.

– Bem, Josephine, veja, hoje foi um daqueles grandes dias, mas os grandes dias são frequentemente dias muito ocupados. Por isso não tenho exatamente a carta.

Assenti em silêncio, dizendo depois:

– Calculei que fosse provável. Por isso não entrei por aqui adentro a desfilar com os sapatos. Isso seria um ROI negativo.

– ROI? Um retorno do investimento?

– Exatamente: um mau investimento do meu tempo e autoestima, para não falar de dinheiro, num par de sapatos que eu nunca usaria. Bens duradouros, Mister Lockwell. – Apontei para os pés. – Práticos e de alto rendimento.

– Céus, eu deveria contratá-la. Está à procura de emprego?

– Estou à procura de uma formação universitária. No Smith College. Em Northampton.

Mr. Lockwell soltou uma gargalhada, apontando-me o dedo.

– É boa, Josephine. Com essa, é capaz de ter ganhado a sua carta. E com um pouco de polimento podia ganhar muito mais, se é que me entende. – A minha expressão deve ter transmitido a minha repulsa, porque ele revirou os olhos, acrescentando: – Ou podia trabalhar num escritório. Já tem dezoito anos?

– Por acaso, sim.

– Porque não vem cá na sexta-feira? – sugeriu ele.

– Não estou interessada num emprego. Sei que é um homem ocupado, Mister Lockwell. Para pouparmos tempo, porque não me dá uma folha do seu papel timbrado? Eu escrevo a recomendação e trago-a para que assine. Discreto e simples.

Ele cruzou os braços sobre o peito.

– Sabe, eu quero realmente que trabalhe para mim.

– Um diploma do Smith College faria de mim uma contratação mais desejável.

– Minha querida, a menina já é uma contratação desejável... se pensarmos numa Cinderela algo vulgar. Trate-me por John.

– Pensando bem, Mister Lockwell, dê-me antes duas folhas de papel timbrado. É melhor ter uma de reserva.

Assim que pus uma nova fita na máquina de escrever de Charlie, ela funcionou sem problemas. Charlie estava sentado à minha frente à mesa da cozinha, a camisola interior cheia de nódoas, os olhos fixos na máquina de escrever. Eu falava com ele como se ele compreendesse tudo o que eu dizia. O meu maior receio era que o antigo Charlie estivesse escondido em algum lugar, tentando comunicar, mas que a transmissão sináptica não se realizasse, tornando o seu comportamento errático. Algumas reações ainda estavam lá. Se o colocássemos em frente às escadas, ele subia ou descia. Mas depois era difícil fazê-lo parar. Havia momentos em que os seus olhos mostravam um instante de lucidez, ou quando a cabeça se virava ao ouvir uma conversa. Mas o clarão desaparecia tão rapidamente quanto viera.

– O Lockwell é uma verdadeira peça, Charlie. Ele acha que a sabe toda porque tem dinheiro. Até tem uma pintura de si próprio emoldurada no gabinete. Se ele não fosse de alta linhagem seria um vigarista do Bairro Francês. Sabe como é o género.

Bati as teclas da máquina de escrever.

– Pronto, é o que temos até agora. – Rodei o cilindro para fazer subir o papel. – Preparado, Charlie? – Charlie olhou para a máquina de escrever, em silêncio.

À atenção do Presidente do Júri de Admissões:

É com grande prazer que escrevo esta carta de recomendação para Miss Josephine Moraine.

Lancei uma olhadela a Charlie.

– Eu pus Josephine porque é por esse nome que ele me conhece. É uma longa história. Na candidatura escrevi Josie. – Pigarreei.

Conheci Miss Moraine através da minha sobrinha, Charlotte Gates, que atualmente é primeiranista no Smith College com bom aproveitamento académico. Miss Moraine é uma jovem extremamente inteligente, de uma firmeza de carácter excecional e possuidora de uma impressionante ética profissional. Enquanto a maioria das jovens da sua idade dá preferência a atividades extracurriculares de natureza social, Miss Moraine privilegiou a busca do conhecimento e esclarecimento pela literatura.

Charlie emitiu um gorjeio. Olhei para o rosto dele mas não consegui decifrar a expressão como sendo de riso ou de dor.

– Eu sei, a palavra *esclarecimento* é um pouco de mais, mas estou a tentar fazer com que Lockwell pareça inteligente.

Continuei a leitura.

Desde a adolescência que Miss Moraine tem investido o seu tempo e talento a trabalhar numa das livrarias mais conceituadas do Vieux Carré de Nova Orleães, propriedade do célebre autor Charles Marlowe.

Lancei uma piscadela de olho a Charlie.

No seu emprego na livraria, Miss Moraine desenvolveu um sistema de inventário e de catalogação e é assistente da área de compras, de aquisições de antiquário e no restauro de livros. Além de trabalhar na livraria, fui informado de que Miss Moraine trabalha como assistente pessoal de uma das famílias do Bairro Francês.

A cadeira de Charlie rangeu o seu comentário.

– O que foi? A Willie é uma espécie de família, não é? Espere, estou quase a terminar.

Levando em conta os seus méritos académicos e profissionais, ofereci emprego a Miss Moraine na minha empresa. No entanto, fui informado de que ela prefere obter um diploma universitário numa instituição de renome como o Smith College, onde poderá beneficiar tanto de um ambiente de integração como de formação. Para finalizar, venho assim pedir ao Júri de Admissões que considere favoravelmente a candidatura de Miss Josephine Moraine, pois acredito que ela seria um elemento valioso para a vossa instituição.

*Atenciosamente,
John Lockwell, Presidente
The Lockwell Company, Ltd.
Nova Orleães, Louisiana*

– Não é perfeito, mas acho que está muito bom. – Puxei o papel da máquina de escrever, dobrei-o e guardei-o no envelope que trazia na minha mala.

Charlie continuou a olhar para a máquina de escrever.

– Ei, gostaria de escrever alguma coisa? – Pus uma folha de papel em branco na máquina de escrever e virei-a na mesa para Charlie. O olhar dele flutuou da máquina de escrever para o meu rosto.

– Vamos, Charlie, escreva alguma coisa. Quer que o ajude? – Ajoelhei-me ao lado dele e ergui-lhe a mão para a máquina de escrever. Quando a larguei, ela tremelicou, pairando um momento sobre o teclado e, depois, voltou a cair-lhe no colo.

– Quase. Vamos tentar outra vez. – Levantei-lhe a mão, mas desta vez ela voltou a cair diretamente no colo.

Levei o meu copo para a cozinha e foi então que ouvi. Um ataque forte e pronto no teclado. Uma letra, com convicção. Dei meia-volta e corri para a sala. Charlie continuava sentado imóvel na frente da máquina de escrever. Espreitei por cima do ombro dele.

Ele não se mexeu. Baixei a cabeça para lhe ver a expressão do rosto. Havia tristeza naquele silêncio.

– Vamos, Charlie Marlowe. Eu sei que está aí. Carregue noutra letra.

Algo dentro dele estava em curto-circuito, fazendo as luzes internas dele piscarem como eletricidade numa tempestade. Seria o medicamento? O remédio entorpecia tudo, colocando-o num estado quase comatoso. Decidi que ia adiar a toma do medicamento para ver se aquelas luzes ténues ganhavam algum brilho.

Ficámos sentados à mesa durante mais de uma hora. Li um livro. Charlie não fez nada, mas eu notei que ele se mexeu e olhou em volta um pouco mais. Patrick estava atrasado. Ele tinha dito que àquela hora já estaria em casa. Onde se teria enfiado? Fechei o livro com um baque.

– Sabe que mais? Vou fazer-lhe um corte de cabelo.

Encontrei uma tesoura na cozinha e coloquei uma toalha grande ao redor dos ombros de Charlie. Ele ergueu as mãos e puxou-a.

– Ah, agora mexe-se. Não devia ter levado a máquina de escrever para o seu quarto. Talvez tivesse conseguido arrancar-lhe outra letra. – Voltei a pôr-lhe a toalha nos ombros e fui à cozinha buscar o pente que tinha na carteira. – Sabe – disse eu olhando para trás e falando mais alto –, eu já devia ter feito isto há muito tempo. Sei que o Charlie nunca teria deixado o cabelo crescer tanto. – Enchi uma pequena bacia com água para molhar o pente e servi-me de outro chá doce. – O que eu gostaria de fazer era de lhe tirar essa barba branca. Nunca usou barba.

Voltei à sala de jantar.

– Vai sentir-se como um novo...

Sangue. Por todo o lado.

Na mesa. No chão. A cobrir Charlie.

O rosto dele estava coberto de sangue. Ele passou a tesoura do rosto para o antebraço e começou a trincar.

Larguei a bacia de água e corri até ele, cortando os meus próprios dedos na luta para lhe tirar a grande tesoura da mão.

– Oh, não! Oh, não! Oh, não! – Não conseguia parar de o dizer. Charlie reagiu ao medo na minha voz e começou a contorcer-se na cadeira. O sangue escorria abundantemente de um corte na testa. Peguei na toalha, limpando o sangue para ver as feridas. Na testa, na orelha, no lado do pescoço. Charlie continuava a repelir os meus esforços com a toalha. Lutámos. Ouvi a voz de Willie: «Não sejas parva nem entres em pânico. Recompõe-te».

Respirei fundo e dei um passo atrás. Comecei a cantarolar baixinho. Charlie parou de resistir. Eu continuei a trautear e voltei pegar na toalha do chão. Aproximei-me das costas de Charlie e abracei-o, cantarolando ao seu ouvido e examinando as feridas. Apliquei alguma pressão na testa e no pescoço, sem deixar de o abraçar. Se ele perdesse mais sangue estaríamos em apuros.

Ouvi a chave na fechadura.

Disse em voz alta antes de ele entrar na sala:

– Patrick, o que vais ver parece pior do que é. São apenas alguns cortes.

Patrick gritou. Muito alto. O tipo de grito que é arremessado das entranhas quando vemos um ente querido esvair-se em sangue. A cor fugiu-lhe do rosto, rapidamente substituída por um fantasma que não reconheci.

– Não faças barulho – ralhei. – Queres que os vizinhos apareçam? Eu ia cortar-lhe o cabelo e

quando fui buscar o meu pente, ele apanhou a tesoura.

– Mas é... tanto sangue – disse Patrick.

– É do corte na cabeça. Estou a fazer pressão para estancar o sangue. Tens uma caixa de primeiros socorros?

Patrick sacudiu a cabeça num não.

– Dá o medicamento ao Charlie.

Patrick ficou ali parado, de olhar fixo.

– Patrick! Ouve-me. Dá o medicamento ao Charlie.

– Mais uma dose? – disse Patrick.

– Eu não lho cheguei a dar.

– O quê? Como é que pudeste esquecer-te?

– Não me esqueci. Eu queria ver se a lucidez aumentava sem ele.

– Oh, Jo, como pudeste ser tão estúpida? – Patrick correu para a cozinha e voltou com o remédio de Charlie. As mãos tremiam ao dar o medicamento ao pai.

– Ele tem de tomar o remédio senão fica louco. Foi exatamente por isso que ele o começou a tomar.

– Sinto muito, mas parecia mesmo que ele estava a sair do nevoeiro. Eu ia perguntar-te, mas tu atrasaste-te mais de duas horas. Onde estavas?

– Não te armes em médica, Jo. Ele precisa do remédio – disse Patrick. – Ainda bem que não acertou numa artéria.

– Ele vai precisar de levar pontos – disse eu. Olhei para Charlie. O que tinha eu feito?

– Ele não pode ir ao médico. Levam-no para a ala psiquiátrica enquanto o diabo esfrega um olho. Como é que explico que o meu pai decidiu retalhar o próprio corpo com uma tesoura?

– A Willie conhece muita gente. Vou telefonar-lhe. Também há coisas que acontecem na casa, e ela trata de tudo.

Levámos Charlie para o sofá. Liguei a Willie, e ela disse que ia mandar Cokie com a caixa de primeiros socorros. Disse que o Dr. Sully estava fora da cidade, mas que conhecia um médico do Exército que trabalhara durante a guerra. Ela dar-lhe-ia um crédito na casa e ele provavelmente iria a correr coser as feridas de Charlie.

Então esperámos.

Patrick ia alternando o olhar entre o relógio e Charlie. Limpei os cortes dos meus dedos e tentei limpar o sangue da cadeira e do chão. Era preciso limpar o sangue rapidamente, de preferência com água oxigenada, antes que secasse. Sentei-me de joelhos, esfregando as manchas com uma escova. Talvez desaparecesse com o tempo. Afinal, a maioria das casas do Bairro tinha manchas de sangue.

Cokie chegou ao fim de cerca de uma hora. Assim que olhou para mim estendeu a mão para se apoiar na parede.

– Menina Josie – disse quase sem ar. – Meu Deus, pareces um talhante. Estás bem?

Olhei para a minha blusa e calças. Cokie tinha razão. Toda eu era uma grande nódoa de sangue.

– Eu estou bem. Depressa, traz a caixa de primeiros socorros.

Cokie até se engasgou quando viu Charlie.

– Oh, Mister Charlie, o que foi fazer consigo? Jo, isto está com muito mau aspeto. A Willie vai mandar um médico do Exército que ela conhece. Talvez seja melhor esperar até ele chegar para prestar os primeiros socorros. – Cokie olhou para Patrick. – Estás bem, pá?

– Posso, pelo menos, enfaixar-lhe a cabeça – disse eu. – É o que sangra mais. – Pus-me a tratar da

ligadura.

Vinte minutos depois, alguém bateu à porta.

– Os vizinhos devem estar todos a espreitar à janela, a tentar assistir ao espetáculo – queixou-se Patrick.

– Não te preocupes com os vizinhos – disse Cokie.

Randolph era um jovem médico do Exército que tinha visto muita coisa em França durante a guerra. Randolph também estava embriagado.

– Quer um café? – perguntei.

– Não, o café faz-me tremer. Não é bom para dar pontos. Vou passar um pouco de água fria na cara – disse ele, e foi para a cozinha.

– Ah, era só o que faltava – sussurrou Patrick.

Randolph voltou e abriu a mala.

– Tem licença para exercer medicina? – perguntou Patrick.

– Se quisesse ir a um médico teria levado este velhote para o hospital. Uma vez que não está no hospital, imagino que não tenha outra hipótese. Provavelmente sou a sua melhor opção de momento. Dê-me um estalo.

– Como?! – espantou-se Patrick.

– Ouviu bem. Dê-me um estalo. Com força. É a única maneira de ficar sóbrio.

Patrick hesitou. Cokie olhava espantado.

– Oh, mas que porra! Vou ter de bater a mim próprio? – gritou Randolph.

Dei-lhe uma bofetada de mão cheia. Tal como ele pediu. Senti a mão a formigar de dor.

O médico abanou-se como um cão molhado e, em seguida, começou a trabalhar, perguntando que medicamentos estava Charlie a tomar. Pegou numa garrafa de clorofórmio.

Patrick tinha razão. Os vizinhos iam comentar. Será que podíamos dizer-lhes que o elenco da peça de Charlie incluía um médico do Exército, um taxista mestiço e uma jovem coberta de sangue? Charlie Marlowe nunca escrevera livros de terror, mas, de certa forma, o terror escrevia a vida de Charlie Marlowe.

Os homens finalmente levaram Charlie para a cama. Segui-os, tirando-lhe os sapatos e a camisola interior. Eles deitaram-no, apoiando-lhe a cabeça com almofadas.

O médico examinou o espaço, o olhar detendo-se no conjunto de fechaduras industriais na porta do quarto.

Patrick observou-o com atenção.

– Obrigado, doutor. Fico muito agradecido.

– Ele vai ficar apagado um tempo. É melhor aproveitar para dormir enquanto pode. Mas eu sugiro que fique aqui – disse Randolph.

– Eu fico com ele. Vai dormir um pouco – sugeri a Patrick.

– Podes ir para casa. Acho que já fizeste o suficiente para uma noite. – Patrick olhou para mim, e a expressão era uma mistura de raiva e de medo.

– Patrick – sussurrei, tentando não chorar.

Ele levantou a mão e lançou um olhar ao médico.

Randolph virou-se para Cokie.

– Acho que tenho uma nota de dívida à minha espera. A Willie disse que me levaria a casa dela.

Cokie assentiu.

– Vamos, Josie. Vens connosco até casa da Willie e depois levo-te a casa.

– Eu quero ficar. Preciso de ajudar a cuidar do Charlie.

– Eu fico bem, Jo. – O ligeiro tremor na voz de Patrick fez-me doer o coração. Ele não estava bem. Nada daquilo estava bem. E a culpa era minha. Em poucos meses a sanidade do pai dele tinha-se desmoronado. Patrick tornara-se enfermeiro a tempo inteiro. Ele era solícito, generoso e sem qualquer qualificação para tratar do pai, mas queria até ao desespero permitir-lhe este lapso de dignidade em privado.

– Eu vi o piano lá em baixo. Toca? – perguntou Randolph a Patrick, que concordou com a cabeça.

– A música por vezes acalma, neste género de casos. O cérebro destas pessoas fixa-se na música e desliga alguns dos outros reflexos. Certifique-se apenas de que é lenta e harmoniosa.

Patrick anuiu.

– Cokie, sai pela porta da frente, já que o teu táxi está na rua. Vocês os dois podem ir pelas traseiras.

– Josie, não podes sair assim. Parece que estiveste a desmembrar corpos à machadada para o Carlos Marcello. Patrick, dá-lhe uma roupa lavada. – Patrick foi ao quarto. Talvez Sadie pudesse ajudar-me a tirar as nódoas de sangue da roupa.

Randolph fez um gesto com a cabeça na direção do quarto de Patrick.

– Está bem? Parece prestes a explodir.

– Ele está com raiva de mim. Eu virei as costas a Charlie e ele cortou-se todo. A culpa é minha.

– Vá, não vale a pena culpares-te – disse Cokie. – Ele devia estar em casa com o pai em vez de andar a correr a cidade com os amigos.

– Ele estava a entregar livros. Tem de manter dinheiro a entrar – disse eu.

Enrolei e apertei as calças de ganga com um cinto para que não me caíssem e meti a camisa para dentro. Sentia o cheiro de Patrick na roupa, um aroma a pinho glacial, que, de alguma forma, era reconfortante. Cokie levou-nos para casa de Willie. Era quase meia-noite e as ruas fervilhavam da excitação do Carnaval. Cokie e Randolph conversaram sobre a guerra. Randolph previu que em breve as tropas norte-americanas estariam na Coreia. Esperava que ele estivesse enganado. Não precisávamos de outra guerra.

Cokie entrou com o táxi na alameda de entrada da casa de Willie.

– Vá pela porta lateral – disse eu a Randolph.

– Qual é a nova senha? – perguntou.

– Mister Bingle mandou-me cá.

Randolph entrou pela porta lateral, tal como lhe dissera. Saí do carro para apanhar ar, permanecendo nas sombras para que Willie não pudesse ver-me pelas janelas. A casa jorrava música e risos, quase abafando o som de vozes masculinas a discutir.

– Cokie, está alguém nas traseiras da casa? – Descemos o caminho até lá.

O *Lincoln Continental* de John Lockwell estava estacionado na parte de trás da casa, com o *capot* aberto. Lockwell estava em mangas de camisa a olhar para o motor e a falar com outro homem.

– Ouve o que te digo, John. Deixa-o aí e amanhã de manhã mandamos rebocá-lo.

– Enlouqueceste? Não vou mandar rebocar o meu carro de um bordel para que todo o mundo veja. Eu disse à Lilly que estaria em casa o mais tardar à uma da manhã. As amigas convenceram-na de que anda um assassino à solta no Bairro.

– Precisa de boleia, senhor? Tenho o carro na entrada – ofereceu Cokie.

– Não, preciso de conduzir o meu próprio carro – insistiu ele. Eu saí de trás de Cokie.

Mr. Lockwell atirou as mãos ao alto.

– O que fazes aqui?

– Estava a dar um passeio. Moro aqui perto. – O número do meu contador de mentiras aumentou.

– Bem, a menos que saibas consertar o meu carro, não precisas de aqui estar – disse ele.

– Conheço uma pessoa que pode consertar-lhe o carro.

– Conheces? Em quanto tempo consegues trazê-lo cá?

Virei-me para Cokie.

– Podes levar-me a casa do Jesse?

– Claro, mas não sei se ele vai lá estar – disse Cokie.

– Já volto. – Virei-me e comecei a correr pela alameda abaixo ao lado de Cokie. Mas então parei.

– Espera um momento, Coke. – Dei meia-volta e marchei de volta até Mr. Lockwell.

– Eu conheço o melhor mecânico do Bairro e posso trazê-lo cá em três tempos.

– Então porque estás aí espedaçada? Vá! – disse Mr. Lockwell.

Fui à minha mala e tirei o envelope.

– Isto vai poupar tempo. Assine a carta de recomendação agora.

– Deves estar a brincar comigo.

Fiz um não com a cabeça. Tirei a folha do envelope, desdobrei-a e encostei-a à janela do lado do condutor.

– Assine aqui.

Lockwell ficou parado a olhar.

– Eu consigo arranjar-lhe o carro e este assunto fica arrumado. – Apontei para a linha de assinatura.

– O que se passa? – perguntou o amigo.

A voz de Mr. Lockwell desceu para um murmúrio.

– Mexeste no meu carro só para conseguires a carta?

– Claro que não!

Ele agarrou-me o pulso.

– É bom que arranjes o mecânico. Porque se tentares enganar-me, minha menina, eu juro que vou atrás de ti e faço com que te arrependas.

– Josie, está tudo bem? – chamou Cokie.

– Tudo bem – respondi alto.

Lockwell aproximou-se mais.

– Estás a ouvir? Vais-te arrepender.

Assenti.

Mr. Lockwell tirou uma caneta do bolso da camisa.

– Céu, nem consigo ler isto. Está muito escuro aqui. – Olhou para mim. Olhou para o carro. Rabiscou a assinatura. – Já está. Agora, despacha-te.

– Vamos lá, Cokie. – Disparei pela alameda com a carta e entrei para o táxi. Levantei o papel e pedi: – Cokie, não contes nada à Willie.

– Josie, o que estás a tramar? Isto é uma loucura! Tu nem sabes o que se passa com o carro dele. Talvez não possa ser arranjado. Talvez o Jesse não tenha as peças. Já passa da meia-noite. Talvez ele esteja a dormir. Talvez nem sequer esteja em casa. E depois o que fazes? Aquele indivíduo está à espera e ele não é homem para brincadeiras.

Olhei para a carta assinada. Eu também não era para brincadeiras.

As luzes da casa de Jesse estavam acesas. Subi, apressada, e bati à porta. As dobradiças rangeram e uma mulher espreitou.

– O que quer?

– Boa noite, minha senhora. Eu sou amiga do Jesse. Ele está em casa?

– Vá-se embora, é muito tarde para andar na rua. Nada de bom acontece depois da meia-noite – sussurrou ela.

– Quem é, avó? – A porta abriu-se completamente. Jesse usava apenas calças de ganga e estava em tronco nu, com uma garrafa de leite na mão. A garrafa estava suada. Tal como o tronco dele.

– Ei, Jo! – cumprimentou Jesse, olhando para a minha roupa e erguendo uma sobrancelha.

– Jesse, preciso de um favor teu.

Jesse precisou de menos de dez minutos para ligar o motor.

– Tens um cartão, miúdo? – disse Mr. Lockwell da janela, entre passas no charuto.

– Um cartão? – perguntou Jesse.

De dentro do carro, Lockwell atirou uma nota verde na minha direção, que me bateu nos joelhos e caiu ao chão.

– Tens sorte de ele ter sido capaz de consertar o carro. Compra um vestido. Quero ver-te de saltos altos, Josephine. – E, com isto, foi-se embora.

Jesse ficou a olhar para as botas.

– Não é o que parece – disse eu, chutando o dinheiro para longe.

Jesse olhou para cima. Vi os olhos dele flutuarem acima do meu ombro em direção à casa. Um homem rico nas traseiras de um bordel atirou-me dinheiro e disse-me para comprar um par de saltos altos; eu sabia exatamente o que aquilo parecia e não queria que Jesse pensasse em mim dessa maneira.

– Ele parece ser um tipo muito rico.

– É tio da minha amiga. – Também soava mal. Jesse sabia que as meninas de Willie eram chamadas de sobrinhas. – Jesse, posso contar-te uma coisa?

– Sim.

– Eu pedi a Mister Lockwell para me escrever uma carta de recomendação para a faculdade. Ele não queria, mas eu convenci-o. – Oh, soava ainda pior. – Espera, também não é isso. Eu sei que ele frequenta a casa da Willie, e ele deu-me a carta de recomendação para eu não contar nada à tia da minha amiga, à esposa dele. – Meti a mão na minha mala e tirei o envelope.

O rosto de Jesse iluminou-se.

– Ah, encostaste o bode nojento à parede, não foi? Bem, nesse caso, tu mereces. – Jesse pegou no dinheiro e estendeu-mo.

Eu ri-me. Lockwell era mesmo um bode nojento.

– Fica com o dinheiro. Foste tu que arranjaste o carro.

Ele pegou na caixa de ferramentas e começámos a caminhada até casa, descendo a alameda.

Jesse falou de carros e de corridas na terra. Depois de alguns quarteirões, a voz dele tornou-se pouco mais do que um gorjeio de sons no meu ouvido. Acontecera tanta coisa. Charlie, Patrick, Lockwell... e Willie: eu vi-a espreitar à janela quando eu e Jesse descemos a alameda. Será que ela me tinha visto a falar com Lockwell? Tê-lo-ia visto a assinar a carta de recomendação? Quando iria ela abrir o jogo e admitir que sabia que eu tinha o relógio de Mr. Hearne? Jesse parou de andar e eu apercebi-me de que já estávamos na livraria.

– Não ouviste nada do que eu disse.

– Sim, eu... não, não ouvi. Desculpa, Jesse. Estou muito cansada.

– Tudo bem, miúda cansada, deixa-me contar-te um segredo.

Eu não precisava de mais segredos. Os meus já eram suficientes. Olhei para Jesse.

– Ui, ui. Olha para ti, estourada, vestida com as roupas do teu namorado, mas aqui vai o segredo. – Jesse aproximou-se. – Tu gostas de mim.

– O quê? – Afastei o meu rosto do dele, tentando conter o que achava ser um sorriso a repuxar-me os cantos da boca. O meu corpo parecia reagir involuntariamente quando estava perto de Jesse. Isso deixava-me nervosa.

– É verdade, quando ficaste em apuros, desataste a correr, mas não para o teu namorado. Vieste a correr para mim. – Jesse afastou-se lentamente, sorrindo. – Tu gostas de mim, Josie Moraine. Só que ainda não sabes.

Eu fiquei à porta, vendo-o afastar-se às arrecuas. Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e esboçou aquele sorriso tão típico de Jesse. Tinha mesmo uns dentes bonitos.

– Ah, e... Jo? – chamou ele a meio da rua. – Não precisas de agradecer pelas flores.

Jesse virou-se e foi-se embora, com a risada e o som da caixa de ferramentas a desvanecer na escuridão.

Eu estava atrasada. Duas horas de sono era pior do que passar uma noite em claro. Sentia-me enjoada, e a pressão atrás dos olhos de tanto chorar transformara-se numa dor de cabeça. Chorei por Charlie e pelo facto de a minha negligência quase o ter matado. Chorei por ter desiludido Patrick. Chorei por ter mentido a Willie, por ter manipulado Mr. Lockwell, por não ter sido franca com Charlotte. Chorei pela morte de Mr. Hearne e pelo facto patético de me agarrar ao relógio de um homem morto por uma pessoa respeitável me ter achado decente e não uma inútil qualquer. Chorei por ter mentido. Se despejasse ao Mississípi todas as mentiras que contara, o rio iria subir e inundar a cidade. Chorei por me ter esquecido de agradecer a Jesse pelas flores e chorei ainda mais por ele achar que eu gostava dele. Será que eu gostava dele? Às vezes sentia-me como se tentasse com todas as minhas forças não gostar dele. Era tudo pior do que mau.

A terça-feira gorda aproximava-se. A casa de Willie iria estar um rotundo desastre. Só de pensar em varrer todo aquele pecado fazia a minha cabeça latejar. Entrei na casa e cheirei-o imediatamente. *Bourbon*. Alguém o tinha derramado. Não um copo, mas uma garrafa. Isso levaria uma meia hora. Havia algo mais. Vinho. Esperava que não fosse tinto. Isso demoraria quarenta e cinco minutos, talvez mais. Não podia ter a certeza. Aliás, eu já não tinha a certeza de nada, exceto que Nova Orleães era uma amiga desleal com quem eu queria cortar relações.

Sadie agarrou-me pelo braço, puxando-me contra o seu corpo ossudo assim que entrei na cozinha. Soluçava, soltando gemidos encostada ao meu ombro e então começou a desabotoar-me a blusa.

– Sadie, para. O que estás a fazer? – disse, empurrando-a para longe, com força.

Ela olhou para mim, as sobrancelhas contraídas de perplexidade, o rosto inchado de tanto chorar. Enfiou a mão na pia e mostrou a minha blusa da noite anterior.

Eu tinha-me esquecido das roupas ensanguentadas no carro de Cokie. Ele tinha-as deixado para Sadie lavar. A pobre mulher provavelmente pensara que eu estava morta.

– Oh, Sadie, não. Eu estou bem. A sério. – Abri o decote da blusa e levantei os braços, mostrando-lhe ambos os lados. – Não estou magoada.

Sadie deixou-se cair numa cadeira e beijou a cruz que trazia pendurada ao pescoço.

Sentei-me à mesa para tentar acalmá-la, mas ela estava mergulhada numa onda de oração tão profunda que nem sequer reagiu. Foi quando avistei a manchete sobre a mesa.

MORTE DE TURISTA DE MEMPHIS DECLARADA HOMICÍDIO

Peguei no jornal.

As autoridades oficiais do Tennessee declararam que um soporífero ingerido no Sans Souci na Bourbon Street causou a morte do turista de Memphis e ex-estrela de futebol, Forrest Hearne. O investigador Martin Langley, da Paróquia de Jefferson, confirmou ao jornal de Nova Orleães

Times Picayune que a autópsia realizada em Memphis confirmou a causa da morte. Hearne, o querido e bem-sucedido habitante de Memphis, morreu no Sans Souci durante as primeiras horas da manhã do dia de Ano Novo. A morte foi inicialmente declarada um ataque cardíaco, mas a esposa da vítima teve suspeitas quando percebeu que faltavam vários objetos pessoais do marido, incluindo dinheiro e um relógio de pulso de elevado valor. Os exames ao corpo foram realizados no Tennessee por um médico-legista de Memphis, sendo o resultado posteriormente confirmado por um farmacêutico do estado do Louisiana. Ambos os testes revelaram a presença inequívoca de hidrato de cloral. Esta droga, misturada na bebida e frequentemente chamada «Mickey Finn», não tem sabor, é incolor, inodora e fatal em grandes doses. O investigador-chefe de Memphis acusou de forma implacável a cidade de Nova Orleães pela falta de diligência mostrada pela administração local na declaração inicial da causa da morte. O jornal vespertino *Memphis Press-Scimitar* noticiou ainda que a administração de gotas soporíferas aos turistas com sinais exteriores de riqueza é uma prática corrente no Bairro Francês, onde se situa o referido clube noturno. As provas deste caso serão entregues ao comando da Polícia da cidade de Nova Orleães.

Forrest Hearne não tinha morrido de ataque cardíaco. Alguém o tinha drogado.

Bati à porta do quarto de Willie, na esperança de que ela estivesse no banho ou demasiado cansada para conversar.

– Entra.

Willie parecia tão cansada quanto eu me sentia. Um bloco de papel de seda estava pousado no seu colo. Ela registava sempre as receitas da noite em papel de seda. Podia ser queimado, ingerido ou deitado pela sanita abaixo se a Polícia aparecesse.

– Céus, como preciso desse café. Sinto-me como um pedaço de papel amarfanhado.

Ela parecia ter engolido um punhado de pregos enferrujados.

– Desculpe. Cheguei atrasada esta manhã, Willie. Ainda nem sequer fui lá a cima. Mas vou-me despachar. – Pousei a bandeja na cama.

– Senta-te, Jo.

Virei a cadeira da escrivaninha de Willie para a cama e sentei-me.

– O Cokie contou-me o que aconteceu ontem à noite. Ele estava tão orgulhoso de ti, disse que foste fantástica. Muito corajosa. O Randolph disse a mesma coisa, que aquilo parecia um matadouro, que o Patrick estava completamente petrificado, mas que tu tomaste conta da situação. Eu vi o vergão na cara de Randolph no sítio onde lhe batestes – riu-se Willie.

– Ele estava bêbedo, disse que precisava de levar uma bofetada para ficar sóbrio. E o pobre Charlie estava ali deitado, coberto de sangue. Eu estava tão assustada, Willie.

– Pois é claro que estavas. Raios, eu também ficaria com medo. O Cokie contou-me que tu achas que foi culpa tua. É a coisa mais estúpida que já ouvi. O Charlie é, obviamente, mais retorcido do que qualquer um de nós imaginava. Fiz um acordo com o Randolph. Ele vai ver como está o Charlie de dois em dois dias em troca de uma linha de crédito com a Dora.

– Obrigada, Willie.

– No entanto, o Randolph não pode passar receitas; ele tem lá os seus problemas. Para isso ainda tenho de as pedir ao Sully. Mas, pelo menos, pode vigiar Charlie e dizer-nos o que ele precisa.

– Os vizinhos vão desconfiar, provavelmente – lembrei.

– Diz-lhes que o Charlie foi a Slidell visitar um amigo. Não o quero na ala psiquiátrica com os maluquinhos todos – disse Willie. – O Charlie é um homem digno. Sempre me ajudou quando precisei. O Randolph diz que essas explosões vão passar e que ele vai ficar mais tranquilo.

– Quer dizer que os ataques vão passar?

Willie tomou outro gole de café.

– O Cokie também me contou que arranjaste o carro do Lockwell.

– Não fui eu, foi o Jesse Thierry.

Willie assentiu.

– Bem, certamente fizeste o Jesse parecer um herói. Mas acho que era essa a tua intenção. Já vos viram pela cidade juntos. Tu gostas dele.

Ela afirmou-o como se fosse um facto, tal como Jesse fizera. Isso deixou-me irritada. Quem lhe dissera ter-me visto com Jesse? Só podia ter sido Frankie.

– O Jesse é um amigo, Willie, nada mais. Ele fala de carros e de corridas em terra.

– Ah, pois, e tu estás a caminho de te tornares um Rockefeller. Esqueci-me.

– Eu não quis dizer isso.

– Bem, não te preocupes. Há muitas miúdas bonitas que não se vão importar nada de ficar com os teus restos. Raios, até as miúdas da alta ficam de boca aberta quando o veem, como se ele fosse uma guloseima irresistível. O Jesse é um bom miúdo, mesmo que não tenha as mesmas ambições intelectuais que tu.

Willie tinha um jeitinho especial para me fazer sentir vergonha de mim mesma, sem sequer se esforçar. Vi-a abrir o jornal. Ela olhou para a manchete, depois para mim, e novamente para a manchete. Tossiu e continuou a ler.

– Com que então, alguém exagerou na dose do *cocktail*. Matou-o, hein?

Fiz que sim com a cabeça.

Willie leu em voz alta:

– «O *Memphis Press-Scimitar* noticiou ainda que a administração de gotas soporíferas aos turistas com sinais exteriores de riqueza é uma prática corrente no Bairro Francês, onde se situa o referido clube noturno.» Que treta! Até parece que somos todos ladrões! Daqui a nada esta cidade é eleita a mais perigosa do país e dão-nos cabo do turismo num piscar de olhos.

Furiosa, Willie atirou o jornal para a cama. Levantou-se, acendeu um cigarro e começou a andar de cá para lá em frente à cama, o robe de seda preto a flutuar em redor.

Apontou para mim com o cigarro aceso.

– Isto vai ficar mau, Jo. As pessoas vão exigir uma limpeza do Bairro. Este tipo era muito rico. Todas as mulheres da alta sociedade vão ler isto e pensar nos próprios maridos. Não os vão deixar sair de casa. A Polícia vai aumentar a pressão. Vão andar atrás de nós como sete cães a um osso. Os negócios vão sofrer.

– Acha que eles vão apanhar a pessoa que fez isso?

Willie não respondeu. Continuava a andar de um lado para o outro, tragando nicotina. De repente parou e virou-se para mim.

– Não fales com ninguém. Se alguém te vier fazer perguntas dizes que não sabes de nada e depois vens direitinha falar comigo.

– Quem iria fazer-me perguntas?

– A Polícia, palerma.

Baixei os olhos para o colo.

– O quê? Eles já falaram contigo?

Concordei.

– Como já lhe disse, Mister Hearne foi lá à loja e comprou dois livros no dia em que morreu. A Polícia queria saber o que ele tinha comprado e se parecia doente. Eu disse-lhe que comprou Keats e Dickens e que parecia de boa saúde.

– E que mais? – Willie deu uma longa passa no cigarro e eu fiquei a ver o papel queimar.

– Só isso.

– E já é muito. Eles podem chamar-te para depor. – Virou-se para mim. – O Patrick estava lá? Ele viu Hearne?

– Sim.

– Então será o Patrick a depor. Não tu.

– Willie, o que quer dizer com isso?

– Nem um pio! Sai daqui e põe-te a trabalhar. Estás atrasada. Os clientes vão começar a bater à porta cedo, à espera da sua dose antes do *Mardi Gras*. E vai lavar a cara com água fria. Está inchada de tanta choradeira. Pareces o Joe Louis ao décimo segundo assalto.

Passei o *Mardi Gras* a dormir.

Usei a ventoinha de Patrick da loja para mascarar o ruído. Queixávamo-nos sempre de que a ventoinha fazia muito barulho, mas ali no chão ao lado da minha cama, era perfeita. Dormi catorze horas, sem acordar uma vez que fosse, nem mesmo para pensar na candidatura ao Smith College.

Tinha-a enviado no dia anterior ao *Mardi Gras*, incluindo uma nota de dez dólares novinha para pagar a taxa de inscrição. Já pensara muitas vezes em abrir uma conta bancária; adorava a ideia de ter cheques, mas Willie não confiava em bancos ou banqueiros de Nova Orleães. Dizia que eram os clientes mais descontrolados da sua casa e que não ia deixá-los pagar com o próprio dinheiro que depositava. Além de que não queria ninguém a controlar-lhe os ganhos.

A funcionária dos correios disse-me que o envelope chegaria a Northampton até 27 de fevereiro. Ela olhara para o endereço no envelope, depois para mim e esboçara um sorriso piedoso. Provavelmente estaria a pensar: «Oh, não estás realmente a tentar entrar para o Smith College, pois não? Ouvi dizer que estão a contratar gente na Woolworth's da Canal Street.»

O postal mais recente de Charlotte era datado de 15 de fevereiro e chegara no dia 20.

A frente do cartão tinha a fotografia de um grande e belo edifício, coberto de neve. A legenda no fundo da imagem dizia: «Construída em 1909, a Biblioteca William Allan Neilson do Smith College contém 380 mil volumes, adicionando mais 10 mil por ano.»

Virei o cartão, lendo mais uma vez a letra pequenina de Charlotte.

Querida Jo,

Já enviaste a tua candidatura? Espero que sim! A tia Lilly diz que o Mardi Gras está ao rubro. Estou cheia de inveja do quanto deves estar a divertir-te. Mostrei a todas as minhas amigas o postal que mandaste do Vieux Carré. O aeroclube tem um jogo da apanhada com aviões com Yale este fim de semana e na próxima semana o nosso congressista vai reunir-se com os progressistas. Mal posso esperar para que te juntes a nós. Aguardo a tua resposta em breve.

*Afetuosamente,
Charlotte*

Eu queria juntar-me a elas, fazer algo importante e significativo.

– Ei, Detroit.

A voz veio de fora, seguida de um assobio. Espreitei pela janela. Jesse fez-me um gesto de cabeça do outro lado da rua, junto à mota. Abri a janela e debrucei-me sobre o parapeito. A rua estava coberta com os restos da festa. Quarta-feira de lixo, como lhe chamavam.

– Conseguiste dormir? – perguntou ele. – Não te vi nos festejos.

– Dormi a noite toda, não ouvi nada.

– Estás com fome?

Eu estava a morrer de fome.

– Vais à igreja receber as cinzas? – perguntei.

Jesse riu-se.

– Eu sou do Alabama, lembra-te? Batista. Salvação pela Graça. Vamos ver se conseguimos encontrar uma *muffuletta* para comer.

Sentámo-nos num banco de jardim na ponta da Jackson Square. Uma boa noite de sono tinha ajudado. Sentia a cabeça limpa e a terra já não se mexia debaixo dos meus pés. Jesse encostou a cabeça para trás no banco, os olhos fechados, o sol a aquecer-lhe o sorriso acolhedor do rosto. Era bom não falar. De alguma forma, Jesse e eu éramos capazes de conversar sem dizer uma palavra. Fechei os olhos e recostei-me, tentando focar as sombras cor de laranja atrás das minhas pálpebras. Os pássaros cantavam e uma brisa aflagava-me os braços. Ficámos assim sentados durante algum tempo, fazendo uma purga do caos que tinha sido o *Mardi Gras*, satisfeitos com o almoço que nos forrava o estômago.

– Jess?

– Hum? – respondeu ele.

Mantive os olhos fechados e senti o corpo relaxar ainda mais no banco.

– Eu fiz uma coisa.

– Isso nunca é uma boa introdução.

– Não sei porquê, mas quero contar-te – disse eu.

– Está bem. Então começa.

– Por volta do Ano Novo, conheci uma rapariga, a Charlotte, de Massachusetts. Ela foi lá à livraria e demo-nos muito bem. Nunca nos tínhamos visto antes, mas foi como se ela me conhecesse perfeitamente. Senti-me tão à vontade com ela. Já conheceste alguém assim?

– Sim.

As nuvens mexeram-se e o brilho do sol iluminou-me o rosto.

– Mas ela é de uma família muito rica, uma boa família, e é caloiria no Smith College, em Massachusetts. Ela até pilota aviões. A Charlotte não parou de me dizer que eu deveria candidatar-me ao Smith College. Eu sei que soa ridículo, eu conseguir estudar numa escola de prestígio como essa, mas ela enviou-me todas as informações.

De repente, vi claramente a insanidade daquilo tudo e quase desatei à gargalhada.

– Mas, por alguma razão, comecei a querer muito estudar lá. Conte à Willie, e ela ficou furiosa. Disse que eu tinha de frequentar uma universidade aqui em Nova Orleães, que uma faculdade daquelas era demasiada areia para o meu camião. O que só aumentou a minha vontade de ir para lá. Por isso arrisquei, Jesse. Candidatei-me ao Smith College, em Northampton. Eu contei-te que convenci aquele brutamontes do John Lockwell a assinar uma carta de recomendação. Enviei a candidatura no outro dia. Tenho medo de o admitir até para mim própria – a minha voz caiu –, mas quero mesmo muito.

Senti uma sombra deslizar sobre o meu rosto no momento em que o sol se escondeu atrás de uma nuvem. Respirei fundo e exalei o ar, sentindo o peso do segredo sair de mim e misturar-se na brisa.

– Uma maluquice, é o que estás a pensar, certo? – perguntei eu.

– O que estou a pensar? – A voz dele estava perto.

Abri os olhos. Jesse estava a centímetros do meu rosto, bloqueando o sol. Senti a respiração dele

no meu pescoço e olhei para boca. O meu corpo estremeceu de pânico e os punhos saltaram-me para o peito.

Jesse afastou-se de imediato.

– Oh, Jo, desculpa. Não queria assustar-te – disse ele em tom suave. – Tu... tinhas uma coisa no cabelo – justificou, mostrando-me o pedaço de uma folha.

O embaraço inundou o espaço entre nós. Tentei explicar.

– Não, foi só que...

Só o quê? Porque é que eu estava a sussurrar? Eu sabia que Jesse não me queria assustar. No entanto, tinha os punhos cerrados, pronta para o repelir. Senti-me ridícula, e ele parecia saber disso.

– Não era engraçado se me tivesses dado um soco? – Ele riu-se e passou a mão pelo cabelo. – Bem, não era propriamente engraçado, mas tu percebes o que quero dizer.

Jesse recostou-se no banco e meteu as mãos nos bolsos do casaco de couro.

– OK, perguntaste o que eu estava a pensar. O que estou a pensar é que – virou-se para mim e sorriu – é melhor comprares um casaco de inverno, Detroit. Faz muito frio no Massachusetts.

Eu quase não o ouvi. O *aftershave* de Jesse parecia pairar por todo o meu rosto. De repente senti-me muito consciente da proximidade com que estávamos sentados no banco e não parava de pensar se as mãos dele nos bolsos estariam quentes ou frias.

– Quanto custa uma escola como essa? – perguntou ele.

– Muito – respondi baixinho.

– Quanto é muito?

– Para pagar as propinas, a residência e os livros é preciso quase dois mil dólares por ano.

Jesse soltou um assobio.

– Eu sei, é uma loucura.

– É uma loucura, mas é apenas dinheiro. Há muitas maneiras de arranjar dinheiro – disse Jesse.

Subimos a St. Peter até à Royal St., de volta para a livraria. Nenhum de nós falou. Atravessámos as secundinas da comemoração, chutando latas e copos, passando por cima de peças de roupa das fantasias que haviam sido abandonadas no decorrer da noite. Jesse pegou num colar de contas de vidro leitoso que estava pendurado numa porta. Ofereceu-mo e eu pu-lo ao pescoço. O dia estava impregnado de uma certa paz, como no Natal, quando o mundo para e nos dá permissão para fazer uma pausa. Por toda a Nova Orleães, os habitantes dormiam, ainda de caras pintadas e colares de contas espalhados nas camas. Até Willie ficava fechada naquele dia. Ela ia passar o dia inteiro de robe, talvez até tomar café com as meninas na mesa da cozinha. Rir-se-iam dos palermas da noite anterior. Evangeline iria queixar-se, Dora iria pôr toda a gente a rir e Sweetie sairia a meio da tarde para visitar a avó. Será que a minha mãe sentia saudades? Estaria a pensar em Nova Orleães, em Willie, em mim?

– Parece que tens um cliente ansioso. – Jesse apontou para a livraria.

Miss Paulsen estava de cara encostada ao vidro, a espreitar lá para dentro.

– Olá, Miss Paulsen.

Ela virou-se para nós.

– Oh! Olá, Josie! – Olhou para Jesse, mirando-o de cima a baixo descaradamente.

– Este é o Jesse Thierry. Jesse, esta é a Miss Paulsen. Trabalha no Departamento de Inglês da Loyola.

Jesse sorriu e dirigiu-lhe um aceno de cabeça.

– Como está?

Miss Paulsen ficou muito hirta e acrescentou:

– Também sou amiga dos Marlowe – dirigindo o comentário a Jesse. – Há um bom tempo que estou a tentar contactá-los. Já estive em casa deles, mas ninguém atende.

– Bem, é melhor ir andando – disse Jesse.

Eu não queria que ele se fosse embora e me abandonasse com Miss Paulsen, que certamente exigiria respostas às suas muitas perguntas.

– Prazer em conhecê-la, minha senhora. – Jesse recuou. – Até depois, Jo. Foi bom.

Miss Paulsen olhou-me de esguelha no momento em que Jesse atravessou a rua. Os ombros dela deram um salto quando ele ligou a mota. Eu podia ver Jesse a rir-se. Deu gás uma e outra vez, até Miss Paulsen finalmente se virar. Ele acenou e desapareceu pela Royal Street.

– Cruzes! – Miss Paulsen tocou no cabelo preso atrás da cabeça, deixando depois a mão na nuca. – Aquele rapaz está na faculdade?

Esfreguei o braço, ainda sentindo Jesse encostado a mim.

– Por acaso, está. Na Delgado. Posso ajudá-la em alguma coisa, Miss Paulsen?

– Na verdade, pode. – Ela cruzou os braços. – Isto já é de mais! O que é que se passa com o Charlie Marlowe?

Tínhamos combinado a história. Charlie estava fora da cidade, a ajudar um amigo doente em Slidell. Portanto, foi isso que lhe disse. A mentira saiu tão facilmente que me assustou. Eu costumava ficar maldisposta quando ouvia a minha mãe dizer uma mentira e pensava: Como pode fazer isso? Como consegue viver consigo própria? No entanto, ali estava eu, mentindo a Miss Paulsen com um sorriso estampado no rosto. Até acrescentei detalhes sobre a possibilidade de Charlie comprar uma livraria em Slidell. Patrick e eu não tínhamos discutido isso. Inventei tudo sozinha.

Patrick não vinha à livraria há vários dias. Quando ia lá a casa, ele estava sempre ao piano, a tocar melodias intermináveis para Charlie. Algo tinha mudado. Uma cortina caíra entre nós. Isso dava-me vontade de chorar. Eu dava as pancadinhas especiais na porta e, em seguida, entrava com a minha chave. Patrick, ao piano, virava um pouco a cabeça, via que era eu e continuava a tocar. Ele comunicava com o pai através de Debussy, Chopin e Liszt. Por vezes tocava horas a fio. Eu levava mercearias, arrumava a casa e ele permanecia sentado ao piano. Não trocávamos uma palavra. Mas assim que eu me aproximava do alpendre para sair, ouvia as notas musicais serem interrompidas. Ele falava com Charlie através da música e usava-a para me ignorar.

Fiquei feliz ao vê-lo entrar na loja. Eu não podia falar livremente porque havia um cliente a percorrer uma das estantes. Patrick e eu tínhamos trabalhado juntos durante anos, mas hoje o espaço atrás do balcão parecia exíguo. Manobrávamos à volta um do outro com incómodo e tínhamos perdido o nosso ritmo confortável.

– Olá! – cumprimentei, tentando sorrir. Pousei a mão no balcão, fazendo o sinal de livros de mistério.

Patrick olhou para a mulher, abanou a cabeça e fez-me o sinal para livros de receitas.

Foi o máximo da nossa comunicação em mais de uma semana. Repetidamente lhe pedira desculpa relativamente ao que acontecera a Charlie. Eu sabia que ele me ouvia, mas não reagia. Por isso aquele singelo sinal de livro de receitas encheu-me de alegria.

– O Charlie? – sussurrei.

– O Randolph está lá com ele. Eu tenho de ir tratar de uns assuntos.

Peguei numa pilha de cartas e entreguei-lhas.

– Separei as contas e os cheques. Achei que podias querer ir ao banco.

Ele confirmou com um gesto de cabeça.

A mulher aproximou-se da caixa com a nova edição do *Betty Crocker Cookbook*.

– Eu tinha tanta certeza de que ela escolheria Agatha Christie – comentei, depois de ela sair da loja.

– Ela quer desesperadamente ler livros de mistério – disse Patrick –, mas tinha de comprar o livro de culinária porque o marido irritado exige a comida quente na mesa assim que pousa a pasta ao pé da porta. Ela é infeliz no casamento, assim como o marido. Ele bebe para esquecer, ela chora sozinha na casa de banho, sentada na beira da banheira. Eles nunca deveriam ter-se casado. Ela sente-se

ainda mais miserável agora que comprou o livro de receitas em vez do de Agatha Christie. Sente-se numa prisão.

Olhei pela montra e vi a mulher de pé, imóvel na rua. Visualizei o cenário criado por Patrick e, de repente, podia imaginá-la a atirar o livro ao lixo, a soltar o cabelo e a correr para o bar mais próximo. Dois rapazes atravessaram a rua em direção à loja, olhando para nós através da montra. Imaginei que um deles fosse comprar o novo livro de Mickey Spillane. Achei que conhecia o outro. Era o filho de John Lockwell, Richard.

– Jo! – Patrick puxou-me pelo braço, aproximando-me dele. Senti a sua mão deslizar-me pelo cabelo até à nuca e, de repente, ele estava a beijar-me. Quando tomei consciência do que estava a acontecer, ele parou.

– Patrick! – Eu estava tão chocada que mal conseguia dizer o nome dele. A minha mão repousava no ombro dele, e não estava cerrada. Eu tinha deixado que ele me beijasse sem dar luta.

Ele lançou uma olhadela pela montra.

– Desculpa, Jo – sussurrou.

O rosto dele estava tão perto do meu, crispado de dor.

– Patrick, eu também peço desculpa, eu...

Ele não me deixou terminar. Beijou-me rapidamente, pegou na pilha de cartas e saiu da loja.

Encostei-me ao balcão para me equilibrar, sentindo na boca uma mistura de choque, confusão e o sabor da pasta de dentes de Patrick. Toquei nos lábios. Teria sido um beijo de «Desculpa» ou um beijo de «Desculpa por não ter feito isto antes»? Não sabia. Mas eu não tinha resistido e para mim isso era mais confuso do que assustador.

Terminei o inventário que Patrick me tinha pedido e arrumei uma nova remessa de livros. Mas fazia-o distraída, colocando os livros nas prateleiras erradas. Pus o novo *best-seller* de Shirley Cameron, *Confessions of a Highlander*, na secção de viagens em vez de na de romance. Dei-me conta do erro e repreendi-me. Pu-lo no escaparate junto à caixa, na esperança de que alguma dona de casa pesarosa o comprasse em vez de um livro de receitas.

Chegava sempre à mesma conclusão. Patrick e eu fazíamos sentido. A nossa relação era confortável. Conhecíamos-nos há imenso tempo. Ambos adorávamos livros. Ele era inteligente, talentoso, elegante e muito organizado. Conhecia todos os meus fantasmas. Não haveria nenhuma explicação desconfortável nem risco de rejeição quando Dora falasse comigo na rua, quando Willie insistisse para que eu fosse com ela para Shady Grove ou quando a minha mãe reaparecesse, implorando por um bife para pôr no olho negro que Hollywood lhe fizera. Patrick apanharia um autocarro na estação da Rampart Street para ir visitar-me ao Smith College. Na véspera de Natal, ele estaria à minha espera na estação, com o seu casaco de marinheiro azul, quando o meu autocarro chegasse às tantas da noite. Ouviríamos música juntos, eu dar-lhe-ia botões de punho no seu aniversário e passaríamos as manhãs de domingo a beber café e esquadrinhar as páginas de obituários à procura de livros dos mortos.

Sorri. Patrick não me assustava. Fazia sentido.

A sineta tilintou. Frankie entrou na loja, espreitando entre as estantes.

– Uau, duas vezes no mesmo mês. Deixa-me adivinhar: tens sonhado com Victor Hugo? – perguntei. Frankie olhou em volta. As mãos dele tremiam de nervoso.

– Estás sozinha? – perguntou num sussurro.

– Sim.

– Tens a certeza? – disse, mastigando ruidosamente a pastilha elástica.

Anuí. O sempre presente humor estava ausente da voz dele. Senti o meu estômago contrair-se.

– A tua mãe está a caminho de cá.

Deixei escapar o ar que estava a suster.

– Já? Porque é que isso não me surpreende? – Fiz deslizar um livro para o seu devido lugar. Tinha

de fazer a pergunta. – O Cincinnati vem com ela?

– Não sei. Eu contei à Willie, e ela disse-me para vir contar-te.

– Como é que descobriste?

– Tenho uma fonte na companhia de telegramas. Eles viram a transmissão da mensagem.

– A minha mãe enviou um telegrama à Willie? – Parecia-me estranho.

– Não, o telegrama foi enviado ontem à noite pelo chefe da Polícia de Los Angeles para um dos investigadores-chefe daqui de Nova Orleães. O telegrama foi entregue na casa dele ontem à noite, tudo em segredo.

– Eu sabia que o Cincinnati ia metê-la em sarilhos. Isso quer dizer que ele foi preso, e agora ela está de regresso.

– Não é o Cinci. A tua mãe é que foi presa.

– O quê?

Frankie assentiu.

– O telegrama dizia «Louise Moraine detida a caminho de Nova Orleães». A minha fonte no gabinete de investigação disse que eles andavam atrás dela.

– Porquê?

Frankie fez explodir um balão de pastilha elástica e olhou lá para fora.

– Porquê, Frankie?

A chiclete estalou ao mesmo tempo que as palavras lhe saíram da boca.

– Pelo homicídio de Forrest Hearne.

Corri até casa de Willie, a sentir o estômago subir-me à boca durante todo o caminho. Sim, a minha mãe era estúpida. E gananciosa. Mas assassina? Eu não queria acreditar. O pensamento assustava-me demasiado. Os ecos de todas as suas promessas vãs vieram a flutuar até mim saídas do frasco da vergonha e, a cada passo que eu dava, ouvia o tiquetaque do relógio de Forrest Hearne... o relógio que eu encontrara debaixo da cama dela.

Entrei sorrateiramente pela porta da cozinha. Dora estava sentada na mesa da cozinha com o seu vestido esmeralda subido até às coxas e de pés descalços. Pintava as unhas dos pés com um tom de rosa nacarado. Assim que olhou para mim, abriu os braços.

– Oh, meu docinho, vem cá à Dora. Eu levantava-me, mas não quero estragar as patas.

Aceitei o abraço de Dora. Ela apertou-me com força e senti-me como se estivesse comprimida entre almofadas.

– Olha que eu já li muitos romances policiais, querida. Nada foi provado ainda. A Willie disse que eles só a detiveram para interrogatório.

– Mas porquê?

– Porque ela abafou um tipo rico, sua estúpida – disse Evangeline ao entrar na cozinha.

– Então, Vangie, para com isso – repreendeu Dora. – A Louise não abafou ninguém. Ela estava no sítio errado à hora errada. – Dora virou-se para mim. – Quando a Polícia interrogou as pessoas alguém disse que a viu a beber um copo com o ricaço na noite de Ano Novo.

– A minha mãe esteve a beber com Mister Hearne?

– Era esse o nome dele? – perguntou Dora.

– Sim – disse Evangeline. – Forrest Hearne.

– Uau, aí está um nome *sexy*. E era jeitoso? – quis saber Dora.

– Pela fotografia no jornal, parecia. Dizia que ele era arquiteto e muito rico – informou Evangeline.

– Ora, porque é que ele não veio à *maison de joie* conhecer a rainha esmeralda? – disse Dora. – Se o tivesse feito não estaria morto.

– Dora, para – pedi eu.

– Oh, docinho, desculpa. Eu só queria dizer que não deves ficar preocupada. Afinal, a Polícia está a interrogar toda a gente, não é? – Dora ergueu ligeiramente as sobrancelhas. A Darleen, a irmã dela, tinha-me visto na esquadra da Polícia.

– Acho que sim – concordei.

– Eu ficaria mais preocupada se o Cincinnati viesse com ela – disse Dora.

– Bem, a Louise vai ter de ficar no sótão – disse Evangeline. – Aquele quarto agora é meu. Finalmente consegui livrar-me do fedor.

Levantei-me para ir ter com Willie. Evangeline agarrou-me pelo braço junto à porta.

– Fica longe de John Lockwell – sussurrou ela. Um perdigoto atravessou-lhe os dentes, vindo parar ao meu peito. Ela olhou para a bolinha de saliva e disse com um sorriso irónico:

– Oh, olha, está a chover!

Bati à porta de Willie.

– Não devias estar aqui – foi a resposta.

Apesar disso, entrei. Willie estava sentada, já pronta para a noite, com o seu tradicional vestido preto. O cabelo estava puxado mais para cima do que o normal, preso com duas travessas incrustadas de diamantes em forma de flor de lis. O livro negro estava aberto à sua frente sobre a secretária.

– Estou a ficar tão mal como o Charlie – disse ela por cima do ombro. – Na semana passada escrevi que a bebida preferida do Silver Dollar Sam é o *Seven and Seven*. – Fez uma correção. – É o Pete the Hat que gosta do *Seven and Seven*.

O livro negro de Willie era um ficheiro. Ela registava cada cliente com um nome de código, de que menina gostava, qual a preferência de serviços, até mesmo o que bebia e que jogo de cartas preferia. Silver Dollar Sam era, na verdade, um vendedor de carros chamado Sidney. Mas ele tinha uma tatuagem de uma moeda de dólar de prata nas costas. Havia informação suficiente no livro para que Willie o pudesse usar como uma apólice de seguro. Se alguém lhe desse problemas, ela tinha um registo da visita que podia partilhar com a esposa ou a mãe do cliente. Todas as noites, antes de abrir as portas, Willie verificava a lista de todos os que tinham feito reserva antecipada. Fazia questão de se lembrar de todas as preferências dos clientes, de modo a que tudo parecesse natural e de improviso.

Willie parecia absolutamente tranquila acerca da notícia da minha mãe. Ela sempre dissera que era capaz de fazer chá no meio de um tornado. O à-vontade dela acalmou-me.

Peguei num batom *Hazel Bishop* que estava pousado na cama e espalhei um pouco de cor nos lábios e nas faces.

– Então, o que fazemos? – perguntei.

Willie virou uma página do livro.

– Já discutimos isso. Não falas com ninguém. Ficaste em casa na noite de Ano Novo. Não viste nada. Tu e a tua mãe estão de relações cortadas. Quando ela voltar, vais para Shady Grove. Ficas fora da cidade durante algum tempo.

– Sozinha?

– O que queres, que o Cincinnati vá contigo?

– Não, mas não vai parecer estranho se eu de repente sair da cidade?

– Oh, és uma pessoa assim tão importante que toda a gente vá reparar? Disseste que a Polícia já te interrogou e que respondeste às perguntas. Todos os moradores daqui conhecem a tua mãe, e têm juízo suficiente para não se meterem comigo e mencionarem o teu nome. Ninguém vai dizer nada.

– Mas quem vai limpar a casa todas as manhãs?

– O que foi, Cinderela, vais ter saudades de esfregar o chão?

Encostei-me ao poste da cama de Willie.

– Não, vou sentir saudades suas, da minha madrasta malvada.

Willie pousou a caneta e virou-se na cadeira.

– Como é que sabes se não sou a tua fada madrinha?

Olhámos uma para a outra. Reparei em Willie, vestida toda de preto, com os lábios e os olhos cor de vinho, capaz de enviar uma cobra a rastejar de volta para o seu buraco. De repente, desatei a rir.

– Está bem – respondi. – É a madrasta malvada com coração de fada madrinha.

– Eu preferia ser como tu – disse Willie. – Uma Cinderela com coração de madrasta.

Aquela doeu. Estaria a brincar? Ela agia como se considerasse o que dissera um elogio.

Voltou a dar atenção ao caderno.

– O Cokie leva-te para Shady Grove.

– Ele só vai lá deixar-me, Willie?

– Não vais precisar de carro. Podes ir a pé à mercearia, se tiveres de usar o telefone.

– Mas, e se acontece alguma coisa?

– Salga os amendoins. Eu não estou preocupada. És boa atiradora. Vou pedir ao Ray e à Frieda para estarem atentos a carros na estrada. Sabes que eles ficam de olhos bem abertos à noite. Agora, se não queres que algum velho devasso arranque as pétalas da tua margarida, é melhor dares de frosques.

Saí para a rua no momento em que Cokie estava a deixar um cliente.

– Eu levo-te, Josie, mas ainda tenho de ir buscar um grupo de congressistas e trazê-los para cá.

– Tudo bem, Coke. Já soubeste que vou viajar?

– Claro que sim. A Willie não te quer por cá, para que a tua mãe não te possa arrastar para nada.

Ela vai dizer à tua mãe que foste para Slidell ajudar Mister Charlie. – Cokie coçou a parte de trás da cabeça. – Jo, tenho de te perguntar. Como é que soubeste que uma das rodas desta coisa tinha descarrilado? Desde o primeiro dia que insististe comigo para eu arranjar o relatório do médico-legista. Sabias alguma coisa sobre o tal homem do Tennessee e a tua mãe?

– Não, eu apenas... gostava dele. Ele foi lá à loja. E foi tão amável e tratou-me com tanto respeito. Ele inspirou-me, Coke. Não conheço muitos homens como ele.

Cokie assentiu.

– Bem, parece que vamos estrear a garrafa térmica na nossa viagem até Shady Grove.

Ele partiu para ir buscar os congressistas. Comecei a caminhada de volta para a loja, pensando no relógio. Tinha de me livrar dele. Podia atirá-lo para uma lata de lixo qualquer. Podia levá-lo comigo para Shady Grove e escondê-lo. Um carro passou por mim. Ouvi o silvo dos travões e a mudança na caixa de velocidades a ser colocada em marcha-atrás. O reluzente *Lincoln Continental* recuou e parou à minha frente.

– Então, já entrou para o Smith College? – John Lockwell sacudiu a cinza do charuto pela janela.

– Estou à espera da resposta.

– Ainda não sei o que estava escrito naquela carta.

– Era muito elogiosa... e estava muito bem escrita – assegurei.

– Espero que mencionasse os seus *martinis*.

– Não, mas mencionava os meus conhecimentos na área de reparação de automóveis.

– Funciona como um relógio agora. Quer que a deixe em algum sítio? A Charlotte achar-me-ia um tio horrível se eu não desse boleia à amiga dela. Venha tomar uma bebida comigo. Agora tenho um apartamento privado no Bairro. É mais discreto.

– Não, obrigada. Tenho outro compromisso.

Lockwell sorriu.

– Fica para outra altura, então. – Apontou-me o dedo e acrescentou: – Há algo em si, Josephine. E gosto do batom.

Foi-se embora. Limpei a boca com as costas da mão.

Sentei-me na cama com a caixa de charutos pousada no colo. Olhei para o cheque de Mr. Hearne. Será que a esposa iria notar que não tinha sido levantado? Se o fizesse agora, a Polícia podia notar a transação e vir fazer perguntas. Observei a assinatura dele, confiante, elegante. Lembrei-me da minha mãe no Meal-a-Minit, a sacar do maço de notas da bolsa, a gabar-se de ir jantar no Antoine's. Faziam certamente um rico par: Cincinnati com o fato de um defunto, a minha mãe com a carteira de um defunto.

Eu tinha guardado o cheque debaixo do soalho, juntamente com o relógio. Ia levá-los para Shady Grove e depois livrar-me deles. Isso deveria ser o assunto mais importante a ocupar-me a mente. Mas não era. Passara toda a manhã a pensar em Patrick, imaginando se ele viria à loja. Mas não apareceu. Teria de esperar para o ver quando fosse visitar Charlie. Olhei para o relógio, contando os minutos até à hora de fecho. Eu tinha lavado e arranjado o cabelo na noite anterior. Não parava de me olhar ao espelho e já tinha mudado de blusa duas vezes. Subitamente, queria impressionar Patrick, ficar bonita para ele. Nós juntos fazíamos sentido.

Miss Paulsen passou pela livraria, para bisbilhotar uma vez mais. Eu disse-lhe que ia a Slidell visitar Charlie e na volta lhe faria um relatório completo. Ela escreveu um bilhete para Charlie e insistiu em metê-lo num envelope selado para que eu lho entregasse. Em seguida vendi-lhe o livro de Shirley Cameron e conversámos sobre a tal pessoa amiga dela do Smith College que escrevia ficção histórica. Ela achou que nos íamos dar bem. Miss Paulsen era interessante e amável quando não se ocupava a fazer de detetive.

Recebi uma carta de Charlotte a perguntar se eu já tinha recebido resposta sobre a minha candidatura. Ela também mencionava que a prima, Betty Lockwell, lhe escrevia sobre Patrick, insistindo para ser novamente apresentada. Charlotte achava a paixoneta de Betty engraçada. Eu achava-a bastante irritante. Atirei com a carta para a gaveta da minha escrivaninha, fechei a porta e saí.

Enquanto caminhava, ensaiei o que diria quando visse Patrick. Queria parecer à vontade, não mostrar como me sentira a flutuar todo o dia por causa do beijo. Ia deixá-lo assumir a liderança. Fiquei atenta ao som do piano quando me aproximei da porta, mas a casa estava em silêncio. Guardei a minha chave no bolso e bati.

A porta abriu-se.

— Olá, Jo! Entra. — Patrick, ainda de cabelo molhado, estava descalço, vestia uma camisa passada a ferro e encontrava-se a enfiar o cinto pelas presilhas das calças.

— Estás muito elegante — comentei, esperando a retribuição do elogio.

— Obrigado. Volto já. Tenho de me calçar. — Ele correu escada cima.

Algo cheirava bem. Fui até à sala de estar e dirigi-me ao piano de Patrick. Corri os dedos pela palavra *Bösendorfer* e arrastei a mão em silêncio sobre as teclas. *Liebesträume*, de Franz Liszt, estava na estante de partituras. Olhei para todas aquelas notas e pensei na abismal facilidade com que Patrick era capaz de transformar os pequenos pontos pretos em música belíssima.

– Fiz croquetes – disse ele ao descer as escadas. – Usei a receita do mesmo livro de receitas de Betty Crocker que a dona de casa infeliz comprou.

– O que significa isto? – perguntei, apontando para a partitura.

Patrick pôs-se atrás de mim, espreitando por cima do meu ombro.

– *Liebesträume*; é alemão – respondeu.

– Eu sei que é alemão, mas qual é a tradução?

Patrick fechou a partitura e pousou-a em cima do piano.

– Quer dizer *Sonhos de Amor*.

Ele ficara corado?

– Ah – disse eu, não querendo revelar o sorriso secreto que irradiava do meu peito –, como está o Charlie?

– Anda a dormir muito. Quase vinte horas por dia. Tenho de o acordar para comer.

– Achas que é do medicamento? – perguntei.

– Não sei. Vou perguntar ao Randolph. – Patrick tirou um prato do lousado e entregou-mo. – Eu estava à procura de outra almofada para o Charlie no armário dele e encontrei o manuscrito na prateleira de cima.

– Leste-o?

– Até me sinto mal em dizer isto, mas sim. Eu sei que ele queria que eu esperasse até estar concluído. Mas eu estava mortinho por lê-lo. E sabes que mais? É muito bom. Quem me dera que ele conseguisse terminá-lo.

– Bem, nunca se sabe. Talvez quando ele melhorar – disse eu.

Sentámo-nos à mesa da cozinha para comer. Teria preferido que a refeição fosse na sala de jantar, mas talvez parecesse muito formal. Dizia a mim mesma para parar de pensar que a visita era um encontro romântico. Já tinha jantado com Patrick centenas de vezes. Mas não conseguia evitar. Assim que eu partisse para Shady Grove, não sabia quanto tempo passaria até o ver novamente. Começámos a comer e contei-lhe sobre a minha mãe.

– Uau! Jo, isso é uma loucura – disse Patrick.

– Eu sei que é. A Dora diz que a Polícia quer interrogar a minha mãe porque alguém os informou que a viram com Mister Hearne.

– O que diz a Willie disso?

– A Willie mandou-me ir para Shady Grove – Olhei para Patrick. – Não sei quanto tempo vou ficar fora.

– Bem, isso faz sentido. Ela não quer que a tua mãe te arraste para o drama.

– Não sei quanto tempo vou ficar fora – repeti. – Podemos ter de fechar a livraria.

– Vou pensar numa solução – disse Patrick. – Provavelmente podes tirar férias. Leva todos aqueles livros novos que querias ler.

Terminámos o jantar em conversa amena. A cada minuto debatia-me com o pensamento se deveria trazer à baila o que tinha acontecido na loja.

– Jo, posso pedir-te um favor? – disse Patrick. – Lembras-te do James, da Doubleday? É o aniversário dele e a namorada organizou uma festa hoje à noite. Eles convidaram-me e eu queria mesmo aparecer, mas...

– Mas precisas que alguém fique com o Charlie.

Patrick assentiu com a cabeça.

– Eu tinha pensado em levar-te à festa, mas o Randolph está ocupado esta noite e não pode passar cá.

– Claro que fico com o Charlie.

– Ah, obrigado. Eu não demoro muito.

Lavei os pratos enquanto Patrick subiu para ver como estava Charlie. Ele desceu, trazendo um *blazer* e gravata.

– Estás muito bonito. E cheiras bem, também. – Cheirava a uma água-de-colónia nova.

– Ainda bem que gostas. – Dirigiu-se para a porta, parou, virou-se para trás e veio ter comigo.

Pousou as mãos nos meus ombros e deu-me um beijo rápido. – Obrigado, Jo. Eu já volto.

A porta bateu. Eu não tinha reparado nisso na livraria. Os lábios dele eram frios.

Ele não voltou logo. Passaram-se horas. Li revistas, espanei o piano e por fim subi vagarosamente até ao andar de cima para ver como estava Charlie. Parei em frente à porta fechada do quarto de Patrick, resistindo à tentação de entrar e bisbilhotar. Em vez disso, entrei no quarto de Charlie. Ele estava a dormir, coberto com um lençol puxado cuidadosamente. O quarto estava limpo e arrumado. Havia frascos de medicamentos alinhados na cómoda ao lado de uma folha com instruções de Randolph. Abri uma frincha da janela perto da secretária para arejar um pouco a divisão. O papel ainda estava na máquina de escrever. Rodei o rolo duas vezes. Havia outra letra.

SA

Sentei-me na ponta da cama de Charlie. A pele pálida em torno das feridas tinha um tom alaranjado por causa do mercurocromo. Puxei ligeiramente o lençol. Charlie estava abraçado à caixa cor-de-rosa do Dia dos Namorados. A cor dele era doentia e o cabelo grisalho continuava desganhado.

– Oh, Charlie – sussurrei –, o que lhe aconteceu? Eu só queria cortar-lhe o cabelo. Lamento imenso.

Os olhos dele abriram-se e fixaram-se em mim. E, por um brevíssimo momento, ele sorriu. Era o mesmo sorriso que me dirigia quando eu tinha oito anos e me escondia na livraria, o sorriso com que me brindava da montra da loja quando eu estava lá fora a varrer a calçada. Era o sorriso que dizia «És uma boa menina, Josie».

Afastei-lhe os fios de cabelo dos olhos.

– Adoro-o, Charlie Marlowe. Ouviu? Nós vamos encontrar uma solução. – Mas ele já tinha adormecido novamente.

Acordei com o cheiro a café. Um cobertor estava posto sobre os meus ombros no sofá. As cortinas da sala iluminavam-se com um pálido tom de pêssego. O sol nascia. Fui até à cozinha. Patrick estava ao balcão, ainda de *blazer* e gravata.

– Acordei-te? – perguntou.

– Não posso acreditar que adormeci. O Charlie está bem?

– Ele está bem. Desculpa, cheguei mais tarde do que esperava. – Patrick não se tinha deitado, mas não parecia cansado.

– A festa foi boa?

– Sim, mas eu fui o macaquinho da música. Puseram-me a tocar piano toda a noite. Toquei *jazz* suficiente para uma vida inteira. – Patrick virou-se para mim e sorriu. – Jo, adivinha quem estava na festa.

– Quem?

– O Capote.

– O Truman Capote? Disseste-lhe que adoras o livro dele e que se vende como água na livraria?

– Só trocámos algumas palavras. Principalmente sobre Proust. Tem a voz mais estranha que já ouvi, Jo, e é tão baixinho. Ele tem apenas vinte e cinco ou vinte e seis anos, mas fazia o que queria dos literatos. A única pessoa capaz de o acompanhar foi o excêntrico Elmo Avet.

– A Willie conhece o Elmo. Chama-lhe Abelha Rainha, mas adora o mobiliário antigo que ele lhe vende. Parece ter sido uma grande festa de aniversário.

– Fiz-te café. Vais partir esta manhã, certo? – perguntou.

Concordei com a cabeça.

– Vamos ter saudades tuas – disse Patrick, servindo-se de um café.

– Eu também vou sentir a tua falta. Podes contactar-me através da Willie. Ela vai deixar-me mensagens na mercearia. E, claro, podes escrever. Deixei o endereço no balcão. Ah, quase me esquecia! A Miss Paulsen apareceu na loja.

Patrick virou-se, o rosto enrugado de medo.

– Outra vez?

– Sim. Eu disse-lhe que ia a Slidell visitar o Charlie. Ela deu-me um bilhete para lhe entregar. – Tirei o envelope lacrado da mala e entreguei-o a Patrick.

Ele rasgou-o e leu o bilhete, entregando-mo quando terminou.

*

Nunca foste de escrever mistérios, e agora tornaste-te um.

Envia-me uma carta de Slidell ou fico a saber que é tudo uma mentira.

Preocupada – Barbara

Eu adorava o táxi de Cokie.

Mas não estávamos no táxi de Cokie. Fomos na *Mariah* e Cokie exibia um sorriso rasgado no rosto.

– Serve-me outro café dessa garrafa térmica, Josie. Vês, isto é que é boa condução. Um dia ainda hei de ter um grande *Cadillac* preto como este, com pneus de banda branca e tudo, juro.

– Este carro atrai demasiada atenção. Devíamos ter vindo no teu táxi. Eu adoro o teu táxi. É muito confortável.

– O meu táxi é um lindo menino. Se ele pudesse falar... uuuiii, o que ele viu. Esta não é a estrada para Northampton. Essa é a norte e atravessa o Mississípi até ao Alabama. O Cornbread diz que é melhor começar a conduzir assim que o Sol nasce e parar antes de o sol se pôr. Eu concordo. Vais ficar com o primo do Cornbread na Geórgia, e ele tem uma velha tia na Virgínia, se precisares de parar por lá.

– És tão querido por teres planeado tudo, Coke, mas eu ainda não fui aceite.

– Mas vais ser. Eu sei que sim. – Cokie acenou com a cabeça repetidamente. – Tens de ser.

Virou a cara para mim do volante.

– Tens de sair daqui, Josie. Nova Orleães é um bom sítio para algumas pessoas, muito bom, até, para outras quantas. Mas não para ti. Demasiada história a puxar-te para baixo. Tu tens sonhos e o potencial para os tornares realidade. Aposto que cismaste com aquele homem rico de Memphis porque ele se enquadrava na tua ideia de pai. E eu concordo, não era possível teres-te tornado uma pessoa tão boa a menos que a outra metade o fosse também. Por isso sei que vais ser aceite e encher-nos a todos de orgulho. Eu por mim já sinto muito orgulho de ti.

Passámos as três horas de viagem na conversa. Cokie contou-me histórias sobre os pais dele. O pai era um homem branco, do Canadá, que se estabeleceu em Nova Orleães. Tinha mulher e filhos e assumira uma relação paralela com a mãe de Cokie. Ele morreu antes de Cokie fazer três anos. Ao contrário de mim, Cokie tinha uma relação próxima com a mãe e ficava com lágrimas nos olhos só de falar nela. Amava-a profundamente e disse que ela sempre fizera o melhor por ele. Morreu quando ele tinha dezasseis anos. Disse que se tornou impossível encontrar uma esposa porque queria uma mulher com as mesmas qualidades da sua mãe. Qualquer mulher que eu sugerisse como potencial parceira, ele rejeitava com chacota e comentários divertidos que me fizeram rir tanto que quase não contive a bexiga.

– Bem, e porque não a Bertha? – perguntei.

– A Bertha é boa pessoa, mas é muito velha. Eu gosto de uma mulher cuja pele lhe assente um bocadinho melhor.

– E a Tyfee? – sugeri.

– A Tyfee? Deves estar a brincar. Ela só tem três dedos nos pés e sua como um cavalo. E está sempre a pintar os cabelos grisalhos com borras de café. Parece que tem terra no cabelo. Não, obrigado.

Tyfee só tinha três dedos nos pés. Quem diria?

Cokie era picuinhas com uma companheira, mas parecia saber exatamente o que queria numa mulher. Isso fez-me pensar em Patrick e no nosso estranho adeus. Ele abraçou-me com força e durante muito tempo, como se nunca mais me fosse ver. Mas não me beijou. Ficou apenas a olhar para mim, com os olhos cheios de silêncio. Eu não conseguia perceber se ele estava perturbado por eu me ir embora ou por causa de Charlie.

Chegámos pouco antes do almoço. Cokie parou na casa de Ray e Frieda Kole. Pousou a mão no *capot* do carro deles.

– Está frio. Já foram dormir há algum tempo – disse Cokie.

Pobres Ray e Frieda. Fiquei a pensar o que os faria ter tanto medo do escuro.

Cokie deixou uma caixa enviada por Willie no alpendre da casa deles que continha uma caçarola com o típico guisado *gumbo* de Sadie, um volume de tabaco, uma garrafa de moscatel e uma carta de Willie instruindo-os a manterem-me debaixo de olho.

Virámos para a longa rua arborizada em direção a Shady Grove.

– Jo, não te esqueças de manter os ouvidos bem abertos. Isto é tudo muito agradável e privado, mas isso também pode ser um problema. Aqui, se gritares, ninguém te vai ouvir. Nem sequer o Ray e a Frieda. Eles estão a quase dois quilómetros de distância.

– Estás a falar como se houvesse ursos por aqui ou algo do género.

– Não estou a falar de animais. Estou a falar de criminosos.

Eu ri-me.

– Ninguém vai querer assaltar Shady Grove. Não há nada aqui, exceto móveis e pratos velhos. – Shady Grove era o retrato do sossego. Uma pequena casa de campo crioula com um alpendre fundo e frontada por carvalhos cobertos de musgo.

Cokie puxou o travão de mão.

– Ouve, Josie, não estou a brincar. Esta questão com a tua mãe é séria. Há muita gente que não quer em Nova Orleães. A Willie foi esperta em tirar-te do meio das labaredas, mas mesmo aqui tens de estar preparada. Pode haver quem seja estúpido o suficiente para achar que podem chegar à tua mãe através de ti.

Saí do carro e tirei a pequena mala e uma caixa grande de livros do banco traseiro. Cokie abriu o porta-bagagens. Estava repleto de cestos e caixas.

– Coke, isso é metade da despesa. Pensei que ia ficar uma semana, no máximo.

– A Sadie esteve a cozinhar a noite toda para ti. Não te falta comida aqui. – Ele tirou o saco de golfe de Willie da mala. – Leva tu isto. Sabes que não suporto armas.

Espreitei para dentro do saco.

– Ela mandou-as todas?

– Com munições suplementares no bolso da frente. Ela disse que te pediu para trazeres a tua pistola.

– Não será um pouco de mais?

– Bem, nunca ficaste aqui sozinha. E se aparece alguém?

– Tal como quem, a Frieda Kole?

– Como o Cincinnati.

Saiu-lhe sem querer e era tarde de mais para voltar atrás. Senti um arrepio no pescoço. Ouvi a voz dele a dizer: «Hei de apanhar-te, Josie Moraine.» Tirei uma das caçadeiras para ver o que Willie

mandara.

Cokie esfregou a testa.

– Não deveria ter dito aquilo. Josie, eu não estou a dizer que o Cincinnati vai aparecer por cá. A Willie só está preocupada que ele e a tua mãe possam querer-te como testemunha abonatória dela e, bem, o Cincinnati está associado a gente muito perigosa.

– Como o Carlos Marcello?

Cokie parecia à beira das lágrimas. Lembrei-me de Patrick a abraçar-me com tanta força que doía, como se estivesse a dizer adeus para sempre. Cokie fungou e começou a levar caixas para o alpendre. Agarrei-o pelo braço.

– O que está realmente a acontecer, Coke?

– A tua mãe arranjou-a bonita desta vez, Jo. Um homem rico acabou morto com uma bebida drogada e alguém disse que ela estava com ele.

– Quem é que disse isso à Polícia?

– Não sei. Se acontecer alguma coisa importante, com certeza aparece no jornal. Quando fores à mercearia, podes ler. Mas certifica-te de que levas a pistola contigo e quando voltares verifica muito bem a casa a toda à volta antes de entrares. Define pequenos sinais para ti mesma, para saberes se alguém esteve cá depois de saíres.

Subi as persianas das janelas e abri as cortinas. Cokie colocou os mantimentos na cozinha.

– Agora não preocupes a tua cabecinha. A Willie está apenas a tomar precauções. Aproveita o teu tempo aqui. Descansa um pouco e lê todos aqueles livros que trouxeste. Num piscar de olhos estou de volta para te vir buscar.

A *Mariah* desapareceu pelo caminho estreito, a atirar pó pela traseira. Fiquei de pé no alpendre a assistir, agarrada à caçadeira de Willie.

Deixei de me perguntar por que razão Ray e Frieda tinham medo do escuro. Eu também tinha. Todas as noites ao entardecer caminhava até casa deles e juntava-me a eles no carro. Ficava no banco traseiro e dormia enquanto eles fingiam conduzir até Birmingham, Montgomery ou qualquer outro sítio diferente todas as noites. Preparava-lhes um grande pequeno-almoço ao raiar do dia e depois fazia novamente os quase dois quilómetros até Shady Grove, com a minha almofada debaixo do braço. Todos os dias à hora do almoço ia a pé até à mercearia ver se havia mensagens ou cartas.

Adorava estar em Shady Grove e não tinha saudades nenhuma de Nova Orleães. Mas tinha saudades de Patrick e escrevia-lhe todos os dias a pedir notícias de Charlie. Passou uma semana sem receber uma resposta que fosse dele. Quando liguei a Willie da mercearia, ela disse-me que Randolph ia ver Charlie todos os dias e que ele agora estava tranquilo e que dormia muito. Não me contou grande coisa acerca da minha mãe, apenas que tinha voltado, saído sob fiança e que estava hospedada no Town and Country Motel. Isso queria dizer que estava com Cincinnati. Carlos Marcello era dono do Town and Country. Willie disse-me que Patrick lhe tinha entregado uma carta datilografada como resposta a Miss Paulsen e que mandara Cokie a Slidell pô-la no correio.

Tentei telefonar a Patrick da mercearia, mas ninguém atendeu.

Tinha acabado de lavar o cabelo quando ouvi o barulho. Parecia o ruído de um motor, mas depois parou. Corri para a cozinha e peguei na caçadeira. Fui sorrateiramente até à frente da casa e espreitei pela janela. Nada. Com todo o cuidado, abri a porta de tela com o pé descalço. As dobradiças da porta chiaram, traindo o meu silêncio. Saí lentamente para o alpendre, apontando o cano da arma para o caminho de entrada. Algo estalou na lateral do alpendre. Rodei para a esquerda, com o dedo no gatilho.

– Eh, tem lá calma com isso!

Jesse Thierry estava de pé, ao lado da mota, junto ao alpendre.

– Desliguei a mota e trouxe-a à mão porque não te queria assustar. Obviamente não funcionou – disse ele.

Larguei a arma e expirei fundo.

– Olha só para ti, pronta a disparar: uma verdadeira Mae West da Capital do Automóvel.

Era difícil ficar zangada com as piadas de Jesse.

– Estou surpreendida por te ver, só isso – disse eu.

– Espero que seja uma boa surpresa.

– Claro que sim! Fizeste esta viagem toda de mota?

Jesse tirou o casaco de cabedal e pendurou-o no assento da mota.

– O tempo está ótimo, por isso a viagem foi boa. Encontrei a Willie ontem no Bairro e ela deu-me as indicações. Também me disse que tenho de a informar. – Jesse sorriu. – E então? Estou convidado para subir para o alpendre, ou ainda estás a pensar se me dás um tiro ou não?

– Não, quero dizer, sim, sobe.

As palavras mal tinham saído da minha boca e já Jesse, de um pulo, se encontrava ao meu lado.

– Não sei como consegues fazer seja o que for nessas calças de ganga tão apertadas – comentei.

– Estas? Não são apertadas, ajustam-se ao corpo. Quando compras um par novo, nunca assenta bem, por isso tens de mergulhar num banho quente com elas vestidas.

– Usa-las na banheira? – perguntei com uma risada.

– Sim. A água quente encolhe-as à volta do corpo e elas passam a assentar na perfeição.

– Mas tens de andar por aí com um par de calças de ganga molhado durante todo o dia.

– É só um dia. – Jesse fez sinal para o meu cabelo. – Parece que tu também estiveste no banho. – Acomodou-se numa cadeira do alpendre.

– Eu tinha acabado de lavar o cabelo, mas então tive de ir dar tiros a uma pessoa. Queres beber alguma coisa fresca?

Quando voltei, Jesse estava a ler o meu livro de Keats. Ficámos sentados no alpendre da frente a jogar cartas e a beber chá gelado. Ele disse que tinha visto a minha mãe na Bourbon Street e que ela lhe parecera magra e cansada.

– Aquele tipo com quem ela está tem ar de brutamontes, Jo.

– O Cincinnati? É pior do que brutamontes. Ele devia estar na cadeia. Ele é o pau-mandado do gangue do Marcello. E a minha mãe, rameira e estúpida, adora-o.

Jesse tirou outra carta.

– Cubro a tua mãe rameira e estúpida e acrescento um pai alcoólico e inconsequente. Tão inconsequente que estampou o carro contra uma árvore e matou a minha mãe, estragou-me o pé e deixou-me cheio de cicatrizes na cara. – Jesse pousou as cartas. – Gin.

– Oh, Jesse, sinto muito. Eu não sabia.

– Não é culpa tua. Nem minha. É assim a vida. O meu pé agora está bem. Não é que eu tenha só três dedos como a Tyfee, mas nunca vou poder ir para tropa. Que tal se jogássemos uma partida de póquer?

– Está bem. – Fiquei a ver Jesse baralhar as cartas, sorrindo para mim. Ele disse que não era culpa dele. Gostava de poder sentir o mesmo em relação à minha mãe. Eu sabia que não tinha feito nada de errado, mas por alguma razão, sentia-me sempre culpada. Jesse deu-me as cartas e eu tentei lembrar-me de todas as mãos de póquer.

– Então – disse eu –, se juntarmos a minha mãe com o teu pai, temos um *full house*.

Jesse bebeu um gole de chá gelado, sem nunca tirar os olhos de mim.

– Parece-me mais uma casa muito vazia³. – Continuou com os olhos cravados em mim. – Se a Polícia conseguir provar que foi a tua mãe, é uma acusação de homicídio, Jo.

– Eu sei. A Willie tem receio que eles me queiram como testemunha abonatória. É por isso que ela está a esconder-me aqui.

– Sentes-te segura?

– Eu estou bem. – Algo dentro de mim queria admitir a Jesse que passava as noites no banco de trás de um *Buick* enferrujado numa estrada fictícia para nenhures.

Jesse recostou-se na cadeira e olhou em frente, para além da casa.

– Devo dizer que é um belo esconderijo. Eu não me importaria nada de me perder por aqui. O que é que há lá mais para o fundo, na estrada?

– Queres que te mostre?

³ Trocadilho com a expressão *full house*, que, para além de ser uma mão no póquer, à letra significa «casa cheia» (N. da T.)

Espalhei uma camada de pó indetetável nos degraus da frente. Isso iria permitir-me ver pegadas ou qualquer invasão enquanto estivesse fora. Entreguei a Jesse a minha pistola e pedi-lhe que a guardasse no casaco de cabedal.

– Bem, estás uma verdadeira Bonnie.

– Uma mulher que conhece as cordas corre menos riscos de ficar amarrada.

Jesse achou a frase hilariante.

– Foi a Willie que disse isso?

– Não, a Mae West. Como é que eu ia conseguir esconder essa coisa se estou de saia?

Jesse deu a volta à mota.

– Ainda pensei trazer o *Mercedes*, mas não quero que o vejas até estar pronto. Vai ficar um carro com um aspeto estupendo, Jo.

As nuvens fugiram e o sol acima das nossas cabeças queimava. Jesse explicou como deveria sentar-me e onde colocar os pés.

– Lembra-te de manter as pernas longe do tubo de escape. – Pôs os óculos de sol. – Vais ter de te agarrar a mim, portanto, tenta controlar-te, OK?

– Muito engraçadinho. Porque não conduzo eu? Assim podias ser tu a agarrar-me.

– Por mais que eu gostasse e, acredita em mim, gostaria muito, não é uma boa ideia. Esta é tua primeira vez numa mota. – Jesse pôs a *Triumph* a funcionar e eu montei. Não pretendia apoiar-me nele, mas assim que a mota arrancou, agarrei-o pela cintura. Podia sentir-lhe o riso no estômago. Ao fundo do caminho de acesso, disse-lhe para virar à esquerda. Descemos a estrada em ponto morto até ao cruzamento de Possum Trot. Não era nada como andar de carro. O céu estava em cima de nós e eu podia sentir o cheiro do couro do casaco de Jesse ao calor do sol. O motor roncava. Jesse estendeu a mão esquerda e tocou nas costas da minha.

– Estás bem? – gritou.

– Mais depressa – gritei eu.

Ele obedeceu, engatando a mota e acelerando, disparando estrada abaixo como uma bala no cano de uma espingarda. Eu não tinha outra hipótese senão agarrar-me. Estava apavorada. E a adorar.

O ar cercava-nos, soprando com força pelo meu corpo, chicoteando o cabelo de Jesse e o meu. Acelerámos até roçar a imprudência, mas eu sentia-me segura. Segura e a salvo de Cincinnati e da minha mãe. Andar de mota com Jesse fazia-me sentir como se deixasse escapar um grito de uma garrafa, e não queria que aquela sensação terminasse nunca.

Finalmente chegámos ao destino, a mercearia. Apertei-lhe a cintura e aponte. Ele reduziu a velocidade e encostou.

Saltei da mota.

– Estás bem? – perguntou Jesse.

– Adorei! O meu coração parece que vai saltar do peito e sinto a pele em fogo.

– Isso é a adrenalina. Às vezes acelero só para sentir a liberdade no rosto; é como se pudesse

andar assim para sempre. – Jesse começou a rir. – Olha só para ti.

– O que foi?

– Tens um sorriso de orelha a orelha e o rosto corado. Anda, vou buscar-te alguma coisa para beber.

Ficámos lado a lado junto ao armário frigorífico de refrigerantes. Ainda me sentia aérea do passeio e empurrei-o com a anca para o afastar. Ele agarrou-me no braço e voltou para junto de mim.

– É melhor portares-te bem ou eu deixo-te aqui – brincou.

– Volto a pé, como faço todos os dias.

Ele pareceu espantado.

– Fazes este caminho todo a pé sozinha?

– Todos os dias. Eu própria, comigo mesma. Não ficas com inveja?

Jesse estendeu a mão e afastou uma madeixa de cabelo dos meus olhos.

– Sim, por acaso até fico.

A mão dele demorou-se na minha face. Os meus olhos foram atraídos para os dele.

– Olá, Josie. Hoje não há mensagens, mas tenho uma carta para ti. – O dono da loja entregou-me um envelope. Reconheci a letra de Patrick, virei-me de costas para Jesse e abri o envelope.

Querida Jo,

Desculpa não ter escrito antes, mas tenho andado num corrupio. O Charlie continua a dormir muito, mas o Randolph disse que ontem ele deu uns passos à volta do quarto. Vi a tua mãe na Chartres Street com um chico-esperto qualquer. A Polícia trouxe o líder da banda de Baton Rouge para interrogatório, e ele alegou que pensava que Mr. Hearne estava a dormir na mesa, não morto. O Capote deu uma festa antes de sair da cidade e pediu-me para tocar piano. Ainda não chegou nenhuma carta do Smith College. Daqui é tudo, por agora.

Saudades,

Patrick

P S: A Betty Lockwell já veio à loja duas vezes. Na volta do correio diz-me o que achas que ela comprou.

Jesse e eu ficámos sentados nos degraus de madeira da pequena mercearia a beber cerveja de raiz e a atirar pedras a uma árvore. Imaginei que a árvore era Betty Lockwell e acertei-lhe em cheio de todas as vezes. Cada ramo era um braço, uma perna, depois a cabeça. Amendoins salgados.

– Então, há quanto tempo namoras com o Patrick? – perguntou Jesse.

Eu não tinha vontade de falar sobre Patrick, especialmente com Jesse.

– Não sei – respondi.

Atirei uma pedra com toda a força, arrancando o último apêndice de Betty.

– Ele beija bem?

Parei e virei-me para ele.

– Desculpa?!

Jesse esboçou um sorriso presunçoso.

– Isso quer dizer que não.

– Então e tu? Calculo que tenhas um monte de namoradas.

– Não estou sozinho. Mas também não tenho namorada. – Jesse bebeu um gole da garrafa e recostou-se na escada. – Naquela noite, na gelataria, disseste que ias ter com o teu namorado. Eu segui-te. Estava escuro e eu queria ter a certeza de que ficavas bem. Foste até ao rio. Ele não apareceu.

Jesse tinha-me seguido na noite em que levei o relógio para o rio.

– Não, eu...

– Sim, Jo, ele não apareceu e tu começaste a chorar. E eu fiquei ali a pensar que o tipo devia ser um idiota chapado. Por isso, se alguma coisa na carta dele te deixou aborrecida, simplesmente esquece. Vais mudar de vida e o Massachusetts que se prepare, porque não faz ideia daquilo que o espera. Aposto que vais ser a primeira Mae West daquele estado. – Jesse terminou a cerveja. – É melhor irmos andando. Ainda tenho uma viagem de três horas pela frente.

Voltámos para Shady Grove, desta vez mais devagar. Agarrei-me a Jesse e descansei uma das fâces nas costas dele.

A poeira nos degraus estava intacta. A casa estava sossegada, como que dormindo a sesta vespertina. Ficámos a comer uma sanduíche na varanda, em silêncio, e a ver as enormes barbas-de-velho agitando-se lentamente para trás e para a frente, suspensas dos ramos dos carvalhos. Jesse devolveu-me a pistola e eu descí com ele os degraus do alpendre, acompanhando-o até à mota.

– Ah, quase me esquecia. – Enfiou a mão no casaco e entregou-me um pequeno cartão.

*

JESSE THIERRY

SERVIÇO AUTOMÓVEL DE LUXO

TEL.: RAYMOND 4001

– Aquele tal de Lockwell pediu-me o cartão e eu não tinha. Isso fez-me pensar. Aqueles tipos da zona alta provavelmente precisam de um mecânico discreto e eu posso cobrar-lhes muito dinheiro. Dei um cartão à Willie e ela diz que pode mandar-me um monte de clientes. É bem melhor do que vender flores.

– Aí está uma boa trapaça – disse eu.

– Nós os dois temos um pouco de trapaceiros, não é? – Ele vestiu o casaco. – Mas eu gosto de pensar que temos mais coração.

– Acho ótimo, Jesse. E até tens telefone e tudo – comentei.

– Nã, é dos vizinhos. Eles disseram que recebiam as chamadas e que me davam os recados. Bem, vou fazer-me à estrada.

– Obrigada por teres vindo até aqui fazer-me companhia.

– Até breve, Jo. – Jesse pôs os óculos de sol. – Foi um prazer.

Sentei-me na escada e fiquei a vê-lo partir e a ouvir o rumorejar da *Triumph* até desaparecer completamente, sendo substituído por uma sinfonia de cigarras e rãs. Deixei-me ali ficar até o sol descer no horizonte; então tranquei a porta e comecei a caminhar em direção à casa de Ray e Frieda, com a minha almofada debaixo do braço.

Esta noite íamos de viagem até Biloxi.

Dois dias depois, recebi um postal de Jesse.

Capital do Automóvel. Mae West. Massachusetts.

J

Parte de mim queria que Jesse viesse visitar-me outra vez, mas a outra parte queria outra carta de Patrick. Terminei de ler os livros da caixa. Para apaziguar o meu tédio, limpei a casa várias vezes.

Tirei os lençóis da cama no quarto de Willie, esfreguei o chão, lavei as paredes e arejei os armários. Não me atrevi a reorganizar nada. Willie não iria querer que eu me pusesse a vasculhar nos pertences dela. Todavia, retirei com todo o cuidado os objetos das gavetas para as limpar. Foi quando encontrei as fotografias. Escondidas bem no fundo da gaveta de cima da cómoda de Willie estava um envelope amarelado. Dentro, havia três fotografias.

A primeira era um ferrótipo de uma senhora de idade. Ela usava um vestido longo e escuro com uma fila de pequenos botões na frente. Estava de pé, com o braço encostado a uma coluna, a expressão transmitindo o desejo de bater no fotógrafo com uma chave inglesa ou qualquer outro instrumento contundente. A palavra *Wilhelmina* fora rabiscada na parte de trás. Examinei com atenção e achei ver uns traços de Willie na cara dela.

A fotografia seguinte não tinha nome, apenas a data 1935 nas costas. O homem do retrato era incrivelmente bonito. Reconheci a cadeira em que ele estava sentado, mas não o aposento. A cadeira era agora a cadeira de Willie do salão da casa na Conti Street.

A última fotografia era de Willie, com cerca de dez anos, aninhada na bifurcação de uma árvore. Tinha o cabelo espetado em todas as direções. O rosto parecia florescer de felicidade travessa. Willie nunca falava da sua infância. Olhei para a fotografia, chocada por ela algum dia ter sido sequer criança. De alguma forma, eu imaginava que Willie Woodley tinha nascido com voz rouca e astúcia suficiente para enganar qualquer vigarista. Mas ali estava ela, uma criança doce de sorriso amplo. O que teria acontecido à Willie da fotografia? Eu desejava muitas vezes poder ver fotografias da minha infância, mas não havia uma sequer. A mãe nunca mandara que me tirassem uma fotografia.

Pensei nas molduras de prata em casa e no escritório de Lockwell. Exibiam a sua história para toda a gente ver. Willie tinha as dela escondidas no fundo de uma gaveta. A minha história e os meus sonhos estavam numa lista na minha escrivadinha, agora enterrada no jardim das traseiras. Resolvi o problema quando encontrei uma lata velha de *pralinés* na cozinha. Dei corda ao relógio de Mr. Hearne, acertei a hora e coloquei-o dentro da lata juntamente com o cheque. Podia ver Forrest Hearne, ouvir a sua voz. Ele a estender-me o cheque relativo aos livros de Keats e de Dickens, a sorrir para mim, o relógio a espreitar pelo punho da camisa. Porque não tinha eu limpado as impressões digitais e simplesmente enviado o relógio para a família? O endereço estava no cheque. A esposa e filhos iriam estimá-lo e ficariam tão gratos.

Enterrei-o perto da flor-de-merenda nas traseiras.

Uma buzina tocou. Reconheci-a imediatamente. Corri para o alpendre e vi Cokie a chegar na *Mariah*. Saltei os degraus e atirei-me para os braços dele.

– É tão bom ver-te. Estás com sede? Queres comer alguma coisa?

Cokie afastou-se de mim, com uma expressão solene vincada no rosto.

– É hora de voltar, Josie.

– Finalmente. Estou a ficar sem comida. A minha mãe foi-se embora?

Cokie baixou a cabeça e falou tão baixinho que não consegui ouvi-lo.

– O que disseste?

Ele respirou fundo.

– Mr. Charlie morreu.

Sentei-me no banco da frente da *Mariah*. O meu peito arquejava. Lágrimas quentes deslizaram-me pelo rosto e pescoço. Cokie disse que Charlie tinha piorado de repente. Patrick e Randolph ficaram de vigília toda a noite. Patrick estava à cabeceira dele, a segurar-lhe a mão, quando ele morreu. Randolph telefonou a Willie. Ela e Cokie apareceram para ajudar Patrick. Willie tratou da agência funerária e o funeral seria no dia seguinte.

Todos ajudaram. Todos lá estavam. Exceto eu.

Cokie trouxe-me o jornal.

CHARLES MARLOWE – amado filho dos falecidos Catherine e Nicholas Marlowe, irmão do falecido Donald Marlowe, pai de Patrick J. Marlowe, proprietário da Livraria Marlowe, escritor, com 61 anos e residente desta cidade nos últimos 39 anos. Os parentes e amigos da família estão convidados a participar do funeral que terá lugar na próxima quarta-feira às 11 horas, na casa funerária Jacob Schoen and Son, 3827 Canal Street. O enterro será no cemitério de Greenwood.

– Chora à vontade, Josie. Eu chorei a viagem toda até aqui. Sei que querias ter estado lá. A tua mãe ainda está enterrada até ao pescoço naquela confusão toda, mas a Willie disse que tinhas de voltar para o funeral de Mister Charlie.

– É claro que tinha de voltar. Isto não está certo, Cokie. Eu deveria ter estado lá para ajudar o Charlie e o Patrick. A Willie não tinha o direito de me manter longe.

– É difícil para o Patrick, mas acho que está em paz. Foi muito duro para ele, ver Mister Charlie doente e não poder ajudá-lo.

Cokie levou-me diretamente a casa de Patrick. Ele abriu a porta e eu quase não o reconheci. A dor tomara-lhe conta do rosto. Ele caiu nos meus braços. Cokie ajudou-me a levá-lo de volta para casa e a colocá-lo no sofá. Pus o meu braço à volta dele e fiz-lhe festas no cabelo.

– Estou tão feliz por estares aqui – disse ele.

– Eu também.

– Ele foi-se, Jo. Eu sabia que era grave, mas... mas nunca pensei que isto fosse acontecer tão depressa.

Sadie andava numa azáfama na cozinha de Patrick.

– A Sadie veio ajudar para amanhã – disse Cokie. – Depois do enterro, as pessoas vêm para cá comer. Eu volto daqui a pouco. Tem cuidado contigo, amigo. – Cokie arrastou-se porta fora.

– Porque é que eu tenho de entreter o pessoal? O meu pai acabou de morrer – queixou-se Patrick. – Não me apetece socializar.

– Não é entreter. É dar às pessoas a oportunidade de te transmitirem os pêsames e algum consolo. – Aquelas palavras não me soavam bem. Eu concordava com Patrick. Em Nova Orleães, a morte por vezes parecia mais uma festa. E ele sabia-o melhor do que ninguém. Ele ia a festas *post mortem* diariamente, à cata de livros. – Falaste com a tua mãe? – perguntei.

– Trocámos telegramas. Ela quer que eu vá para as Índias Ocidentais, é claro. Mas como é que eu posso? Tenho de organizar uma festa fúnebre. Estou tão grato por a Willie ter mandado a Sadie. – Ele deixou-se cair para trás e pousou a cabeça no meu colo. – Obrigado, Sadie! – gritou ele na direção da cozinha.

– Ela é muda, não surda, Patrick.

Ele estendeu a mão e tocou-me no rosto.

– Nem imaginas como estou feliz por te ver. Não conseguiria fazer isto sem ti. Vais estar comigo amanhã, não vais?

– Cada minuto.

Ele passou os dedos pela minha face.

– É uma sensação muito estranha. Sinto-me bem, com forças, e uma hora depois, de repente, acontece uma coisa qualquer e eu vou-me abaixo completamente. Sinto-me ridículo.

– Acabas de perder o teu pai. – A palavra *pai* ficou-me presa na garganta. De repente, era eu que chorava, a cara lavada em lágrimas, procurando respirar por entre soluços. – Ele cuidou tão bem de mim. Quem sabe onde eu estaria se ele não me tivesse deixado viver por cima da loja.

Patrick puxou-me para junto dele, no sofá.

– Eu sei, Jo. Tu perdeste-o também.

Ficámos os dois ali, a chorar, até adormecermos ambos.

A preparação do funeral foi uma experiência surreal. De alguma forma, com a ajuda dos outros, fomos passando de rosto em rosto e de lugar para lugar. Mas o dia parecia estar envolto numa neblina espessa e gelatinosa, distorcendo-o numa espécie de filme perturbador em câmara lenta.

Miss Paulsen veio assim que soube. Consolou Patrick e ajudou a tratar do serviço fúnebre. Willie falou com a agência funerária sobre a aparência de Charlie. Todos nos unimos: uma dona de bordel, uma professora de Inglês, uma cozinheira muda, um taxista mestiço e eu, a que carregava um balde de mentiras e as espalhava como confetes.

Graças a Willie, Charlie voltara a ter a antiga aparência de homem sofisticado, literato. Pedi emprestado a Sweetie um vestido apropriado para o funeral. Patrick pediu a Miss Paulsen para ler o elogio fúnebre na cerimónia. Não se achava capaz de o fazer. Miss Paulsen dirigiu-se ao grupo presente num tom ponderado, o mesmo que certamente usaria na sua sala de aula.

– Estamos aqui hoje para homenagear a vida e o legado do nosso querido amigo, Charles Marlowe. O filho, Patrick, pediu-me para ler uma declaração que preparou. – Aclarou a garganta. – «Estou imensamente grato a todos pelo vosso apoio neste momento difícil. Para a maioria, a morte do meu pai foi provavelmente recebida como choque. Na verdade, o meu pai estava em sofrimento há vários meses, lutando contra uma doença degenerativa do cérebro. Embora eu compreenda que devam sentir-se dececionados por não terem podido despedir-se dele ou oferecer a vossa ajuda, por favor saibam que o maior presente que deram ao meu pai foi a oportunidade de suportar esta indignidade em privado. Aqueles que o conhecem sabem o orgulho que ele sentia pela língua, pela história literária e pelo aspeto profissional; tudo isso lhe ficou vedado nos últimos meses de vida.

«Os meus sinceros agradecimentos ao Dr. Randolph Cox, ao Dr. Bertrand Sully, a Willie Woodley e a Francis ‘Cokie’ Coquard, que ajudaram o meu pai nos dias derradeiros. E eu nunca teria sido capaz de suportar esta triste caminhada sem a Josie Moraine. Josie era como uma filha para o meu pai.

«Como muitos certamente sabem, o meu pai era livreiro e um escritor talentoso. Felizmente, ele viverá para sempre através dos seus livros. Para mim será sempre um consolo ouvir a voz dele na sua escrita. Obrigado a todos pela vossa presença hoje.»

Fiquei ao lado de Patrick o tempo inteiro. Virei-me e vi Willie e Cokie lá no fundo, Willie, com os seus eternos óculos escuros, Cokie com lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. Willie veio ter comigo depois do funeral. Parecia cansada e tinha os tornozelos inchados. Entregou-me um recibo.

– Toma. Paguei em dinheiro. Diz ao Patrick que está tudo tratado.

– Oh, Willie, acho que o Patrick não iria querer que pagasse.

– Não me interessa o que ele quer ou não – respondeu Willie. – É o que eu quero. Vemo-nos amanhã. Chega cedo. A casa está um chiqueiro.

– Não vai ao almoço? A Sadie preparou imensa comida.

– Eu não vou e a Sadie também não. O que é que vou fazer lá, ficar ali de pé a comer salada de frutas com *chantilly* e a falar de livros? Eu tenho um negócio para gerir. O Elmo vai trazer uma

cabeceira de cama nova. A Dora partiu a dela ontem à noite. Aquela rapariga devia estar numa barraca de feira, não num bordel.

Cokie acenou-me ao sair com Willie. Ele também não ia ao almoço.

– Olá, Josie. Lembras-te de mim?

James, da Livraria Doubleday, estava na minha frente com uma loira alta e atraente.

– Sim. Olá, James. Muito obrigada por terem vindo. Eu sei que é muito importante para o Patrick.

– Esta é a minha namorada, Kitty. Vou lá a casa para o almoço, mas a Kitty não pode, e queria apresentar-vos – disse James.

Kitty estendeu-me uma mão enluvada. Vestia um *tailleur* de ar requintado, com grandes botões pérola.

– Prazer em conhecer-te, Josie. O Patrick já nos falou muito sobre ti. Ele diz que és como uma irmã. Lamento muito a tua perda. – Ela sorriu. Os dentes eram perfeitos, como os de Jesse.

Assenti e eles saíram. Pareciam um casal de bonecos. Perfeitos na aparência, mas de charme plástico. As palavras dela «como uma irmã» arranharam-me. Patrick teria realmente dito isso?

Poucos compareceram no cemitério. Miss Paulsen disse que seria demasiado doloroso e preferiu ir para casa ajudar a preparar o almoço. Embora tivesse ficado chateada por lhe termos escondido a verdade, disse que compreendia por que razão tínhamos ido a todos os extremos para proteger Charlie e que achava uma atitude admirável.

Patrick ficou de olhos postos no túmulo de Charlie. Estava com ar solene, mas elegante, no seu fato escuro. Enlacei o braço no dele.

– Demora o tempo que precisares.

Ficamos a sós com Charlie durante quase uma hora.

– Há tanta coisa que preciso de lhe dizer. Coisas que ele não compreendia. Mas, não, porque temos gelatinas coloridas e sanduíches enroladinhas à nossa espera – reclamou Patrick. – É a vingança por todos os almoços fúnebres a que fui, à caça de livros.

– Vá lá, sabes perfeitamente que a Sadie não faz gelatina – disse eu.

A casa estava repleta de gente. O volume das conversas desceu quando Patrick entrou, e as pessoas aproximaram-se para dar mais uma vez as suas condolências. Não saí do lado de Patrick, mas, de repente, os meus pés pararam de se mexer. No canto. Perto da taça de ponche. Agarrei o braço de Patrick.

A minha mãe.

Ela usava um vestido azul-turquesa, demasiado vistoso para um almoço fúnebre. O cabelo estava pintado num tom de amarelo rasca, expondo já as raízes escuras. A pele parecia abatida e cinzenta.

O que estava ela ali a fazer? Eu sabia a resposta. Comida e bebida grátis e – não pude deixar de pensar – a oportunidade de escrutinar a casa. Os meus olhos dispararam pelo aposento, procurando Cincinnati.

Ela veio direita a mim, com as unhas vermelhas a envolver o copo de ponche.

– Querida! – Colocou o braço à minha volta sem realmente me tocar e beijou o ar perto do meu rosto. Pus os meus braços em torno do seu corpo definhado. Ela recuou ao contacto.

– Mãe, estás tão magra.

– *Dexedrine* – sussurrou ela. – É uma nova pílula de dieta que está a ser testada em Hollywood. Funciona que é uma maravilha. Acho que vai fazer furor assim que for aprovada. Não posso acreditar na quantidade de gente que aqui está. Afinal, o Charlie não era ninguém importante.

– Ele era muito querido, mãe. E também foi um escritor famoso.

– Pois, o pessoal dos livros. Mas esses não contam. – Agarrou-me o pulso. – Onde arranjaste isto?

– Os dedos passearam rapidamente pelo relógio de ouro que Willie me oferecera. – Isso é de catorze quilates. Deixa-me experimentá-lo.

Puxei o braço com delicadeza.

– Foi um presente.

Patrick virou-se e olhou para a minha mãe.

– Olá, Louise.

– Como vais? Sinto muito pelo teu pai. E que terrível ele ter ficado assim retardado. Ouvi dizer que isso pode acontecer assim. – Estalou os dedos. – Coitadinho, deves estar tão preocupado que também te esteja no sangue. Podes acabar como ele.

Patrick colocou a mão ao fundo das minhas costas e puxou-me para mais perto dele. O rosto contorceu-se-lhe de profunda aversão.

– Sabe, a Louise foi sempre uma... peça.

Miss Paulsen chamou Patrick.

– Ele ficou muito amargo – comentou a minha mãe. – Andas com ele? Ah, minha raposa, estás a jogar em duas frentes. Ouvi dizer que andas a sair com o Jesse Thierry também. Agora, esse é um pitéu. Mas se o Pat te anda a dar presentes como este relógio, eu faria dele o oficial. De onde veio esse com certeza virá mais. Mas é bom que mantinhas o Jesse por perto, porque ele é mais do tipo divertido.

Limitei-me a olhar para a minha mãe, a tentar desesperadamente descobrir como era possível partilharmos um gene que fosse. Mas eu sabia que sim, pois, apesar de toda a sua hediondez, havia uma parte de mim que nutria um certo amor por ela.

– Com certeza já ouviste falar de todo o disparate que está a acontecer – disse a mãe.

– Sim. Estavas com aquele homem de Memphis?

– Eu não estava com ele, tomámos uma bebida juntos. Não é crime tomar uma bebida com alguém.

– Esvaziou o copo de ponche e pousou-o num vaso. Eu peguei nele.

– Como é que o conhecestes?

– Sei lá! Por aí. Aquela noite foi tão alucinante que tudo me parece um borrão. – Aproximou-se mais de mim e segredou: – Eu tenho um álibi. – Disse-o como se tivesse ensaiado.

– Era um homem simpático? – perguntei, querendo compreender como é que a minha mãe se tinha cruzado com Forrest Hearne.

– Simpático? Sei lá. Era rico. O género de rico que assim que lhe pões a vista em cima... sabes? Ei, o Cincinnati também está na cidade, querida, talvez possamos ir todos jantar. Ele agora é amigo do Diamond Jim Moran. Já ouviste falar dele? Vai abrir cá um restaurante. Ele usa tudo com diamantes, até a ponte dentária tem diamantes. Acho que o Diamond Jim é solteiro. Podíamos organizar um jantar a quatro.

Felizmente, Miss Paulsen aproximou-se, por isso não fui obrigada a responder à sugestão insidiosa da minha mãe.

– Está tudo bem, Josie? – perguntou ela.

– Miss Paulsen, esta é... – fiz uma pausa, engolindo a mentira que estava prestes a levantar voo – ...esta é a minha mãe, Louise.

– Prazer em conhecê-la – disse Miss Paulsen no seu tom decidido.

– Mãe, Miss Paulsen é professora de Inglês na Loyola.

A mãe pescou uma pastilha elástica já sem papel da mala e começou a mascá-la ruidosamente.

– Ah, que bom. Eu acabei de chegar de Hollywood. Provavelmente já viu a minha foto no jornal.

– Não posso dizer que tenha visto – disse Miss Paulsen. – Louise, a sua filha é uma jovem impressionante. Deve sentir muito orgulho dela.

– Sim, ela é realmente muito boazinha. Só precisa de aprender a embonecar-se mais, e ter mais classe. Sabia que o nome dela foi em homenagem à mulher com mais classe de Storyville? – Deu-me um toque com o cotovelo no braço com ar orgulhoso. – Há *vodka*? Queria beber um *Bloody Mary*. – A mãe afastou-se em direção à cozinha.

Ali fiquei, completamente virada do avesso na frente de Miss Paulsen. Uma professora respeitada, antiga aluna do Smith College, a levar com a minha roupa suja na cara.

Ela estendeu a mão e pegou delicadamente na minha.

– Acho que nos entendemos muito bem agora, Josie.

Ainda nenhuma notícia do Smith College. Recebi outra carta de Charlotte, a convidar-me para passar um tempo com ela e a família nas montanhas de Berkshire durante o verão. Eu não fazia ideia onde eram as montanhas de Berkshire e tive de pesquisar. Parecia dispendioso e certamente a viagem até lá seria cara. Precisaria de roupas apropriadas, roupas que não tinha e que não me podia dar ao luxo de comprar.

A porta abriu-se e Betty Lockwell entrou na livraria com toda a calma, exibindo o seu sorriso de maçã azeda e as pernas e braços como espetos a furar um vestido obviamente caro. Achei que lhe tinha arrancado os braços na árvore.

– Olá – disse ela, olhando em volta à procura de Patrick. – Lembra-me o teu nome.

– Jo.

– É isso mesmo, Jo.

– O Patrick não está – informei.

O lábio inferior dela fez beicinho.

– Oh, que pena. Ele recomendou-me um livro que disse que eu ia gostar. Mas estava esgotado. Ted Capote.

– Já chegou. – Peguei no livro do expositor e entreguei-lho. Ela virou-o e viu a foto polémica de um atraente Capote reclinado na contracapa, a olhar diretamente para a câmara.

– Uau! Ele é muito novo. Quando é que o Patrick chega?

– Talvez ainda não saibas, Betty. O Patrick perdeu o pai. O funeral foi na semana passada. – Não fui capaz de me conter e acrescentei: – Ele talvez vá para as Índias Ocidentais, visitar a mãe.

– Índias Ocidentais? Ah, isso é que não.

John Lockwell irrompeu pela porta, com o filho carrancudo, Richard, a reboque.

– Despacha-te, Betty, eu disse-te que tinha pressa. O carro está ligado e estou a gastar gasolina. – Mr. Lockwell viu-me e estacou. – Ora viva, Josephine! Como tem passado?

– Como é que a conhece? – perguntou Betty.

Intervim rapidamente.

– Conheci o teu pai quando a Charlotte me convidou para a vossa festa. – Mr. Lockwell dirigiu-me um esgar. – Tenho passado bem, Mister Lockwell, e o senhor?

– Igualmente bem. – Aproximou-se do balcão em passo vagaroso. – Há novidades? – Ele adorava aquela elasticidade secreta entre nós. Richard observava junto à porta, a roer as unhas.

– Nenhuma da minha parte. Como vão os negócios? – perguntei.

– Melhor do que nunca. Muita coisa para comemorar. Teve notícias da Charlotte recentemente?

– Sim, ontem. Ela convidou-me para ir para as montanhas de Berkshire este verão.

Betty olhou primeiro para mim e depois para o pai, indignada com a nossa conversa amena.

– Soa lindamente. Vai precisar de sapatos bons para as montanhas de Berkshire, não?

– Imagino que sim.

– De que estão a falar? – perguntou Betty ao pai.

Ele ignorou-a e, debruçando-se sobre o balcão, apontou para o meu braço.

– Tem aí um bom relógio. Foi um dos seus namorados que lho deu?

Atirei um olhar a Betty.

– Foi o Patrick que mo deu no meu aniversário. Ele é tão bom para mim. – Richard Lockwell riuse. – Posso registar o livro, Betty? – perguntei.

Mr. Lockwell pegou no livro de Betty, viu a fotografia e atirou-o para o balcão.

– Não vais comprar isto. É uma porcaria.

– Disso percebe o pai – comentou Betty. Deu meia-volta e saiu furiosa da loja, com o irmão, Richard a reboque.

Lockwell abanou a cabeça.

– A Lilly arruinou completamente aquela miúda. Bem, vou indo. É bom saber que realmente trabalha aqui. – Baixou a voz. – Agora tenho aqui um apartamento perto da St. Peter. Diga qualquer coisa, se algum dia lhe apetecer... encontrar-se comigo. – Com um sorriso, saiu da loja.

Por incrível que parecesse, Betty Lockwell e eu concordávamos numa coisa. Pousei os dedos no balcão, fazendo o sinal de lixo.

Cokie chegou na hora de fechar.

– Estás quase a fechar? – perguntou.

– Sim. Faz-me um favor e vira o letreiro da janela.

Cokie virou o letreiro para FECHADO e trancou a porta.

– Tenho um assunto para tratar contigo – disse Cokie, caminhando a passos largos até ao balcão e estendendo as mãos. – Estás a ver isto?

Olhei para as palmas das mãos de Cokie, com sulcos profundos e marcadas pelo tempo.

– São umas mãos mágicas. Depois do funeral de Mister Charlie, eu estava tão triste que decidi que tinha de espairar um pouco. Por isso, entrei num par de jogos e, uh-uh, eu estava a todo o gás. Durante três dias seguidos dupliquei e ganhei. O Cornbread diz que nunca viu nada assim. Só parei quando senti o próprio diabo a tentar-me a apostar tudo. Nesse momento soube porque ganhei o dinheiro e o que ia fazer com ele. Josie, mete a garrafa térmica na mala, porque vais para o Smith College.

Ele tirou um envelope do casaco e pousou-o no balcão.

Fiquei a olhar para o envelope volumoso e amarrotado.

– Cokie, o que é isso?

– Então, o que poderia ser? É dinheiro para as aulas e dinheiro para a casa onde terás de viver.

– O quê?

– Ainda me faltava um bocadinho, por isso passei o chapéu pelos amigos mais próximos. O Cornbread ajudou. A Sweetie e a Sadie também contribuíram. Bem, sabemos que a Sadie não vai contar a ninguém.

– A Willie sabe?

– Não, e não precisa de saber. Fiz questão de ficar longe de Frankie para ele não lhe ir vender o segredo. Eu adoro a Willie, mas ela cisma em manter-te aqui em Nova Orleães.

Peguei no envelope e levantei a pala com o polegar. Um maço de notas abriu-se como um leque.

– Esta coisa toda com a tua mãe está prestes a estoirar. Ela vai de mal a pior. A Willie fez bem em manter-te longe da berlinda. O Massachusetts é uma boa distância.

Eu não podia aceitar o dinheiro. Olhei para Cokie para lhe dizer isso mesmo. Mas os olhos dele

bailavam de alegria, tal como no meu aniversário, quando me deu a garrafa térmica e o mapa. Ele queria aquilo tanto ou talvez mais do que eu. Ele acreditava em mim. Olhei para o envelope.

Soltei um grito, saí a correr de trás do balcão e atirei-me nos braços dele.

– Obrigada! – Juntos, desatámos a pular, para cima e para baixo, numa berraria de festejos.

Ele afastou-se e começou a estalar os dedos.

– Menina Josie, vais para Boston, por isso não me venhas com tretas.

Escondi o envelope no soalho e corri para casa de Patrick. Mal podia esperar para lhe contar. Tínhamos discutido a questão do dinheiro e ele sugerira vender algumas coisas de Charlie para ajudar. Agora já não precisava.

Bati. Não houve resposta. Usei a minha chave e espreitei lá para dentro.

– Patrick? – Nada.

– Aqui em cima – disse ele em voz alta.

Subi as escadas de carvalho, dois degraus de cada vez. Ele estava no quarto de Charlie, sentado no chão, encostado à cama. Tinha o rosto inchado.

– É tão difícil – disse ele. – Eu sei que deveria arrumar isto tudo, mas simplesmente não consigo.

– É muito cedo – acalmei-o. – Porque é que precisas de fazer isso agora?

– Só penso que quanto mais cedo recomençar a minha vida, mais cedo me vou sentir melhor, mas para tudo o que olho há uma memória ligada a ele.

Andei pelo quarto, passando os dedos pela cómoda de Charlie e pela fotografia emoldurada da avó de Patrick. Peguei na caixa do Dia dos Namorados em forma de coração e abracei-a contra o peito. A janela por cima da escrivaninha estava aberta. A página na máquina de escrever agitou-se.

SAM

– Patrick, viste isto? Há mais uma letra. Quando é que ele a escreveu?

– Sim, eu vi. Deve ter sido quando o Randolph cá estava. Leva-a, se quiseres. Eu tenho o manuscrito.

Tirei a folha da máquina de escrever e sentei-me ao lado dele no chão.

– Tenho uma notícia que te pode animar.

Ele espevitou um pouco.

– Recebeste a carta de aceitação?

– Não, mas já tenho o dinheiro. O Cokie teve uma maré de sorte a jogar dados e deu-mo.

– Jo, isso é fantástico! Fico tão feliz por ti.

Mas ele não parecia feliz. Parecia extremamente infeliz. E era mais do que justificado. Tinha acabado de perder o pai e eu punha-me a falar de me mudar para o outro lado do país.

– Também estou triste. Mas não te preocupes, estarei aqui para te ajudar a cuidar das coisas do Charlie. Venho a casa nas férias e tu, claro, vais visitar-me. Vamos correr o Massachusetts inteiro à caça de livros. Vai ser muito divertido. – Pousei a mão na perna dele. – Estou muito feliz com a maneira como as coisas aconteceram entre nós. Não posso acreditar que tenha sido tão cega todos estes anos. – Aproximei-me para um beijo.

– Jo... – Ele interrompeu-me e baixou a cabeça. Os ombros cederam. Ele estava a chorar.

– O que foi? – perguntei.

As lágrimas rolaram-lhe pelas faces.

– Sinto muito, Jo. Se eu pudesse, era isso que faria... escolher-te.

As pontas dos meus dedos gelaram. *Escolher*. Verbo. Selecionar entre várias opções possíveis.

Olhei para ele.

– Há mais alguém?

Ele ficou em silêncio um tempo, depois assentiu.

– Sinto-me tão horrível. Eu sou horrível. – O choro de Patrick aprofundou-se em fortes soluços.

Chorava tanto que todo o seu corpo tremia.

Fiquei ali sentada, imóvel, o meu orgulho ferido a lutar contra o desejo de consolar o meu melhor amigo.

– Não sei como aconteceu. É tudo uma confusão. Magoei tantas pessoas – disse, entre soluços.

Olhou para mim. – James – sussurrou.

Perscrutei-lhe os olhos desesperados e subitamente entendi.

Desviei o olhar.

– O James conhece os teus sentimentos?

– Acho que sim.

Senti a garganta fechar-se, as palavras lutando contra o nó que se formara na traqueia.

– Eu conheci a Kitty no funeral – murmurei. – Achei que não havia chama entre eles. Talvez fique tudo bem.

Os olhos de Patrick encontraram os meus.

– Não estás chateada?

Inspirei fundo.

– Acho um absurdo que te tenhas sentido na obrigação de fingir comigo. Mas a Kitty é uma miúda linda, pelo menos foi o que achei quando a conheci. E é inteligente. Como é que posso condenar-te por estares apaixonado por ela? Mas vais ter de ser sincero com o James. Sê franco. Assim que o fizeres vais sentir-te muito melhor.

Patrick olhou fixamente para mim e depois baixou os olhos para o colo.

Constrangida e um pouco humilhada, era assim que eu me sentia, e desapontada. Uma relação entre Patrick e eu fazia todo o sentido. Estávamos à vontade um com o outro, e ele até me beijara. Já tinha imaginado o filme todo na minha cabeça, de como o nosso relacionamento iria crescer e progredir. Senti-me estúpida por sequer pensar nessas coisas. O coração de Patrick pertencia a outra pessoa. Claro, Betty Lockwell era uma chata, mas Kitty era uma jovem sofisticada.

A conversa dissolveu-se num silêncio constrangedor. Peguei na caixa em forma de coração de Charlie. As flores vermelhas de plástico na tampa estavam deformadas por meses de afeto. Tirei a tampa.

Olhei para dentro da caixa.

– Onde é que ele as arranjou?

Patrick encolheu os ombros.

Dentro havia um pé com duas bolotas siamesas, os chapeuzinhos encostados, unidas pelo pescoço, crescendo para dentro e para fora uma da outra.

Ficámos sentados no chão de madeira, em silêncio, com a cabeça encostada à cama de Charlie. As vozes e o som de crianças a bater palmas e a jogar *stickball* entravam pela janela aberta, flutuando em frente a nós em partículas de pó iluminadas pelo sol.

Olhei para a folha de papel no meu colo.

– S, A, M – li em voz alta, tentando quebrar o silêncio desconfortável. – Achas que é o nome de alguém? – perguntei.

Ele virou-se lentamente para mim.

– Não, eu sei o que é.

– Sabes?

Patrick assentiu.

– É o título do primeiro capítulo do livro em que ele estava a trabalhar. *Sê Amor* – disse baixinho.

Olhei para a folha de papel e para as bolotas. Coloquei o meu braço sobre os ombros de Patrick e dei-lhe um beijo na cabeça.

E ele chorou.

Patrick gostava de outra pessoa. Eu queria que ele fosse feliz, mas porque é que ele não podia ser feliz comigo? Eu sabia a resposta. Ele não podia escolher-me. Patrick queria uma vida literária de viagens, de aprendizagem, socialmente rica. Eu era uma simples rapariga desconjuntada do Bairro Francês, a tentar vencer na vida. Não importava como é que eu separava o cabelo, porque nunca conseguiria separar-me do buraco de onde saíra.

Desejei ter uma amiga no Bairro, alguém como Charlotte. Alguém com quem eu pudesse partilhar os meus segredos, desabar no chão do quarto dela, e pôr cá para fora tudo o sentia em relação a Patrick. Eu via muitas raparigas que andavam de braço dado, rindo juntas, numa inexplicável proximidade e à-vontade por terem uma defensora e uma confidente. Tinham alguém com quem podiam contar.

Um homem encostou-se ao carro, do lado de fora da livraria. Viu-me aproximar e veio ter comigo à frente da livraria. Era o detetive Langley.

– Miss Moraine. Ainda bem que esperei. Acha que posso fazer-lhe ainda umas perguntas?

Olhei para um lado e para o outro da rua, verificando quem estaria por perto que pudesse informar Frankie.

– Podemos entrar, se quiser – sugeri.

Abri a porta, acendi as luzes e fui até ao balcão. Respirei fundo para me acalmar.

– Em que posso ajudá-lo, detetive?

Ele limpou a testa molhada e tirou um bloco de notas seberto.

– No dia em que foi à esquadra, disse que Mister Hearne comprou dois livros.

Concordei.

– Confirma-se; os livros foram encontrados no quarto de hotel e havia um recibo dentro de um deles. A esposa informou-nos de que o cheque nunca foi levantado. Achou o facto estranho. O número do cheque aparece listado no registo de cheques que foi encontrado na sua posse.

A minha mente acelerou, tentando apanhar o meu coração. Apontei para o cartaz perto da caixa registadora.

– Nós não aceitamos cheques, detetive. Talvez Mister Hearne tenha passado o cheque antes de ver o aviso e decidiu depois pagar em dinheiro?

Ele apontou para o aviso com a caneta.

– Deve ter sido isso. Obrigado.

– Eu acompanho-o à porta.

– Só mais uma coisa. – Ele coçou a cabeça. – Certamente sabe que a sua mãe está a ser interrogada. Ela foi vista com Hearne na noite em que ele morreu. Sabe onde esteve a sua mãe na noite de Ano Novo, Miss Moraine?

Observei o detetive Langley. A história da vida dele era óbvia. Todos os domingos ia de carro jantar a casa da mãe. A mãe dele, provavelmente chamada Ethel, tinha tornozelos grossos, caracóis grisalhos e cansados, e usava um vestido de trazer por casa às flores. Um pelo crespo e negro

espetava-se-lhe da verruga no queixo. Ela arrastava-se pela cozinha quente todo o dia, a preparar a visita semanal do filho. Para a sobremesa fazia algo especial, talvez qualquer coisa com merengue. Ele comeria tudo até à última garfada. Depois de o carro desaparecer na rua, Ethel lavava os pratos, permitia-se um gole de licor de amora e depois adormecia na poltrona da sala de estar, ainda de avental.

– Miss Moraine? – Ele interrompeu-me os pensamentos. – Perguntei-lhe se sabe onde esteve a sua mãe na noite de fim de ano.

– Já conheceu a minha mãe, detetive?

– Sim, já.

– Então tenho a certeza de que não vai ficar surpreendido quando lhe disser que estamos de relações cortadas há já algum tempo. Vivo por cima desta livraria desde os doze anos. – Fixei o olhar no detetive. – Nunca passei a noite de Ano Novo com a minha mãe e não faço a mais pequena ideia de onde ela esteve.

Ele enfiou a caneta no ouvido para aliviar alguma comichão ou desalojar um pouco de cera.

– Bem, o chefe quis que eu viesse falar consigo. Eu disse-lhe que era o mesmo que tosquiar cabras, mas ele tem uma lista que precisa de seguir, compreende?

Vir falar comigo era o mesmo que tosquiar cabras?

– Pois então, Miss Moraine, se não esteve com a sua mãe, onde é que estava na noite de Ano Novo?

– Estava aqui, lá em cima no meu quarto. – Fiz um gesto na direção das escadas, arrependendo-me no exato momento em que a minha mão se moveu.

O detetive Langley olhou para as escadas na parte de trás da loja. E se ele quisesse ir vasculhar o meu quarto? Como iria explicar os milhares de dólares em dinheiro do jogo de Cokie debaixo do soalho? Provavelmente acharia que era o dinheiro que faltava a Mr. Hearne. Gotas de suor surgiram-me na nuca.

Ele encostou-se ao balcão.

– Alguém a viu aqui na noite de Ano Novo?

– Sim, o Patrick Marlowe, o proprietário da loja. Ele esteve cá com um amigo por volta da meia-noite.

– Saíram todos juntos, então?

– Não, o Patrick poderá confirmar que eu não estava com disposição; até já tinha vestido a camisa de dormir e posto os ganchos no cabelo.

O detetive mordeu o lábio com ar pensativo. Eu conseguia imaginar perfeitamente a lâmpada fraca a zumbir por cima da cabeça dele.

– E se eu lhe disser que alguém a viu na noite de Ano Novo? – disse.

– Eu responderia que essa pessoa está a mentir, na tentativa de me forçar a dizer algo diferente. Eu descrevi-lhe os factos, detetive. Estive aqui, toda a noite, na véspera de Ano Novo. Pode confirmar com o Patrick Marlowe e o amigo dele, o James, da livraria Doubleday. Ambos me viram aqui.

Quase tive pena do tipo. Ele nunca sobreviveria no Bairro Francês com métodos de interrogatório tão transparentes.

Agradeceu-me pelo tempo dispensado e foi-se embora. Tranquei a porta, apaguei as luzes e fiquei a vê-lo afastar-se. Depois atravessei a rua a correr para telefonar a Willie.

Contei-lhe todos os pormenores.

- Ele acabou de sair? – perguntou ela.
- Sim, acabou de se ir embora.
- Eles ainda estão à pesca. Não têm nada de concreto – disse ela.
- Willie, a minha mãe tem álibi?
- Confia em mim, não queres saber o que tem a tua mãe. Volta para casa e tranca as portas. – Desligou o telefone.

Atravessei a rua escura a correr. Atrapalhei-me com as chaves, tentando encontrar a correta na luz difusa. Ouvi um barulho. O meu cabelo foi arrancado do couro cabeludo ao ser puxada e atirada contra a porta de vidro. Senti qualquer coisa dura nas costas.

- Olá, brava Josie. Essa foi uma jogada muito má. Achas mesmo sensato ires falar com a Polícia?
- Senti o hálito quente e azedo de Cincinnati no meu ouvido.

- Eu não estava a falar com a Polícia.

Ele empurrou-me contra a porta novamente.

- Eu vi-te. Eu vi-te a falar com aquele bófia. – A mão dele estava na parte de trás da minha cabeça, a pressionar o lado do meu rosto contra o vidro.

- Eu não estava a falar com ele. Ele só... me fez uma pergunta.

Cincinnati espetou a faca na porta com força mesmo ao lado do meu olho.

- És uma mentirosa – sussurrou.

Senti o corpo estremecer.

Vi um casal caminhar na nossa direção lá ao fundo, na Royal, e abri a boca para gritar. Cincinnati arrancou-me da porta, atirou o braço à volta do meu pescoço e obrigou-me a andar com ele.

- Nem penses em gritar – disse entre dentes.

Tentei acompanhar a passada dele; prendia-me de tal forma que eu tinha a cabeça praticamente imobilizada. Com a mão esquerda encostava a lâmina da faca à minha cintura. Sentia a ponta a picar-me. Andámos um quarteirão até à Bourbon Street e ele empurrou-me para dentro de um pequeno bar. Vi a minha mãe sentada a uma mesa ao fundo, perto de uma janela, uma série de copos vazios à sua frente.

Ele atirou-me para uma cadeira e rapidamente puxou outra para ele.

- Olha o que eu encontrei! – disse Cincinnati.

– Olá, Jo. – A mãe parecia sonolenta. As pálpebras com sombra azul mexiam-se para cima e para baixo como as últimas batidas de asas de um pássaro moribundo.

- Eu bem te disse que era o detetive a passar. E quando o vi, adivinha quem estava a conversar com ele? – Cincinnati acendeu um cigarro e soprou-me o fumo para a cara.

A mãe endireitou-se mais na cadeira, o tom de voz mudando ligeiramente.

- Porque é que estavas a falar com o detetive, Jo?

Arrastei a cadeira para longe de Cincinnati e para mais perto da minha mãe.

- No dia em que Mister Hearne morreu, ele esteve lá na loja. Comprou dois livros. A Polícia encontrou os livros e o recibo no quarto do hotel. O detetive veio perguntar-me sobre isso.

- Só agora é que vieram perguntar-te? – desconfiou Cincinnati. – Porque não apareceram há mais tempo?

- Não sei – respondi, olhando para a minha mãe. Dava-me náuseas olhar para Cincinnati.

A mãe pegou na mão de Cincinnati.

- Vês, querido? Não foi nada. Só fizeram perguntas sobre livros.

– Cala a boca, Louise. Ela está a mentir. A miúda é manhosa como eu, não estúpida como tu.

– Eu não sou estúpida – contestou a mãe –, tu é que és estúpido.

– Cuidadinho com o que dizes.

A mãe fez beicinho.

– Bem, eu já não sou suspeita. Eles confirmaram o meu álibi e nós vamos voltar para Hollywood.

Esta cidade é pequena de mais para nós – disse-me ela.

– Quando partes? – perguntei.

– Amanhã de manhã – respondeu Cincinnati. – Queres vir connosco, brava Josie? – convidou, pousando a mão na minha coxa. Eu repeli-a.

– Não quero partir de manhã – queixou-se a mãe. – Quero ir jantar ao Commander's Palace, amanhã. Quero que todas as mulheres da zona alta me vejam e saibam que estou de regresso a Hollywood.

– Fecha a matraca! Já te disse que temos de sair daqui. Se ficares de boca fechada levo-te ao Mocambo quando voltarmos para Hollywood.

A mãe sorriu, aceitando o compromisso.

– O Cinci ficou muito amigo de uns tipos em Los Angeles. – Os olhos dela vagueavam como uma criança impaciente. – O que fizeste àquele relógio bonito que trazias?

– Está no meu quarto. Não o uso muitas vezes. É um pouco vistoso.

– Devias dar-mo, então. Eu nunca o tiraria do pulso.

– Eu ia ficar com um belo relógio, uma vez, mas a tua mãe perdeu-o – disse Cincinnati.

– Eu não o perdi! – ripostou a mãe. – A Evangeline deve tê-lo roubado. Já te disse um milhão de vezes.

– Ou talvez aqui a brava Josie: encontrou-o, vendeu-o e comprou um lindo relógio para ela. – Cincinnati olhou para mim.

– O meu foi um presente. – Olhei para minha mãe. – Pelo meu aniversário de dezoito anos.

– Oh, então agora já és maior de idade – riu-se Cincinnati.

Um polícia de uniforme apareceu à porta, cumprimentando um amigo que estava numa mesa próxima.

Levantei-me.

– Desejo-lhe uma boa viagem para a Califórnia, mãe. – Inclinei-me e dei-lhe um beijo na cara. – Por favor, envie-me o endereço para que eu possa escrever-lhe. – Andei o mais depressa que podia sem correr. Assim que me apanhei na rua, tirei a minha arma que estava debaixo da saia e corri.

O calor da mão de Cincinnati não me saía da coxa e o ar da noite penetrava pelo pequeno corte que ele fizera na minha blusa com a faca. Passei pelo Sans Souci e pensei em Forrest Hearne, sentado morto à mesa.

Se eu virei a ser o herói da minha própria vida ou se esse papel será desempenhado por outra pessoa, estas páginas o dirão.

As palavras dele ficaram presas na minha cabeça, repetindo-se sem parar. *A miúda é manhosa como eu, não estúpida como tu.*

O facto de Cincinnati pensar que eu me parecia com ele de alguma forma deixava-me enojada; dava-me vontade de fugir e de me esconder num sítio qualquer. Quando eu era criança, em Detroit, e ficava cheia de medo, corria para o meu esconderijo, um vão debaixo do alpendre da pensão onde vivíamos. Enfiava o meu corpo delgado na terra castanha e fria e ficava ali deitada, fugindo da fealdade que, inevitavelmente, acontecia acima da minha cabeça. Tapava os ouvidos com os dedos e cantarolava baixinho para bloquear os restos da língua venenosa ou das costas da mão pesada da mãe. Aquele cantarolar tornou-se um hábito e, uma década mais tarde, ainda o fazia. A vida tornara-se fria mais uma vez, a segurança do casulo sob o alpendre já não existia, e deitar-me no chão de terra tornara-se uma metáfora para a minha vida.

Shady Grove era agora o meu túnel debaixo do alpendre. Mas ficava muito longe para poder correr constantemente para lá. Quando voltei para a loja, depois de fugir de Cincinnati, encontrei uma folha de papel no chão, sob a ranhura da caixa de correio.

Já é oficial? Passaste a massachusettsiana em vez de detroitiana?

J

Eu queria ser massachusettsiana. Ainda queria acreditar que era possível, que as minhas asas, mesmo finas e rasgadas, poderiam ainda levar-me para longe de uma vida de mentiras e homens pervertidos. Queria usar a minha mente para o estudo e a pesquisa em vez de truques e vigarices de rua.

Pensei em ir visitar Jesse, mas senti-me culpada. Estaria a pensar nele só porque Patrick não me queria?

– A tua mãe está a meter-se num grande sarilho – disse Willie na manhã seguinte, entregando-me o livro negro para guardar na caixa escondida atrás do espelho. – Ela acha que está a entrar num mundo glamoroso, que pertence ao séquito de um *gangster* e que o namorado é um verdadeiro Al Capone. E o imbecil, que é burro que nem um cepo, acha-se o maior e desata a pedir favores. Mas ele é um simples peão, demasiado estúpido para perceber que a mão que o vai empurrar para o abismo já lhe está nas costas.

A mão negra. Era disso que Willie falava. Em Nova Orleães, o desenho de uma mão negra significava que se estava marcado, era uma ameaça para que todos pudessem ver, a menos que obedecessem às ordens da máfia e a tudo o que Carlos Marcello quisesse. Cheguei a ver uma dessas colocada numa porta, na Esplanade Avenue. Até me arrepiei ao dar-me conta do perigo que a pessoa corria, perguntando-me como é que alguém podia ser tão estúpido para se meter com a máfia.

– A mãe queria ficar e jantar no Commander's Palace esta noite – contei a Willie.

– Estás a brincar? Esperemos, para o bem de todos nós, que esta noite já estejam a meio caminho

da Califórnia – disse Willie, recostando-se nas almofadas. – Acho que vou dormir mais uma hora. Eu mereço.

Abri a porta, preparando-me para levar a bandeja do café para a cozinha. O eco de um arroteo vigoroso entrou pela porta.

– O que raios foi isso? – perguntou Willie, pegando na arma.

– É a Dora. Está a beber água com gás. Diz que está maldisposta por causa do arroz com feijão vermelho que comeu depois de os clientes saírem.

Willie brandiu a arma no ar.

– Eu juro-te que estou a um palmo de a vender ao circo do P. T. Barnum. Estás a ouvir? – Voltou a pôr a arma debaixo da almofada e deitou-se. – Agora sai. Diz à Dora que leve a sua fuga de gás para o quarto ou eu mando vir a carroça.

Entrei na cozinha.

– A Willie diz para lebares a tua fuga de gás para o quarto.

– Bem, eu não consigo dormir, querida. Preciso de me aliviar disto. – Fez-me sinal com a mão e sussurrou – Jo –, apontando para Sadie, que estava de costas, ao fogão. Dora tomou mais um gole de água com gás e engoliu com força. Poucos segundos depois, um arroteo estrondoso ecoou pela cozinha. Sadie apanhou um susto de morte. Virou-se, furiosa, e começou a bater em Dora com uma colher de pau. Às gargalhadas, Dora saiu da cozinha a correr, deixando um rasto de cetim rodopiante cor de trevo.

Sadie tirou-me a bandeja das mãos.

– Sadie – murmurei –, ainda não tive oportunidade de te agradecer.

Ela olhou para mim com ar de não compreender.

– Pela tua contribuição, o dinheiro que deste ao Cokie.

Ela levantou a mão e sacudiu a cabeça. Significava que a conversa tinha acabado. Mas eu apanhei-a a sorrir ao pôr os pratos na banca.

Regressei à livraria, atenta ao carteiro pelo caminho. Não deveria já ter recebido alguma resposta do Smith College? Patrick estava atrás do balcão a separar os livros de uma caixa quando cheguei. A minha vontade era de correr para o meu quarto, de o evitar por completo.

– Jo, estou tão feliz por estares aqui. Estava preocupado, com medo de que não viesses.

– Eu moro aqui, Patrick.

– Sabes o que quero dizer – disse ele. – Quero pedir-te desculpa por tudo. A minha cabeça anda num turbilhão tal que nem sei o que faço.

Aproximei-me do balcão.

– É compreensível. O teu pai acabou de morrer.

– Eu só preciso de um tempo. Decidi aceitar o convite da minha mãe e ficar com ela uns tempos.

– Quanto tempo? – quis saber.

– Até ao Natal.

– Ao Natal? Isso é muito tempo.

– Primeiro vou até Florida Keys, levar umas coisas a uns amigos do Charlie. Fico lá uma semana; depois vou de barco até Havana ter com a minha mãe e o marido, para umas férias. De lá, vamos para Trinidad. É onde eles vivem agora. O marido da minha mãe tem lá um negócio de petróleo.

– O que vais fazer em Trinidad?

– Pôr a cabeça no lugar. O Randolph diz que os Estados Unidos podem entrar em guerra com a

Coreia. Talvez me aliste quando regressar. Ainda não sei.

Patrick na tropa? Tentei lembrar-me da referência a cabras e ovelhas do detetive Langley. Era muito fácil imaginar Jesse nas Forças Armadas. Ele daria um bom soldado. Mas Patrick?

– O Randolph disse-me que algumas divisões criam grupos musicais durante a guerra – disse Patrick.

– Ah, então irias como músico, não como soldado.

– Não, seria ambos. – Patrick mexericava numa folha de papel no balcão. – O que foi? Achas que é meio louco?

Patrick nas Forças Armadas. Sim, parecia completamente ridículo.

– Sabes que mais? – respondi. – Eu no Smith College e tu nas Forças Armadas. Ambas as ideias são loucas. – Comecei a rir.

Patrick desatou à gargalhada também.

– Vamos enviar fotografias um ao outro; tu de camisola com monograma e eu de farda. – Pensar em Patrick de farda militar fez-me rir a bandeiras despregadas. Uma mulher passou em frente à loja. Levámos de imediato as mãos no balcão, cada um a tentar ser o vencedor do nosso concurso de sinais. Patrick estava de joelhos dobrados, praticamente em posição de estocada. Eu tinha deixado cair a carteira ao chão na emoção do momento. Ambos tínhamos os dedos mindinhos no balcão. Romance. Desatámos à gargalhada, tão alta e estridente que a mulher retirou a mão que já estava na porta e fugiu a toda a pressa.

– Volte! – gritou Patrick. – Eu ponho o livro num saco de papel. Ninguém vai ver.

– Para, já me dói a barriga – disse eu, apanhando a mala do chão.

– Vou sentir falta disto – comentou Patrick. A expressão do rosto tornou-se-lhe mais grave. – Queria dizer-te uma coisa. A Doubleday ofereceu-se para comprar grande parte do nosso inventário. Preciso de lhe dar uma resposta até amanhã. Acho que vou aceitar.

– Vais vender a livraria?

– A livraria não, apenas grande parte dos livros. Eu vou-me embora, tu vais para o Smith College. Se eu decidir ficar quando voltar, compro mais inventário. Sabes como gosto de comprar, da caça.

– Claro – respondi. Vagueei os olhos pela loja, já triste ao pensar nas prateleiras meio vazias.

– Jo, queria pedir-te que mantivéssemos aquela nossa conversa do outro dia só entre nós. Estou a prestes a partir, por isso o que te contei deixa de ter importância.

Olhei para Patrick. Ir-se embora significava deixar de ver Kitty, a rapariga que amava, mas ele não arriscaria trair o seu amigo James. Era uma pessoa muito honrada.

– Eu não conto nada a ninguém – tranquilizei-o.

– Tenho de enviar um telegrama à minha mãe. Podes tomar conta da loja? – perguntou ele.

– Claro. Deixa-me só mudar de roupa. Venho de casa da Willie e estou toda suja.

Atravessei os corredores de estantes e subi as escadas, sentindo subitamente um profundo apego a todos os livros, imaginando quais teria de ir visitar às prateleiras da Doubleday. A porta do meu quarto abriu-se quando meti a chave na fechadura. Dei um passo atrás. Não me tinha esquecido de trancar a porta.

Escancarei a porta com o pé e espreitei antes de entrar. A cortina agitou-se na corrente de ar que entrou pela janela estilhaçada sobre a secretária. Entrei no quarto com todo o cuidado. O meus olhos caíram imediatamente na caixa verde da Adler's, no chão junto à secretária. Estava completamente aberta, a cama de cetim branco vazia, mostrando apenas a concavidade onde o relógio costumava

encaixar. Olhei para o armário do quarto. A porta estava ligeiramente aberta. Recuei até à cómoda, sem tirar os olhos do armário, e sem fazer barulho abri a pequena gaveta de cima. Com o braço atrás das costas, meti a mão, vasculhando até ao fundo da gaveta. A minha pistola tinha desaparecido. A porta do armário moveu-se ligeiramente. Aproximei-me em silêncio e peguei no taco que tinha encostado à mesa. Apertei os dedos com força à volta do punho, ergui-o acima do meu ombro. Num movimento repentino, abri o armário.

Não havia ninguém lá dentro.

Soltei a respiração e baixei o taco. Agachei-me para pegar na caixa do relógio. Foi quando reparei.

A minha cama fora movida. Só um pouquinho. Quase impercetível. Deixei cair a caixa e mergulhei para debaixo da cama. Estava tão descontrolada que mal conseguia levantar a tábua. Enfieei a mão pelo buraco e tirei-a, segurando o envelope amachucado.

O dinheiro tinha desaparecido.

O quarto perdeu a forma. Os gritos irromperam do meu corpo, profundos e selvagens, como se puxados do centro da Terra, através do chão e cuspidos pela minha boca. O meu corpo começou a tremer violentamente ao tomar consciência do que tinha acontecido.

Ela levava-o. Levava tudo. Naquele momento devia estar a rolar estrada abaixo, com um lenço vermelho às bolinhas brancas a cobrir-lhe o cabelo torrado. O pulso, enfermiço de anfetaminas, repousava na janela aberta, balançando um relógio com as palavras *A Jo fez 18* gravadas na parte de trás.

– Jo, pregaste-me um susto de morte. – Patrick correu até à janela e fechou-a. – Acalma-te. As pessoas vão pensar que estás a ser assassinada aqui em cima.

Ele pôs as mãos nos meus ombros.

– Jo, para. – Abanou-me com força. – Para com isso!

Eu lutei contra ele. A frustração que era a minha vida projetava-se para fora de mim com um fogo e uma fúria tão absolutas que eu não era capaz de conter. Patrick deu um salto para trás, encostando-se à porta do armário, os olhos arregalados de pânico.

Os meus gritos passaram a roncões, depois a queixumes, terminando em soluços, quando desabei no chão.

Ele ajoelhou-se ao meu lado.

– Está tudo acabado – consegui dizer entre soluços. – Eles levaram o dinheiro do Cokie. Todo.

– Quem to roubou? – perguntou Patrick.

Ergui os olhos para ele.

– A minha mãe.

Fiquei deitada no chão de madeira toda a tarde, agarrada à caixa verde, a olhar para o teto.

Patrick ficou a atender os clientes lá em baixo na livraria; eu ouvia, sem reação, as conversas entrarem-me pelos ouvidos e ecoarem no meu corpo oco. Jesse apareceu. Patrick disse-lhe que eu estava lá em cima doente. Cokie apareceu. Ele disse-lhe que eu tinha ido fazer uma entrega de livros. Doíam-me as costas de tantas horas no chão, mas não me importei. Era um castigo merecido pela minha estupidez. Claro que a minha mãe conhecia os meus esconderijos. Há dez anos, fora o porta-moedas cor-de-rosa debaixo da minha cama. Hoje foram milhares de dólares. Como é que eu ia explicar a Cokie que o dinheiro tinha desaparecido, e a Willie que o relógio tinha desaparecido? Agora uma aceitação do Smith College seria apenas uma piada cruel. Eu não teria dinheiro para ir.

A luz do sol do fim da tarde estendia-se pelo chão. Patrick bateu à porta.

– Ei, tens a certeza de que não queres vir para casa comigo?

Abanei a cabeça.

Ele pousou dois sacos no chão.

– Este tem uma sanduíche. – Esvaziou o outro saco, maior, no chão. O conteúdo produziu um ruído seco e metálico. – Fui à loja de ferragens – disse ele, mostrando umas correntes. – Quando eu sair, quero que desças e acorrentes as portas por dentro. Fecha-as com este cadeado e trazes a chave

contigo para o quarto. Vai fazer-te sentir um pouco mais segura, está bem?

Concordei com a cabeça, mas não disse nada.

Ele caminhou em direção à porta.

– Patrick – disse eu finalmente. Ele parou. – Preciso de te perguntar uma coisa. – Virei a cabeça para ele, na porta. – Beijaste-me por pena?

Ele abriu a boca e, em seguida, olhou para os pés.

– Não, Jo. Não foi nada disso.

Fechei os olhos e tornei a virar a cabeça. Recusei-me a olhar para trás, mesmo sentindo a presença dele, o desejo de dizer mais alguma coisa, de explicar. Ele ficou ali um bom bocado, à espera. Por fim, ouvi os passos dele na escada e abri os olhos, permitindo que as lágrimas corressem e caíssem no chão de madeira.

Passei vários dias a evitar toda a gente. Sentia o coração destroçado de cada vez que Cokie me perguntava se já tinha recebido notícias do Smith College. Sweetie e Dora perguntavam-me constantemente se estava tudo bem. Sadie olhou para mim com ar estranho e até Evangeline me perguntou se eu estava doente. Willie gritou-me.

– Achas que és a única com problemas, miúda? Estou farta da tua rabugice. É por causa de o Patrick estar de partida para visitar a mãe? Para de ser melodramática.

Tornei-me um bicho encafuado no seu buraco e ficava no quarto, com a porta da loja acorrentada e fechada a cadeado. Estava a ler a última carta de Charlotte quando ouvi o grito.

– Ei, Detroit!

Era Jesse. Mais uma vez. Vinha todos os dias e chamava por mim, gritando à minha janela. Eu nunca respondia. Mas esta noite eu tinha deixado a luz acesa, por isso ele sabia que eu estava em casa. Continuou a gritar:

– Ei, Detroit – cada vez mais alto, alternando entre voz mais aguda, mais grave, até mesmo a cantar.

– Cala-te! – disse alguém de uma janela próxima.

– Convençam-na a descer e eu calo a boca – gritou ele de volta e chamou-me mais uma vez.

– Anda lá, rapariga, desce antes que sejamos obrigados a chamar a Polícia – gritou outra pessoa.

– Estás a ouvir, Jo? Eles vão chamar a Polícia – berrou Jesse.

Ele era tão irritante. Marchei até à janela e abri as cortinas para trás. Uma pequena multidão reunira-se à volta de Jesse na rua, e todos aplaudiram quando eu apareci. Abri a janela, e as pessoas começaram a incentivar-me.

– Vá lá, boneca, desce para falar com o pobre coitado.

– Josie, por favor, vem cá abaixo, para ver se ele para com o chinfrim. Tenho de trabalhar amanhã.

Assim que tirei o cadeado e as correntes da porta, o pessoal dispersou.

Jesse abriu um sorriso largo.

– Desculpa, Jo. Não fiques chateada comigo.

Recusei-me a olhar para ele. Estendeu a mão como se fosse dar-me um soco no braço.

– Não me convidas para entrar?

– Não. – Fechei a porta atrás de mim e sentei-me no degrau da frente da loja. Jesse fez o mesmo.

– Achei que podias dizer isso. Então vim preparado. – Jesse tirou duas garrafas de refrigerante do casaco, levantou as capas com uma chave e entregou-me uma. Rodei a garrafa na minha mão. «Coca-Cola Bottling, Chattanooga, Tenn» estava escrito na garrafa de vidro verde. Tennessee. Isso fez-me pensar em Mr. Hearne e no seu relógio a fazer tiquetaque debaixo da flor-de-merenda em Shady Grove.

Jesse estendeu a garrafa na minha direção para um brinde. – *Tchim-tchim*.

– *Tchim-tchim* – repeti com um aceno de cabeça.

Ficámos sentados a beber em silêncio. Era algo que eu apreciava em Jesse. Ele não sentia a

necessidade de preencher cada segundo com conversas ou algum tipo de interação palerma. Podíamos simplesmente ficar sentados sem dizer nada, ele reclinado contra a porta, as botas de motociclista cruzadas nos tornozelos, e eu a equilibrar a garrafa de vidro no joelho. Era como no banco de jardim da Jackson Square e no alpendre de Shady Grove. E, por alguma razão, o silêncio fazia com que eu quisesse contar-lhe tudo.

– Eu não tenho estado doente.

Ele assentiu e fez um gesto com a garrafa, apontando para a corrente junto aos meus pés.

– Tens aí umas correntes a sério. Tenho-as visto na porta a semana toda. Está tudo bem?

Abanei a cabeça, negando.

– Fui assaltada.

Jesse inclinou-se para frente.

– Estás bem?

Encolhi os ombros.

– Estavas cá quando aconteceu? – quis ele saber.

– Não, foi de manhã. Estava em casa da Willie.

– Sabes quem foi?

Devagar, anuí e bebi um gole de refrigerante.

– Diz-me quem foi. – A mão de Jesse fechou-se num punho.

Virei-me para ele. O candeeiro da rua iluminava-lhe o rosto. Tirando a cicatriz, a pele dele era impecável. A luz refletida no cabelo evidenciava um tom castanho-avermelhado brilhante.

– Diz-me, Jo. – Os olhos, normalmente travessos, fixavam os meus com determinação.

Era Jesse. Eu poderia contar-lhe.

– Foi a minha mãe.

Os joelhos dele penderam e a cabeça afundou-se um momento, mostrando ter entendido a situação.

– Ela e o namorado? – indagou.

– Ah, disso não tenho dúvidas.

Ele ficou em silêncio um bocado.

– O que é que eles levaram? – perguntou finalmente.

Eu não tinha mais emoção para mostrar, apenas desgosto entorpecido.

– Vamos lá ver, levaram o relógio da Adler's que a Willie me ofereceu quando fiz dezoito anos, levaram a minha pistola, levaram uma caixa de charutos com o meu dinheiro e – olhei para Jesse – levaram um envelope com dois mil dólares. Dois mil dólares que o Cokie, a Sadie e a Sweetie me tinham dado para pagar o primeiro ano no Smith College.

A expressão no rosto de Jesse não foi de surpresa ou choque, apenas de compreensão revoltada.

– Jo, o gajo da tua mãe está metido nisso. As pessoas dizem que ele faz parte da corja que envenenou aquele tipo do Tennessee, na passagem de ano. E que meteu a tua mãe no esquema, também.

– Sim, mas ele nunca tinha visto o meu relógio. Ele não sabe que desde miúda eu escondo as coisas debaixo da cama. Isso, só a minha mãe sabe.

Jesse rodou a carga da garrafa entre o polegar e o indicador.

– Eu entendo, sabes? Quando eu tinha seis anos, o meu pai descobriu a minha coleção de cromos de *baseball* escondida no meu armário e vendeu-a para comprar álcool.

– Exatamente – respondi.

Alguns carros passaram, os faróis iluminando pedaços de lixo na rua.

– Então foste aceite na faculdade?

– Não, ainda não sei. Mas o que importa? Não tenho dinheiro para ir, e agora tenho de encontrar uma maneira de pagar ao Cokie.

– Espera aí. Talvez pudesses conseguir uma bolsa – sugeriu Jesse.

– Duvido. Não tenho atividades extracurriculares para incluir na candidatura, não sou de boas famílias e a minha única carta de recomendação é de um empresário obscuro.

Jesse voltou a encostar-se à porta, de pernas estendidas. Terminámos os refrigerantes, sem falar.

Jesse levantou-se e estendeu a mão para me ajudar a levantar.

– Anda cá.

Pousei a minha mão na dele, aceitando a ajuda. Ficámos parados na rua, as mãos entrelaçadas.

– Lembras-te daquele dia maravilhoso em Shady Grove, quando atirámos pedras à árvore? – perguntou Jesse.

Anuí.

Ele largou-me a mão, puxou o braço atrás e arremessou a garrafa contra o poste de luz do outro lado da rua. Partiu-se em mil pedacinhos.

– É a tua mãe e o namorado.

Atirei a minha garrafa. Falhou o poste e bateu contra um prédio.

– Mas o que é que se passa aí? – Alguém gritou lá de cima.

Nós rimos. Jesse despediu-se com um aceno de mão e foi-se embora.

– Até breve, Jo.

Fiquei no degrau, à espera de que ele se virasse. Ele não o fez.

Ao fundo da rua, um carro estacionado acendeu os faróis. Passou devagarinho por mim, as janelas tão escuras que era impossível ver o condutor. Assim que passou pela loja, acelerou e foi-se embora.

Acorrentei e tranquei a porta.

James e um homem da Doubleday vieram buscar os livros. Patrick disse que não iria suportar vê-los a serem levados.

Olhei para as estantes nuas. As prateleiras sem livros tinham um ar de solidão e parecia uma grande crueldade.

James entregou-me um cheque e pegou na última caixa.

– Achei que o Patrick estaria aqui – disse ele. – Passámos meses a discutir a lista de livros.

– Acho que lhe é muito difícil. Além disso, está ocupado a preparar-se para a grande viagem.

– Grande viagem? – repetiu James, voltando a pôr a caixa no balcão. – Para onde é que ele vai?

– Ele deve ter-te contado. Vai para Keys, depois para Havana e planeia passar o resto do ano em Trinidad com a mãe.

James ficou a olhar fixamente para mim.

– Josie, estás a brincar, certo?

– Não. Ele não te disse?

Os olhos de James estavam arregalados de choque.

– Não, não disse. – De repente, parecia zangado. – Não posso acreditar que ele me vai fazer isso.

– Pegou na caixa do balcão e bateu com a porta, furioso.

Fiquei a ver James atravessar a calçada em passos duros. Era óbvio que estava perturbado. O que é que ele achava que Patrick lhe estava a fazer? Os meus dedos involuntariamente fizeram um sinal no balcão. Olhei para a minha mão e depois para James, na rua. Patrick não estava apaixonado por Kitty.

Cokie levou-nos ao terminal rodoviário. Estava a chover. Patrick debitou instruções sobre a casa e a livraria. Eu já as sabia de cor e salteado. Miss Paulsen iria verificar a casa. Um professor convidado da Loyola iria começar uma sublocação na próxima semana. O homem do piano viria na semana anterior ao Natal verificar se o *Bösendorfer* estava afinado e em condições antes de Patrick regressar a casa. Eu tinha uma lista de contactos em Florida Keys, a informação relativa ao Hotel Nacional de Cuba, bem como o endereço em Trinidad.

– Não te esqueças de me manter ao corrente das coisas – disse Patrick. – Quero saber tudo o que está a acontecer, especialmente quando receberes notícias do Smith College.

Cokie descarregou a mala de Patrick na rodoviária. Deu uma palmada amigável nas costas dele.

– Trata de ti, está bem? Da próxima vez que vires a Josie, ela estará a regressar a casa para o Natal, vinda da faculdade. – Ele abriu um grande sorriso. – Agora tenho de me pisgar. Tenho um serviço no Roosevelt.

Entrámos na estação, para fugirmos da chuva.

– Ainda não lhe contaste? – perguntou-me Patrick assim que Cokie se foi embora.

– Não sei como. Acho que ele está mais animado do que eu. Por falar em contar, fiquei espantada por não teres contado nada ao James sobre a tua viagem. Ele pareceu ficar realmente chateado

quando eu lhe disse que te ias embora. – Lancei uma olhadela cautelosa a Patrick. – Achas que ele suspeita dos teus sentimentos... por Kitty?

Patrick evitou o meu olhar.

– Dá-lhe o meu endereço em Trinidad, se quiseres.

Verificámos o bilhete de autocarro de Patrick. Tinha várias paragens, mas apenas três transbordos. Em Mobile, em Jacksonville e em West Palm Beach. Homens de fato e gravata e mulheres de vestidos bonitos perfilavam-se na rodoviária com as respetivas malas, todos de partida para algum destino emocionante. O cabelo loiro de Patrick estava cuidadosamente penteado para o lado. Ele tinha um ar sedutor no seu fato castanho-claro e camisa azul-bebé.

– Trinta e duas horas de luxo e ficas longe desta chuva e na praia – comentei. – Estou cheia de inveja.

– Sim, estes autocarros são tão confortáveis. Quem me dera que viesses comigo. Obrigado por tudo, Jo. Fizeste tanto pelo Charlie, pela livraria e por mim.

O autocarro de Patrick para Mobile foi anunciado.

– Eu sei que te dececionei – disse ele rapidamente. – És a última pessoa que desejaria magoar, juízo. – A luz fez brilhar as lágrimas contidas nos olhos dele.

Senti um nó na garganta.

– És tão importante para mim – murmurou ele. – Por favor, acredita em mim.

– Vamos certificar-nos de que a tua mala está no autocarro – disse eu muito depressa, lutando contra as lágrimas.

Caminhámos em direção ao Greyhound Silverside que tinha um letreiro iluminado a dizer MOBILE por cima do para-brisas. Ficámos juntos debaixo do guarda-chuva a ver a mala dele ser carregada para o compartimento das bagagens.

Olhei para Patrick.

– Candace Kinkaid ou Agatha Christie?

Ele riu-se.

– Definitivamente Candace Kinkaid. Muito mais divertido. F. Scott Fitzgerald ou Truman Capote? – perguntou.

Ouvimos a última chamada para Mobile.

– Oh, por favor! Fitzgerald, obviamente. Vá, entra no autocarro.

Patrick passou-me o guarda-chuva. Deu-me um abraço e espetou-me um beijo em cheio nos lábios, forte e longo. Parecia que eu estava a assistir ao beijo de fora, em vez de participar nele. Ele saiu a correr do guarda-chuva para o abrigo das escadas do autocarro.

– Vejo-te no Natal! – disse.

Fiquei a vê-lo percorrer o corredor até escolher um lugar à janela, mais ou menos a meio do autocarro.

As portas automáticas fecharam com um silvo. A água escorria do cimo do autocarro, caindo em torrente pela janela de Patrick. Ele sorriu e colocou um dedo no vidro, fazendo o sinal de biografia.

Eu devolvi o sinal. Poesia.

O autocarro arrancou, levando Patrick Marlowe, e o seu segredo, com ele. Fiquei a vê-lo afastar-se. Pensei na citação de Keats e na minha conversa com Mr. Hearne.

Amo-te ainda mais porque acredito que gostaste de mim apenas pelo que sou e por nada além disso.

A chuva golpeava com força o meu guarda-chuva preto.

V arri o chão de ladrilho entre as estantes. Retirar os livros tinha libertado bocados de pó fossilizado. Patrick só tinha partido há uns dias, mas a livraria parecia estranhamente imóvel e sem vida. Lembrei-me que devia trazer o rádio de casa de Patrick. Seria uma companhia.

A sineta por cima da porta tilintou.

– Ora viva! Eu estava no Bairro e resolvi passar por cá para saber se há notícias – disse John Lockwell.

Apoiei-me na vassoura.

– Tem andado pelo Bairro com muita frequência ultimamente.

– Sim, já lhe disse que tenho um apartamento na St. Peter?

– Várias vezes.

Ele olhou em volta.

– Vão fechar de vez?

– É só temporário. Reabrimos depois do Natal. O proprietário faleceu e o Patrick foi visitar a mãe às Índias Ocidentais.

– Que boémio da parte dele. Mas também, é típico das gentes da literatura. Ótimo para festas; é sempre bom ter alguns excêntricos à mão para entreter o pessoal empertigado da zona alta. Sendo assim, vai precisar de emprego. Tem a certeza de que não quer reconsiderar a minha proposta? Com alguns bons vestidos tornar-se-ia a mais bela do escritório. Teria a sua própria secretária, máquina de escrever e, claro, o privilégio de beber *cocktails* com o chefe depois do expediente.

– Para já estou bem assim, mas não me vou esquecer da oferta.

– Ainda bem. Achei que mal podia esperar para me ver livre de si, mas sinto algo mais, Josephine.

– Esboçou um sorriso viscoso. – Bem, é melhor eu ir. Tenho um compromisso.

Lockwell saiu, cruzando-se na porta com um indivíduo alto, de casaco escuro. Ele fez Lockwell parecer de tal forma anão que este se virou e olhou para cima para o homem antes de sair.

– Sinto muito, senhor, mas estamos fechados. Houve uma morte na família. Reabrimos daqui a uns meses. A Doubleday adquiriu a maior parte dos nossos livros. Pode encontrá-los no quarteirão seiscentos da Canal Street.

O homem não disse nada. Ficou parado junto à porta, com as mãos enfiadas nos bolsos do casaco preto muito comprido. A sua estatura física era enorme; teria, pelo menos, um metro e noventa, e ombros tão largos que podiam carregar uma família de quatro pessoas. Tinha o chapéu ligeiramente inclinado, e o olho esquerdo, com algum defeito, parecia direcionar-se para a cana do nariz achatado.

Avancei com a vassoura.

– Estamos...

– Onde está a tua mãe? – disse ele.

– Peço desculpa, eu conheço-o? – Olhei-lhe para as mãos, que se mantinham nos bolsos.

– Onde está a tua mãe? – repetiu, devagar e mais alto. O tom de voz deixou-me assustada.

– Na Califórnia – respondi.

– Pois, vejamos, isso é um problema. A tua mãe deve dinheiro ao chefe.

– Eu não estava ciente de...

– O namorado dela pediu-o emprestado para comprar o álibi dela e livrá-los de uma acusação de homicídio. Ele disse que pagava ao chefe, mas depois fugiu da cidade. O chefe tem uma malta em Los Angeles à procura deles, mas eles parecem ter-se esfumado. O chefe quer o dinheiro e como já passou o prazo, a questão passa para a família. Ora, o namorado não tem família, por isso cabe-te a ti. A isto se chama herança. O chefe adiantou quatro mil para livrar a dama. Com juros, deves cinco mil. Estou aqui para cobrar.

Quanto mais ele falava, mais o olho esquerdo se virava. Fiquei ali, agarrada à vassoura.

– Deve haver algum engano.

– Porque é que as pessoas têm sempre de dizer que há engano? Não há qualquer engano. A tua mãe foi apanhada por homicídio, depois foi libertada... é pagar.

– Eu nunca fiz acordo algum com o seu chefe.

– Não foi preciso. Tu deves, pagas. Temos andado a observar-te, a ti e aos teus amigos esquisitoides. Vi a despedida chorosa na estação da Greyhound, vi-te a beber refrigerantes com o miúdo da mota, a confraternizar com o motorista mestiço. A Willie Woodley conhece o chefe. Eles dão-se, mas ela não tem negócios com ele. Esta dívida é tua, percebes? Não te atrevas a ir pedir ajuda a nenhum deles. Se deres com a língua nos dentes, limpamos o sebo a qualquer um deles. Eu, pessoalmente, não me importava nada de acabar com o velho motorista já hoje, mas como esta é a minha primeira visita, e eu estou bem disposto, vou-te dar sete dias... a isso chama-se cortesia. Desenrasca o dinheiro seja como for, mas não te atrevas a dizer a ninguém a quem é que deves. Só falas comigo, Tangle Eye Lou. Podes encontrar-me no Mosca's, na Highway 90.

Ele deu meia-volta e saiu para a calçada. Um carro preto parou. Ele entrou para o banco de trás. A porta fechou-se e o carro arrancou.

Deixei cair a vassoura e agarrei nas correntes. Fechei a porta e tranquei-a com as mãos a tremer. Desliguei as luzes e corri para o meu quarto. Arrastei a secretária para barrar a porta e sentei-me toda encolhida na cama, encostada à parede de estuque fria, com o taco de *baseball* nas mãos.

Fiquei assim toda a tarde e toda a noite. Não preguei olho e não estava cansada. Carlos Marcello dizia que eu lhe devia dinheiro. As palavras de Tangle Eye sobre Cokie aterrorizavam-me. Não o Cokie.

Esperei até o sol nascer. Afiei o corta-papéis e meti-o ao bolso. Saí da livraria pela calada, fechei a porta pelo lado de fora com a corrente e o cadeado e desci a rua a correr.

Olhei para a casa. Não conseguia lembrar-me qual era a janela, mas podia apostar que era a que tinha a cambota no peitoril. Assobieei. Nada. Peguei numa pedra e atirei-a à janela. Nada. Peguei noutra pedra um pouco maior e atirei-a. A pedra acertou na janela e o som do vidro a partir ecoou pela rua adormecida.

O tronco de Jesse apareceu à janela. Fiz-lhe sinal para que descesse.

Ele apareceu à porta, descalço e sem camisa, abotoando a braguilha das calças de ganga. Ajeitou o cabelo sonolento com os dedos e olhou para mim de esguelha.

– O que é que se passa?

– Preciso da tua ajuda – sussurrei.

Ele desceu as escadas e veio ter comigo ao passeio.

– Jo, estás toda a tremer.

– Por favor, compreende, eu não te posso contar nada. – A minha voz tremeu. – É a minha mãe.

Preciso que alguém vá entaipar a livraria, e isso tem de ser feito esta manhã. Podes fazer isso por mim? – Entreguei-lhe algumas notas amassadas.

Ele pegou na minha mão.

– Senta-te.

– Não tenho tempo.

A avó de Jesse apareceu à porta.

– Volte para a cama, avó. Está tudo bem – assegurou Jesse.

A velhota pôs-se a bramar:

– Há um crime de morte a cercá-la. Eu consigo ver. Moça, tens de fazer com que o assassino confesse, para libertar o espírito do homem morto. Põe um pires de sal no peito do assassino enquanto eles dormem. Eles vão confessar.

Comecei a chorar. Jesse subiu os degraus a correr e enxotou a avó para dentro de casa. Dei meia-volta e fui-me embora.

– Jo, espera – chamou Jesse.

– Tenho de ir a casa da Willie – disse eu, por cima do ombro. – Por favor, ajuda-me com a livraria. Desculpa pela janela. – Desatei a correr.

O sol já ia alto quando cheguei a casa de Willie. Entrei pela porta lateral e desatei a comer tudo o que encontrei pela frente na cozinha. Não comia nem bebia nada desde que Tangle Eye saíra da livraria. O leite oscilava dentro do copo tremelicante que eu tentava levar à boca. Eu tinha passado a noite toda a pensar nas opções. Ninguém escapava de uma dívida para com Carlos Marcello, pelo menos não escapava vivo. Cinco mil dólares era uma enorme quantia de dinheiro, mais de dois anos de propinas do Smith College. Eu podia conseguir arranjar uma parte, mas tudo nem pensar. Não havia outra maneira.

Teria de tirá-lo a Willie e depois arranjar maneira de o devolver. Não podia contar-lhe, não depois da ameaça de Tangle Eye.

Sadie percebeu que alguma coisa não estava bem assim que me viu. Eu disse-lhe que não conseguia dormir. Ela não parava de me medir a febre na testa e nos lados do pescoço. Fez-me abrir a boca para me ver a língua e a garganta. Preparou-me um chá quente com limão e fritou ovos e grossas tiras de *bacon* para mim.

– Cheira-me a porco – disse Willie quando lhe levei o pequeno-almoço ao quarto. – A Sadie está a cozinhar para quem?

– Foi para mim. Bebi muito refrigerante ontem e estive toda a noite maldisposta do estômago.

Willie olhou-me de esguelha.

– Refrigerante, hein? Pois, estou a ver. Dá-me os jornais. – Willie leu uma das histórias de primeira página. – Eles recusam-se a ceder, Jo. Diz aqui que vão contratar mais polícias e que planeiam passar o Bairro a pente fino. – Atirou com o jornal para a cama. – Estou velha de mais para rugas. Costumava adorar, achava muito empolgante todo aquele jogo do gato e do rato, mas já não tenho a energia para isso. Há anos que não preciso de usar a campainha.

– O que vai fazer?

Willie pensou um momento.

– Vou manter dois motoristas de plantão todas as noites. A Sadie vai ficar sentada à janela e tocar a

campainha se vir a Polícia. Toda a gente corre para o pátio e entra pela porta da garagem para os carros que estão à espera. Posso enviar um carro para a livraria, tu disseste que está fechada, certo?

– Sim. – Escolhi cuidadosamente as palavras seguintes. – Pedi ao Jesse para colocar tapumes nas janelas. Não quero que as pessoas vejam a casa vazia.

– Isso é uma boa ideia. Afasta as estantes. Vou pedir ao Elmo que vá lá levar alguns móveis para que haja sítio para as pessoas se sentarem.

– Willie, soube alguma notícia da minha mãe?

– Não, e não queremos. Espero que ela tenha resolvido as pontas que tinha soltas por aqui e que não ponha mais os pés na cidade. Não preciso de mais problemas, nem tu. Eu sei que sentes uma espécie de ligação a ela, mas, confia em mim, ela leva-te para o fundo, Jo. Leva-nos a todos para o fundo do poço.

Já levou, queria eu dizer a Willie.

– Se eu fosse a ti tratava de mudar de apelido. Já tens dezoito anos. Já o podes fazer. Corta o cordão umbilical.

Willie juntou uma pilha de notas e entregou-mas.

– Põe isso no cofre.

Ela continuou a falar sobre as medidas repressivas. Olhei para as pilhas de dinheiro no cofre. Se eu pudesse gamar duas notas de cem dólares, ir ao banco e trocá-las por duas centenas de notas de um dólar, poderia encher os maços com notas de um dólar. Talvez ela não reparasse. Tentei fazer rapidamente os cálculos mentais. Gotas de suor começaram a surgir-me na raiz dos cabelos.

– Que raio estás aí a fazer? – exigiu saber Willie.

O que estava a fazer? *Decisões*, sussurrou-me a voz de Forrest Hearne, *elas moldam o nosso destino*.

Sim, as decisões de Forrest Hearne levaram-no ao destino. A morte.

— Mr. Lockwell, por favor — sussurrei para o auscultador. — Daqui fala Josephine Moraine.

Esperei vários minutos. A chamada foi finalmente passada. — Recebeu a carta — disse a voz rouca do outro lado da linha. — Quer ir comemorar?

— Na verdade, ainda não tive notícias. Estou a ligar a respeito de... — Parei. Seria mesmo capaz de o fazer? — A respeito do emprego.

Lockwell ficou em silêncio. Ouvia apenas o sugar húmido do charuto.

— Ah, reconsiderou, é isso?

— Estou a pensar nisso. E gostaria de saber um pouco mais sobre a posição.

— Encontre-me ao meio-dia na minha casa da St. Peter. — Ele debitou o endereço. — Estou ansioso para discutir... a posição. — Com um riso de satisfação, desligou.

Quando saí da livraria para a casa de Lockwell, Jesse estava a instalar tapumes nas janelas e portas.

— É refugio de um edifício na Chartres Street. O da porta ainda tem a ranhura para o correio. O ajuste pode não ser perfeito, mas cumprem o objetivo de privacidade. — Jesse olhou para mim e sorriu.

Eu mantive os olhos fixos na calçada.

— É disso que se trata, certo? Se não for, diz-me.

Olhei para Jesse.

— Porra, Jo. Diz alguma coisa.

Eu queria contar-lhe tudo. Mas não podia. Não podia arrastar Jesse, Cokie ou Willie para aquilo. Por isso fiquei ali parada, em silêncio.

Jesse largou o martelo, completamente frustrado.

— Sabes que mais? Estou farto disto. Vens bater-me à porta ou partes-me a janela sempre que precisas de alguma coisa, e eu faço tudo o que tu queres sem questionar. Mas se faço uma pergunta ou passo por aqui para te ver, tu deixas-me na rua. Eu tenho as aulas, carros para consertar, e larguei tudo hoje para te vir ajudar. Não sou nenhuma marioneta. Queixas-te que a tua mãe manipula toda a gente, mas ultimamente andas a portar-te da mesma maneira.

Rodei nos calcanhares e afastei-me dele, lutando contra as lágrimas e contra a vontade de voltar para trás e contar-lhe tudo, pedir-lhe ajuda.

A entrada para o apartamento de Lockwell era discreta, escondida por um pátio fundo e fechado com um portão. Ele dissera que os outros dois apartamentos estavam quase sempre vazios, pois os proprietários viviam fora da cidade. Que conveniente.

O apartamento era pequeno, mas encantador. O soalho antigo de carvalho cobria todo o piso da sala de estar longa e estreita. Os tetos altos faziam-no parecer maior. Estava escassamente mobilado, mas as peças eram de bom gosto, sobretudo a secretária ao canto, que tinha o retrato emoldurado de Lockwell numa expedição de caça. Ele viu-me a observar a mesa.

— É uma beleza, não é? Não é só diversão. Às vezes também trabalho aqui. Quer que lhe faça uma

visita guiada?

O apartamento era pequeno. Não poderia conter mais do que a pequena sala de estar, uma cozinha e um quarto.

– Não, obrigada – respondi, sentando-me num dos cadeirões.

Lockwell acendeu o charuto e sentou-se diante de mim.

– Então, aqui estamos nós. Muito longe de onde partimos. Gosto da forma como as coisas evoluíram.

Assenti, cansada e sentindo-me um pouco fora das águas onde costumava navegar com Lockwell. O encontro com Jesse ainda me incomodava.

– Tudo bem, vamos admitir. Fechámos o círculo. Eu previ que voltaria para me pedir dinheiro, e aqui está.

Abri a boca para objetar.

Lockwell levantou a mão em sinal de protesto.

– Pronto, eu admito que não é a extorsionista que eu pensava, mas já lhe ofereci um emprego várias vezes e foi sempre rápida a declinar. Agora veio cá porque quer falar do trabalho e noto que não está em si, Josephine. – Deu uma passa no charuto. – Precisa de dinheiro, ou não estaria aqui. Pode ser para a faculdade. Pode ser para outra coisa. Mas precisa de dinheiro. Quanto?

Tentei calcular o que achava poder levar emprestado do cofre de Willie. – Dois mil dólares – respondi.

Lockwell ergueu a cabeça repentinamente com a surpresa.

– Isso é uma bolada.

– É por isso que estou a perguntar sobre o emprego.

– Precisa de dois anos para ganhar dois mil dólares como secretária. Talvez mais.

Eu não tinha anos. Tinha escassos dias.

– A menos que... – recostou-se na cadeira – prefira um acordo mais privado. Eu adiantava-lhe uma parte do dinheiro e passaríamos a ter um encontro semanal aqui.

Engoli em seco, com força.

– E adiantaria exatamente quanto? Estou a precisar de dois mil dólares.

Lockwell rodou o charuto nos lábios. Eu era uma marioneta. E ele estava a adorar puxar os cordelinhos. O poder era excitante.

– Mil.

– Mil e quinhentos, em dinheiro – contrapus.

Ele olhou para mim.

– Mas não pode ter esse ar. – Puxou da carteira e entregou-me uma nota de cinquenta dólares. – Vá à Maison Blanche, escolha um belo vestido e uns sapatos de salto alto. Saltos altos a sério, não quero cá *mocassins*, ou lá o que lhes chama. E arranje o cabelo e as unhas também. Compre um perfume, se quiser. Volte depois de amanhã, às sete horas. Eu mando trazer o jantar.

Ele rodou o charuto pelo lábio inferior e ficou a olhar para mim. Sustive o olhar.

– Bem, agora tenho um compromisso. Acompanho-a à porta.

Eu sentia os olhos dele pregados ao meu corpo enquanto caminhava até à porta. Segurei a carteira com força contra o meu flanco esquerdo, tentando esconder o corte na blusa feito pela faca de Cincinnati.

Mil e quinhentos. Isso significava que teria de roubar mais de três mil dólares a Willie. Dei um

passo para fora da porta e virei-me.

– Até breve, Josephine – despediu-se ele com uma piscadela.

Encarei-o e senti o nariz enrugar-se, como se pudesse sentir-lhe o cheiro a vinagre das veias. Seria capaz de levar aquilo até ao fim? Sem saber como, as palavras saíram-me da boca.

– Até breve – respondi.

Dois dias se passaram. Eu ainda não tinha um cêntimo. Mais cinco dias e os homens de Marcello viriam cobrar. Naquela manhã, Willie não me pediu para pôr dinheiro no cofre, como se tivesse lido os meus pensamentos e soubesse o que estava a acontecer. Recebi um postal de Patrick a dizer que as Keys eram belíssimas e que tinha saudades minhas. Recebi outra carta de Charlotte, a pedir se eu podia confirmar a visita às montanhas de Berkshire, em agosto. Pensei em Tangle Eye Lou a perseguir-me até à casa da família Gates para me cobrar os cinco mil dólares que, diria ele, eu devia a Marcello.

A Polícia tinha feito uma rusga à casa de Willie na noite anterior. Um carro deixou Dora, Sweetie e dois clientes na livraria para se esconderem. Assim que abri a porta entraram todos a correr: Dora com uma garrafa de licor de menta na mão e Sweetie de mão dada com um suado e tremelicante Walter Sutherland, cuja indumentária consistia apenas de cuecas e gravata.

– Festa da rusga! – exclamou Dora. Ligou o rádio e todos dançaram entre as estantes de livros. Sentei-me na escada e fiquei a assistir à bela e amorosa Sweetie, com os braços gordos e rosados de Walter Sutherland em volta dela. Os olhos dele estavam fechados e a cabeça descansava no ombro dela enquanto se deixava levar até à terra dos sonhos. Aquela imagem deixou-me enojada. Ela era tão linda e amável, não precisava de fazer aquilo. Eu também não precisava. Podia fugir, ir para o Massachusetts sem dizer a vivalma.

Tinha acabado de regressar da casa de Willie e estava a limpar a loja dos restos da festa da rusga quando ouvi um barulho na porta. Virei-me e esperei que alguém batesse, mas nada. Foi então que vi. Um grande envelope castanho ficara preso, todo torto, entre as portadas de Jesse e a porta de vidro. Limpei o pó das mãos e tirei as chaves do bolso. Abri a porta e o envelope caiu virado para cima no chão ladrilhado. Vi o remetente e faltou-me o ar.

SMITH COLLEGE

Pus-me a andar para cá e para lá na loja, a trautear baixinho com o envelope nas mãos. Parecia conter mais do que uma folha de papel. Isso era animador. Para a rejeição bastaria uma folha. Usei o abre-cartas para cortar a pala superior. Espreitei. Havia um envelope selado preso a uma folha de papel.

Andei mais um pouco, sentindo as mãos a transpirar e o coração a bater, descontrolado. Parei e puxei de uma só vez o papel. As palavras vieram até mim em câmara lenta.

*Cara Miss Moraine,
Agradecemos a sua candidatura ao Smith College.*

O Júri de Admissões ficou satisfeito por ter tantas candidaturas notáveis este ano.

Após longa e cuidadosa ponderação,

lamentamos informar que não podemos oferecer-lhe um lugar na turma de 1954.

Rejeitada.

Mas porque é que eu me tinha permitido sonhar que era possível, que poderia escapar à fossa latente da minha existência em Nova Orleães e voar para um mundo de formação e substância em Northampton?

A carta de rejeição dizia ainda que a minha candidatura não fora atempada o suficiente para ser devidamente considerada. O resto da carta continha cordialidades educadas, desejando-me boa sorte em todos os meus empreendimentos futuros. Teria de contar a Charlotte. Pior ainda, teria de contar a Cokie. Pensar em Cokie corroía-me o estômago. Olhei para o envelope preso à carta de rejeição. «Miss Josephine Moraine», estava escrito numa caligrafia muito carregada no envelope bege. Dentro havia uma carta em papel igual.

Cara Miss Moraine,

Escrevo por sugestão de Barbara Paulsen, uma amiga muito querida e ex-colega do Smith College. Sou professora de Literatura no Smith College, autora de ficção histórica, e mecenas cultural no estado de Massachusetts.

A Barbara informou-me das suas qualidades como funcionária na livraria e também como empregada doméstica. Sou uma mulher solteira, vivo sozinha e estou atualmente a precisar de assistência nessas áreas. Embora eu não possa financiar as despesas de deslocação, se for capaz de viajar até Northampton, estou preparada para lhe oferecer um salário semanal de oito dólares e um quarto com casa de banho privativa em troca de um emprego como governanta e assistente administrativa. A posição requer uma semana de trabalho de cinco dias com obrigações ocasionais ao fim de semana.

Fico a aguardar a sua resposta, que espero seja favorável, ainda no presente mês.

Atenciosamente,

Ms. Mona Wright

A carta confirmou o que eu sabia no meu coração. Eles não me queriam. Eu era suficientemente boa para limpar casas de banho e o pó dos livros, mas não para me juntar a eles em público. Miss Paulsen conhecera a minha mãe no funeral de Charlie e provavelmente contactara o Smith College. Talvez lhes tenha dito para recusarem a minha candidatura, que eu era de carácter duvidoso. Para suavizar o golpe e satisfazer Patrick, entrara em contacto com uma solteirona qualquer, sugerindo que eu lhe esvaziasse os cinzeiros. Oito dólares por semana? Sweetie ganhava vinte dólares só para dançar com Walter Sutherland durante uma hora. Eu ia ganhar mil e quinhentos para... para o quê? Uma súbita vontade de vomitar fez-me debruçar sobre o balde do lixo.

Lockwell tinha-me dito para pegar nos cinquenta dólares e ir à Maison Blanche. Era muito arriscado. E se encontrasse alguém que comesse a fazer perguntas? Fui a uma loja de penhores e comprei uma pequena pistola; depois apanhei um autocarro para uma loja em Gentilly. Escolhi um vestido de cerimónia azul-céu com um decote em barco e luvas a combinar. Disse à vendedora que ia à festa de aposentação do meu tio. O vestido estava um pouco apertado na zona do peito e das ancas, mas a vendedora garantiu-me que estava na moda uma silhueta mais torneada, mesmo para uma festa de aposentação. Ajudou-me a escolher as meias e roupa interior. Sugeriu sapatos a condizer, mas

optei por um par de sapatos pretos simples de salto alto. O preto era mais prático. Poderia ser enterrada neles, se as coisas dessem para o torto. A princípio, cambaleei nos saltos altos, sentindo os tornozelos pálidos como se fossem de borracha. Ela sugeriu que eu andasse com os sapatos um pouco para me acostumar à sensação. Fui ao salão de beleza no último andar arranjar o cabelo e fiz caracóis. Enquanto a cabeleireira me tratava do cabelo, outra colega limou-me as unhas e maquilhou-me. Tentou convencer-me a comprar o conjunto de maquilhagem, alegando que eu tinha um ar arrebatador.

– Só preciso de parecer bem esta noite. Para a festa de aposentação.

– Bem, todos os olhos vão estar postos em si, isso é certo. – Ela apoiou o cotovelo na anca, um cigarro de mentol pendurado nos dedos. – É um elogio, querida. A maioria das mulheres mataria para ter cabelos assim brilhantes e um rabiosque tão elegante como o seu – disse a mulher. – Espere até que o seu namorado a veja.

Olhei para o meu reflexo no espelho partido da parede do meu quarto. O vestido, luvas, sapatos, maquilhagem, cabelo... ficava bonito, mas parecia-me um traje de fantasia. Inclinei a cabeça. Era o espelho que estava torto ou eu? O novo *soutien* fazia o meu peito parecer maior e a cintura menor. Andei pelo quarto, tentando adaptar-me aos saltos altos.

Lockwell dissera que ia mandar trazer o jantar. E depois? Senti o estômago revirar-se. Lembrei-me da minha mãe a falar sobre o assunto na cozinha de Willie. Ela dissera que treinava a mente. Sorria e fechava os olhos, e depois pensava noutra coisa, como comer ostras ou ir à praia, e quando menos esperava, estava tudo terminado. Seria eu capaz de, mentalmente, comer ostras ou caminhar pela praia por mil e quinhentos dólares?

Pus o batom na minha carteira nova, juntamente com uma caneta e lenços de papel. Olhei para a pistola na escrivaninha. Comprara-a para me sentir mais segura na loja, caso Tangle Eye decidisse aparecer. Não iria precisar dela hoje à noite, pois não?

Procurei fechar a loja o mais depressa que pude. Não queria que ninguém me visse, especialmente Frankie. Andei para o lado oposto, fazendo um caminho indireto que acabaria por levar à St. Peter Street. Mas de cada vez que me aproximava da rua, os meus pés continuavam a andar e eu acabava na direção oposta. Os homens levavam a mãos aos chapéus em cumprimento. Outros viravam-se para trás e sorriam. Um calafrio percorreu-me a nuca e os ombros, transformando-se rapidamente em suores frios. Algo borbulhou no fundo da minha garganta, fazendo-me pensar no incidente com o arroz de feijão vermelho na calçada da Gedrick's.

Passara tantos anos a tentar ser invisível. Os olhares e sorrisos significavam que as pessoas me viam. Simples maquilhagem e um belo vestido tinham realmente aquele resultado? Os capítulos de *David Copperfield* desfilaram diante dos meus olhos:

I. Nasci.

II. Observo.

III. Sofro uma mudança.

IV. Caio em desgraça.

A luz desapareceu, tal como a minha confiança. Virei para outra rua. Três rapazes encontravam-se de pé na calçada, em frente a uma oficina de automóveis. Um deles assobiou quando me aproximei. Senti um nó no estômago. Um dos rapazes era Jesse.

Os outros dois chamaram por mim. Jesse nem sequer olhou para cima, entretido com uma peça do motor que tinha nas mãos. Aliviada, estuguei o passo, rezando para que ele não erguesse o olhar.

– Aonde vais com tanta pressa, beleza? – disse um dos rapazes, pondo-se à minha frente, impedindo-me a passagem.

Jesse lançou uma olhadela rápida e voltou a concentrar-se no tubo que tinha nas mãos. Mas a cabeça virou-se logo de seguida, num gesto repentino. Pus os olhos no chão e tentei contornar o amigo dele.

– Jo?

Parei e virei-me para ele.

– Sim. Olá, Jesse. O que estás aqui a fazer? – perguntei, tentando desviar o assunto para evitar as inevitáveis perguntas.

Jesse ficou a olhar para mim. Os olhos não vaguearam pelo meu corpo como os dos amigos, e os lábios não se contorceram como os dos homens que passavam por mim na rua. Ficou simplesmente a olhar para mim. A mão, cheia de massa lubrificante até ao cotovelo, fez um gesto vago para a loja de automóveis atrás dele.

– É o meu carro. É aqui que trabalho no *Mercedes*.

Um dos amigos deu uma cotovelada a Jesse.

– Mostra o carro à moça bonita, Jess. Espera até veres este carro.

– Talvez ela queira dar um passeio – disse o outro com um sorriso malicioso. – Não tens umas amigas para nos apresentar, boneca?

Naquele momento, seria a melhor coisa do mundo dar um passeio com Jesse Thierry, deixar Nova Orleães, ir direitinha a Shady Grove, contar-lhe tudo e pedir-lhe ajuda. Mas o rosto dele tinha a mesma expressão confusa de quando atirou com o martelo à frente da livraria. Fez-me sentir constrangida, culpada.

– Então, Jesse, não vais convidá-la? – perguntou o amigo.

Jesse olhou para mim e abanou a cabeça numa negativa.

– Obviamente, alguém já se antecipou – disse, entrando na oficina. Os amigos seguiram-no, lançando-me olhares para trás.

Jesse estava a julgar-me. Como se atrevia? Ele não me conhecia. Dei meia-volta e marchei direitinha até casa de Lockwell, sentido uma bolha queimar-me o calcanhar.

O céu estava baixo e escuro quando entrei pelo portão. Os candeeiros a gás piscaram e as bananeiras agitaram-se ao vento, espalhando sombras na fonte decrépita e gotejante do centro do pátio. Um calafrio arrepiou-me os braços. O som de música flutuou até mim, vinda do apartamento de Lockwell ao canto. Ele estava encostado à parede, debaixo do candeeiro a gás, à porta de casa, a fumar um charuto. Ficou a ver-me aproximar, o fumo a envolver-lhe o rosto e ombros como organza cinzenta. Não conseguia ver-lhe os olhos, mas podia senti-los em mim. Primeiro os sapatos, subindo pelas meias, demorando-se na zona pélvica, depois no peito, e até aos lábios, fazendo novamente o percurso descendente.

Ele abriu a porta de tela para eu passar, em silêncio. O saxofone alto sensual de Charlie Parker atingiu-me como uma onda. As luzes eram de um dourado suave. Engoli em seco, tentando libertar a traça que se alojara na minha garganta, batendo as asas e dificultando-me a respiração. Senti o calor dele atrás de mim.

– Pensei que talvez tivesse mudado de ideias – disse ele baixinho ao meu ouvido.

Fiz que não com a cabeça e avancei um passo para escapar da jaula da sua presença. Pousei a mão nas costas do sofá para me equilibrar. O suor das minhas mãos entranhou-se nas novas luvas azuis. Comecei a tirá-las rapidamente, mas as mãos dele impediram o gesto.

– Mais devagar – disse ele, dando a volta para ficar em frente a mim. – Um dedo de cada vez. – Caminhou até à mesa e pegou no copo contendo uma bebida alcoólica. Ficou a observar os meus movimentos ao tirar cada dedo das longas luvas azuis.

– Sente-se. – Apontou para o sofá. – O que bebe?

– Nada, muito obrigada.

– Vai beber champanhe. Todas as mulheres gostam de champanhe.

Nem todas as mulheres gostam de champanhe. Eu preferia cerveja de raiz. Willie preferia qualquer coisa que cheirasse a gasolina e lhe queimasse a garganta. Aguentava o álcool melhor do que qualquer homem, e desejei que ela estivesse ali comigo a ajudar-me a manobrar John Lockwell.

Olhei para as costas de Lockwell, o cabelo recém-cortado no pescoço revelando um bronzeado de quem jogava golfe regularmente. A camisa branca, muito bem engomada, já estava húmida de expectativa. Ele usava um guardanapo de linho para tirar a rolha e, em seguida, serviu o champanhe. Sentou-se perto de mim e entregou-me a *flûte*.

Ergueu o seu copo num brinde.

– Aos novos começos. – Bebeu um grande gole. Inclinei o copo e deixei o champanhe tocar-me nos lábios fechados, pousando-o em seguida na mesa à minha frente.

– Está linda, Josephine. O decote é pouco arrojado, mas a sua modéstia torna-o ainda mais *sexy*. – Deslizou a mão pela minha coxa.

A traça bateu as asas com força na minha traqueia.

– Então é isto que cinquenta dólares fazem? – questionou. – Gosto.

Engoli em seco, na esperança de forçar a bÍlis nervosa a descer-me da garganta.

– Na verdade, tenho troco para si. Não comprei perfume, usei apenas o frasco de teste da *Chanel* que estava no balcão. – Peguei na carteira.

– Está a falar a sério? – disse ele.

– Claro. Devia estar mais ciente dos orçamentos que faz. Deu-me dinheiro para comprar roupa e se eu não usei tudo, tenho de lhe dar o troco. Posso precisar de dinheiro, mas não sou ladra, Mister Lockwell.

– Já lhe pedi para me tratar por John – frisou ele, afrouxando a gravata no pescoço. – Mas acho que é uma ladra. Está a roubar-me o coração.

Ele sorriu, satisfeito consigo mesmo. Tentei desesperadamente não revirar os olhos ao ouvir a frase de engate patética, uma frase que teria deixado a minha mãe toda derretida. Pensar nela trouxe-me de volta à realidade.

– Está recordado do nosso acordo financeiro – disse eu.

– Vejam só, direta ao que interessa. Gosto disso. Eu também estou ansioso. – Levantou-se de um pulo, foi à secretária e tirou da gaveta um maço de notas presas com um elástico. Entregou-me para que verificasse. Folheei as notas. Mil e quinhentos. Porque é que não pedi três mil? Era uma idiota. Ele arrancou-mas das mãos e meteu-as no bolso da frente da camisa.

– Dança comigo.

Puxou-me do sofá pelo braço e girou o meu corpo contra o dele. De saltos, ficávamos da mesma altura. Nariz com nariz. Virei a cabeça e senti a sua respiração quente contra a minha bochecha. O saxofone de Charlie Parker chorava um coração partido; a mão direita de Lockwell ao fundo das minhas costas puxou-me para mais perto.

Ele parou de se mexer.

– Bem, estou de calças na mão. Não sabes dançar, pois não, Josephine?

Eu não sabia dançar. E não queria ter nada que ver com as calças dele.

– É muito fácil. Basta acompanhar os meus movimentos. – Ele puxou-me pelas ancas contra ele e inspirou profundamente junto ao meu pescoço. Tentei imitar os passos dele. Ele gostou. Muito. Levou-me a dançar até ao aparador e encostou-se ainda mais a mim. Tremi de náuseas. Olhei para o teto e experimentei o que a mãe havia descrito. Comer ostras. A mão dele deslizou em direção ao meu peito. A praia. Não estava a funcionar. O aperto estava a magoar-me. Ele deslizou o polegar para a minha boca e disse-me para fechar os lábios. Pensei na terra fria e nas tábuas do soalho sob o alpendre, onde certa vez gravara o meu nome, jurando que não iria ser como a minha mãe. Ele agarrou-me na mão e começou a movê-la em direção à sua cintura.

Sacudi a cabeça e afastei-me.

– O que se passa? – disse ele, seguindo-me até ao sofá. – Estás com medo? – Olhou para mim, a perversão completamente inflamada. – Deus, a tua boca...

– Pare com isso! – exclamei.

– Vamos. Não sejas provocadora. Anda cá – incitou ele, dando um puxão no cinto.

Peguei na minha mala, mas ele agarrou-me o braço. – Oh, não, nem penses. Não queres que telefone para o Smith College a dizer-lhes para que não te aceitem, pois não? – A boca dele estava na minha orelha. – Vamos, Josephine. Conquista o teu dinheiro. Sê uma boa putinha agora.

Ouvi o queixo dele estalar no momento em que o meu punho o atingiu. Depois de ele superar o choque inicial, avançou para mim com a fúria de um touro, mas os meus pés já estavam bem plantados no chão, e de pistola apontada. Ele deu um salto para trás, atordoado.

– Ponha as mãos na cabeça – comandei. Ele não se mexeu. Apontei a mira para a zona acima do ombro dele e desfiz a fotografia de caça em mil pedacinhos.

– Pronto, está bem – disse ele, levantando as mãos. Com uma mão indiquei-lhe que se encostasse a um canto.

– Desculpa. Tens razão. Eu estava a ir depressa de mais. Baixa a arma, Josephine – implorou. – Por favor, baixa a arma.

– Não me diga o que fazer! Sente-se no chão – ordenei. – Já.

Ele sentou-se no canto.

– Céus, o que achavas que isto era? Vai-te embora e fazemos de conta que isto nunca aconteceu. Vai. Eu não conto a ninguém.

Tirei os sapatos pretos de salto alto e atirei-lhos.

– Nunca se atreva a chamar-me puta. Nunca – disse eu, com os dentes cerrados. – Feche os olhos.

– Oh, Deus, não. Josephine, por favor.

– Eu disse feche os olhos! – Ele fechou os olhos.

Corri do apartamento, os meus pés em meias fazendo um som surdo na calçada. O céu estava negro de trovoada. Abri a boca.

Uma grande traça voou para a noite.

Encontrei-a na manhã seguinte. Desci do apartamento e lá estava ela, a olhar para mim pelo vidro da porta da frente.

Cravada na portada. Uma folha de papel branco. A mão negra.

Vinte e quatro horas. Tangle Eye viria à loja exigir os cinco mil dólares que eu não possuía nem tinha maneira de conseguir. Devia dois mil dólares a Cokie, uma explicação e um pedido de desculpas. Devia um relógio de ouro à esposa de Forrest Hearne. Mas a maior dívida era a Carlos Marcello e, se não pagasse, estaria em muito pior situação do que com John Lockwell.

Eu tinha inventado uma história para contar a Willie. Diria que o distribuidor de bebidas tinha um carregamento à espera no Sal's e que precisava de pagamento. Ela pediria que eu fosse ao cofre buscar o dinheiro. Nessa altura pegaria nos cinco mil dólares. Cada fibra do meu corpo recusava o pensamento de roubar a Willie, mas assim que eu pagasse a Marcello explicar-lhe-ia tudo, justificando que fora para proteger toda a gente. Teria de trabalhar muitos anos para pagar a dívida. Ela finalmente ia conseguir o que queria. Eu estaria presa em Nova Orleães.

A manhã foi cheia de imprevistos. A pressão constante da Polícia mantinha Willie agitada. Ela pediu-me para levar o livro negro para casa comigo e guardá-lo no meu apartamento.

– Eles vieram bisbilhotar ontem às seis. Às seis da tarde, onde é que já se viu? Agiram como se fosse uma visita social e ficaram até à uma da manhã. Perdi uma noite inteira de negócio, a entreter o chefe e os amigos polícias. Mas o que é que eu podia fazer? Puseram-se a jogar cartas; as meninas ficaram nos quartos, entediadas de morte. O chefe cuscava tudo, tive de o seguir por toda a parte. Tive medo de que ele encontrasse os esconderijos. Leva o livro. A partir de agora, dou-te os papéis e tu fazes o registo em tua casa.

Concordei com a cabeça e peguei no livro negro. Ela acendeu um cigarro e recostou-se na cama.

– Sabes que mais? Estou muito cansada para continuar este jogo. O que achas de pormos um ponto final?

– Está cansada do negócio? Da Polícia?

– Sim, disso também. Mas estou cansada deste jogo contigo. Tenho estado à espera de que venhas ter comigo. No início fiquei com raiva por pensares que eu seria tão estúpida. Tens dezoito anos, pelo amor da Santa! Talvez devesse ficar feliz por ainda teres um lado inocente, embora ridículo, em ti. Mas às vezes isso deixa-me simplesmente fora de mim.

– Não sei do que estás a falar.

– Ah, para lá com isso! Sei que estás triste por causa do Charlie e do Patrick, mas não é disso que se trata. A tua mãe ferrou o dente em Forrest Hearne no momento em que o viu, e tu sabes. Tu também cismaste com Hearne, só que de uma forma diferente. A tua mãe disse ao Cincinnati que tinha encontrado um alvo. O Cincinnati pagou ao *barman* para deitar as gotas na bebida de Hearne para que apagasse o tempo suficiente para o depenar. Mas o empregado exagerou e Hearne acabou morto. Mesmo que seja óbvio para qualquer pessoa, até para a Polícia, que eles são culpados, eles saíram em liberdade porque têm um álibi. E quem é que pode dar-se ao luxo de comprar álibis nesta cidade?

Sim, o Carlos Marcello. Por isso agora a tua mãe tem a mão negra nas costas.

Eu estava de pé ao fundo da cama de Willie, agarrada ao livro. As lágrimas vieram-me aos olhos.

Ela assentiu com a cabeça, a voz rouca baixando de tom.

– Achas que não sei o que está a acontecer, Jo? Achas que não tenho olhos espalhados nesta cidade? Frankie não é o meu único informador. Já tive pessoas a puxar-me à parte na rua, a dizer-me que os homens do Marcello estavam de olho em ti, com carros a seguir-te por toda a cidade. E, de repente, comesas a agir como uma tresloucada. O Jesse veio mudar o óleo da *Mariah*, e o pobre rapaz encontrava-se num estado lastimável. Disse que lhe partiste a janela, que lhe pediste para entaipar a tua casa e que depois fugiste. Não preciso de te dizer que fizeste asneira da grossa com ele. E todo este tempo, eu a dizer-lhes que virias pedir-me ajuda. Estive sempre à espera de que viesses ter comigo.

– Eu não podia – soluzei.

– Porque não? – exigiu saber Willie.

– Eles disseram que a matavam.

– E acreditaste neles? Jo, eles querem o teu dinheiro e para o conseguirem ameaçam Deus e o Diabo. Eu sei como lidar com o Marcello.

– Não, Willie, não pode. Eu não quero que lhe aconteça nada, a si ou ao Cokie.

– Para de choramingar. Eu não sou uma idiota. Quanto é que eles querem?

Eu mal conseguia encará-la.

– Cinco mil – respondi baixinho.

Willie atirou as cobertas para trás e começou a andar de um lado para o outro, as cinzas a voar da beata do cigarro. Uma veia de fúria pulsava-lhe na têmpora.

– A tua mãe devia ser pendurada pelas pálpebras. Passar à filha uma dívida da máfia? Vamos fazer o seguinte: eu dou-te o dinheiro para pagares ao Marcello, mas tu vais a alguns bancos trocá-lo por notas pequenas e moedas. Quando entregares o dinheiro ao Tangle Eye tem de parecer que o desencantaste na sarjeta. Moedas pequenas, de cêntimos, até. Distribui tudo por sacos e envelopes diferentes. Se fores pagar com notas grandes, eles percebem que tens uma única fonte e continuam a pedir mais. O Sonny leva-te hoje à tarde ao Mosca's. Tu entras e pagas. Certifica-te de que eles te dizem que a dívida está paga.

– Eu é que vou pagar? Tenho de levar cinco mil dólares aos homens do Marcello? Eles não vêm buscá-lo?

– Tu não queres que sejam eles a vir buscá-lo. Se te fazem uma visita, quer dizer que o prazo já venceu e que passas a dever mais. Tens de lhes pagar antes de virem atrás de ti. – A pele do peito de Willie formou rugas e alguns derrames atravessavam-lhe o pescoço. Ela foi ao cofre no armário e começou a atirar maços de dinheiro para a cama.

– Aí estão quatro mil. – Ela inclinou-se, encostando-se à moldura da porta do armário. – Quanto ganhaste por ires para a cama com Lockwell ontem à noite?

Fiquei a olhar para ela.

– Quanto? – insistiu ela.

– Nada.

– Nada?! Qual é o teu problema? Podias ter conseguido um par de notas de cem.

– Eram mil e quinhentos. – Olhei para Willie. – Mas não consegui. Ele dançou comigo, tocou-me e eu não fui capaz de suportar. Apontei-lhe a minha arma e depois fugi.

Ela deu uma longa e lenta passa no cigarro e assentiu.

– É assim mesmo. Fizeste bem, Jo. – Atirou mais mil dólares para a cama.

Fomos de carro até à região de West Bank. Fui sentada no banco do passageiro do carro de Sonny, com sacos de farinha, sacos de papel e envelopes cheios de notas pequenas e moedas aos meus pés. Cinco mil dólares. Sonny conduzia com uma caçadeira entre as pernas. Não disse nada, apenas fumava e ouvia com toda a atenção o folhetim radiofónico *Young Widder Brown* crepitar no seu rádio a válvulas feito por encomenda. O corpo robusto curvava-se sobre o volante, absorto com o mais recente episódio da viúva Ellen Brown e o seu romance com Anthony Loring.

Eu preferia que Sonny fosse entregar o dinheiro, enquanto eu esperava no carro, mas Willie dissera que não era assim que se fazia. Pensei na marca da mão negra na porta da Esplanade e em como tinha criticado as pessoas por serem tolas e se envolverem com a máfia.

Sonny atravessou um troço de estrada deserto e parou em frente a um edifício de ripas de madeira branca. Levantou a mão para me silenciar, terminando de ouvir o folhetim e a saga de amor de Simpsonville. Depois desligou o rádio e pegou na caçadeira.

– Certifica-te de que o contam – recomendou ele.

Com os braços a abarrotar de sacos e envelopes, fechei a porta do carro com a anca e entrei na casa, ficando momentaneamente cega com a densa escuridão, os olhos, vindos do exterior, incapazes de se ajustarem. Semicerrei os olhos como um relojoeiro e consegui discernir um bar e algumas mesas. A sala estava quase vazia. O restaurante só abria às cinco e meia. A voz de Vic Damone soava da *jukebox*, e um único empregado arrumava o bar.

– Posso ajudar? – perguntou o *barman*.

– Estou à procura de Tangle Eye.

– Lá ao fundo, encostado à parede.

Passei pela fila de mesas no escuro, segurando o dinheiro. Os meus olhos começaram a focar e a sala tornou-se mais visível. Mesmo ao fundo do restaurante encontravam-se três homens sentados a uma mesa. Quando me aproximei, dois levantaram-se e desapareceram para a cozinha. Fui até à mesa e fiquei ali parada. Ele olhou para mim com o olho direito, enquanto o esquerdo flutuava sem rumo.

– Que porcaria é essa? – perguntou, apontando para os meus braços.

– É o dinheiro. – Pousei a carga na mesa e deixei escorregar um envelope. Moedas de todas as cores e feitios espalharam-se pelo tampo. Willie ficaria orgulhosa.

O efeito foi notado.

– Achas que sou alguma máquina, por acaso? – disse Tangle Eye.

– Está tudo aqui. Pode contar.

– Eu não toco nessa coisa imunda. Sabe-se lá de que buraco arrancaste isto. Conta-o tu.

Sentei-me e contei o dinheiro. Ele fazia marcas num guardanapo para cada mil, mas rapidamente ficou impaciente. Chamou os outros dois homens da cozinha para terminar a contagem.

– Devias ter trazido notas grandes – disse ele, quando a contagem terminou. Eu tinha dois dólares a mais, ideia de Willie.

– Não tive tempo de arranjar notas grandes. Estava demasiado ocupada a pedir esmola para conseguir chegar aqui a tempo.

– Quem te disse que chegaste a tempo? – retorquiu ele.

– Eu cumpri o prazo. E estamos quites.

Ele debruçou-se na mesa, com o olho esquerdo balançando furiosamente.

– Só estamos quites quando o homem disser que estamos quites, entendido? É melhor rezares para não encontrarmos a tua mãe na Califórnia. Ninguém foge de uma dívida como esta, percebes?

Levantei-me.

– Esse assunto vai ter de ser tratado com a minha mãe e o Cincinnati. Está tudo aqui. Já apontou cinco mil dólares.

Um homem apareceu, pousando um prato à frente de Tangle Eye. Frango frito com alho, vinho branco e azeite. Tinha um cheiro delicioso.

– Ela come? – perguntou o homem.

Tangle Eye enfiou o guardanapo no colo e olhou para mim.

– Comes?

A minha prima Betty enviou-me uma carta com as histórias mais absurdas sobre ti.

Era o que dizia a carta de Charlotte.

Está a ser uma viagem fantástica. Há notícias do Smith College? Sinto a falta do Charlie. Sinto a tua falta.

Era o que dizia o postal de Patrick.

Fico a aguardar a sua resposta, que espero seja favorável, ainda no presente mês.

Era o que dizia a carta de Ms. Mona Wright. Ainda não fazia ideia o que significava «Ms.». Teria de pesquisar no manual prático de redação empresarial. Era obviamente algum tipo de título.

Sadie ajudou-me a preparar a bandeja de pequeno-almoço de Willie. Na noite anterior, antes de me deitar, eu tinha decidido contar-lhe sobre o relógio de Forrest Hearne e também que a mãe tinha roubado o relógio da Adler's que ela me oferecera. Sabia que ela iria ficar furiosa e chamar-me estúpida, mas tinha de o fazer. E depois tinha de contar a Cokie sobre o roubo do dinheiro que ele me dera. Ia ser um dia difícil, no mínimo.

Willie estava acordada, vestida com um quimono de cetim vermelho, a espreitar pelas venezianas fechadas.

– Vermelho, esse é diferente. É novo? – perguntei.

– Inacreditável. A esta hora da manhã, e já puseram um polícia ali, sentado no carro. Estou tentada a mandar-te levar-lhe um café. Estes polícias são burros que nem cegos, digo-te eu.

– O chefe da Polícia esteve cá outra vez ontem à noite? – perguntei.

– Não, mas mandou três homens por volta da meia-noite. A Sadie tocou a campainha e eu entrei-me na porta lateral enquanto toda a gente saía. Um velho advogado da Geórgia não conseguiu. Encontrei o pobre homem totalmente nu, a tremer atrás de uma bananeira no pátio. Tive de lhe devolver o dinheiro. Isto está a dar-me cabo do negócio. – Ela virou-se para mim. – O que dizem os jornais esta manhã?

Eu não queria entregar-lhos. Os artigos diziam que a pressão sobre o Bairro Francês estava a aumentar e que havia relatos de cada vez mais casos de assaltos e roubos. Assaltos. Pensei em mim, a encurralar Lockwell com a minha pistola.

– Não se preocupe com as notícias, Willie.

Ela pegou nos jornais da bandeja com um gesto brusco. Vi o calor da fúria subir-lhe ao rosto.

– Willie, quero agradecer mais uma vez por me ter ajudado com a dívida. Nem consigo exprimir o alívio que é. Ontem à noite foi a primeira vez que consegui dormir em paz.

– Vais pagar tudo com trabalho. Cada cêntimo. Felizmente não és uma ingrata como a tua mãe,

mesmo que não uses o relógio que te dei.

O meu primeiro instinto foi mentir sobre o relógio. As mentiras tinham-se tornado tão fáceis. Mas contive-me. Tinha de contar a Willie sobre o meu relógio e sobre o relógio de Forrest Hearne. Ela estava de pé ao lado da cama ainda a ler as manchetes.

– Eu não uso o relógio, Willie, porque a minha mãe e Cincinnati mo roubaram.

Willie ergueu lentamente os olhos para mim, acima do jornal.

Confirmei com um gesto de cabeça.

– Eles invadiram o meu quarto e roubaram-me o relógio e a pistola. Eu... não lhe tinha contado, mas o Cokie deu-me dois mil dólares que ganhou ao jogo para que eu pudesse ir para a faculdade. Eles levaram esse dinheiro, também.

Desejei não ter contado nada, retirar tudo o que acabara de dizer. Lívida era um eufemismo. A expressão no rosto dela era indescritível. Fúria e dor perpassaram-lhe o rosto em simultâneo. Os olhos piscavam loucamente.

– Willie?

Ela estendeu a mão para a cama para se apoiar e caiu desamparada, derrubando um vaso que estava em cima da mesa de cabeceira. Os joelhos dela bateram no chão.

– Willie! – Apressei-me a agarrá-la. Os olhos dela estavam arregalados e salientes, e um som gago subiu-lhe da garganta. Ela estendeu a mão e agarrou-se ao meu ombro. Eu gritei por Sadie.

– Vou ligar ao doutor Sully. Está bem, Willie?

Ela apontou para a janela fechada. Eu entendi.

– Eu não deixo a Polícia entrar, Willie. Prometo. Gritei novamente por Sadie, desta vez mais alto. Ela veio a correr e levou as mãos ao rosto, horrorizada, quando viu Willie.

– Não sei o que aconteceu. Ela simplesmente caiu. Vamos levá-la para a cama. Depressa, Sadie, tenho de telefonar ao doutor Sully.

Mas o corpo de Willie era demasiado pesado. Não conseguíamos levantá-la sozinhas. Evangeline espreitou à porta do quarto.

– Evangeline, ajuda-nos! – exclamei. Ela abanou a cabeça e recuou, assustada.

Tive vontade de lhe bater.

– Deixa de ser parva e egoísta! Vem cá ajudar-nos, ou juro que te dou um tiro. Já!

Evangeline obedeceu. Pegou Willie pelos pés e as três juntas fomos capazes de a levar para a cama.

– Levanta-lhe a cabeça – disse eu a Sadie. – Ela quase não respira. – Corri para o telefone da entrada. Sweetie estava no patamar da escada. Evangeline deu-lhe um empurrão ao passar por ela, subiu as escadas e bateu com a porta do quarto.

– Jo, o que se passa? – perguntou Sweetie.

– É a Willie. Estou a telefonar ao doutor Sully. Fecha as portas todas. Há um polícia lá fora num carro preto.

Sentei-me com Willie apoiada nas almofadas. Ela transpirava e tinha vomitado ao lado da cama.

– Os abutres virão. Não os deixes entrar – arquejou.

– Pare, Willie. Vai ficar bem. Ouviu?

– Não os deixes entrar. Nunca os deixes entrar – disse num suspiro.

Willie era indestrutível, resistente como o aço. Vê-la assim deixava-me aterrorizada.

Ela ajudara-me, protegera-me em tantas situações da minha vida, e eu era inútil, incapaz de fazer

fosse o que fosse por ela. Segurei-a nos meus braços. Os tremores acalmaram. Ela deitou a cabeça no meu peito. Eu cantarolei *Buttons and Bows* e acariciei-lhe o cabelo. Os jornais espalhados pelo chão e a bandeja do pequeno-almoço intacta ao pé da cama pareciam olhar para mim, ordenando-me a fazer algo mais.

Willie apertou-me a mão.

– Amendoins salgados – sussurrou ela.

O Dr. Sully finalmente chegou e entrou a correr no quarto. Olhei para cima, as lágrimas a escorrerem-me pela cara abaixo.

Era tarde de mais.

Cokie estava sentado no salão, o rosto enterrado no boné. Os soluços saíam-lhe com uma dor tão profunda e triste que me assustaram. Sadie ajoelhou-se aos pés dele e pousou-lhe mão nos joelhos. Ele olhou para cima quando saí do quarto de Willie com o Dr. Sully. O corpo tremia-lhe de tristeza enquanto falava.

– Jo, ela foi-se mesmo?

Fiz que sim.

– Queres vê-la?

– Não – protestou por entre as lágrimas. – Não quero ver um corpo morto. A Willie não está lá. Ela já calçou os sapatos para andar e foi ter com o Senhor.

– Talvez possamos ir até à cozinha – sugeriu o Dr. Sully. – Há medidas que terão de ser tomadas.

Reunimo-nos todos na cozinha, exceto Evangeline. Ela não quis falar com ninguém nem abrir a porta. Dora estava inconsolável, chorando debruçada na mesa da cozinha, enquanto Sweetie lhe esfregava as costas.

– As pessoas vão ficar a saber – disse Sweetie. – Acho que o melhor é organizarmos tudo. A Willie iria querer que assim fosse.

– Sim, é verdade – disse o Dr. Sully, cujo rosto ainda exibia choque total. – Jo, calculo que tenhas os papéis pessoais da Willie?

– Papéis? Não, ela nunca me falou de nada – respondi.

– Bem, eu sei que ela tem um advogado – disse o Dr. Sully. – Vou falar com ele. Entretanto, é melhor escrever um aviso de falecimento e tratar do funeral.

Dora endireitou-se na cadeira, a maquilhagem da noite anterior derretida no rosto húmido de lágrimas.

– Tem de ser algo especial. A Willie Woodley tem de sair em grande estilo. Ela queria isso. Se tiver de ser, vou trabalhar para a rua para pagar. – Ela soluçou, puxando lenço após lenço dos seios.

– Dora, a Willie não iria querer que fosses para a rua – repreendeu Cokie.

– A Willie sempre disse que a funerária Laudumiey era boa. Deveríamos contratá-la – sugeriu Sweetie.

Vi-me forçada a constatar o óbvio.

– A Willie não ia gostar que as pessoas viessem cá para a casa depois do funeral – afirmei eu em voz baixa. Todos concordaram comigo.

– Vamos fazer uma festa depois do funeral, uma coisa em grande – sugeriu Dora. – Os tipos do Galatoire's adoravam a Willie. E os clientes podem simplesmente dizer que vão lá comer. Oh, a Willie adorava a *rémoulade* de camarão. – Aquela pequena recordação fez Dora ter um novo ataque de choro.

Dora estava certa. Willie relacionava-se com tanta gente. Lojistas, donos de restaurantes, fornecedores de bebidas, músicos, contabilistas, empresários e funcionários do governo. Muita gente queria apresentar as suas condolências, mas não poderia fazê-lo abertamente e ficar associado à

casa de Willie. Um evento num restaurante local iria homenageá-la como membro da comunidade, não apenas como dona de um bordel.

– Não tenho palavras para te dizer como é triste este dia para mim – disse o Dr. Sully com a voz quebrada. – Conheço a Willie desde que éramos crianças. O Bairro não será o mesmo sem ela. – Pigarreou, tentando afastar a emoção. – Parece que temos um plano definido. Josie, ficas responsável pela coordenação?

– Eu? Porquê eu? – espantei-me.

– Oh, docinho, sabes bem que seria o desejo da Willie – disse Dora. – E aproveito para avisar que estou oficialmente de luto.

– Eu ajudo-te, Josie – fungou Cokie. – O melhor que eu puder. – Sadie anuiu. Sweetie disse que iria tomar as devidas providências para que Walter Sutherland pagasse o evento no Galatoire's.

Cokie comprou uma coroa de flores preta para a porta. A notícia voou pelo Bairro Francês. Sadie ficou na porta da frente, Sweetie na lateral. As flores começaram a chegar. Sal trouxe comida do restaurante.

Sentei-me ao lado da cama de Willie, olhando para ela, as mãos cruzadas sobre o peito. O quarto estava quente e abafado, numa escuridão espessa. Estávamos sozinhas.

A culpa era minha. Olhei para os olhos vazios de Willie e soube que o meu egoísmo lhe tinha feito mal. Eu já tinha visto as mãos e tornozelos inchados, reparado no cansaço, mas estava demasiado ocupada com os meus próprios planos para a ajudar. Ou talvez um desejo de provar que ela estava errada. Ela sempre me alertara, previra exatamente como as coisas se iriam desenrolar, mas sempre que a vida me mentia, eu tentava racionalizar a situação, agarrada a alguma promessa sem pés nem cabeça, como Forrest Hearne.

Contei a Willie tudo sobre Mr. Hearne, como ele me fizera sentir e porque é que eu tinha ficado com o relógio.

– Então enterrei-o em Shady Grove – disse-lhe. – Eu sei que ele não é meu pai, Willie, mas porque é que não posso sonhar que é? Não serei suficientemente boa para acreditar que a outra metade de mim é algo maravilhoso, que eu poderia ser David Copperfield? Se o pensamento de que faço parte de algo respeitável me dá esperança, porque não posso agarrar-me a ele? Ele partiu do princípio de que eu estava na faculdade, Willie. Um homem elegante e inteligente como aquele achou que eu estava na faculdade, e sabe que mais? Isso fez-me querer viver de acordo com a visão que ele tinha de mim. Ele deu-me esperança. O sonho permanece vivo no relógio.

Eu queria que ela me insultasse, me chamasse idiota ou qualquer outra coisa. Mas eu não precisava de lhe ordenar que falasse. Era capaz de ouvir a sua voz, sabia exatamente o que ela diria e como o diria.

– Sim, Willie, mas que cruel reviravolta do destino fez com que o homem que eu sonhava ser meu pai acabasse morto pela minha mãe? É quase shakespeariano.

O agente funerário chegou. Pareceu perturbado pela minha conversa amena com o cadáver de Willie.

– Eu sei, Willie, eu sei. – Virei-me para o agente funerário. – Ela quer vestir o quimono preto. E uma nova camada de batom. – Sadie e eu certificámo-nos de que ficava tudo guardado no cofre. Todos os valores foram colocados no quarto de Willie e a porta trancada.

– Não estou preocupada com os outros – disse a Sadie –, só com a Evangeline. Ela parece fora de si neste momento. – Sadie assentiu.

Desci a Conti Street a caminho da Royal, sem saber como os meus pés eram capazes de andar. A minha vida estava enfiada numa caixa e alguém tinha pegado nela, agitado violentamente e depois atirara-a ao chão. Tudo estava em pedaços, desfeito, e os cacos nunca mais poderiam encaixar. Nunca mais faria o trajeto a pé até casa de Willie pela manhã, abriria a porta com a bandeja do pequeno-almoço, contaria o que descobrira nos quartos durante a limpeza. Nunca mais iríamos para Shady Grove juntas, nunca mais iríamos disparar contra latas em cima do muro ou rir sobre o facto de Ray e Frieda fugirem dos seus demónios à noite metidos no carro. Nunca mais ouviria a sua voz rouca, cheia de alcatrão e gasolina, a repreender-me por ter chegado muito cedo ou muito tarde. Willie deixara de existir, e o vazio deixado para trás era tão grande que eu tinha a certeza de me afogar nele.

No momento em que me aproximei da livraria, chorava como uma Maria Madalena. Tinha o rosto inchado, inundado de lágrimas. A luz do poste mostrou Jesse sentado, com as costas contra a porta da loja, um joelho puxado até o peito. Alcancei a porta. Ele não disse nada, limitou-se a puxar-me para o colo e abraçar-me.

Cokie veio buscar-me no táxi para o funeral.

– Sempre que acho que já chorei tudo vem-me outra onda – disse Cokie. – Nunca ninguém me mostrou tanto respeito como a Willie, exceto tu e a minha mãe. E isso assusta-me, Jo. A Willie era mais forte do que um telhado de zinco, e se ela é capaz de se ir com tanta facilidade, o que é que isso significa para o resto de nós? Eu não consigo perceber. Um dia ela está aqui, e estamos preocupados com Mister Charlie a cortar-se com uma tesoura, com um homem rico do Tennessee a morrer no Bairro, preocupados com a tua mãe e aquele imprestável do Cincinnati, e no momento seguinte está tudo acabado. Morre num instante. O que vamos fazer sem a Willie? Nunca mais vai ser o mesmo. – Cokie enxugou os olhos. – Chamam a esta cidade The Big Easy, mas de fácil não tem nada.

A afluência ao funeral foi enorme. Banqueiros sentados ao lado de contrabandistas. Polícias a conversar com prostitutas. Frankie, Cornbread, Sal, Elmo, Randolph e Sonny, todos contribuíram para a diversidade de retalhos que constituíam a manta que era o funeral de Willie. Walter Sutherland levava um fato de poliéster que lhe assentava mal e que estava coberto de caspa. Evangeline usava o cabelo em duas tranças com grandes laços pretos e uma saia inapropriadamente curta. Jesse observava-me do outro lado da sala, sorrindo sempre que os nossos olhos se cruzavam. Nunca o tinha visto de fato. Estava soberbo.

Willie queria ser cremada, mas Dora insistira que ela fosse primeiro colocada num caixão preto forrado com cetim vermelho, para combinar com a *Mariah*. O agente funerário garantiu-nos que era o *Cadillac* dos caixões. Dora, e com os seus enormes seios, convenceu-o a alugá-lo a nós por um dia. Os ramos de flores eram gigantescos, incluindo um de Carlos Marcello. Sweetie cantou uma versão *a cappella* de *Amazing Grace* que nos desfez em pedacinhos. Cokie chorou abertamente e sem vergonha, demonstrando o mesmo amor e respeito que Willie sempre lhe mostrara.

O dono da agência funerária leu algumas passagens insípidas que não tinham nada que ver com Willie. Chamou-lhe Miss Woodley, o que fez com que todos ficassem de cabelos em pé. Cokie começou a abanar a cabeça.

– Pare! – Dora levantou-se e caminhou decidida para a frente da sala funerária, no seu vestido verde-floresta, a luva a combinar erguida no ar.

– Oiçam, o Senhor pôs-me algo no coração, e eu tenho de falar. Primeiro tenho de dizer que uma vez roubei vinte dólares à Willie e escondi-os na casa de banho. Assim foi, pequei contra a Willie apenas essa vez, e tinha de me limpar disso. Depois, a Willie não iria querer estas leituras de salmos e passagens deprimentes. Não houve cá nenhuma «Miss Woodley». Houve a Willie. Ela adorava a vida e pegava-a pelos cornos. Toda a gente sabe disso. Adorava bebidas fortes, notas de cem novas e adorava o seu negócio. E não julgava ninguém. Amava todos de igual modo: contabilistas, homossexuais, músicos, acolhia-os a todos, dizia que éramos todos igualmente idiotas.

Todos riram. Mas Dora começou a chorar. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto.

– Ela era uma boa mulher, e muitos de nós vamos sentir-nos perdidos sem ela. Por favor, não a deixem partir para o descanso eterno de maneira pacata e aborrecida. Essa não era a Willie.

Cornbread, vem cá e conta como foi daquela vez que a Willie passou por cima da tua perna com o carro. Elmo, conta como a Willie testava os colchões para saber se eram bons o suficiente para a brincadeira. Vamos lá, pessoal, por favor.

A tensão na sala cedeu. As pessoas foram-se levantando, contando histórias sobre Willie, sobre a sua generosidade, bondade e frieza aparente. Eu tinha tanta coisa para dizer, mas não consegui. Por fim, Sadie levantou-se. Passou os olhos pela sala e em silêncio colocou as duas mãos sobre o coração.

Eu perdi toda a compostura. A mulher que nunca tinha dito uma palavra na vida dissera mais do que qualquer um de nós seria capaz.

O Galatoire's rugia como se fosse noite de Ano Novo. Havia uma grande fotografia emoldurada de Willie num suporte ao fundo do restaurante. Estava tão barulhento, tão apinhado, e eu estava tão cansada. Patrick enviara um telegrama. As condolências dele deixaram-me vazia e triste. Evangeline atravessou a multidão bebendo um *Shirley Temple* por uma palhinha. Parou à minha frente.

– Então, serias capaz de o fazer? – perguntou ela.

Abanei a cabeça.

– Não posso seguir os passos da minha mãe.

– Não a parte de venderes o corpo. Quero dizer se serias capaz de assumir o papel da Willie? Ser a nossa *madame*.

Olhei para Evangeline. Ela só podia estar a brincar.

– O quê? Não, nem pensar. Eu não sou nada parecia com a Willie.

Ela rosnou com desdém.

– És muito parecida com a Willie. Ela iria querer que tomasses o lugar dela. – Evangeline olhou-me de cima a baixo. – Era a ti que ela mais amava, sabias? – Voltou a segurar a palha com os lábios e caminhou na direção das risadas de Dora, com um pedaço de papel higiénico colado ao salto.

– Ei, Detroit.

Virei-me.

– Olá, Jesse. Estiveste aqui este tempo todo? – perguntei.

– Não, só vim ver se precisavas de ser salva. – Ele sorriu. A camisa branca estava por fora das calças de ganga dobradas, que, juntamente com as botas, tinham substituído o traje do funeral.

– Foram dois dias muito longos – disse eu.

– Anda, vamos sair daqui.

Caminhámos em silêncio. Fiquei aliviada por escapar ao barulho do restaurante. Jesse entregou-me uma pastilha elástica. Aceitei com satisfação.

Ele parou.

– Ei, posso mostrar-te uma coisa?

– Claro.

– Fecha os olhos. Não abras!

Fiquei no passeio, de olhos fechados. Ouvi o rangido de uma porta e, em seguida, Jesse pegou-me pela mão.

– Não abras os olhos até que eu diga. Mantém-nos fechados. – Andámos um pouco, e eu tentei não tropeçar. Por fim, parámos e ouvi um clique.

– OK, podes abrir.

À minha frente estava o carro mais bonito eu já vira. Era cor de romã muito escura, como as unhas de Willie, com um acabamento tão brilhante que podia ver o meu reflexo nele.

– Jesse, é incrível!

– Gostas?

– Adoro. É tão bonito.

Ele correu para o lado do passageiro e abriu a porta.

– Entra.

O interior em couro castanho-claro era suave e impecável. Jesse sentou-se atrás do volante.

– Demorou muito tempo, mas está quase pronto a ser conduzido. – Ele olhou para mim, com metade da boca puxada num sorriso. – Vou levar-te a sair, sabias?

– Ai, vais?

– Sim, uma saída romântica. Assim que estiver pronto e a funcionar.

– Que importa se funciona? Podemos ser como o Ray e a Frieda e fazermos de conta que estamos a andar. – Inclinei-me para trás no assento. – Onde é que vamos no nosso encontro?

– A Swindell Hollow – respondeu ele sem hesitação.

– Onde é que isso fica?

– É a minha terra, no Alabama.

E assim fomos até Swindell Hollow. O silêncio era agradável, a paz de Jesse. Encostei a cabeça para trás e fechei os olhos. Imaginei a estrada de duas faixas a passar debaixo dos pneus e a brisa a deslizar pela janela aberta, levantando-me as pontas do cabelo. Senti Nova Orleães ficar para trás, a malha pesada e cinzenta a erguer-se e o céu a tornar-se mais leve, as árvores mais verdes.

– Devo-te um pedido de desculpas – disse eu, finalmente.

– Sim?

– Sim.

Comecei a contar-lhe sobre a dívida a Carlos Marcello. Jesse tirou as mãos do volante e virou-se para mim.

– Eu acho que sei tudo sobre isso – disse ele. – A Willie contou-me quando estive a arranjar o carro dela. Ela estava à espera de que tu lhe fosses pedir ajuda. Mas não o fizeste.

– Então sabes de tudo. Sinto-me uma pateta – disse eu.

– Não te sintas pateta. Diz-me uma coisa que eu não saiba.

– Hum... deixa-me ver. Sabias que no dia em que te vi com os teus amigos estava a caminho de sacar mil e quinhentos dólares ao sebento do John Lockwell? Bem, acobardei-me, atirei-lhe com os sapatos e aponte-lhe uma arma.

– Não gostei dos sapatos – comentou Jesse.

– Ah, e sabias que conheci o tal turista de Memphis no dia em que morreu no Bairro? Ele entrou na livraria e comprou-me dois livros. Foi tão gentil e simpático que eu fiz dele o meu pai-herói imaginário. Sabias disso?

Jesse abanou a cabeça.

– O que mais... ah, depois encontrei o relógio dele debaixo da cama da minha mãe e, por alguma estranha razão, fiquei completamente apegada a ele. Na noite em que me viste no rio, eu não estava lá para me ir encontrar com o Patrick. Eu ia atirar o relógio para o fundo do rio. Mas não fui capaz e comecei a chorar. Mais tarde, enterrei-o em Shady Grove, embora a Polícia andasse à procura dele.

Olhei de esguelha para Jesse, esperando repulsa ou choque. Ele apenas acenou com a cabeça.

– Mais... aposto que não sabes que recebi uma grande carta de rejeição do Smith College. Em vez de me convidarem para estudar lá, anexaram uma carta de alguma escritora solteirona a pedir-me para lhe ir limpar a casa em Northampton.

Jesse endireitou-se.

– Foi humilhante, mas não tão humilhante como a minha nova amiga Charlotte descobrir pela prima daqui de Nova Orleães que convidou a filha de uma prostituta para a sua casa de verão nas montanhas de Berkshire.

Respirei fundo e olhei para Jesse.

– Céus, soube mesmo bem deitar isto tudo cá para fora.

Ele deslizou no banco para junto de mim.

– Ah, sim? Estás a gostar do Alabama até agora?

– Estou a adorar o Alabama. – Parecia que milhares de quilos se tinham levantado dos meus ombros e voado pela janela do carro de Jesse.

– É só isso que tens para contar? – perguntou Jesse.

– Não. Aqui está mais uma para adicionar ao monte da humilhação. Não só bastava eu ser filha de uma prostituta, como o meu nome ainda é homenagem a uma. Josie Arlington era uma dona de bordel que tinha uma casa na Basin Street. Por uma taxa extra, oferecia uma espécie de circo sexual. E eu recebi o nome dela.

– Tlim! – Jesse tocou um sino inexistente na nossa frente. – Senhoras e senhores, temos um par! Os dois têm nomes herdados de gente de má reputação. – Jesse virou-se para mim. – Mas, na verdade, eu ganho. Tu recebeste o nome de uma dona de bordel. Eu recebi o nome de um assassino. Por isso, o meu é pior.

Fiquei de boca aberta.

– Sim, o criminoso senhor meu pai chamou-me Jesse em homenagem a Jesse James. Disse-me para crescer e tornar-me tão bom bandido como ele e honrar o meu nome. Digo-te uma coisa: espero sinceramente que o meu pai nunca conheça a tua mãe.

– Alguma vez pensaste em mudar de nome?

– Nã, Jesse Thierry é quem sou.

– Eu quero mudar o meu. A Willie disse que eu deveria mudar o meu apelido.

– O apelido é capaz de ser boa ideia, mas não mudes o Josie – disse ele.

– Não?

– Não. – Ele brincava com um botão do painel de instrumentos. – Gosto da maneira como soa quando o digo.

O punho da camisa branca de Jesse estava aberto no pulso. Estendi a mão e comecei dobrá-lo lentamente a para trás. Ele olhou para as minhas mãos que lhe tocavam no antebraço. Os meus dedos não se fecharam em punho, apenas deslizaram suavemente para cima e para baixo na sua pele. Ele olhou para mim. Eu retribui o olhar.

– OK – disse eu –, é a tua vez. O que é que eu não sei sobre o Jesse Thierry?

– O que não sabes? – Jesse deslizou o braço para o meu ombro e puxou-me para mais perto. – Talvez que eu quero muito beijar-te neste momento.

— Não temos opção. O advogado de Willie solicitou a nossa presença. Ele tem perguntas para nos fazer — disse eu.

— Mas isso deixa-me nervoso — disse Cokie. — Eu não quero ir falar com nenhum advogado a debitar discursos sobre a Willie. Ela nunca gostou que ninguém falasse do negócio dela, e não sou eu que vou começar agora, mesmo que ela tenha morrido. Por isso, não vou dizer nada. Vamos deixar a Sadie fazer a conversa toda.

Do banco de trás, Sadie chegou-se à frente do táxi e deu uma palmadinha na cabeça de Cokie. Sadie também estava nervosa. Tanto ela como Cokie tinham vestido as roupas de ir à igreja e estavam a peguilhar desde que entráramos no táxi. Eu estava mais do que nervosa, mas não por causa do advogado. O escritório do advogado era no Hibernia Bank Building, um andar abaixo do gabinete de John Lockwell. Só de pensar nele sentia a bília subir-me à garganta. Eu tinha adiado a reunião com o advogado duas semanas, mas já não podia fazê-lo por mais tempo.

Entrámos no átrio e tirei a carta da mala. Cokie espreitou por cima do meu ombro.

— Excelentíssimo senhor doutor Edward Rosenblatt. Soa a riqueza. Willie com certeza não se dava com nenhum advogado todo pomposo.

Fiz-lhe sinal para se calar e entrámos todos no elevador.

Lá dentro, senti o mesmo que Cokie. Willie não gostava nada de bancos, por isso certamente não faria negócios com um advogado rico qualquer. Eu tinha feito uma promessa. Não ia revelar nada sobre Willie. Podiam torturar-me, ameaçar-me, mas não o faria. Não se preocupe, Willie, eu não vou deixar que os abutres entrem.

Chegámos ao sétimo andar. Cokie tirou o boné e começou a amassá-lo nas mãos. Ele e Sadie ficaram para trás, junto ao elevador. Aproximei-me da secretária e disse à rececionista que havíamos chegado para a reunião. Minutos depois apareceu uma mulher.

— Mister Rosenblatt vai recebê-los agora.

Fiz sinal a Cokie e a Sadie. Atravessámos um labirinto de datilógrafas. Os olhos de Sadie eram redondos como panquecas, embasbacada com o luxuoso ambiente empresarial. A mulher conduziu-nos a um escritório. Havia três cadeiras colocadas em frente a uma mesa comprida.

— Mister Rosenblatt vem já. Por favor, fiquem à vontade.

Cokie não queria sentar-se. Lancei-lhe um olhar zangado e apontei para a cadeira. O escritório era adorável, com painéis de carvalho e uma grande parede de estantes com volumes impressionantes de livros de Direito. Sadie deu-me uma cotovelada no braço e apontou para duas fotografias em molduras de prata: uma de uma senhora mais velha, a outra um retrato de uma grande família.

— Peço desculpa pela demora. — Um cavalheiro elegante, de cabelos grisalhos, entrou na sala e fechou a porta atrás de si. Tinha óculos redondos e parecia o tipo de pessoa que fumava cachimbo enquanto assistia a jogos de polo. Achei reconhecê-lo do funeral.

— Eu sou Ed Rosenblatt. O senhor deve ser Mister Coquard? — Estendeu a mão a Cokie para um cumprimento. — E as senhoras devem ser Miss Moraine e Miss Vibert. É um prazer conhecer-vos. —

Contornou a secretária e sentou-se na cadeira de couro acolchoada. Pegou numa pasta de arquivo que tinha à sua frente. – Vamos começar? – Olhou para nós e sorriu. Parecia genuíno, amável.

– Em primeiro lugar, Miss Vibert, estou ciente do seu problema vocal, por isso vou manter a nossa conversa o mais direta possível. Gostaria de apresentar as minhas condolências a todos. Tenho a certeza de que vos é muito dolorosa a perda de Willie.

– É, sim, senhor – disse Cokie. – E não quero faltar-lhe ao respeito, mas aviso já que não vou responder a perguntas sobre os assuntos privados de Willie. Ela não quereria. – Sadie concordou com a cabeça com veemência.

Mr. Rosenblatt olhou para Cokie, depois para Sadie e finalmente para mim.

– Willie era uma pessoa muito reservada, e nós gostaríamos de honrar a sua vontade – expliquei.

– Acho que a vossa lealdade é exatamente a razão por que estão aqui. Deixem-me explicar uma coisa. Conheço a Willie desde os meus quatro anos de idade. Crescemos juntos no Bairro Francês, juntamente com o doutor Sully e alguns outros. Na verdade, quando eu tinha cinco anos, decidi que queria casar com a Willie, mas ela não aceitou. Chamou-me Rosie e disse que eu era um pretensioso. Disse que, em vez de casamento, preferia fazer negócios comigo porque achava que eu era inteligente. Podem imaginá-la com cinco anos, de mão na anca, com o dedo em riste a fazer assim um acordo comercial, não podem?

Eu sorri. Era muito fácil imaginar a cena, ao pensar na menina atrevida que vira na foto escondida em Shady Grove.

– Assim éramos nós. A Willie, Sully e Rosie, uma versão dos Três Mosqueteiros no Bairro Francês. – O advogado pousou as mãos na mesa. – Mas algo aconteceu quando estávamos prestes a fazer doze anos. Willie mudou. Fazia qualquer coisa para não voltar para casa. O Sully e eu suspeitávamos do pai dela.

Pensei em Willie a dizer-me que os pais eram sobrevalorizados e que o meu era provavelmente algum canalha.

Mr. Rosenblatt continuou:

– Ela começou a dar-se com um grupo da pesada. Fomo-nos afastando com os anos. O Sully foi para a Faculdade de Medicina, eu fui para a Faculdade de Direito e a Willie abriu o seu negócio. Perdemos o contacto durante algum tempo, principalmente porque o Sully e eu ficámos assustados com o caminho que a Willie decidira seguir. Então, há vinte e cinco anos, na véspera de Ano Novo, eu e o Sully fomos jantar com as nossas esposas. A Willie veio até à nossa mesa e perguntou ao Sully se ele ainda tinha a físga. Disse que precisava de a usar em algum idiota que estava no restaurante. Foi como se voltássemos novamente a ter dez anos. – Mr. Rosenblatt abriu um sorriso reflexivo. – Há algo especial nas ligações de infância, acho. Trabalhei sempre com a Willie desde então.

Ficámos todos a olhar para ele, espantados.

– Sou o gestor de bens dela – acrescentou para clarificar. – Eu sei que é muita informação para digerir.

– É capaz... simplesmente não consigo imaginar a Willie como criança – disse Cokie.

Mr. Rosenblatt tirou uma pasta de arquivo da gaveta de baixo. Mostrou-nos uma fotografia já gasta de três crianças em pé na Jackson Square. Willie, ao centro, a fazer músculo com o braço direito.

Cokie assobiou entre dentes.

– Uau, olhem para isto. Parece que ela era capaz de dar uma coça aos dois.

– E era – concordou o advogado. – Tenho as cicatrizes para o provar. – Guardou a fotografia. –

Como sabem, a Willie era uma mulher inteligente e organizada. Ela sempre gostou muito de dinheiro durante a vida e gastou a maior parte do que ganhou. Não era poupada e não confiava nos bancos, por isso os bens não são muito extensos. Não vou desperdiçar o vosso tempo a ler páginas e páginas de linguagem jurídica. É muito simples. A Willie nomeou Miss Moraine como sua testamentária, e os bens serão distribuídos da seguinte forma: a casa na Conti será propriedade conjunta de Mister Coquard e Miss Vibert...

Sadie arquejou e agarrou o braço de Cokie.

– Como é lá isso? – perguntou Cokie.

Mr. Rosenblatt assentiu.

– Vou percorrer a lista e depois responderei a quaisquer perguntas que tenham. Como eu estava a dizer, a casa na Conti Street e o mobiliário serão de propriedade conjunta de Mister Coquard e Miss Vibert. Não há hipoteca. A casa e a propriedade conhecida como Shady Grove será de propriedade exclusiva de Miss Moraine. Esta propriedade também está livre de dívidas. O automóvel, carinhosamente conhecido como *Mariah*, bem como todas as armas de fogo, serão propriedade exclusiva de Miss Moraine. Todas as joias de Willie e pertences pessoais serão de propriedade conjunta de Miss Moraine e Miss Vibert. Todas as sobrinhas e homens de informação atualmente ao serviço de Willie receberão cem dólares por cada ano de serviço. Depois de todas as dívidas pendentes serem pagas, o dinheiro restante será dividido equitativamente, em cinco partes, entre os três presentes e os dois mosqueteiros sobreviventes, o doutor Sully e eu.

A sala ficou em silêncio. Sadie sentou-se muito direita, com a boca aberta de incredulidade. Cokie desatou a chorar.

– Mister Coquard – começou o advogado.

– Cokie – corrigiu ele.

– Cokie, trabalhava para Willie há mais de vinte anos. Ela valorizava muito a sua amizade e lealdade. Esta era a vontade dela – explicou Mr. Rosenblatt.

Cokie falou baixinho entre as lágrimas:

– Mas nada disso é bom. Não percebe? Nada vai compensar a morte dela.

Os olhos de Mr. Rosenblatt encheram-se de lágrimas contidas.

– Concordo. Nada poderá compensar o desaparecimento da Willie.

Passou a explicar os passos seguintes e o processo. Fez sugestões sobre os serviços de planeamento financeiro. Insistiu para que não contássemos a absolutamente ninguém sobre a herança de Willie, porque ela temia que nos tornássemos alvo de burlões e gatunos.

– Aí está uma coisa inteligente – disse Cokie. – Aqui a menina Josie tem um coração de alcachofra. Há uma folha para todos. Por isso não contes a ninguém, Jo. De qualquer maneira, tens outros planos. – Cokie fez um gesto afirmativo e sorriu para o advogado. – A Josie vai para a faculdade.

Todos olharam para mim, querendo que eu explicasse que tinha sido aceite no Smith College e que ia escapar de Nova Orleães. Mas não era verdade.

Willie. Universidade. Mãe. Abutres. Uma ventoinha parecia zumbir muito alto dentro da minha cabeça. A certa altura, olhei para cima e dei-me conta de que já estavam todos levantados.

– Mais algum assunto que queira tratar, Miss Moraine? – O advogado, Cokie e Sadie tinham os olhos postos em mim.

– Sim – respondi, ainda atordoada. – A Willie queria que eu mudasse o meu nome.

O sol do meio-dia escaldava. Estiquei as pernas e massajei a parte de trás do pescoço.

– Tem aí um carro fantástico – comentou um homem que fumava um cigarro na calçada.

– Obrigada. – O homem deu a volta ao carro, admirando-o. Pensei em Cokie e como se emocionara quando eu insisti em dar-lhe a *Mariah*.

– Deve ser um sonho conduzir essa máquina. Anda muito com ele? – perguntou o homem.

Abanei a cabeça.

– É do meu namorado. Ele é que o conduz sempre.

Jesse saiu da estação de correios a sorrir.

– E, deixe-me adivinhar – disse o homem fumador a Jesse –, é o namorado.

– É um trabalho difícil, mas alguém tem de a agarrar, certo? – Jesse olhou para mim e sorriu.

– Estão numa viagem longa? – quis saber o homem.

– Sim. Vou levar a minha miúda numa grande viagem.

A esposa do homem saiu da estação de correios. Ele desejou-nos boa viagem.

– E então? – perguntei.

Jesse pôs o braço à minha volta e sussurrou-me ao ouvido:

– Um relógio *Lord Elgin* já vai a caminho de Mrs. Marion Hearne, em Memphis. Carimbo, Alabama.

– Obrigada. – Abracei-o.

Ele bateu uma palma.

– Ora bem, dá-me o mapa do Cokie. Prometi-lhe que ia seguir a rota de Cornbread até à Geórgia.

Jesse abriu o mapa no *capot* do carro. O carro dele. O carro que ele construíra com as próprias mãos a partir de um monte de sucata. De alguma forma conseguira juntar as peças, poli-las e transformá-las em algo esplendoroso, completamente diferente da sua antiga existência.

Olhei para a caixa de cartão no banco traseiro. Continha a caixa do Dia dos Namorados de Charlie com as bolotas siamesas, a página que estava na máquina de escrever, um postal de Cuba e três fotografias em molduras de prata. A de Willie em criança que encontrei em Shady Grove, uma de Jesse e o seu carro, e uma de Cokie e Sadie em frente à casa na Conti. A tristeza começou a tomar conta de mim novamente. Entrámos no carro.

– O que se passa? – perguntou Jesse.

Encolhi os ombros.

– Eu queria desesperadamente fugir, mas, de alguma forma, tenho receio de que tudo se evapore, que eu vá perder o Cokie, a livraria, a ti.

– É um começo, Jo. Um começo seguro.

Concordei com a cabeça, querendo seguir o plano à risca.

– A parte mais difícil está a aproximar-se. Miss Paulsen conseguiu-te uma entrevista no Smith College. Tens um lugar seguro onde ficar em Northampton, com a amiga dela, um lugar onde a tua mãe e Cincinnati nunca te poderão encontrar. Assim que assentares lá, vais dar a volta a tudo num

instante. Vais entrar no Smith College, tenho a certeza disso. Nada vai mudar em Nova Orleães. Se alguma vez voltares, vais encontrar a mesma vigarice, as mesmas golpadas. Vai estar exatamente como a deixaste. E não me vais perder.

Ele veio para mais perto de mim. Olhei-o nos olhos.

– Eu vou terminar os estudos e depois, sabes o que vou fazer? Vou-te buscar, Josie Coquard. – Jesse sorriu. – Josie Mae West da Capital do Automóvel Moraine Coquard. Ainda me deves uma janela. Incluí isso na carta para a tua amiga.

Eu tinha estado a escrever um postal para Charlotte, do Alabama. Por insistência de Jesse, acabara por enviar uma carta de doze páginas. Nela despejei toda a minha história, cada pedaço chocante, inclusive que a minha homónima era uma *madame* de bordel e que Miss Paulsen, de alguma forma, mexera os cordelinhos e me conseguira uma entrevista no Smith College. Foi difícil inserir todas as páginas no envelope e tive de o fechar com fita-cola. «São necessários selos adicionais», dissera o funcionário dos correios.

E então esperei, convencida de que o mais certo era não receber qualquer resposta. Mas chegou uma carta, uma única folha de papel cor-de-rosa com uma breve resposta.

«Não existe beleza sublime que não contenha a sua porção de estranheza.»

Sir Francis Bacon

*

Mal posso esperar para te ver!

A tua sempre amiga, Charlotte

E assim ficou decidido.

Josie, vais para Northampton, por isso não me venhas com tretas.

Bebi um gole da garrafa térmica de Cokie e regressámos à estrada.